

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

ELAINE GONÇALVES DA COSTA

***“O TRISTE FLAGELO TORNA A VISITAR O RIO DE JANEIRO”*: O RETORNO
DA FEBRE AMARELA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA (1868/1869)**

Rio de Janeiro

2013

ELAINE GONÇALVES DA COSTA

**“O TRISTE FLAGELO TORNA A VISITAR O RIO DE JANEIRO”: O RETORNO
DA FEBRE AMARELA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA (1868/1869)**

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-Fiocruz, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.

Área de Concentração: História das Ciências.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca

Rio de Janeiro
2013

Ficha Catalográfica

C837t Costa, Elaine Gonçalves da.

O triste flagelo torna a visitar o Rio de Janeiro: o retorno da febre amarela nas páginas da imprensa (1868/1869)/ Elaine Gonçalves da Costa. – Rio de Janeiro : s.n., 2013.

235 f.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)- Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2013.

Bibliografia: f. 141-150

ELAINE GONÇALVES DA COSTA

“O TRISTE FLAGELO TORNA A VISITAR O RIO DE JANEIRO”: O RETORNO DA FEBRE AMARELA NAS PÁGINAS DA IMPRENSA (1868/1869)

Dissertação de mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz-FIOCRUZ, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre.
Área de Concentração: História das Ciências.

Aprovado em de .

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Rachel de Gomensoro Fróes da Fonseca
(Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ) - Orientadora

Prof.^a Dr.^a Lorelai Brilhante Kury
(Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ)

Prof.^a Dr.^a Marilene Rosa Nogueira da Silva
(Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Suplentes:

Prof. Dr. Alex Gonçalves Varela
(Museu de Astronomia e Ciências Afins)

Profa. Dra. Tania Salgado Pimenta
(Casa de Oswaldo Cruz - FIOCRUZ)

Rio de Janeiro
2013

Para José Clemente e Marina (*in memoriam*)

“Corro atrás do tempo
Vim de não sei onde
Devagar é que não se vai longe
Eu semeio o vento
Na minha cidade
Vou pra rua e bebo a tempestade”

(Bom conselho, Chico Buarque).

AGRADECIMENTOS

Foram dois anos de aprendizado e trabalho árduo para que este grande desafio fosse ultrapassado. Foram muitos os que torceram e apoiaram. Portanto, parafraseando o sambista: “Agora é a hora de agradecer!”

Agradeço a Fiocruz pela bolsa de estudos, que foi essencial para o andamento da pesquisa, e à minha orientadora Maria Rachel Fonseca pela paciência, competência, por me ouvir e, em muitos momentos, me acalmar. Por ter se disposto a me orientar e me auxiliar com todo o seu brilhantismo. Sem ela, não teria definitivamente chegado até o final.

A todos os professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, principalmente aos funcionários Cláudia, Paulo Henrique, Valéria e Nelson pelo auxílio nas atividades. Aos professores que foram meus mestres: Gilberto Hochman, Flávio Edler, Kaori Kodama, Tânia Pimenta e (mais uma vez) Rachel Fróes. Não posso deixar de agradecer à minha eterna mestre, orientadora e “ídala” Lorelai Kury.

Preciso agradecer também aos meus amigos de turma que atravessaram esta jornada comigo, em especial aos queridos Gustavo Ferreira, Maria Gabriela Bernardino e Gabriela Miranda, por sempre estarem dispostos a me ouvir e, sobretudo, pela amizade.

Aos amigos de fora da Academia, que torceram muito por mim durante o período do mestrado, que me ouviram e que se eu for citar nomes e esquecer alguém, estarei sendo injusta.

Eu preciso agradecer ao meu porto seguro: a minha família, que me apoia incondicionalmente em tudo o que faço, confia no meu potencial e levanta minha estima quando estou me sentindo triste. Em especial à minha irmã Loisangela. Ao Leonardo pela companhia, pelo amor dedicado e pela paciência. Aos meus sobrinhos que eu tanto amo: Lucas, Mariana, Victória, Milena e Ana Luiza. Ao meu pai, que mesmo nem sempre estando presente é meu melhor conselheiro, e à minha ausente irmã Elisangela.

E finalmente, mas não menos importante, agradeço à minha mãe, que mesmo não estando mais neste plano, é a quem devo tudo o que sou.

SUMÁRIO

Introdução	13
Capítulo 1 - Capítulo 1 - A cidade do Rio de Janeiro: Febre Amarela e seus contratempos	24
1.1 - Panorama da Cidade – Rio de Janeiro do século XIX.....	26
1.2 - A primeira epidemia.....	34
1.3 - O papel da Junta de Hygiene Pública	38
1.4 - Depois de um hiato, a febre amarela torna a fazer vítimas na Cidade.....	43
1.5 – Os principais responsáveis: As obras da <i>City Improvements</i> como pivô.....	48
1.5.1 - O ar: infecção ou contágio?.....	56
1.5.2 - Clima e geografia da Cidade.....	58
1.5.3 - Os cortiços.....	60
1.6 - Soluções propostas.....	65
Capítulo 2 – A Febre Amarela e o Rio de Janeiro nos <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i>	68
2.1 - Breve esboço sobre os primeiros periódicos médicos na Cidade do Rio de Janeiro.....	71
2.2 - Os <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i>	75
2.3 – Redatores, colaboradores e a febre amarela nos <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i>	78
2.4 - A febre amarela nos <i>Annaes Brasilienses de Medicina</i> entre 1868-1869.....	81
2.4.1 Fatores responsáveis pelo retorno da febre amarela.....	86
2.5 - Diagnóstico, cura e tratamento.....	93
Capítulo 3 - Como a febre amarela foi vista no <i>Jornal do Commercio</i>	100
3.1 - A criação do <i>Jornal do Commercio</i>	100

3.2 - O <i>Jornal do Commercio</i> e o retorno da febre amarela.....	104
3.2.1 Calçamentos e aterros.....	105
3.2.2 <i>City Improvements</i>	111
3.2.3 Sujeira.....	114
3.2.4 Água e irrigação.....	120
3.2.5 Cortiços.....	128
3.3 - Saúde Pública, tratamentos e consultas nas páginas do <i>Jornal do Commercio</i>	130
Considerações finais	134
Fontes	141
Anexos	151

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I - Número de habitantes do Rio de Janeiro.....	151
ANEXO II - Relatório do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública referente ao ano de 1868.....	153
- Officio do Médico encarregado da estatisica pathologica e mortuária...	228
- Mappa da mortalidade da Cidade do Rio de Janeiro durante no anno de 1868.....	230
- Mappa n2. Resumo da mortalidade da Cidade do Rio de Janeiro por hospitais e freguesias no anno de 1868.....	231
- Resumo das observações metereológicas feitas no Imperial Observatório Astronômico no anno de 1868 ás horas de maior variação.....	232

LISTA DE SIGLAS

AIM - Academia Imperial de Medicina

BN – Biblioteca Nacional

FIOCRUZ – Fundação Oswaldo Cruz

RESUMO

A proposta de pesquisa teve por objetivo traçar uma análise dos discursos médicos veiculados pela imprensa especializada através da publicação *Annaes Brasilienses de Medicina*, órgão da Academia Imperial de Medicina, tendo como recorte temporal os anos de 1868 e 1869. O tema é observado sob a perspectiva da História da Saúde e das Doenças, perpassando pelo viés da História Cultural. A pesquisa busca analisar os discursos proferidos acerca da febre amarela e seus impactos na Cidade do Rio de Janeiro. Em contrapartida, analisamos, em uma perspectiva comparativa, os discursos presentes na chamada “imprensa de grande circulação”, publicados especialmente no *Jornal do Commercio*. Procuramos ainda destacar, deste modo, as relações Império-medicina-imprensa.

Analisando os discursos proferidos pelos médicos, buscamos perceber como eles abordavam a questão da febre amarela e como atuavam em relação ao combate à doença na cidade. Almejávamos também verificar se acaso eles tinham suas solicitações e sugestões atendidas pelo Governo Imperial e qual era a visão da classe médica nesse momento.

Partindo desta comparação, buscamos entender as transformações urbanísticas e ideológicas ocorridas nesse período na cidade do Rio de Janeiro.

ABSTRACT

The proposed research aimed to outline an analysis of medical discourse conveyed by the trade press by publishing *Annaes Brasilienses de Medicina*, an agency of the Imperial Academy of Medicine, with the time frame of the years 1868 and 1869. The subject is seen from the perspective of the History of Health and Disease, passing through the bias of Cultural History. The research analyzes the speeches about yellow fever and its impacts in the City of Rio de Janeiro. In contrast, we analyze, in a comparative perspective, the discourses present in the "media of general circulation," published in the *Jornal do Commercio* especially. We also seek to highlight thus relations Empire-medicine-press.

Analyzing the speeches given by doctors, we seek to realize how they addressed the issue of yellow fever and has acted in relation to combating the disease in the city. We aimed also check if they had any chance of their requests and suggestions served by the Imperial Government, and which was the view of the medical profession at that time.

From this comparison, we seek to understand the ideological and urban transformations that occurred during this period in the city of Rio de Janeiro.

Introdução

Esta pesquisa busca reconstituir o cenário da saúde na cidade do Rio de Janeiro, especialmente no contexto do retorno de novos focos de febre amarela ao município entre 1868/1869. Minha análise busca averiguar, nos discursos acerca do regresso da doença veiculados por meio da imprensa especializada e da imprensa leiga, como a enfermidade era compreendida neste período. Buscamos ainda analisar as semelhanças e diferenças de visões presentes nos discursos destes dois segmentos em relação ao problema da febre amarela.

Minha inserção no tema começou ainda na graduação, ao pesquisar sobre os discursos médicos durante a Reforma Pereira Passos. Em dado momento da elaboração da monografia, percebi que o impacto da febre amarela desde a sua chegada à cidade, em 1849, havia deixado profundas marcas na sociedade do Rio de Janeiro. Sendo assim, decidi aprofundar este tema de pesquisa durante a realização do mestrado, escolhendo estudar os discursos sobre a doença tanto na imprensa leiga quanto na imprensa especializada.

A opção pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz, foi por entender que ali meu tema de pesquisa poderia ser bem desenvolvido, uma vez que a instituição é considerada referência em estudos neste campo, sendo reconhecida em âmbito nacional e internacional. Desta forma, entendi que a realização do curso de mestrado nesta instituição certamente contribuiria para minha formação.

A princípio, para o desenvolvimento de meu tema, havia decidido trabalhar com o conceito de Cidade Ideal e Cidade Real, inspirada no trabalho magistral de Antonio Edmilson Rodrigues intitulado “Os sonhos renascentistas: Cidades ideais e Cidades utópicas”¹. Buscaria, assim, desvendar a cidade real, na tentativa de conhecer qual seria o Rio de Janeiro considerado ideal pelos médicos da Capital do Império. Porém, ao constatar a ausência de consenso na classe médica e a existência de uma diversidade de pensamentos, eu optei em me ater às visões destes médicos e aos debates com relação à doença.

¹RODRIGUES, Antonio Edmilson M. Os sonhos renascentistas Cidades ideais e Cidades utópicas. In: FALCON, Francisco José C. e RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Também almejava, em um primeiro momento, comparar o discurso médico e o leigo produzido durante as principais epidemias de febre amarela entre as décadas de 50 a 70 do século XIX. Porém, dada à extensão do período e a quantidade e diversidade de questões que envolveriam o tema, optamos - minha orientadora e eu - por restringir o corpus documental para apenas um ano: o do retorno da doença à cidade. Desta forma, desenvolvi mais adequadamente a pesquisa e aprofundei as questões centrais sobre o tema. O ano escolhido foi o de 1868, onde, após um hiato, a febre amarela voltava a fazer vítimas na cidade.

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi definida a análise de um periódico de grande circulação no Rio de Janeiro, o *Jornal do Commercio*, e de um periódico especializado na área médica, os *Annaes Brasilienses de Medicina*, publicado pela Academia Imperial de Medicina. Ambos estão disponíveis na sessão de periódicos da Biblioteca Nacional. A ideia era, a partir do cruzamento das informações e do conteúdo das matérias e notícias veiculadas, investigar os discursos da elite médica e sua influência e contribuição para a sociedade do Rio de Janeiro e para o conhecimento médico. Desta forma apresentamos como hipótese a idéia de que médicos da cidade do Rio de Janeiro recorreram à imprensa como veículo para sua legitimação e fortalecimento político.

A opção por utilizar os periódicos como fonte para esta pesquisa foi por entendê-los não como um mero depósito de dados, mas como uma ferramenta que viabiliza compreender as ideologias existentes e os conflitos de opinião em uma comunidade. O periódico também nos permite um melhor conhecimento das sociedades e de suas manifestações econômicas, sociais e políticas².

Sob essa perspectiva de poder observar a cultura através do periódico é que concordamos com Tania Regina de Luca, ao afirmar que:

“Um dos aspectos mais interessantes desse outro olhar está na possibilidade que ele descortina para o estudioso da cultura (...) trata-se de analisar o processo de constituição de grupos, redes organizacionais e tipos de sensibilidades aí desenvolvidas (...)

² Ver mais em: NASCIMENTO, Maria Isabel Moura e ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. *Imprensa no Brasil do Império à Primeira República*. Acervo, Rio de Janeiro, v. 19, ns. 1-2, p. 37-52, jan./dez. 2006.

Observe-se porém que não se trata de mobilidade e reorganização, em função de propósitos de caráter estético e político”³.

Com relação à história da febre amarela, da atuação e do pensamento dos médicos em relação à enfermidade, e dos espaços institucionais, esta pesquisa se fundamenta principalmente nos estudos realizados por Jaime Larry Benchimol. Em seu livro *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*⁴, fundamentado na perspectiva da História Social, ele faz reflexões sobre o tema da história da febre amarela, sobre a discussão da sua etiologia e sobre o contágio no contexto do Brasil do séc.XIX, especialmente a partir da análise de trajetórias de alguns médicos, os quais nem sempre foram muito referenciados na bibliografia em geral. Em outra de suas obras, *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*⁵, o historiador associou em sua análise a questão da doença às políticas de urbanização e aos problemas urbanos, compreendendo-a como um assunto biológico e social. Este último no sentido de que a febre amarela era uma doença que afetava efetivamente a vida da população.

Baseando-nos, também, em alguns ensinamentos de Charles Rosenberg, o nosso intuito é analisar como a cultura influencia na definição de doença e vice e versa, e como o Estado define e responde às enfermidades⁶. Desta forma, para Rosenberg, a patologia não existe até que seja identificada como tal e só se torna fenômeno social quando a identificamos e a nomeamos.

Procura-se ainda, nesta dissertação, compreender a construção do pensamento científico, apoiando-se na concepção de Kostas Gravoglu, ou seja, que esta deve ser estudada a partir da Cultura. Este autor se opõe a ideia de transferência de saberes e prefere entender a elaboração do pensamento científico como uma apropriação às múltiplas tradições culturais, pois para que o conhecimento circule “é preciso primeiro

³LUCA, Tania Regina de.Revista do Brasil (1938-1943), um projeto alternativo? In: DUTRA, Eliana de Freitas Dutra; MOLLIER Jean-Yves (Orgs.). *Política, nação e edição - o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX*. São Paulo: Annablume, 2006. p. 315-334.

⁴BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Editora UFRJ, 1999.

⁵BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann Tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*.Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

⁶ROSENBERG, Charles E.; GOLDEN, Janet Lynne (eds.). *Framing Disease: Studies in Cultural History*.New Brunswick, NewJersey, Rutgers University Press, 1992. p.23

de pessoas e em seguida de instrumentos”⁷. Ele ainda refuta a ideia disseminada por George Basalla⁸, que entendia as regiões periféricas como meras receptoras do conhecimento científico oriundo das áreas centrais, consideradas produtoras do mesmo. Gravoglu salienta que na verdade o que existe são “estratégias de apropriação das ideias e práticas”⁹, apropriações essas que podemos perceber tanto nas periferias quanto nos centros.

Considero, ainda que seja fundamental situar o leitor sobre os estudos no campo da História da Medicina. Eles foram elaborados principalmente por médicos, na primeira metade do século XX, com o intuito de legitimar e/ou enaltecer alguns personagens da classe profissional, pautados numa concepção evolucionista da medicina. Ou seja, uma história que retratava apenas grandes cronologias, grandes eventos e comemorações, desconsiderando as especificidades e diversidades da constituição da prática médica. Entre os autores brasileiros que se inserem nessa perspectiva podemos citar Lourival Ribeiro, Carlos da Silva Lacaz, e Pedro Nava. Embora desenvolva seu estudo sob um viés tradicional, a abordagem de Lycurgo de Castro Santos Filho¹⁰ se diferencia da de demais autores, pois em suas obras percebe-se um cuidado maior com a pesquisa e uma preocupação com um levantamento bastante amplo de fontes e informações sobre a história da medicina no Brasil e sobre as trajetórias dos médicos e as instituições de ensino, de pesquisa e de assistência médica.

Ainda no século XIX, foram publicadas algumas obras específicas sobre a febre amarela na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil, cuja autoria era de médicos, dentre as quais podemos mencionar as de Domingos José Freire Júnior¹¹ e de José Pereira Rego. Este último, considerado referência para a história da salubridade pública no Rio de Janeiro, foi autor de dois livros que tratavam especificamente do tema¹².

⁷GAVROGLU, Kostas et al. Science and Technology in the European Periphery: some historiographical reflections. *History of Science*, v. 46, part2, n.152, p.153-175, 2008. p.161.

⁸Para melhor compreensão das concepções de George Basalla, ver mais em: BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*, v.156, n.3775, p.611-622, 5 may1967.

⁹GAVROGLU, Kostas et al. Op. Cit. p.159.

¹⁰SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1977.

¹¹Para conhecer melhor a trajetória deste médico e seus estudos sobre a febre amarela, ver: BENCHIMOL, Jaime Larry. Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, p.67-98, mar-jun. 1995.

¹²REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional. 1872; REGO, José Pereira. *Febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851.

Os autores Lourival Ribeiro¹³, Carlos da Silva Lacaz¹⁴, Pedro Nava¹⁵ e Lycurgo de Castro Santos Filho¹⁶, mencionados acima, trataram em suas obras da história da medicina - e mais especificamente a da febre amarela no país - de uma forma fundamentalmente descritiva. De uma maneira geral, eles descreveram os primeiros casos da doença no Brasil e/ou na Cidade do Rio de Janeiro. Ao tratar do problema na Capital, descreveram como a enfermidade chegou à Cidade, o seu impacto e as providências que foram adotadas para combatê-la. Eles também discorreram sobre a etiologia da doença e sobre os tratamentos utilizados com os pacientes.

Outro estudo, considerado uma obra clássica sobre a febre amarela no Brasil, é *História da Febre-Amarela no Brasil*, redigido por Odair Franco¹⁷. De acordo com o autor, esta obra representou a tentativa de preencher uma lacuna existente na historiografia sobre a temática, que precisava ser melhor conhecida. Ele buscou dissertar sobre a trajetória da febre amarela no Brasil desde a primeira epidemia, que ocorreu em Recife, em 1685, até os casos da doença na região norte do país, em 1869.

De acordo com Flávio Edler¹⁸, a produção historiográfica sobre medicina e saúde começou a se modificar a partir dos trabalhos de Michel Foucault. Ele apresentou sua visão sobre medicina e cura, destacando o papel, o poder e o controle do médico na sociedade. Estes seus estudos influenciaram muitos autores, como Roberto Machado¹⁹.

Paralelamente aos trabalhos de Machado e partindo de orientações teórico-metodológicas distintas, outros estudos sobre história da medicina e da saúde foram realizados ao longo do tempo. Ainda de acordo com Flávio Edler, percebe-se neles um “maior controle das hipóteses históricas a partir de recortes temáticos menos abrangentes”²⁰. Entre tais estudos, podemos citar os do próprio Edler (1992 e 1998), os

¹³RIBEIRO, Lourival. *O Barão do Lavradio e a higiene do Rio de Janeiro Imperial*. Belo Horizonte;Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada,1992.

¹⁴LACAZ, Carlos da Silva. Emílio Ribas e sua participação na profilaxia da febre amarela e da febre tifóide. *Arquivos de Higiene e Saúde Pública*, 37(91), p.167-168, mar. 1962.

¹⁵NAVA, Pedro. *Capítulos da História da Medicina no Brasil*.Cotia,SP: Ateliê Editorial; Londrina PR: Eduel: São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

¹⁶SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História Geral da Medicina Brasileira*. v.2. São Paulo: HUCITEC: Editora da Universidade de São Paulo, 1991.

¹⁷FRANCO, Odair. *História da Febre-Amarela no Brasil*.Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969.

¹⁸EDLER, Flávio. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico. *Asclépio, Revista de História de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.50, n.2, p.169-186, 1998.

¹⁹MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

²⁰*Idem*. p.176.

de Jaime Benchimol, os de Sidney Chalhoub (1996) e os de Luiz Otávio Ferreira (1996). Os trabalhos destes autores, além de apresentarem importantes contribuições para o campo da história da medicina e da saúde, abordam temas importantes para nossa pesquisa, como a história do Rio de Janeiro, a institucionalização da medicina, a saúde pública e a febre amarela.

Edler utilizou, em sua dissertação de mestrado intitulada *As Reformas do Ensino Médico e a Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*²¹, a imprensa médica como um instrumento para analisar o processo de profissionalização da medicina acadêmica no Rio de Janeiro no Segundo Império. Centrou sua análise nas trajetórias de profissionais do ramo e em seus discursos sobre a luta de interesses, de espaço e de legitimação da medicina. Estes médicos produziram, também, inúmeros trabalhos no campo do diagnóstico e da terapêutica, o que demonstrava, segundo Edler, que a medicina no século XIX não era apenas uma estratégia de controle social.

Ferreira²², por sua vez, utilizou os periódicos médicos da primeira metade do oitocentos para analisar o processo de institucionalização e consolidação da medicina no Brasil imperial. Em sua pesquisa constatou, entre outros aspectos relevantes, a existência de inúmeras querelas entre os médicos, demonstrando a ausência de homogeneidade da classe no período.

Destacamos, ainda, o trabalho de Chalhoub, intitulado *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*²³, que nos proporcionou uma melhor compreensão sobre o contexto das epidemias e o controle higienista das populações subalternas no Rio de Janeiro oitocentista. O autor do trabalho identificou a existência de uma associação, feita pelas autoridades, entre as doenças, a escravidão e as moradias populares, associando determinadas enfermidades e epidemias, como a febre amarela, a africanos e a cativos, então considerados ameaças à ordem social. Destaque, também, as modificações feitas na estrutura da Cidade para atender melhor a certos preceitos higienistas e para reprimir a ameaça higiênica-social vinda dos cortiços.

²¹EDLER, Flavio Coelho. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. São Paulo, 1992. Dissertação (Mestrado em História), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1992.

²²FERREIRA, Luiz Otávio. *O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos da primeira metade do século XIX*. São Paulo, 1996. Tese (Doutorado em História), Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, USP, 1996.

²³CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.86.

Os estudos referentes à história das ciências e da saúde no Brasil mudaram muito nos últimos anos. As pesquisas mais recentes procuraram tirar o foco da visão evolucionista, presente anteriormente em muitos trabalhos sobre a medicina e a ciência, e buscaram compreender esta última sob um viés social. Do mesmo modo, concordamos com Fonseca ao afirmar que nos estudos mais atuais:

“A ciência deixou de ser compreendida como uma entidade autônoma e regida por leis internas de racionalidade e passou a ser entendida como uma atividade social, sujeita ao contexto que produzia.”²⁴

Na década de 70 do século XX, entre os críticos da visão evolucionista da ciência, presente em estudos como os de George Basalla²⁵, se insere o trabalho de Nancy Stepan²⁶ sobre a gênese da institucionalização da ciência no Brasil. Stepan centrou sua análise sobre o advento da bacteriologia no país e considerou a febre amarela como a chave da ciência médica e da instituição da bacteriologia e da saúde pública no Brasil. Com relação às particularidades da medicina brasileira, a autora destacou que esta já possuía características próprias, mesmo sem estar instituída, como por exemplo, com os estudos que buscavam solucionar os problemas decorrentes das doenças endêmicas e epidêmicas.

O médico Rodolfo Telarolli Jr.²⁷ afirmou, em sua obra, que buscava com esta preencher a lacuna existente no conhecimento sobre a relação entre a formação dos serviços sanitários no Estado de São Paulo e a sociedade da época, no contexto da Proclamação da República. Percebeu, em sua pesquisa, que a febre amarela foi a principal doença que caracterizou o quadro sanitário no início da República, pois foi neste momento, em função dos problemas causados por esta doença, que se formaram os serviços sanitários de São Paulo.

Em sua dissertação de mestrado, Angela Porto²⁸ fez uma análise da visão dos

²⁴FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Op. Cit, p.276.

²⁵BASALLA, George. 1967. Op. Cit.

²⁶STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira: Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Ed. Artenova, 1976.

²⁷TELAROLLI, Rodolpho Junior. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

²⁸PORTO, Angela de Araújo. *As artimanhas de esculápio: crença ou ciência no saber médico*. Niterói, 1985. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 1985.

médicos sobre o controle das doenças e epidemias em fins do século XIX. Na concepção da autora, os debates sobre o problema da febre amarela, na segunda metade do séc. XIX, evidenciavam as mudanças que estavam ocorrendo no pensamento médico. Porto também analisou as propostas de controle sanitário e os projetos de saneamento elaborados pelos médicos para combater a doença.

Dos estudos mais recentes, gostaríamos de destacar o de Ilana Löwy²⁹ em seu livro *Vírus mosquitos e modernidade. A febre amarela no Brasil entre a ciência e a política*, de 2006. Como o próprio título da obra sugere, a autora utiliza a enfermidade para discutir a política científica brasileira e a economia da primeira metade do século XX. Löwy trabalha com o conceito de “ciência que circula” e, entre os exemplos mencionados para corroborar esta idéia, utilizou o da Fundação Rockefeller e sua atuação internacional e no Brasil.

Podemos aqui retomar o importante trabalho do historiador Jaime Larry Benchimol e sua vasta pesquisa sobre a história da febre amarela. No trabalho mencionado anteriormente, *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*, o autor estudou os casos dos primeiros bacteriologistas atuantes na Cidade do Rio de Janeiro, em fins do século XIX, e seus esforços em descobrir a cura para a doença e as implicações das teorias dos médicos e suas terapias à sociedade. Ele também trabalhou com a discussão sobre o processo de transição da ideia de contágio para a de transmissão da febre amarela³⁰.

É justamente sob a influência destes novos estudos da historiografia das ciências e da saúde que realizarei este estudo sobre a história do retorno da febre amarela à cidade do Rio de Janeiro nos anos de 1868/1869.

Desde os primeiros focos de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 1849, a doença afetou e impactou toda a cidade de tal forma que provocou inúmeras mudanças em termos culturais, políticos e sociais. E no que tange à área da medicina e da saúde pública, foram adotadas inúmeras medidas com o fim de combater a doença.

Durante a segunda metade do século XIX, a febre amarela foi a doença que gerou o maior número de problemas, de discussões e, logo, de providências na Cidade

²⁹ LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade. A febre amarela no Brasil entre ciência e política*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.

³⁰ BENCHIMOL, Jaime Larry. 1999. Op. Cit.

do Rio de Janeiro. Os debates acerca da doença eram travados em todas as esferas da sociedade, no Governo Imperial e entre a classe médica.

Monique Siqueira Gonçalves³¹, em sua dissertação de mestrado, referindo-se ao esforço da classe médica para entender e combater a febre amarela afirmou que:

“A elite médica, por sua vez, não pouparia esforços, na observação de casos clínicos da moléstia, e mesmo não tendo avançado significativamente na compreensão da natureza da febre amarela até o desenvolvimento da microbiologia, despendeu grandes esforços na tentativa de oferecer respostas satisfatórias à sociedade e aos poderes públicos, em busca da consolidação de seu prestígio enquanto categoria profissional e o reconhecimento de suas práticas terapêuticas”³².

É sabido que depois de alguns anos sem fazer vítimas na Capital do Império, a doença voltou a castigar a cidade no final da década de 60 e durante toda a de 70 do século XIX, trazendo à tona novas e antigas discussões, além de problemas que estavam sempre presentes no cotidiano dos médicos do Rio de Janeiro. Entre estas questões, podemos mencionar: a melhoria do estado sanitário da Capital, as discussões acerca do contágio ou não contágio, os miasmas e a imigração. Era notório, conforme os registros de época, que a doença afetava um grande número de imigrantes. Este tema da relação entre imigração e febre amarela recebeu um novo olhar nas obras de Sidney Chalhoub, para o qual os imigrantes europeus poderiam ser considerados como sendo os agentes importadores da doença e a febre amarela seria vista como um mal “novamente importado para a Corte”³³. Na tentativa de desvendar o alcance real das práticas médicas e entender como essas eram aceitas socialmente, Chalhoub concluiu que era consenso entre os médicos a visão de que o principal responsável pela febre amarela na cidade era a insalubridade. Desta maneira, entendiam ser crucial combater as fontes de infecção, principalmente nas habitações irregulares ou cortiços³⁴.

O nosso intuito é o de estabelecer uma apreciação histórica sobre a incidência de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro no período citado, de forma a compreender os desdobramentos e as estratégias de combate a esta enfermidade. E do mesmo modo, almeja-se contribuir para a história da saúde pública ao analisar o problema da doença,

³¹GONÇALVES, Monique de Siqueira. *A febre amarela e o poder público e a Imprensa durante a década de 1850, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

³²*Idem*. p.5.

³³CHALHOUB, Sidney. Op. Cit. p.86.

³⁴*Idem*.

embora já amplamente discutido, sob uma perspectiva diferenciada: a dos discursos da imprensa especializada e a de grande circulação.

Com estas perspectivas e preocupações, no primeiro capítulo procuraremos traçar um panorama da Cidade do Rio de Janeiro, desde o contexto das mudanças ocorridas com a transferência da Corte para a cidade até o cenário, nas décadas de 1850 a 1870. A partir deste quadro, analisaremos brevemente o impacto da primeira epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro e o posicionamento e comportamento da classe médica frente a esta questão. Utilizaremos como fontes, principalmente, os relatórios da Junta Central de Hygiene Pública, apresentados ao Ministério do Império, com o objetivo de esquadrihar o perfil e o papel da elite médica da cidade no período. Esta documentação, que era inserida nos Relatórios dos Ministérios, encontra-se disponibilizada na internet, no *site* do Projeto de Imagem de Publicações Oficiais Brasileiras, do Center for Research Libraries e Latin-American Microfilm Project/University of Chicago. Neste capítulo, procuraremos compreender a influência da febre amarela no processo de criação da Junta Central de Hygiene Pública e a atuação desta instituição ao longo do período.

Este primeiro capítulo procurará compreender, pautando-se nas fontes selecionadas, como a doença agiu efetivamente na cidade e quais foram seus impactos. Desta maneira, apontaremos quais os bairros que foram os mais afetados, quais foram as iniciativas propostas pelo Governo Imperial e qual era a visão dos médicos sobre a doença. Analisamos ainda como se deu o retorno da doença à Cidade, quais foram as medidas tomadas para combatê-la, quais os fatores considerados como principais motivos para o retorno da doença e quais foram as principais questões levantadas a partir deste retorno.

O segundo capítulo pretende mostrar a febre amarela através de um olhar especializado, apresentado nos artigos e matérias dos *Annaes Brasilienses de Medicina* e, a partir disso, averiguar como o retorno da doença foi compreendido pelos médicos da Academia Imperial de Medicina. Para melhor nos situar no tempo e no espaço, comentaremos brevemente sobre os periódicos médicos da segunda metade do século XIX, sobre a criação dos *Annaes Brasilienses de Medicina* e sobre alguns de seus colaboradores e redatores. Ou seja, mostraremos quem eram os médicos que escreviam para esta publicação, quais eram suas pesquisas e seus pontos de vista acerca da doença,

principalmente sobre o diagnóstico e tratamento da doença, e onde atuavam, especialmente suas relações com a administração imperial e o meio político.

A partir da análise dos artigos e matérias publicados nos *Annaes*, procuraremos centrar nossa observação sobre os fatores identificados como os desencadeadores para o surgimento de uma nova epidemia da febre amarela. Buscamos conhecer como a medicina a diagnosticava, quais as principais questões que envolviam a doença naquele momento e quais eram os tratamentos utilizados e ferramentas sugeridas pela medicina para o seu combate.

No terceiro e último capítulo, procuraremos analisar as matérias e notícias publicadas no *Jornal do Commercio* e verificar a existência de referências à questão da febre amarela. Partindo da compreensão de que ela certamente era um problema que afetava diretamente a vida da população da cidade, procuramos identificar de que forma o retorno da doença, em 1868, foi noticiado nas páginas do periódico de grande circulação mais importante e mais representativo de sua época. Além disso, aprofundaremos nossa análise sobre algumas das questões noticiadas nas páginas do *Jornal do Commercio* que mais incomodavam os habitantes da cidade do Rio de Janeiro e que causavam sérios problemas para a salubridade pública.

Nossa escolha é a de identificar e analisar, nas matérias e notícias veiculadas nos *Annaes Brasilienses de Medicina* e no *Jornal do Commercio* no período de 1868/1869, de que forma a febre amarela foi referida e compreendida, justamente após alguns anos sem terem sido identificados óbitos causados por ela na cidade do Rio de Janeiro.

Capítulo 1 - A cidade do Rio de Janeiro: Febre Amarela e seus contratempos

“A cidade ideal convive com a cidade real e funciona como alarme em situações de crise”³⁵

Neste primeiro capítulo pretendemos apresentar um pouco da realidade da cidade do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX. Partindo deste cenário, buscaremos refletir, sobretudo através dos relatórios dos médicos da Junta Central de Higiene Pública, acerca da trajetória da febre amarela nesta cidade. Nosso intuito é conhecer como a doença surgiu no Rio de Janeiro e qual foi seu impacto na então capital do Império. Com esta perspectiva, procuraremos perceber como os médicos e as instâncias responsáveis pela adoção de medidas em prol da saúde pública na cidade se posicionavam perante o surgimento desta enfermidade e como a compreendiam em termos de seu diagnóstico e das formas para combatê-la.

A vinda da Família Real para o Brasil, em 1808, impactou de tal forma o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, que marcou o início do processo de construção da imagem do país como uma nação civilizada. Começamos a entender a força disto nas mudanças ocorridas na cidade para receber os integrantes da corte. Neste sentido, para oferecer condições de moradia aos recém-chegados, muitas casas foram desapropriadas, bem como igrejas e prédios públicos. As ruas do Rio de Janeiro foram limpas, fachadas receberam pintura e animais foram apreendidos na tentativa de tornar a cidade um lugar melhor para receber a corte. Ao se instalar ali, o Governo percebeu a necessidade de organizar sua estrutura administrativa e, assim, nomeou ministros e criou secretarias públicas. Como o aparato administrativo, as esferas econômica, jurídica e social da cidade também passaram por grandes transformações.

Neste contexto, foram criadas algumas instituições, como o Museu Nacional (1818), a Escola Real de Artes (1816), a Biblioteca Real (1814) - atual Biblioteca Nacional -, a Imprensa Régia (1808) a Real Academia dos Guardas-Marinha (1808), o Banco do Brasil (1808), além de tribunais de justiça. Essas instituições nasceram com o objetivo de organizar a cidade e torná-la habitável para a corte.

Ao longo do século XIX, especialmente a partir de sua segunda metade, foram instaladas algumas instituições de ensino e pesquisa, entre as quais podemos citar a Escola Anatômica Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1808), a Escola de Cirurgia da

³⁵RODRIGUES, Antonio Edmilson M. Op.Cit. p.140.

Bahia (1808), Real Horto (1808) - que mais tarde passou a se chamar Jardim Botânico -, o Imperial Observatório do Rio de Janeiro (1827), a Academia Real Militar (1809), o Curso Público de Agricultura (1812), a Escola Politécnica do Rio de Janeiro, o Museu Imperial (1818), o Laboratório Químico Prático (1812), o Laboratório Químico do Museu Imperial e Nacional (1824), a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (1827) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838). A criação destas instituições se enquadrava no ideal de civilização e nação presentes no século XIX.

De acordo com a historiadora Lilia Moritz Schwarcz, os conceitos de “ideologia do progresso” e de “projeto civilizador” eram apreciados na Corte brasileira. Sobretudo entre os médicos e engenheiros, que compreendiam a ciência e seus feitos, como a “pilha, telegráfo, locomotiva, o navio a vapor”³⁶, como símbolos do progresso e da civilização. Schwarcz ainda salienta que o século XIX foi um período em que a burguesia industrial viu na ciência a maneira de expressar seus anseios, entre estes a possibilidade do homem dominar a natureza.

O intuito era fazer com que o Brasil fosse percebido e visualizado como “Nação e Civilização dos Trópicos”, como afirmou Manoel Salgado³⁷, que ao refletir sobre o projeto estabelecido pelo governo Imperial de escrita de uma História Nacional através da criação do IHGB, percebeu que era fundamental ao Brasil ter uma identidade própria entre as outras nações. Seguindo o fluxo desta concepção, a nação brasileira deveria seguir “os novos princípios organizadores da vida social do século XIX”³⁸. Em contrapartida, Manoel Salgado afirma que tal projeto encontraria dificuldades específicas para sua implementação, por se tratar de uma sociedade que tinha como marcas o trabalho escravo e a existência de populações indígenas, pois pensar um modelo de civilização excluiria os que não possuíssem tal noção. A ideia de “Nação”, inspirada nos moldes e nos espaços europeus, tinha um caráter “ eminentemente branco”, e aplicá-la à realidade brasileira exigiria um grande esforço, pois esta era bem diferente do modelo proposto.

³⁶ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Capítulo 6. Os trópicos como espetáculo: a participação brasileira nas exposições universais de finais do século XIX. In: _____. STEPHAN, Beatriz González; ANDERMANN, Jens (orgs.). *Galerías del progreso. Museo, exposiciones y cultura visual en América Latina*. Rosário, Argentina: Beatriz Viterbo Editora, 2006. p.197.

³⁷ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p.5-27, 1988.

³⁸ GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Op. cit.. p.6.

No caso, para que o Brasil se tornasse uma grande nação, o modelo a ser seguido era o Francês. Este, encontrava-se centralizado na cidade de Paris, considerada então uma vitrine para o mundo. Baseando-se neste “modelo” e adaptando-o à realidade do país, o Império brasileiro buscou construir sua imagem como uma grande nação. Desta forma, o Rio de Janeiro, capital do Império, deveria representar o mesmo que Paris, ou seja, a cidade centralizaria o poder do Estado e “iluminaria” as outras províncias. Analisando o curso da história, percebemos que, a partir da segunda metade do século XIX, houve uma estabilização do poder monárquico e deste projeto civilizador³⁹.

1.1 - Panorama da Cidade – Rio de Janeiro do século XIX

Com a vinda da Família Real, o comércio urbano da cidade foi ampliado. Os costumes mudaram, assim como a maneira de negociar, com a criação de novos impostos sobre o comércio na primeira metade do século. Episódios políticos, como a volta de D. João VI para Portugal e a ascensão ao trono de D. Pedro II, foram responsáveis por esfriar ou aquecer o comércio na cidade. A rua do Ouvidor era o centro da moda da época, cercada de lojas francesas, cafés, joalheiros e charuteiros. A influência francesa era latente, tanto nas lojas desta rua, como em todo o comércio urbano da cidade.

A Família Imperial era considerada um exemplo de civilidade e, portanto, estar próximo a esta família, ou seja, pertencer a corte era um privilégio de poucos. A historiadora Lília Moritz Schwarcz denomina este processo como a “lógica do espetáculo”⁴⁰, uma vez que o progresso de uma nação era definido a partir dos melhoramentos materiais que apresentava. Contudo, é preciso mencionar que a corte convivia também com antigos costumes incutidos, como os africanos e a própria escravidão. Os escravos representavam metade da população e a cidade não estava completamente urbanizada, pois ao seu redor o ambiente era rural. Com a chegada da Família Imperial, percebemos ações por parte das autoridades imperiais direcionadas para a solução de algumas dessas questões.

Após chegada da Família Real, em 1808, o número de habitantes do Rio de Janeiro dobrou, pois, além dos portugueses, inúmeros estrangeiros de origens diversas

³⁹ Ver mais em GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Op. Cit.

⁴⁰ SCHWARCZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.36.

se instalaram na cidade, como espanhóis, ingleses e franceses. Calcula-se que o número de pessoas que veio junto com a comitiva da Família Real tenha chegado entre 12 e 15 mil pessoas. De acordo com Adolfo Morales de los Rios Filho⁴¹, o crescimento do número de habitantes nas primeiras décadas do século XIX, foi aproximadamente de:

Ano	População
1799	43.376
1808	60.000
1819	51.000
1821	112.600

A população do Rio de Janeiro, tanto na cidade quanto nos denominados subúrbios, ao longo de grande parte do século XIX, foi mantendo um perfil de crescimento, conforme apresenta o Anexo 1, o qual a impactava, tendo em vista suas condições estruturais.

Em 1808, o Rio de Janeiro era constituído por 71 ruas, 27 becos, sete travessas, 12 largos, três campos, cinco ladeiras e três caminhos. Observando o cenário da cidade vinte anos depois, percebemos significativas alterações nesses números, passando a apresentar 90 ruas, 35 becos, 16 travessas, 13 praias, 11 largos e 2 praças⁴². No Rio de Janeiro de então, novas ruas foram acrescentadas e algumas deixaram de existir, em decorrência das obras que foram sendo feitas. Além disso, outras ruas mudaram de nome ao longo dos anos. Geograficamente, a cidade estava localizada entre o mar e a montanha, cercada por vales, florestas, praias, rios, córregos e mangues. A temperatura no século XIX girava em torno de 20° a 24°⁴³. O clima tropical, aliado às temperaturas elevadas durante o verão, provocava chuvas torrenciais. Com elas, ocorriam os alagamentos, o transbordamento dos rios e os desmoronamentos de barreiras. Em consequência das chuvas e inundações, havia o aumento da incidência de algumas doenças e o surgimento de epidemias.

Desde o período colonial, eram atribuições do físico-mor e do cirurgião-mor do Império a definição de medidas de caráter sanitário, a inspeção das boticas, a vistoria dos hospitais, a fiscalização da prática médica e o exame de candidatos ao exercício e a

⁴¹ RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Editora TopBooks, 2000.

⁴² RIOS FILHO, Adolfo Morales de los. Op. Cit.. p.37-39.

⁴³ Esta temperatura média foi baseada nas informações obtidas no *Almanak Laemmert* e nos relatórios do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública.

cassação de diplomas e licenças. No final do séc. XVIII, estas funções referentes à assistência sanitária passaram para a Junta do Protomedicato, mas em 1809 estas funções retornaram para o físico-mor e o cirurgião-mor.

O porto da cidade do Rio de Janeiro, tendo em vista o crescimento do comércio e da imigração, tornou-se também uma preocupação em termos da saúde da população e alvo de medidas de caráter sanitário. Após a abertura dos portos brasileiros, em 1808, tendo em vista o risco de contaminação das enfermidades que entrariam por estes locais, buscou-se elaborar um estudo para propor medidas em prol do saneamento da cidade. A partir disto, foi proposta a criação de lazaretos nos portos, para a quarentena daqueles que desembarcassem doentes⁴⁴.

As funções de provedor-mor de saúde, de físico-mor e de cirurgião-mor do Reino foram abolidas em 30 de agosto de 1828, mas os serviços dos portos não foram modificados. Em 1829, um decreto⁴⁵ estabeleceu que a Inspeção de Saúde Pública do Porto do Rio de Janeiro seria atribuição de uma comissão especial, constituída por um provedor de saúde, um professor de saúde, um intérprete, e guardas.

Em 1830, a Câmara Municipal havia submetido uma proposta para um código de posturas a então Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a qual foi parcialmente aprovada e colocada em prática. Este código de posturas sofreu alterações em 1838, e juntamente com outros decretos, constituíram, segundo Antonio Martins de Azevedo Pimentel, médico adjunto do Hospital do Carmo, os primeiros regulamentos de legislação sanitária:

“Entretanto, o código de posturas municipais de 1838 com as alterações aduzidas até 1847, o decreto de 29 de janeiro de 1843, que estabeleceu as regras de quarentenas e inspeção dos navios, e o decreto n.466 de 17 de agosto de 1846, que reformou o Instituto Vaccinico da Côrte e o generalizou a todo o Imperio, devem ser considerados como os primeiros regulamentos da legislação sanitária brasileira e o ponto de partida de todas as medidas higienicas posteriormente tomadas”⁴⁶.

⁴⁴ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A saúde pública no Rio de Janeiro Imperial. In: PORTO, Angela; SANGLARD, Gisele; FONSECA, M. Rachel Fróes da; COSTA, Renato Gama-Rosa. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

⁴⁵ Decreto – de 17 de janeiro de 1829. *Manda observar o Regulamento da Inspeção da saúde publica do porto do Rio de Janeiro*. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=81649&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

⁴⁶ PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *Subsídios para o estudo de hygiene do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1890. p.35-36.

No conjunto de medidas consideradas importantes para a higiene pública e preconizadas nas posturas municipais de 1838 estava o estabelecimento dos cemitérios públicos e particulares fora dos limites da cidade e a proibição de enterros no interior das dependências das igrejas. Estes últimos foram efetivamente proibidos em todo país, com o Aviso do Ministério do Império de 16 de março de 1850, expedido após a epidemia de febre amarela.

Para que fossem adotadas medidas para promover o melhoramento do estado sanitário da cidade, o Governo Imperial, por meio do decreto nº 268 de 29 de janeiro de 1843, regulamentou a Inspeção de Saúde dos Portos, retirou da Câmara Municipal a responsabilidade de cuidar da Inspeção de Saúde Pública do Porto do Rio de Janeiro e estabeleceu que seria de competência do Governo Imperial:

“Art. 1.º As Camaras Municipaes não terão d’ora em diante interferência alguma nas Inspeções Sanitárias dos portos, nem na nomeação dos empregados destas, a qual fica sendo privativa competência do governo Imperial.”⁴⁷

Plácido Barbosa acreditava que esta decisão do Governo Imperial representava um grande avanço no que tangia à questão dos melhoramentos sanitários e marítimos do Brasil⁴⁸.

Em 1850, buscando-se otimizar o funcionamento do porto, foram implementados novos projetos, como a construção de cais, docas, armazéns, aterros e ramais ferroviários. Para a execução destes projetos, o Governo Imperial contratou, em 1851, o engenheiro inglês Charles Neate. Jaime Benchimol acrescenta que:

“(…) Os melhoramentos portuários tornaram-se necessários em face da crescente defasagem entre a potencialização do movimento comercial do porto - determinada pela expansão do mercado mundial e da lavoura escravista do café - e a velha estrutura portuária colonial, toda ela acionada pela energia braçal do trabalhador escravo. Impunham-se como corolário da ferrovia

⁴⁷ Lei n. 268 - de 29 de Janeiro de 1843. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet: http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/legimp-29/Legimp-29_12.pdf

⁴⁸ BARBOSA, Plácido; REZENDE, Cassio Barbosa de. *Os Serviços de Saúde Pública no Brasil especialmente na cidade do Rio de Janeiro de 1808 a 1907* (esboço histórico e legislação). v.1 Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

e da navegação a vapor na medida em que o porto, eixo da vida econômica da Cidade, constituía seu nexo de articulação.”⁴⁹

Em 23 de Janeiro de 1861, o decreto nº 2.734 conferiu um novo regulamento para a Inspeção de Saúde dos Portos, segundo o qual o Inspetor responsável deveria, entre outras atribuições, informar ao Ministério do Império e aos Presidentes nas províncias sobre tudo que ocorresse em relação ao serviço sanitário, visitar todas as embarcações suspeitas, o Hospital Marítimo e os lazaretos, e propor a Junta Central de Hygiene Pública todas as medidas que julgasse auxiliares para o serviço sanitário no mar.

No século XIX, foi na região do porto e nas áreas centrais da cidade que ocorreram transformações no mundo do trabalho, especialmente em decorrência do impacto com o crescimento da população, e onde também ocorriam sérios problemas de saúde. Este cenário implicou em mudanças nas políticas de saúde pública, especialmente em relação à área do Porto, que era considerado insalubre e pestilento e tido como porta de entrada para doenças e epidemias.

A cidade do Rio de Janeiro, sobretudo a partir de 1850, passou por uma série de transformações, como destacou o médico Antonio Martins de Azevedo Pimentel, em 1884:

“É dos annos que se seguirão que datão com effeito: a inauguração da navegação á vapor entre o Rio de Janeiro e a Europa, por uma companhia ingleza no mez de Fevereiro de 1851; a mudança do matadouro que infectava a praia de S. Luzia, effectuada em 1853 para S. Christovão e em 1876 para S. Cruz; a illuminação a gaz começada em 1854; a inauguração da estrada de ferro de D. Pedro II, em 29 de Março de 1858; o estabelecimento dos esgotos pela companhia *City Improvements*, em 1866; o Corpo de Bombeiros; a criação dos bondes, (...), o que tem exercido uma tão profunda e tão feliz influencia sobre o desenvolvimento dos antigos e criação de novos arrabaldes da cidade, e sobre os costumes da população; (...).”⁵⁰

No âmbito das políticas e ações a serem implementadas na cidade do Rio de Janeiro, podemos perceber que o objetivo era o de transformar a capital do Império de

⁴⁹ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p.52.

⁵⁰ PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. Op. Cit.. p. 76-77.

forma que viesse a refletir o progresso, a civilização e a busca pela modernidade. Por conseguinte, verificamos que a segunda metade do século XIX representou um período de transformações significativas no seu espaço urbano, assim como no cenário político, ideológico e cultural, que podem ser vistas através da análise do seu cotidiano. Percebemos tais mudanças também através de alterações nos costumes e na aparência. Tudo com o intuito de formar uma sociedade cortesã.

Para este fim, foi estabelecido na cidade um novo padrão de etiqueta e de costumes, principalmente para distinguir e hierarquizar a aristocracia em relação aos outros grupos sociais. Manuais de etiqueta eram importados, traduzidos e apresentados à Corte do Rio de Janeiro, cenário das decisões políticas. Local onde as inovações aconteciam relativas à moda e cultura. Os novos hábitos, inspirados no modelo francês, eram apresentados em nome da civilidade e da etiqueta, como limpar a boca, não cuspir no chão e falar em tom moderado, controlando as expressões. A higiene não ficava de fora, pois os manuais aconselhavam a limpeza do corpo e das roupas. Até mesmo novos horários foram estabelecidos para ir à igreja, para passear na Rua do Ouvidor, para festas e para teatros. Assim como a indicação de que para cada evento era exigido um figurino diferente. Foi entre os anos de 1840-60 que se intensificou o gosto por bailes, concertos e festas⁵¹. As reuniões nos salões cariocas eram redutos da alta sociedade, onde se falava francês e ideias eram compartilhadas.

Na cidade do Rio de Janeiro, muitas melhorias puderam ser percebidas no terceiro quartel do século, especialmente a partir de transformações no sistema de transporte, da construção das primeiras linhas telegráficas, do estabelecimento de linhas de navegação e da introdução de bondes puxados a burro. Outros melhoramentos ocorreram com a iluminação pública a gás, com a criação de uma rede de esgotos e do abastecimento domiciliar de águas⁵², e também na estética da cidade, com calçamentos de paralelepípedo e arborização.

De acordo com o médico José Pereira Rego, o Rio de Janeiro mudou muito na segunda metade do século XIX, especialmente entre 1850 e 1870, quando ruas novas foram abertas, morros foram invadidos e o número de edificações aumentou:

“Cobriram-se os subúrbios da cidade de casas importantes, ornadas nas frentes com jardins interessantes; lindas edificações

⁵¹ Ver mais em SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁵² Ver também: NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1993. p.46.

cobriram os morros de Paula Mattos, Floresta, Pedreira do Quintanilha, Santa Thereza, e outros maxime o último indicado, ao qual duas ruas importantes dão acesso seguro aos veículos de condução constituindo elle hoje uma cidadella, d'onde se goza a vista do lindo panorama desta cidade e sua magnífica Bahia”.⁵³

De acordo com este médico, o número de casas existentes na cidade, em 1845, era de 14.203, em 1853, de 16.102 e em 1870, 21.137. Ou seja, em 25 anos, ela ganhou mais 6.934 casas.

Se por um lado a cidade crescia e se modernizava, por outro apresentava problemas estruturais e de salubridade, tornando-a vulnerável às doenças e às epidemias. Entre as enfermidades que mais atingiram a Capital do Império, encontrava-se a febre amarela, objeto deste estudo.

Ao longo deste trabalho, tentaremos desviar da ideia da “falta”, muito presente na historiografia ao logo dos últimos anos. É comum encontrarmos em muitas pesquisas sobre a capital do Império a idéia de que seus problemas decorriam fundamentalmente da falta de alguma coisa, seja do saneamento, de médicos, entre outros⁵⁴. Corroborando as palavras da professora Lorelai Kury, devemos “considerar as questões de higiene e modernização como escolhas baseadas em crenças e práticas mutáveis”. Ou seja, a solução para os problemas era pensada conforme os mesmos fossem aparecendo. Ponderando dessa forma conseguimos conceber que:

“(....) A trajetória das transformações e das propostas para melhoria da cidade não foram uma espécie de tomada de consciência por parte das autoridades e dos habitantes de problemas que sempre existiram e ainda não tinham sido solucionados.”⁵⁵

A historiadora Nancy Stepan considerou a febre amarela como a “chave” para a ciência médica e saúde pública no Brasil do séc. XIX. Tratava-se de uma doença epidêmica de difícil diagnóstico, cuja etiologia intrigava estudiosos no país e no mundo. Durante os séculos XVIII e grande parte do XIX, era comum a idéia de que a febre amarela fosse uma enfermidade contagiosa. Entretanto, havia na classe médica uma

⁵³ REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*. Tipografia Nacional. 1872. Rio de Janeiro. p.205.

⁵⁴ KURY, Lorelai Brilhante. *Rio de Janeiro Joanino entre o mar e o mangue*. In: KURY, L. B.; GESTEIRA, H. M. (Orgs.). *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

⁵⁵ KURY, L. B. (Org.); GESTEIRA, H. M. (Org.). *Op. Cit.* p.85.

discussão sobre sua forma de contágio, se este era direto ou não. Em relação às suas causas, o clima quente e os miasmas eram considerados os principais fatores⁵⁶.

Para Charles Rosenberg⁵⁷, tratando do papel da doença na sociedade, a qualifica como um “sistema interativo”, capaz de fazer mediações e estruturar relações. Desta forma, ainda na concepção deste autor, ela só se torna um fator social no momento em que seus próprios atores decidem aceitá-la como tal. Neste sentido, entendo que a febre amarela se encaixe perfeitamente nesta concepção por se tratar de uma doença que, de acordo com as fontes históricas e os estudos já realizados sobre ela, impactou a sociedade carioca em todas as suas esferas a partir da segunda metade do século XIX. Buscaremos, portanto, aliado ao conceito de representação social, pensar esta enfermidade como um fenômeno social. O recorte escolhido para esta análise é entre os anos de 1868 e 1869.

Conforme veremos, o problema da febre amarela atingiu a cidade de tal maneira que forçou as autoridades do Império, juntamente com a Academia Imperial de Medicina, a buscar maneiras de minimizar os transtornos por ela causados, em resposta à sociedade. O que nos leva a concordar com as pesquisadoras Dilene Nascimento e Diana Carvalho quando estas afirmam que:

“(...). Para toda a sociedade, a doença é um problema que exige explicação, é necessário que ela tenha um sentido. Desse modo a história das doenças é um dos caminhos para se compreender uma sociedade: é preciso avaliar a dimensão social da doença como ela de dá a ver, pois a doença funciona como significante social, é suporte e uma das expressões da sociedade.”⁵⁸

Assim sendo, analisando a doença como fenômeno social, procuraremos neste capítulo apresentar o cenário e o cotidiano da cidade do Rio de Janeiro através dos relatórios apresentados ao Império pela Junta Central de Higiene Pública e pela Santa Casa da Misericórdia.

⁵⁶ STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira. Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Arte nova, 1976. p.55

⁵⁷ ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992. p.318.

⁵⁸ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO Diana Maul de (Org.) *Uma história brasileira das doenças I*. Brasília: Paralelo 15, 2004. p.18.

1.2 - A primeira epidemia

Era bastante comum na cidade do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, a existência de espaços de habitação como as hospedarias. Em termos de localização, a Rua da Misericórdia, o Beco dos Ferreiros, o Beco dos Guindastes e o Beco da Fidalga eram os locais que formavam o que Pedro Nava denominou de “centro de hospedarias, albergues e vacalhouts”, que eram habitualmente frequentados por “mendigos, embarcações, rebombeiras e vagabundos”⁵⁹. E foi por uma dessas hospedarias, situada à Rua da Misericórdia e denominada “Public-House Frank” que supostamente a febre amarela adentrou a cidade.

A citação abaixo, de Plácido Barbosa, nos afirma que o Rio de Janeiro não tinha preparo e quando o assunto era organização sanitária:

“(…) As palavras que ahi ficam, escriptas por quem o podia fazer com pleno conhecimento de causa e sem exagero ou suspeição, deixam bem evidente que ainda em 1849, não possuíamos em terra, a minima organização sanitária e que, por outro lado, o governo não desconhecia esta circunstância e que tratava já de preencher tão sensível lacuna da administração pública.”⁶⁰

Barbosa ainda ressalta que era desta forma que a cidade estava quando apareceram os primeiros focos de febre amarela.

A doença teria atingido a cidade do Rio de Janeiro pela primeira vez em 27 de dezembro de 1849, através da barca norte-americana *Navarre*, vinda da Bahia. Ainda de acordo com Pedro Nava, acreditava-se que dois marinheiros, que integravam a tripulação desta embarcação, teriam sido internados já infectados pela enfermidade na Santa Casa da Misericórdia, e que, em seguida, outras pessoas com as quais haviam tido contacto também haviam se enfermado e se internado no mesmo hospital. Neste período, o número de doentes e mortos afetados por esse mal aumentava paulatinamente. A notícia da doença assustou a população de tal forma que muitos acreditavam que se tratava de um castigo de Deus e, portanto recorreram às igrejas da cidade, às procissões e às preces, pedindo aos céus o fim daquele flagelo⁶¹. O Governo

⁵⁹ NAVA, Pedro *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Cotia, SP Ateliê Editorial; Londrina PR: Eduel: São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003. p.107-108.

⁶⁰ BARBOSA, Plácido (Org.); REZENDE, Cassio Barbosa de. *Os Serviços de saúde pública no Brasil: especialmente na cidade do Rio de Janeiro de 1808 a 1907* (esboço histórico e legislação). v.1 Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. p.57.

⁶¹ REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1872.

Imperial, do mesmo modo, também sentiu o impacto das mortes no Rio de Janeiro e por sua vez, buscando defender a cidade da febre amarela, consultou a Academia Imperial de Medicina sobre as formas mais adequadas de combate-la.

A Academia Imperial de Medicina, em um primeiro momento, sugeriu ao Governo Imperial algumas medidas cuja finalidade era a de impedir a importação de doenças contagiosas ou transmissíveis. Entre os tratamentos sugeridos podemos mencionar o:

“Emprego das quarentenas e na remoção dos doentes para longe da população, a fim de que os focos de infecção não pudessem prejudicial-a.”⁶²

Ao analisar alguns estudos de referência elaborados naquela época acerca da doença, como *Febre amarella epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850* (1851) e *História das Epidemias de febre amarella e cholera-morbo no Brasil* (1873), ambos de autoria do médico José Pereira Rego, fica claro que a enfermidade intrigava os médicos da época, sobretudo quanto a sua natureza e pelo fato de não atingir com tanta violência a população negra.

De acordo com Pereira Rego, já nesta primeira epidemia de 1850, os médicos haviam notado que, para o surgimento da febre amarela, era necessária a existência de miasmas, que geralmente se encontravam em lugares sujeitos a “eflúvios paludosos”, calor e também se admitia a necessidade de uma infecção marítima, entre outras condições. Em suma os médicos consideravam a doença como:

“(...) em nossa opinião, é Ella uma pyrexia continua ou remittente, concindindo ou dependendo de uma gastro-entero-hepato-encephalitis, de natureza especial, devida a uma intoxicação miasmática, capaz de transmitir-se logo que as circunstancias apropriadas favoreçam sua transmissibilidade, e cuja natureza se aproxima, si não é mesmo idêntica, á do typho europeu, modificado unicamente por circunstancias climatéricas e topographicas.”⁶³

Os médicos também afirmavam que a febre amarela era uma enfermidade importada e, desta forma, o tema do contágio ou infecção foi amplamente debatido na

⁶² *Idem*, p. 55.

⁶³ REGO, José Pereira. *Febre amarella epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. p.81.

época. A doença contagiosa era toda aquela transmitida por um vírus ou volátil, podendo ser disseminado pelo ar ambiente; enquanto que a doença ou moléstia de infecção dependia de causas locais advindas de um miasma. José Pereira Rego acreditava que a febre amarela era disseminada por pequenos focos de infecção, originados de focos principais onde se desenvolviam uma epidemia.

O temor à doença e o clamor por respostas à sociedade levou o Governo Imperial a delegar aos órgãos competentes a responsabilidade de criar soluções emergenciais para combater e minimizar o problema. Desta forma, obrigou as autoridades médicas da cidade a esquadriñar maneiras de combater e erradicar esse mal. Foi delegada à Academia Imperial de Medicina e a professores da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro a responsabilidade de propor medidas e encaminhamentos para o combate à febre amarela. O Governo Imperial criou, em 1849, uma Comissão Central de Saúde Pública, constituída por Cândido Borges Monteiro, Manoel de Valadão Pimentel, Roberto Jorge Hadock Lobo, Antonio Felix Martins, José Maria Noronha Feital, José Bento da Rosa, José Pereira Rego, Luiz Vicente Simoni, José Francisco Sigaud e Joaquim José da Silva, que eram todos médicos da Academia Imperial de Medicina. Foram criadas as comissões paroquiais, subordinadas a esta Comissão e formadas por doutores em medicina, que atuavam nas freguesias da cidade zelando pela “observância das leis, ordens e providencias relativas à saúde pública” e visitando os doentes pobres⁶⁴.

Doenças como a Cólera, a Varíola, a Peste Bubônica e também a Febre Amarela, assolavam a cidade principalmente no verão, em intervalos cada vez menores. Desta forma, aqueles que tinham posses se refugiavam nas cidades serranas, sobretudo Petrópolis, que era o reduto da elite imperial, deixando a capital vazia. Os que não tinham a mesma situação financeira ficavam a mercê dessas doenças.

O intuito era utilizar todos os artifícios possíveis para impedir o crescimento da febre amarela. Pereira Rego em sua obra *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*, afirmou que, dado o avanço da doença, a Comissão Central de Saúde Pública havia organizado um trabalho com o título *Conselhos às famílias sobre o comportamento que devem observar durante a*

⁶⁴ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A saúde pública no Rio de Janeiro Imperial. In: PORTO, Ângela; SANGLARD, Gisele; FONSECA, M. Rachel Fróes da; COSTA, Renato Gama-Rosa. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 40.

*epidemia*⁶⁵, em que descrevia os sintomas, o progresso e o tratamento da febre amarela. Este trabalho havia sido impresso pelo Governo Imperial e distribuído para as diversas câmaras imperiais para orientar os médicos no diagnóstico da doença.

O impacto causado pela doença na sociedade foi tamanho que levou o Governo Imperial a promulgar decretos, como o de nº 752 de 08 de janeiro de 1851, que previa a liberação, em caráter urgentíssimo, de verbas na quantia de 40 mil contos de réis para a adoção de providências de combate àquela doença.

A experiência de uma epidemia é curta, porém deixa marcas profundas na sociedade. Nesse sentido, concordamos com Dilene Raimundo quando a autora afirmou que esse caráter de ruptura e de crise ilumina diversos outros aspectos da vida humana. Por outro lado, as respostas para esses impactos são bastante específicas e dependem tanto da realidade do local, quanto do contexto social, político e cultural⁶⁶. Aplicando essa visão ao caso carioca, percebemos que os efeitos das epidemias de febre amarela foram de tal dimensão que interferiram no cotidiano da cidade, ocasionando mudanças sociais, econômicas, no meio urbano e induzindo a própria medicina a se modernizar.

José Pereira Rego afirmou que se não fossem todos os transtornos e estragos causados pela febre amarela na cidade, não teriam sido implementadas as providências para a melhoria do estado sanitário do Rio de Janeiro. Neste sentido, mencionava a questão dos enterros em igrejas que, embora fossem combatidos desde o ano de 1829 pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, sua proibição se efetivou somente a partir de 1850. Segundo Pereira Rego, a remoção dos enterros nestes locais havia sido adiada em função de princípios religiosos.

Outra boa mudança para a cidade, decorrente das ações de combate à febre amarela, segundo Pereira Rego, teria sido o estabelecimento de um hospital extramuros, o Lazareto da Ilha de Bom Jesus, destinado unicamente para o tratamento de homens do mar adoecidos durante as epidemias da doença. E ainda podemos mencionar a criação de uma repartição de saúde, a Junta de Higiene Pública que, na concepção de Pereira Rego, embora fosse ainda mal organizada, havia prestado bons serviços no âmbito da higiene pública e da polícia sanitária, auxiliando assim o Governo Imperial na

⁶⁵ REGO, José Pereira. *Historia e descrição da febre amarella epidemica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro: Typografia da F. de Paula Brito, 1851. p.12

⁶⁶ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO Diana Maul de (Orgs.). Op. cit. p. 26.

execução das medidas adotadas para o bem da saúde pública⁶⁷. E é sobre essa repartição que trataremos a seguir.

1.3 - O papel da Junta de Hygiene Pública

Havia, no final do ano de 1850, o temor de que com a chegada do verão, a doença voltasse a fazer muitas vítimas na cidade. O Governo Imperial buscou, então, aconselhamento com a Comissão Central de Saúde Pública (CCSP), criada em 1849, com relação a medidas permanentes ou emergenciais para prevenir uma nova epidemia. Segundo o autor Plácido Barbosa⁶⁸, muitas das soluções apresentadas pela CCSP dependiam do auxílio da policia médica, através de uma fiscalização rigorosa, bem como de pessoas habilitadas e ambas estas medidas exigiam despesas e investimento por parte do Governo Imperial. Despesas essas que dependiam da autorização legislativa.

Contudo, mesmo com o fato da epidemia de febre amarela, que incidiu no Rio de Janeiro no verão de 1849-1850, ter sido controlada, o Governo Imperial procurou ainda adotar medidas que impedissem a ocorrência de novas epidemias, e tais medidas ainda deveriam organizar a defesa sanitária do país.

Desta forma, em 1850, foi criada a Junta de Hygiene Pública pelo decreto nº 598 de 14/09/1850, e uma Comissão de Engenheiros, a qual caberia desenhar as plantas e elaborar as propostas e orçamentos das obras a serem realizadas, auxiliando a Junta de Higiene Pública nos melhoramentos sanitários da cidade.

Estariam subordinados à Junta de Hygiene Pública a Inspetoria de Saúde dos Portos, o Instituto Vacínico e o Lazareto de Jurujuba, instituições já criadas, e posteriormente também os lazaretos provisórios das ilhas de Maricá e do Caju. O decreto nº 1.103 de 13 de janeiro de 1853, fundou o Hospital Marítimo de Santa Isabel, para substituir o Lazareto de Jurujuba, considerado deficiente.

A Junta de Hygiene Pública seria constituída pelos médicos: Francisco de Paula Cândido (presidente), mineiro, deputado pela Província de Minas Gerais, e médico das filhas do Imperador D. Pedro II; Joaquim Candido Soares de Meireles, mineiro, conselheiro de sua Majestade e um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de

⁶⁷ Ver mais em: REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*. Tipografia Nacional. 1872. Rio de Janeiro.

⁶⁸ BARBOSA, Plácido (Org.); REZENDE, Cassio Barbosa de. Op.Cit.

Janeiro (1829); Antonio Felix Martins, nascido no Rio de Janeiro, Provedor da Inspeção de Saúde do Porto e Presidente da Comissão administrativa do Hospital Marítimo de Santa Isabel, vereador e membro do conselho do Imperador; Antonio José Ramos, português, cirurgião-mor do Exército, chefe do Corpo de Saúde do Exército; Jacintho Rodrigues Pereira Reis, mineiro, cirurgião, membro fundador e presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, Inspetor Geral do Instituto Vacínico do Império e presidente do Instituto Hahnemanniano do Brasil; e tendo como secretário Herculano Augusto Lassance Cunha, médico e secretário do Instituto Vacínico do Império. A Junta tinha os seguintes propósitos:

“Propor ao governo todas as medidas, que julgar necessárias ou convenientes a bem da salubridade pública, e informar sobre as que lhe forem indicadas pelo governo. Entender na efetiva execução das Posturas da Câmara Municipal relativas ao objeto de salubridade pública, e indicar-lhe as medidas que julgar necessárias ou convenientes para que se convertam em Posturas, recorrendo para o governo (...) quando não for atendida; Exercer polícia médica nas visitas das embarcações até agora encarregadas à inspeção da Saúde do Porto, e nas que devem fazer-se nas boticas, lojas de drogas, mercados, armazéns, e em geral em todos os lugares, estabelecimentos, e casas donde possa provir dano à Saúde Pública”.⁶⁹

Este órgão, a partir do decreto nº 828 de 29 de setembro de 1851, teve seu regulamento aprovado e passou a denominar-se Junta Central de Hygiene Pública (JCHP)⁷⁰. Foram ainda subordinadas à JCHP as Comissões de Higiene Pública, criadas nas províncias do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, todas compostas por três membros. Nas demais províncias, foram nomeados provedores de saúde pública. E a partir de então, esses ficaram subordinados à JCHP, o que demonstra uma tentativa de centralização de todo o serviço sanitário do Império.

A Junta Central de Hygiene Pública era sediada na cidade do Rio de Janeiro e tinha autoridade para exercer, tanto no Município da Corte quanto em toda a Província do Rio de Janeiro. O regulamento ainda previa que integrassem a JCHP os Delegados

⁶⁹ BRASIL. Decreto nº 598 de 14 de setembro de 1850. In: *Collecção de Leis do Brasil, 1850, Tomo XI, parte I*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1951.

⁷⁰ Decreto nº 828 - de 29 de setembro de 1851. Manda executar o Regulamento da Junta de Hygiene Publica. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 24 jan. 2013. Disponível na Internet:

<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=80946&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

do cirurgião-mor do Exército, os Comissários Vacinadores provinciais e os Provedores de Saúde dos Portos.

De acordo com os estudos realizados pela professora Tânia Pimenta, este órgão tinha a incumbência manter estável e equilibrada a saúde pública e melhorar o estado sanitário da cidade, além de representar uma tentativa de monopolizar as artes de curar⁷¹.

A criação da Junta Central de Hygiene Pública se deu de maneira um tanto quanto controversa. Elizabeth Delamarque, em sua dissertação de mestrado, menciona que alguns médicos da Academia Imperial de Medicina eram contra o órgão por considerar um gasto desnecessário, pois a Academia já era consultada pelo Império e os membros que o compunham já integravam outras instituições igualmente instituídas pelo Governo Imperial. Ressaltavam, ainda, que havia entre seus integrantes alguns que não tinham habilidade alguma para tratar de assuntos referentes à saúde pública. E em contrapartida, havia outros que defendiam a idéia de que a JCHP deveria ser um órgão não apenas consultivo, mas também com “poder de intervenção” sobre os temas de saúde. Delamarque destaca, entre os médicos insatisfeitos com a organização da JCHP, a José Martins da Cruz Jobim, fundador da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (1829), diretor e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro:

“Cruz Jobim era partidário de que os médicos apresentassem um maior poder de intervenção nas matérias que versassem sobre o tema saúde, e reiterava, constantemente, o seu descontentamento com o fato de a junta ser uma repartição somente consultiva. Defendia a ideia de que reduzir os médicos a conselheiros seria contribuir para que fossem ridicularizados e desprezados, (...)”⁷²

Estas considerações demonstram o esforço da classe médica em se legitimar e conquistar o respeito na sociedade carioca. Para os médicos, a questão é que por mais que os integrantes da JCHP se esmerassem em inspecionar e averiguar as irregularidades que ocorriam na área da saúde, eles não tinham o poder de decisão. Aliado a isso, ainda existia o problema do não cumprimento das regras impostas pela JCHP e a falta de punição aos infratores, haja vista que, de acordo com Elizabete

⁷¹ PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, Suplemento 1, p. 67-92, 2004. p.88-89.

⁷² DELAMARQUE, Elizabete Vianna. *Junta Central de Higiene Pública: vigilância e política sanitária*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, 2011. p.88.

Delamarque, nesse momento, o que pesava eram as relações pessoais⁷³. Entretanto, fica evidente que havia regulamentação, porém nem sempre era realizada a fiscalização e a penalização aos transgressores. A reclamação de muitos dos médicos se pautava principalmente na falta de autonomia da JCHP nas questões referentes à saúde pública.

A Junta Central de Higiene Pública foi criada em um momento de inúmeras tensões e conflitos sobre as questões de higiene e salubridade, desencadeadas a partir da epidemia de febre amarela de 1849. Embora os médicos estivessem subordinados aos projetos do Governo Imperial, buscavam também legitimar sua posição na sociedade, tendo inclusive se valido para tal, em alguns momentos, de subsídios oferecidos pelo próprio Império. O professor Flávio Edler nos apresentou alguns exemplos dessa busca pela legitimação, tais como:

“ (...) a cooptação de importantes quadros das elites médicas, brindados com cargos públicos em instituições médicas estratégicas, com as faculdades de medicina e a Junta central de Higiene Pública; um forte controle do ensino médico, que corrompia a formação técnico-científica através das cartas de empenho, viabilizando, assim a constituição de uma burocracia estatal conformada ao sistema de patronagem política e o esvaziamento das propostas de organização de um sistema de instituições médicas, seja através de um sistema de instituições médicas, seja através de respostas parciais ou efêmeras às reivindicações defendidas pelas principais lideranças, médicas ou mesmo pela postergação das medidas por elas preconizadas visando o controle e regulamentação do exercício da medicina e melhoria na formação profissional ”⁷⁴.

Entendemos ainda que, dadas as condições sanitárias decorrentes da incidência da febre amarela no Rio de Janeiro, a criação da Junta Central de Higiene Pública pelo Governo Imperial representa, também, a compreensão implícita no pensamento do homem do século XIX, como bem assinalou George Rosen, de que era imputada ao Estado a responsabilidade de zelar pela saúde e o bem estar social, combater os perigos à vida humana e, em contrapartida, era dever da sociedade zelar pela mesma⁷⁵.

A febre amarela assolou a cidade durante toda a década de 50, tendo tido em alguns anos epidemias mais violentas. No ano de 1860, houve novamente um surto da doença, no qual o número de óbitos chegou a 1.249 e nos quatro anos seguintes o

⁷³ DELAMARQUE, Elizabete Vianna. *Op. Cit.*. p.88.

⁷⁴ EDLER, Flávio *Correa*. *As Reformas do Ensino Médico e a Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. 1992. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo. p.38-39.

⁷⁵ ROSEN, George 1980 *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro, Graal, 1980. p.81-82.

número de óbitos diminuiu consideravelmente. Entre os anos de 1865 e 1867 não foram registrados casos da doença na cidade, até que em 1868 a tão temida doença voltou a fazer vítimas na Capital do Império ⁷⁶.

O quadro a seguir apresenta os números de óbitos por febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, de 1850 a 1869, que expressam o tamanho do impacto causado por essa doença:

Número de Óbitos na Zona urbana do Rio de Janeiro entre 1850 e 1869													
anos	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maior	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
1850													4.160
1851	41	37	60	165	98	28	9	7	4	19	26	8	475
1852	243	70	303	403	325	189	93	62	62	37	47	109	1.943
1853	150	176	143	153	82	73	26	29	7	7	6	2	853
1854	2	6	4	2	4			1	1	1	1		22
1855													3
1856			2	20	23	9	6	5	2		13	21	101
1857	226	421	615	298	133	80	27	7	5	6	17	33	1.868
1858	163	654	412	141	92	35	23	9	4	2	2	8	1.545
1859	34	109	128	98	48	32	9	11	2	5	8	16	500
1860	32	108	319	340	209	96	47	21	16	19	11	31	1.249
1861	47	72	47	37	25	11	5	1			2		247
1862	1	2		2				1		1	1	4	12
1863	1		1	1	1						1	2	7
1864	1	2	2										5
1865													
1866													
1867													
1868		1					1			1			3
1869	1			6	13	67	51	33	17	16	14	54	272

⁷⁶ FRANCO, Odair. *História da febre amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde / Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969. p.43.

1.4 - Depois de um hiato, a febre amarela torna a fazer vítimas na cidade

O cirurgião José Pereira Rego, presidente da Junta Central de Hygiene Pública e um dos redatores dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, ao tratar do estado sanitário da capital do Império no Relatório da Junta Central de Hygiene Pública apresentado em 1870, comentou sobre o retorno da febre amarela:

“Como si não bastassem as condições mencionadas para alterar profundamente o nosso estado sanitario, algumas das quaes communs a todos os paizes em certas e determinadas épocas em virtude do movimento astronômico, das vicissitudes das estações e das mudanças experimentadas pelos climas, veio ainda visitar-nos o flagello da febre amarella, que tão dolorosas e tristes recordações deixou-nos de sua primeira invasão há 20 anos.”⁷⁷

O ano de 1868 ficou marcado pelo “retorno” da febre amarela à cidade do Rio de Janeiro. De acordo com o relatório, entregue ao Ministério do Império pela Junta Central de Higiene pública e assinado por José Pereira Rego em 26 de Março de 1870, fica implícito que o retorno da doença possivelmente ocorreu em decorrência da chegada da barca *Creola del Plata*, vinda de Gênova e com passagem pelo porto de S. Thomaz ⁷⁸, que aportou na cidade em 23 de Março de 1868, com 104 passageiros de trânsito e 18 tripulantes. Os médicos acreditavam que a transmissão se deu no dia 03 de Abril de 1868, quando um passageiro e o piloto desembarcaram, tendo este último se sentindo mal. Porém, quando voltaram a bordo, ambos se sentiam mal e se queixavam de “dor de cabeça, prostração, fraqueza nas pernas e outros incômodos”, sintomas estes que persistiram por três dias consecutivos. Em decorrência deste quadro de saúde, o

⁷⁷ REGO, José Pereira. Relatório do presidente da Junta Central de Hygiene Pública. 28 de Março de 1870. In: Relatório apresentado à Assembléa Geral na segunda sessão da decima quarta legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos negócios do Imperio Paulino José Soares de Souza. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870. Anexo H. p.50. **Relatórios Ministeriais (1821-1960)**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 9 abr. 2012. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

⁷⁸ Este relatório salienta que na cidade de S.Thomaz havia ocorrido um surto c

⁷⁸ Este relatório salienta que na cidade de S.Thomaz havia ocorrido um surto onsiderável de febre amarela, pouco antes do *Creola del Plata* aportar no Rio de Janeiro, porém a embarcação tinha a carta de saúde limpa, emitida tanto pelo porto de origem, ou seja o de Gênova, quanto pelo de S. Thomaz. Esta carta teria sido emitida por não haver sinal de doença a bordo durante a viagem realizada.

piloto teria sido enviado ao hospital da Santa Casa da Misericórdia e falecido no mesmo dia e o passageiro levado ao Hotel Quatro Estações e também não teria resistido⁷⁹.

Visto isso, percebemos na leitura deste relatório que as questões que preocupavam tanto os médicos como a sociedade eram como e por que a doença tinha voltado a assombrar a cidade e, principalmente, tentar expor meios para atenuar os estragos da mesma.

“(...) Si estas medidas eram suficientes para conjurar o desenvolvimento epidêmico de moléstia tão fatal e insidiosa, era também as únicas de aplicação razoável nas condições que tinham atingido os acontecimentos. Porquanto tratava-se de atenuar os estragos da moléstia e não de evitar sua importação.”⁸⁰

É importante salientar que quando voltou a afligir o Rio de Janeiro, a febre amarela intrigou alguns médicos da Junta Central de Hygiene Pública, pois a enfermidade não só retornara como apresentava características diferentes das epidemias anteriores.

Em 1868 as reuniões da JCHP eram realizadas no Paço da Câmara Municipal, na sala da Junta Vacínica, sempre as quartas-feiras ao meio dia. Integravam, então, a JCHP os seguintes médicos: Presidente José Pereira Rego; e membros: Jacintho Rodrigues Pereira Reis; Manoel Pacheco da Silva, médico, doutorado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; Manoel Pereira da Silva Continentino, médico oftalmologista da Casa de Saúde do Senhor Bom Jesus do Calvário; João Baptista dos Santos, membro Instituto Farmacêutico do Rio de Janeiro, e presidente da Junta Central de Hygiene Pública (1881,1886); Secretário: Herculano Augusto Lassance Cunha; Encarregado da Estatística Patológica e Mortuária: Luiz da Silva Brandão, médico da Casa de Saúde N. Senhora da Ajuda; Amuense: Antonio Joaquim Lazaro Ferreira; Porteiro: Francisco Borges do Carmo.

E com o fantasma da febre amarela assolando novamente a cidade, novas providências foram tomadas. Após as mortes ocorridas na barca *Creola del Plata*, o médico legista Fernando Francisco da Costa Ferraz, membro da Academia Imperial de Medicina, foi enviado ao hospital da Santa Casa da Misericórdia para averiguar melhor estes casos, pois havia duas suspeitas sobre as causas destas mortes: envenenamento por algo mal preparado ou febre amarela. Costa Ferraz descartou a hipótese de envenenamento, porém acreditava que ainda não se podia afirmar que era um caso de

⁷⁹ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit. p. 51.

⁸⁰ *Idem*, p.57.

febre amarela, tendo em vista os exames realizados. De toda forma, Costa Ferraz recomendou cautela e vigilância para que a cidade não sofresse novamente com epidemias de febre amarela.

Em um primeiro momento, a doença foi confundida com piroxia de caráter bilioso ou uma forte febre biliosa, sendo que até mesmo os homens que adoeceram no navio *Creola del Plata* foram diagnosticados desta forma. Os diagnósticos de febre biliosa da tripulação se tornaram cada vez mais frequentes e isso chamou atenção dos médicos da Academia Imperial de Medicina. Em 15 de maio de 1868, José Pereira Rego, presidente da Junta Central de Hygiene Pública, se dirigiu ao hospital da Santa Casa da Misericórdia e constatou que desde que o piloto havia sido hospitalizado, o número de vítimas da suposta febre biliosa havia aumentado para 40 ou mais. Porém, não havia casos de transmissão, embora os doentes fossem colocados nas enfermarias destinadas aos estrangeiros, com diagnósticos de febre biliosa ou febre tifóide. Exames foram realizados nos doentes e dado o possível foco de febre amarela na cidade, as seguintes precauções foram adotadas:

“(…) Nestas condições, e não oferecendo a moléstia até então caráter de transmissibilidade bem averiguada, julgou-se talvez possível atalhar em seu progresso e generalização, mediante algumas cautelas tomadas de pronto sem recorrer a abertura do hospital marítimo de Santa Isabel e nesse sentido procedeu-se.

Nomeou-se um medico para visitar duas vezes por dia as embarcações ancoradas no porto, e fazer transportar sem demora para o hospital da Gâmbua os doentes acometidos á bordo, dando-se parte dessa medida aos cônsules estrangeiros e foi encarregado dessa comissão o Sr. Dr. José Firmoni Vellez; criaram-se enfermarias especiais n’aquele hospital para tratamento destes doentes, e mandou-se sustar a sua recepção no hospital da misericórdia afim de evitar que a moléstia, ali se transmitido aos outros doentes, não viesse agravar aquelas de que já sofreram, e constituir um grande foco pestilencial, que invadindo a população visinha aquele importante estabelecimento, se tornasse o motor de graves e sérios acontecimentos.”⁸¹

Essas precauções foram adotadas na tentativa de frear o “desenvolvimento epidêmico da doença”⁸² e diminuir os estragos por ela causados. Tais medidas surtiram efeito, pois no ano em questão a doença não adquiriu o caráter de epidemia. Os médicos acreditavam que o que contribuiu para isso foi a intensificação do tratamento de doentes

⁸¹ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit. p.56 e 57.

⁸² REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit. p. 57.

ainda nos navios, que então eram considerados o principal foco da doença. Além disso, havia o fato de que a febre amarela atacava os navios ancorados na Saúde e na Prainha, e os mais vitimados, então, eram os estrangeiros. Diferentemente do que ocorria com a tripulação dos navios brasileiros, que não era acometida pela doença, o que intrigava os médicos.

Entre as inúmeras discussões sobre doenças surgidas na segunda metade do século XIX, um tema extremamente debatido pelos homens das ciências no mundo inteiro era a questão do contágio ou não contágio. A partir do trabalho realizado pelo professor Erwin H. Ackerknecht, fica claro que os atores dessas discussões, mesmo que movidos pelas questões da ciência e da saúde, também eram influenciados pelas questões políticas, econômicas e ideológicas da época. Ackerknecht traça um panorama a partir da febre amarela, a qual teria sido a doença precursora das discussões acerca do contágio ou não contágio. Em sua concepção, foi a partir da febre amarela que outras enfermidades, como a cólera, o tifo e a praga, e suas formas de contágio foram discutidas⁸³.

No caso da cidade do Rio de Janeiro, ao analisarmos o relatório do ano de 1868, percebemos a discussão acerca do contágio ou não da febre amarela, pois neste se ressalta que não foi observada a transmissão direta, que o primeiro caso da doença foi constatado 10 dias depois da saída do navio do Porto e que tal fato teria levado os médicos a uma reflexão acerca do tempo de incubação do que gerava a moléstia. Analisando os casos de doentes provenientes do vapor *Apa*, os médicos constataram que entre os motivos apontados como fatores que tornavam esses homens vulneráveis estavam o estado das vestimentas, tendo em vista a viagem longa e a vida irregular dos soldados, pois estes abusavam de bebidas e tinham outros vícios, e também as condições anti-higiênicas. Algo que chamou bastante atenção dos médicos foi que o princípio causador da moléstia permanecia no doente e nos seus objetos de uso, pois quando foi necessário transferir os doentes para o Hospital de Jurujuba para fazer reparos no navio, foi notado que nenhum dos que trabalharam no reparo da embarcação ficou doente.

A doença supostamente adentrou em terra em 21 de abril, tendo acometido os trabalhadores na Ilha de Mucangué, onde vinte adoeceram e três faleceram. O primeiro caso na cidade ocorreu em 06 de junho, na Hospedaria dos Estrangeiros, que se

⁸³ ACKERKNECHT, Erwin H. Anticontagionism between 1821 and 1867. *Bulletin of the History of Medicine*, n. 22, p. 562–593, 1948.

localizava no Morro da Saúde. Ao todo, nessa hospedaria faleceram cinco dos seis doentes e, desde o retorno da febre amarela em abril até o fim do ano, foram somados 687 casos da doença, tratados no Hospital de Jurujuba, Santa Casa da Misericórdia e no Hospital da Gamboa, e apenas 241 óbitos em casas de saúde e hospitais⁸⁴.

A febre amarela em 1868 sem dúvida apresentou características diferentes das grandes epidemias de 1850, especialmente do ponto de vista sintomatológico, o que levou os médicos a se confundirem e acharem que se tratava de outros tipos de febres ou de cólera morbo:

“(...). Os dois phenomenos mais constantes e frequentes forão as hemorragias boccaes e a supressão de urina, a qual era quase sempre prelúdio de terminação fatal. Em suma pode-se dizer que na generalidade dos casos graves, a moléstia revestiu-se mais da apparencia da febre typhoide, do que da febre amarela, com a qual seria fácil confundi-la si alguns casos não se dessem com todos os sintomas mais característicos a esta moléstia.”⁸⁵

Mesmo sendo confundida com outras doenças, a febre amarela parecia atacar as áreas mais próximas ao litoral, como as ruas D. Manoel, Direita, Barão de Inhaúma, Gamboa, Saúde, Prainha, Príncipe e Princesa dos Cajueiros, Beneditinos, Municipal, Assembléia e São José.

Analisando os relatórios da Junta Central de Hygiene Pública para os anos de 1868 - 1869, percebemos o temor dos médicos, das autoridades imperiais e da sociedade frente à possibilidade de uma nova epidemia de febre amarela, tendo em vista a dimensão do impacto das ocorridas anteriormente no Rio de Janeiro. Aliado a isto, temos também a questão de como a doença interferia no cotidiano da cidade. E ainda atentamos para o fato de que o que intrigava os médicos da Academia Imperial de Medicina naquele ano era como, depois um período sem vítimas, ela voltou a matar na cidade. Várias hipóteses foram apontadas como as principais causas para as doenças levantadas: as condições climáticas, a limpeza da cidade e qualquer indício que pudesse alterar a qualidade do ar. Esse é um exemplo de como a febre amarela agia como “fruto da interação entre o agente da patologia, o homem e o meio”⁸⁶.

⁸⁴ O autor do relatório, José Pereira Rego, ainda menciona 31 mortos em domicilio, mas não aprofunda no assunto devido a falta de dados estatísticos. Número pouco significativo para considerar o retorno da febre amarela como uma epidemia.

⁸⁵ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit. p.60.

⁸⁶ NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO Diana Maul de (Org.). Op. Cit. P.24

Entre as hipóteses levantadas, gostaríamos de aprofundar uma: a questão das obras realizadas pela companhia *City Improvements*, que foi contratada para solucionar os problemas referentes ao saneamento da cidade. Estas obras nos despertaram a atenção, pois as mesmas foram consideradas mal realizadas, em alguns momentos suscitaram suspeitas e foram responsabilizadas por alguns médicos como as causadoras do retorno da febre amarela à cidade.

1.5 – Os principais responsáveis: as obras da *City Improvements* como pivô

Durante a primeira epidemia de febre amarela (1849-50), houve uma tentativa por parte dos médicos em afirmar que a doença se tratava de um fenômeno natural que ocorria, sobretudo, em decorrência do clima e da geografia da cidade, que contribuía para a proliferação de enfermidades, e das habitações irregulares, como abordaremos mais adiante. Para além desses temas, as questões da limpeza e da higiene doméstica também eram discutidas. Defendia-se a idéia de que as casas deveriam ser limpas, arejadas e com encanamento próprio para água e esgoto. Da mesma forma, as ruas deveriam ser limpas e deveria ser construída uma rede de esgotos. Até então o recolhimento de dejetos das casas era feito por escravos, que ficaram conhecidos como “tigres” ou “tigreiros”, que transportavam tais dejetos em bacias e os levavam até as valas abertas para esta finalidade.

No ano de 1853, ao fixar as despesas e orçar a receita para os dois anos seguintes, o Governo Imperial destinou verbas para que se fosse contratada uma empresa que cuidasse dos esgotos e das limpezas das casas. De acordo com a Lei nº 719 de 28 de Setembro de 1853, no Capítulo III, Art. 11º, § 3º, a recomendação do Governo Imperial era de que a renda destinada fosse para que se pudesse:

“Nº3. Contratar com João Frederico Russel, ou com outro qualquer o serviço de limpeza das casas da cidade do Rio de Janeiro e dos esgotos das águas pluviais, obrigando-se o empresário a fazer trabalhos por distritos designados. Naqueles distritos em que se forem realizando os mesmos trabalhos poderá o governo elevar a décima urbana na proporção necessária para fazer face às despesas resultantes do contrato. Outrossim poderá o governo isentar de direitos e exportação os objetos concernentes á empresa.”⁸⁷

⁸⁷ Lei n. 719 - de 28 de Setembro de 1853. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 23 jan. 2013. Disponível na Internet:

Esta lei foi posta em prática no ano de 1857, com o decreto nº 1.929 de 29 de abril⁸⁸, e que aprovava o contrato firmado em 25 abril do mesmo ano, encarregando a empresa de Joaquim Pereira Vianna de Lima Junior e de João Frederico Russell pelo serviço da limpeza das casas da cidade do Rio de Janeiro e o estabelecimento de um sistema completo de despejos e esgoto das habitações, semelhante ao adotado em Leicester, Inglaterra. O texto desta lei era bem específico quanto às obras e construções que seriam executadas pela empresa contratada, ao estabelecimento dos prazos a serem cumpridos e determinava ainda que a empresa contratada deveria iniciar as obras dentro de dezoito meses a partir da assinatura do contrato e concluir as mesmas em um prazo de seis anos.

Entre as obras que seriam realizadas e estavam previstas neste decreto de 1857, podemos citar algumas:

“Igualmente obrigão-se a construir, dentro dos mesmos limites, as vallas e canos destinados ao esgoto somente das aguas pluviaes, que se achão marcados no dito plano. (...).

Os despejos das habitações irão ter aos conductores das ruas por canos subterrâneos de barro vidrado de seis pollegadas de diametro. A esses canos farão também conduzir os Empresarios as aguas dos telhados que cahirem nos fundos das casas e as das áreas ou pateos. (...).

“A construir nas direções marcadas no plano da obra tres grandes vallas de tijolo e cimento, com seus competentes ramaes, com as capacidades e declives demonstrados no dito plano. Essas vallas receberão todas as aguas pluviaes que costumão cair nas ruas e praças, as que desaguarem dos telhados nas frentes dos prédios, e todas as mais que não tiverem esgoto natural para o mar pela superfície das ruas. Para que este artigo possa ser posto em execução se providenciará por meio de posturas, a fim de obrigar todos os proprietarios a encanar tanto na frente como nos fundos dos seus prédios, ate a superfície dos terrenos, todas as aguas dos telhados. (...).

“Nos canos de despejos das habitações será permitido somente lançar as matérias fecaes e os liquidos de qualquer natureza que sejam do uso das casas.”⁸⁹

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=78982&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>

⁸⁸ Decreto nº 1.929 - de 29 de abril de 1857. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 23 jan. 2013. Disponível na Internet:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=78026&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

⁸⁹ *Idem.*

As condições impostas para a execução das obras demonstram a preocupação por parte do Governo Imperial com o estado sanitário da cidade. As obras deveriam ser executadas com o intuito de sanar os problemas de saneamento e evitar a proliferação de doenças.

A empresa contratada não cumpriu com as suas obrigações para com a cidade e este fato levou o Governo Imperial a estabelecer uma concessão e firmar contrato com a *Companhia - Rio de Janeiro - City Improvements*, também conhecida como *City Improvements* ou simplesmente *City*. Este ato foi sacramentado através do decreto nº 3.004 de 21 de novembro de 1862, que estabelecia condições para a execução das obras previstas no decreto anterior⁹⁰. E assim esta empresa iniciou as obras de saneamento da Capital do Império. De acordo com Eduardo Marques⁹¹, o Rio de Janeiro foi uma das primeiras Cidades do mundo a receber uma rede de esgotos, utilizando o sistema do separador inglês, no qual a água pluvial das casas era encaminhada para a rede de esgoto sanitário e o restante era lançado em tubulações específicas de drenagem.

Desde então, obras de saneamento foram realizadas no intuito de melhorar o estado sanitário da cidade do Rio de Janeiro. Conforme mencionamos, a Companhia tinha como metas sanear, melhorar e cuidar da limpeza e dos esgotos. Entre as obras a serem executadas estavam: melhorias no esgoto das casas e no sistema de águas pluviais; o dessecamento do terreno que assentava a cidade; a construção de um sistema que fizesse com que a água da chuva caísse diretamente no mar, e que aquelas águas que porventura estivessem contaminadas com material fecal caíssem diretamente em reservatórios apropriados, e fossem retiradas por máquinas a vapor, tratadas e desinfetadas, e após tal processo fossem finalmente atiradas ao mar⁹².

O plano para a execução das obras da companhia de esgotos dividia a cidade em três distritos. Cabe mencionar que elas não foram realizadas nestes distritos ao mesmo

⁹⁰ Decreto n. 3.004 - de 21 de Novembro de 1862. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 24 jan. 2013. Disponível na Internet:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=84884&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

⁹¹ MARQUES, Eduardo Cesar. Da Higiene à construção da Cidade: O Estado e o Saneamento do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.51-67, jul.-out.1995.p.58-59.

⁹² REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. Relatório do presidente da Junta Central de Hygiene Pública. 16 de Março de 1869. In: Relatório apresentado à Assembléa Geral na primeira sessão da decima quarta legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos negócios do Imperio Paulino José Soares de Souza. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1869. Anexo F. p.48. **Relatórios Ministeriais (1821-1960)**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 9 mai. 2013. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

tempo. A tabela a seguir detalha as regiões e as obras executadas pela City Improvements⁹³:

Divisão da Cidade em Distritos			
	1º Distrito	2º Distrito	3º Distrito
Abrangência dos distritos	Rua da Misericórdia, Morro de Santo Antônio, Morro Senado, a Praça d'Acclamação e o Morro do livramento.	Campo de Sant'Anna até São Christovão	Castello e de Santa Theresa e o Hospital da Misericordia
número aproximado de casas beneficiadas	800 casas	4.000 prédios	3.000 casas
Canal para escoamento	Arsenal da Marinha	Sacco dos Alferes	Praça da Glória
reservatório de dejetos	Antigos quartéis de Bragança	Sacco dos Alferes	Praça da Glória
Capacidade do reservatório (Litros)	183.000	127.000	102.000
Quantidade de galerias de águas pluviais	1	3	2
Localização das galerias de águas pluviais	Parte do Largo da Carioca e segue pelas ruas Uruguayana e Prainha	1ª Rua do Bom Jardim; 2ª Rua das Flores; 3ª Da Rua dos Invalidos pela Travessa do Senado atravessa o Campo de Sant'Anna e segue pela Rua do Sabão da Cidade Nova	1ª Riachuelo passando pela ua do Rezende, Arcos e Mangueira; 2ª Rio antigo das caboclas
Desague de aguas pluviais	No mar junto ao Largo da Prainha	canal do Mangue	No mar junto a Lapa, Glória, Rua do Principe e Princeza do Catette
Metragem dos principais encanamentos (M ²)	7.132	10.035	6.943

As obras nos distritos, projetadas para que esses distritos funcionassem independentemente uns dos outros, foram realizadas entre 1862 e 1866. Para viabilizar estas obras foram abertos dois túneis, construídos em granito, um entre o Morro do Livramento e o outro atrás do Largo da Prainha, e foram construídas, também, galerias de diferentes formatos. Ao todo 14.287 casas receberam esgoto, sendo construídas

⁹³ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit. p.60. p.48-52. Tabela elaborada com base nas informações fornecidas pelo Engenheiro da *Companhia City Improvements* Eduardo Everett Benest, ao médico José Pereira Rego e que foram publicadas neste relatório do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública.

novas valas nas casas para a colocação das galerias. Já nas obras realizadas para colocação de novas galerias águas pluviais foram utilizadas as valas da Rua Uruguaiana e parte do Rio das Caboclas e parte da vala situada entre a Rua Formosa e Rua das Flores. Além dessas a *City Improvements* também conservou outras valas, entre as quais podemos mencionar a da Rua dos Arcos e da Travessa do Senado. Estas obras tiveram um papel importante para o desenvolvimento urbano da Cidade. Segundo Gilmar Machado de Almeida, as obras da empresa promoveram, além do desenvolvimento urbano, melhorias nas condições de higiene e benefícios para a construção civil:

“A concessão feita a City teve papel impulsionador na economia da cidade, pois a construção civil se beneficiou com as obras executadas pela companhia, isto trouxe um grande incremento à construção de casas nas áreas saneadas. Embora tenha sido mais um ponto de progresso assumido pela cidade, o saneamento possibilitou melhoria nas condições de higiene e também facilitou na expansão geográfica da cidade, a atuação da empresa particular de saneamento deixava a desejar em alguns aspectos.”⁹⁴

As questões da sujeira na cidade, das valas a céu aberto e das melhorias no saneamento eram “discutidas”⁹⁵ pelos médicos há muitos anos. Havia aqueles que acreditavam que os dejetos que se acumulavam nas valas poluíam o ar e causavam as moléstias infecciosas graves, incluindo a febre amarela. A questão das valas era, de fato, objeto de discussão entre os médicos, pois como vimos no Relatório do Ministério do Império referente ao ano de 1868 e assinado pelo ministro Paulino José Soares de Souza, ao recordar a epidemia de febre amarela de 1850, comenta sobre o estado deplorável das valas, as quais eram tão sujas a ponto de existir um certo temor de que caso fossem limpas, isto agravasse ainda mais a situação sanitária na cidade:

“Em conclusão direi: que as nossas valas de esgotos nunca ou quase nunca eram limpas; que constituíam o receptáculo de todas as imundícias das localidades por onde circulavam. E tornavam-se focos perenes de infecção miasmática mais ou menos profunda, contribuindo poderosamente para a insalubridade desta capital”.⁹⁶

⁹⁴ ALMEIDA, Gilmar Machado de. *A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889*. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO. P.123

⁹⁵ Discutidas no sentido literal da palavra, pois da mesma maneira que havia os médicos que eram contra a existência dessas valas, havia os que achavam que tirá-las seria pior.

⁹⁶ BRASIL. Ministério do Império. *Relatório do Ministro (Paulino José Soares de Souza) do ano de 1868, apresentado a Assembléia Geral Legislativa na 1ª sessão da 14ª legislatura*. Rio de Janeiro: Typ Nacional, 1869. p. 44-45.

A citação acima demonstra que a preocupação com as emanações pútridas ou com qualquer outro indício que pudesse comprometer a qualidade do ar, era constante entre os médicos. A constatação de obras mal realizadas pela *City Improvements* foi o estopim para uma série de discussões entre os médicos e para acusações certeiras à companhia de esgotos acerca de possíveis falhas do sistema da cidade.

Havia um debate intenso entre os médicos da Junta Central de Hygiene Pública com relação à responsabilidade da companhia com o retorno da febre amarela. Entre os pontos citados pelos médicos, podemos mencionar as obras mal feitas e mal acabadas, as inúmeras reclamações de tubos rachados e mal encaixados e também a falta de nivelamento nas ruas que causava obstruções e transtornos aos habitantes da cidade. A companhia, por sua vez, procurava remediar tais transtornos. Ressaltamos ainda que eram apontados outros problemas como a entrega de obras nas mãos de empreiteiros e a falta de fiscalização por parte da companhia.

No Relatório da Junta Central de Hygiene Pública (na íntegra no Anexo II), datado de 16 de Março de 1869, e de autoria de José Pereira Rego, foram dedicadas várias páginas à questão dos esgotos e das obras realizadas pela *City Improvements*. Nele verificamos a descrição de alguns episódios que podem enriquecer e esclarecer os exemplos supracitados:

“(…) Como observou a segunda comissão, e como tive a ocasião de notar, quando em fins de 1867, inicio de 1868 se levantou o encanamento nas ruas da barreira e Espírito Santo para desobstruí-lo, havendo tubos mal soldados, outros rachados, outros separados bom número de polegadas denotando que não tinham ficado em continuidade, com ora se pratica, nem em contiguidade como se fazia em principio, fixando-os em contacto por meio de anéis do mesmo barro de que eram preparados de tubos.

(…) Nenhum defeito porém, tem sido mais prejudicial aos interesses da companhia ao cômodo dos habitantes desta cidade, e a sua salubridade do que o assentamento. Quer dos tubos que dos prédios levam as matérias excrementícias aos coletores subsidiários colocados na via pública, ou nos fundos das casas, cujas ruas foram poupadas pela companhia, que dos próprios coletores em terrenos depressiveis, como são os desta cidade, sobre que foram assentados, pela maior parte formados de lixo e imundícies e por tanto de substancias decomponíveis que pelo andar dos tempos se acamam e diminuem de espessura, por efeito

da decomposição, alterando constantemente o nível dos canos que neles descansam.”⁹⁷

Podemos, ainda, complementar discorrendo acerca do embuste causado pela obstrução desses encanamentos, fazendo com que a *City Improvements* abrisse o esgoto para reparar os danos. Este tipo de procedimento era combatido pelos médicos da época, pois deixava a população à mercê de emanações fétidas, comprometendo assim o estado de sanidade da capital. Um dos protestos apresentados, como indica o texto a seguir, referia-se a frequência com que esses “defeitos” apareciam:

“ (...). Estas obstruções são ainda hoje tão comuns, que nos últimos meses do ano que findou, abriram-se para remediar defeitos desta ordem, além de outros, os encanamentos de esgotos das ruas do teatro, praça da constituição, beco do mosqueira, rua do Rezende e Arcos, os quais já tem sido abertos em outras ocasiões. Assim vive a companhia escavando constantemente as ruas e concertando os canos, e com tão fraco proveito ás vezes que em algumas ruas menos felizes são elas concertadas logo após outro concerto, como tem sucedido nas ruas Santa Thereza, Lavradio, Saude e outras muitas.”⁹⁸

Outra dificuldade apontada no relatório dizia respeito ao tamanho das bacias destinadas a receber as águas pluviais instaladas pela *City Improvements*, consideradas pequenas pelos médicos, pois quando chovia elas não suportavam a quantidade de água acumulada e transbordavam por não ter para onde escoar. Desta forma as águas voltavam misturadas com águas de esgoto, o que as transformava em mais um foco de obstrução. As chuvas e as cheias ainda preocupavam, embora estas ocorressem com menos intensidade depois das obras da *City Improvements* e, segundo o relatório, isso ainda ocorria porque as galerias para recepção dessas águas eram pequenas e a isto se juntava a sujeira das ruas que descia por essas galerias juntamente com as águas das chuvas. Se por um lado o alagamento das ruas preocupava, por outro o alagamento nas casas era imensamente mais preocupante e era atribuído ao assentamento construído pela *City Improvements*. Mesmo em ruas onde em tese teria sido executado o assentamento, como na Rua do Catete, ainda ocorria inundações. E em outros bairros, como Cidade Nova, no qual se encontravam as ruas do Sabão, do Mangue, Alcantara e São Leopoldo, a partir da Rua do Bom Jardim, sofria com inundações e com o escoamento insuficiente da água.

⁹⁷ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1868. Op. Cit. p. 58.

⁹⁸ *Idem*, p.59.

Essas são algumas das questões que levaram os médicos da Junta Central de Higiene Pública a concluir que as obras realizadas até então pela empresa *City Improvements* eram as grandes responsáveis pelo retorno da febre amarela à cidade. E segundo os próprios médicos, se essas questões tivessem sido tratadas com mais zelo e se a Companhia tivesse tido mais atenção para com a população, não teria havido tantos transtornos ou estes teriam sido em escala menor.

O relatório não apenas apresentava as falhas das obras realizadas pela companhia, como ressaltava que estas também tinham trazido algumas melhorias à vida da população, que antes sofria com inundações constantes, com o solo e as construções permanentemente úmidos, as praças e ruas cobertas de lama e com depósitos fecais após a ocorrência de grandes chuvas. Segundo os médicos, as obras auxiliaram muito com relação à insalubridade da cidade e no combate às endemias, as quais acreditavam serem causadas pela umidade do solo. Mesmo apresentando defeitos, os esgotos construídos melhoraram visivelmente a aparência das ruas e também serviram para modificar alguns dos costumes da população, como o hábito de jogar lixo na rua “acostumando o povo a respeitar e mesmo interessar-se pelo asseio da cidade”⁹⁹. Os médicos acreditavam que para que o estado sanitário se tornasse ideal, a empresa de limpeza pública deveria ter mais zelo ao fazer seu trabalho, limpando melhor a poeira e o cisco, além de retirar o capim das ruas. Salientavam, ainda, que após as obras de saneamento, com as ruas assentadas e sem dejetos, a limpeza tinha se tornado mais fácil.

As obras realizadas pela Companhia foram alvo de inúmeras querelas entre os médicos e os engenheiros responsáveis. Os médicos não negavam os melhoramentos feitos quanto ao estado sanitário da Capital do Império, entretanto não deixavam de acusar a companhia pelos transtornos causados pelas obras, consideradas como mal executadas e mal planejadas pelos membros da Junta Central de Higiene Pública. Os resultados ruins das obras realizadas eram ferrenhamente atacados, principalmente quando ficava constatado que as mesmas interferiam diretamente na saúde da população e no estado sanitário da cidade.

Por fim, gostaríamos de ressaltar que, analisando as fontes e a bibliografia produzida sobre essas questões, entendemos que para além da preocupação com a doença e com a cidade havia uma querela entre médicos e engenheiros. Lembramos que este era o contexto do processo de institucionalização da medicina no país, um

⁹⁹ *Idem*, p.60.

momento ímpar para a busca de prestígio e respeito por parte da elite médica. As questões entre médicos e engenheiros, os quais já tinham prestígio, se dava pelo fato dos primeiros interferirem no trabalho dos segundos, com suas críticas e opiniões. Percebe-se que se tratava, na realidade, de mais uma tentativa da elite médica em alcançar prestígio e respeito.

1.5.1 - O ar: infecção ou contágio?

Como já nos referimos anteriormente, a preocupação com o ar, se era puro ou impuro, era uma questão fundamental naquele momento, pois se acreditava que os miasmas eram formados a partir de matérias pútridas lançadas ao ar. De acordo com o trabalho de Alain Corbin, esse tipo de preocupação é na verdade uma construção histórica e nesse sentido, o autor discorre sobre o processo de construção do que chamou de “vigilância olfativa” na cidade de Paris dos séculos XVIII e XIX ¹⁰⁰. Para Corbin essa construção perpassou por diversas esferas como ar, terra, água, as cidades, o corpo humano e suas individualidades. Ele ainda nos elucida que o processo sofreu inúmeras mudanças. Que se em um momento era tido como bom odor ou que era imperceptível, em outro momento é considerado ruim, ou vice versa. Ao longo do tempo, essas mesmas esferas e o odor (ou a falta de odor) exalado por elas, passaram a ser vistas como disseminadores de miasmas, representando perigo para a saúde, visto que doenças poderiam ser detectadas pela presença ou ausência do cheiro. Neste sentido, o odor poderia explicar as causas das epidemias e/ou o porquê as pessoas adoeciam. No caso da cidade do Rio de Janeiro, por ocasião do retorno da febre amarela no ano de 1868, o tema da má qualidade do ar foi considerado, tendo sido apontado como uma das possíveis causas. Porém este tema era bastante controverso e foi objeto de discussão entre os membros da Academia Imperial de Medicina.

A visão de Sidney Chalhoub, apresentada em sua obra *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial* ¹⁰¹, a respeito dos conceitos de contágio e infecção, nos dá subsídios para melhor elucidar essa questão. Em sua concepção, o contágio era a capacidade que uma doença tinha de ser transmitida de um indivíduo ao outro pelo contato, sendo esse direto ou indiretamente. Salienta que os contagionistas acreditavam

¹⁰⁰ CORBIN, Alain. *Saberes e odores. O olfato e o imaginário nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.24.

¹⁰¹ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

na existência de um veneno específico que “uma vez produzido, podia se reproduzir no indivíduo doente e assim se propagar”¹⁰², enquanto a infecção se dava a partir de miasmas, ou seja, o indivíduo adoecia ao exalar emanações pútridas, sendo de origem animal ou vegetal. Tais paradigmas eram amplamente considerados pela elite médica carioca como observaremos nas próximas linhas.

As chamadas matérias pútridas formavam-se a partir da fermentação de matéria animal ou vegetal através de sua decomposição. Acreditava-se que as emanações provenientes destas matérias faziam mal à saúde do homem. E este tema causava muita discussão, não apenas entre os médicos da Capital do Império, por se tratar de um assunto bastante controverso. Pereira Rego, em seu relatório como presidente da Junta Central de Hygiene Pública, em 16 de março de 1869, ressaltou que no ambiente médico carioca essa questão tornava-se ainda mais controversa, quando se discutia a fermentação das matérias de origem animal.

Entre os médicos do Rio de Janeiro, havia também aqueles que acreditavam que essas emanações ao invés de causar mal eram benéficas e exerciam uma influencia favorável. No relatório supracitado, essa discussão foi retomada, sendo inclusive citados os nomes de ferrenhos defensores desta “doutrina”, como Alexander Jean-Baptiste Parent Duchâtelet (1790-1836), higienista francês; John Warren (1753-1815), médico norte-americano; Pierre-Joseph Dessault (1744-1795) cirurgião; Gilbert Breschet (1784-1845), anatomista, entre outros. E por outro lado, apresentou casos de trabalhadores que se expunham a tais emanações, como os coveiros e os limpadores de esgotos, que gozavam de boa saúde e eram poupados em caso de epidemias pestilenciais. Entretanto, estes eram apenas afetados pelo que eles classificavam como “fenômenos acidentais e graves de mephitismo”¹⁰³, causados pela exposição a gases “extremamente concentrados” e que há muito não eram limpos.

Entre os que se opunham a ideia de que tais gases pudessem ser benéficos, podemos citar - John Pringle (1707-1782), médico escocês, cirurgião do Exército, René Nicolas Dufriche Des Genettes (1762-1837), médico militar, e Jean Vicent François Vaidy (1776-1830), médico militar. Estes defendiam a ideia de que as doenças poderiam ser transmitidas através de emanações pútridas de animais em decomposição. No relatório de Pereira Rego, de 1869, foi apresentado o testemunho do patologista francês Auguste François Chomel (1788 – 1858), que viu alunos sofrerem de disenteria

¹⁰² CHALHOUB, Sidney. Op. cit. p.170-171.

¹⁰³ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1869. Op. Cit.

após fazerem a autópsia do cadáver de um homem que morrera asfixiado. Afirmações como estas eram corriqueiras, como podemos perceber no trecho abaixo:

“ (...) Exemplos destes não faltam nos annaes da sciencia, porém, buscando esquivar-me á citação, apenas referirei mais um contador por Navier, e sucedido em Abril de 1773 na igreja de S. Saturnino, em Saulieu , em o qual narra ele que, abrindo-se na ocasião de uma inhumação dois caixões, tão forte foi o cheiro exalado, que os assistentes se virão obrigados a sair; e de 120 meninos de dois sexos, que ai se achavam para receber e á 1ª comunhão adoecerão gravemente 114; que enfermam igualmente o vigário, sacristão, coveiro e mais de 70 outras pessoas 18 dos atacados.”¹⁰⁴

Pereira Rego, no referido relatório, narrou ainda que ao vistoriar uma das obras da companhia de esgoto, voltou se sentindo mal e indisposto. Afirmou que as pessoas que estivessem acostumadas a inalar estes gases, considerados causadores de males, provavelmente não adoeceriam por ocasião de uma epidemia. Porém, afirmou ainda, que no caso destas pessoas serem acometidas por febre amarela, os sintomas que sentiriam seriam mais graves e certamente poderiam morrer.

1.5.2 - Clima e geografia da Cidade

Conforme já discurremos, no século XIX acreditava-se que a febre amarela era uma doença causada pelos miasmas. O clima e a geografia da cidade eram outros fatores frequentemente responsabilizados pela ocorrência de epidemias de febre amarela e de outras doenças. Geograficamente, a cidade do Rio de Janeiro encontrava-se situada entre vales e altas montanhas, com terras de “nível inclinado ou de baixadas” e outras terras situadas em “vales ou zona rural”, cercada a leste pelo oceano Atlântico e pela Bahia de Guanabara, e a Oeste Serra do Mar ¹⁰⁵. Benchimol situa a cidade no que ele classifica de “zona tropical e em uma planície baixa e pantanosa”¹⁰⁶. Ainda segundo esse autor, esses fatores, aliados ao calor e à umidade decorrentes da evaporação das águas das chuvas, do mar e dos pântanos, impediam o escoamento das águas. Menciona, ainda, que os pântanos eram temidos por serem considerados focos de miasmas e os morros também o eram por impedirem a circulação do ar.

¹⁰⁴ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1869. Op. Cit.. p.64.

¹⁰⁵ RIOS Filho, Adolfo Morales de los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Editora TopBooks, 2000. p.24.

¹⁰⁶ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos um Haussman Tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p.116.

Devido ao local em que a cidade do Rio de Janeiro estava situada, era grande a incidência de florestas, assim como de brejos, mangues e alagadiços. Adolfo Morales de los Rios Filho indica que entre as principais florestas próximas, no período oitocentista, encontravam-se a da Gávea, Tijuca Corcovado, Santa Teresa e Andaraí¹⁰⁷.

Rios Filho ainda discorre sobre o que denominou de “empobrecimento das florestas”¹⁰⁸ no início do século XIX, e sobre a política aplicada para a conservação das mesmas. Os médicos do período compreendiam que com a diminuição do número de florestas, o calor aumentaria, tendo em vista a maior irradiação do sol, o que acarretaria um desequilíbrio na evaporação, deixando a cidade mais quente e úmida. A umidade foi considerada pelo médico José Francisco Xavier Sigaud como “um agente ativo de destruição” e “primeiro dos modificadores atmosféricos”¹⁰⁹. Devido à umidade, a temperatura da cidade sofria variações repentinas, influenciando diretamente no cotidiano do carioca, o qual estava fadado a conviver com secas e também com chuvas torrenciais. E entre os estragos causados por tais tempestades podemos citar o aumento da incidência de moléstias.

Um desses efeitos danosos eram as inundações. Além do problema das chuvas torrenciais, dizia ainda Sigaud, havia a questão da topografia da cidade que estava situada em:

“grande parte abaixo do nível do mar e encravadas em grandes baías cercadas pelos morros e montes -, como também a inexistência de um nivelamento geral; cada rua, cada praça, cada casa. Tinha o seu nível referido ao ponto baixo ou alto que lhe ficava próximo”.¹¹⁰

Tais fatores contribuíam para que a água das chuvas não escoasse, ocasionando a formação de valetas ao longo das ruas e inundando as casas, trazendo assim a possibilidade de uma maior incidência de doenças.

A questão do clima era discutida pelos médicos da Junta Central de Hygiene Pública, que entendiam que o calor elevado causava a seca e a falta d’água. Na visão dos médicos os fatores climáticos influenciavam diretamente na saúde da cidade. Neste sentido, o Rio de Janeiro vivia a mercê do seu clima e de sua geografia:

¹⁰⁷ RIOS Filho, Adolfo Morales de los. *Op.cit* p.25.

¹⁰⁸ *Idem*, p.57.

¹⁰⁹ SIGAUD, José Francisco Xavier. *Do clima e das Doenças do Brasil ou estatística médica deste Império*. (Coleção História e Saúde; Clássicos e Fontes). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009. p.70.

¹¹⁰ *Idem*, p.38.

“(.....). Sendo incontestável pelos motivos referidos, quando tratei do mephitismo que esta Cidade reúne, pela construção do terreno em que está assentada, todas as condições as mais favoráveis á formação de emanções mephiticas vegetais nas camadas mais profundas, torna-se evidente que as escavações repetidas entreterão constantemente uma infecção tanto mais ativa e funesta, quanto maiores e mais próximas forem elas nos lugares, nos quais em tempos primitivos o solo era ocupado por lagoas, ou pântanos, onde as águas doces e salgadas se misturavam, como foi toda a área circundada pelos morros do castelo, santo Antônio, conceição, livramento, S. Diogo, Paula Mattos e Santa Thereza.”¹¹¹

Nesta citação, Sigaud afirmava a ideia de que as condições geográficas, aliada às escavações constantes da *Companhia City Improvements*, contribuía para agravar o estado sanitário da cidade. Apontava como soluções para este problema, além do maior empenho da companhia em corrigir suas falhas e fazer a limpeza, a realização pela Câmara de construção de mijadouros e de latrinas públicas para acabar com o mau cheiro nas esquinas da cidade e com os possíveis efeitos na saúde, decorrentes da decomposição da urina.

1.5.3 - Os cortiços

Na segunda metade do século XIX, houve uma grande proliferação de cortiços na cidade do Rio de Janeiro, que eram habitados pelas classes menos favorecidas que lá se estabeleciam por falta de condições financeiras. Os efeitos, daquilo que ao longo do tempo se transformaria em crise habitacional, eram mais agudos nas áreas centrais da cidade, áreas essas que abrigavam o maior número de habitações irregulares, de cortiços e também de estalagens e hospedarias. Estes espaços eram habitados por trabalhadores e por um número cada vez maior de imigrantes. Os cortiços eram construídos de forma amontoada, com sobras de material de construção. Eram úmidos e tinham fama de sujos. Essas habitações eram associadas constantemente à insalubridade, epidemias e a doenças, entre estas, a febre amarela¹¹².

A citação a seguir foi retirada de uma obra emblemática da literatura brasileira, *O Cortiço*, de Aluisio de Azevedo, e descreve bem a situação destas habitações:

¹¹¹ *Idem*, p.73.

¹¹² BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

“À proporção que alguns locatários abandonavam a estalagem, muitos pretendentes surgiam disputando os cômodos desalugados. Delporto e Pompeo foram varridos pela febre amarela e três outros italianos estiveram em risco de vida. O número dos hóspedes crescia, os casulos subdividiam-se em cubículos do tamanho de sepulturas, e as mulheres iam despejando crianças com uma regularidade de gado procriador.”¹¹³

Neste trecho, Azevedo referiu-se a temas muito presentes na sociedade carioca oitocentista e que nos são de largo interesse, como a imigração e a crise habitacional. Por outro lado, amparada pelas fontes e pela historiografia pertinente a esta questão, gostaríamos de analisar como a febre amarela foi associada a esses fatores e como essa correlação foi construída. E desta maneira pensar a doença como uma construção social.

Conforme vimos após a chegada da Família Real, a cidade passou por inúmeras transformações e por muitas melhorias. Houve um aumento populacional expressivo e a melhoria no sistema de transportes, despertando interesse dos comerciantes, e aumentando assim o número de imigrantes. A extinção do tráfico negreiro, em 1850, representou o início, ainda que gradual, da transição da mão de obra escrava para a assalariada. A cidade precisava então de trabalhadores para que as melhorias e os novos sistemas, como o de transporte, água e esgotos, fossem implantados. Os trabalhadores buscavam as áreas centrais para habitar e era nesses locais onde acontecia a vida urbana:

“Nesta época a estrutura urbana se resumia na aglomeração de atividades e populações no núcleo; só lentamente os transportes coletivos viabilizariam a expansão e o espaço começaria a se especializar, definindo áreas centrais (comerciais), residenciais e industriais. Em resposta à crise habitacional que se agravava, foi no centro que se multiplicaram as moradias possíveis para esta população: as *habitações coletivas*.”¹¹⁴

Lilian Vaz afirma que foi a necessidade de moradia barata e os altos aluguéis que fizeram com que alguns proprietários avaliassem determinados tipos de habitações populares como bastante lucrativas.

Na análise de Lia de Aquino Carvalho, os cortiços, as estalagens e as casas de cômodo, presentes na cidade do Rio de Janeiro, são vistas como habitações coletivas, ou seja, um espaço onde sob um mesmo teto ou terreno eram acolhidas diferentes famílias.

¹¹³ AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Online. Capturado 25/09/2012. Disponível na Internet: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000003.pdf> p.74.

¹¹⁴ VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, vol. xxix (127), 1994 (3.º), 581-597. p.582

A autora, assim como Benchimol¹¹⁵, nos informa que oficialmente os cortiços eram definidos, na época, por serem constituídos por pequenos quartos de madeira, com banheiro e lavanderia comum, e muitas vezes sem cozinha. Esse tipo de *habitação popular*¹¹⁶ primava pela falta de espaço e por ser amontoado e insalubre, sendo por isso mal vistos e condenados tanto pelo Governo Imperial quanto pelos médicos. As estalagens surgiram na cidade por volta de 1850 e era constituída por “um grupo de minúsculas casas térreas enfileiradas”; enquanto que as casas de cômodos eram casas que foram subdivididas internamente¹¹⁷.

De acordo com médico Antonio Martins de Azevedo, os cortiços, também conhecidos pelos moradores como “casinhas” ou quartos, estavam dispostos em uma ou duas filas localizadas, juntos a uma praça, com uma fonte ou um tanque, onde as mulheres lavavam roupas, e também uma latrina de uso comum. Com relação à ventilação e às condições dos cortiços, Antonio Martins destacava:

“Nas estalagens deste typo a ventilação póde ser suficiente, conforme as dimensões da praça, o lugar e a orientação; mas quando as filas de quartos paralelas, ligadas em uma das extremidades por outra fila perpendicular, guardão entre si um verdadeiro Valle de três ou quatro metros de largura e sete a mais de altura, então a cubagem é deficiente por insufficiencia de arejo e a humidade e o ar estagnado modificão profundamente a atmospherá daquelle epaço atulhado de mil objectos necessários á vida dos corticeiros.”¹¹⁸

O historiador Sidney Chalhoub faz uma análise serial e quantitativa, à luz da história social, em seu livro *Cidade febril: Cortiços e epidemias na corte imperial*, no qual tratou dos cortiços e das conotações pejorativas a eles atribuídas na Corte e da maneira como estes eram derrubados e combatidos. O autor afirmou que a princípio não existia uma definição exata para cortiço. Chalhoub discorre sobre como chegou a essa constatação e como atrelou a questão dos cortiços à febre amarela:

“(....) Inteiramente beócio em assuntos de saúde pública descobri com surpresa que na segunda metade dos Oitocentos, ao falar de cortiços os médicos higienistas mantinham a vista parcialmente voltada para os paquetes

¹¹⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Op. Cit.*

¹¹⁶ CARVALHO, Lia de Aquino. *Habitações Populares*. In: ROCHA, Oswaldo Porto e CARVALHO, Lia de Aquino. *A era das demolições*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. p.133-134.

¹¹⁷ VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social*, vol. xxix (127), 1994 (3.º), 581-597. p.583

¹¹⁸ PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *Op. Cit.* p.186.

que demandavam o porto do Rio. Temiam o desembarque da febre amarela. Tornou-se evidente aos poucos que cortiços e epidemias de febre amarela eram assuntos indissociáveis para os personagens eminentes do tempo de d. Pedro II, os cortiços supostamente geravam e nutriam “o veneno” causador do vomito preto”.¹¹⁹

Ainda segundo Chalhoub, os cortiços começaram a proliferar pelo Rio de Janeiro a partir de 1850 e 1860, em grande parte decorrente da imigração e do aumento de número de escravos forros. Neste período, iniciou-se uma discussão acerca da insalubridade da cidade, na qual os cortiços e habitações irregulares eram ferozmente atacados e responsabilizados por serem insalubres e pestilentos.

Os marcos temporais de nossa pesquisa, 1868-1869, são justamente o período durante o qual foi elaborada a visão que associava os cortiços a febre amarela. Lembramos ainda que a doença atingia impiedosamente os imigrantes, os quais ao chegar à cidade se instalavam nos cortiços. Portanto, podemos perceber que a doença, em suas primeiras epidemias, encontrava-se atrelada à presença do escravo, visto como sendo outro agente e principal alvo da propagação da doença, o imigrante.

Escolhemos outro trecho da obra de Aluísio de Azevedo, em que João Romão, enfurecido por outras questões, esbraveja com os carcamanos¹²⁰, moradores de seu cortiço:

“ Quero isto limpo! bramava furioso. Está pior que um chiqueiro de porcos! Apre! Tomara que a febre amarela os lamba a todos! maldita raça de carcamanos! Não de trazer-me isto asseado ou vai tudo para o olho da rua! Aqui mando eu!”¹²¹

A citação de Azevedo deixa evidente a preocupação do personagem com a limpeza de seu cortiço, o desdém pelos imigrantes e a associação da febre amarela à imundície e à sujeira. Sabemos que as primeiras epidemias de febre amarela foram associadas às questões religiosas e aos escravos, mas com o passar dos anos, passou-se a associar a doença aos estrangeiros, devido ao seu estilo de vida então considerado insalubre pelos médicos.

Conforme o Relatório da Junta Central de Hygiene Pública¹²², em 1868 o número de mortos por febre amarela entre os habitantes dos cortiços subiu para 913. O

¹¹⁹ CHALHOUB, Sidney. Op. Cit. p.8

¹²⁰ “Carcamano” era uma maneira pejorativa de classificar os imigrantes de origem italiana.

¹²¹ Azevedo, Aluisio. Op.cit. p.58.

¹²² REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Hygiene Pública. 1870. Op. Cit..p 52.

quadro abaixo, também divulgado neste documento, apresenta o número aproximado¹²³ de cortiços e as freguesias que tinham o maior número de habitantes e de cortiços, mapeando assim os lugares considerados mais insalubres na Cidade do Rio de Janeiro em 1868.

Número aproximado dos cortiços na Cidade do Rio de Janeiro em 1868

Freguesia	nº de cortiços	nº de quartos	nº de habitantes	Media de habitantes por cortiço	Media de habitantes por casinhas
Sant'Anna	154	2.661	6.458	41.9	2.4
Santo Antonio	69	1.587	3.558	51.4	2.2
Santa Rita	50	1.043	2.763	55.2	2.6
Glória	107	1.133	2.376	22.2	2.0
S. José	44	929	2.022	45.9	2.1
Espirito Santo	65	758	1.918	29.5	2.5
Engenho velho	42	458	769	18.3	1.6
Lagoa	45	268	733	16.3	2.7
SS. Sacramento	31	491	693	22.3	1.4
S. Christovão	35	313	639	18.2	1.8
Candelária	0	0	0	0	0
Total	642	9671	21929	32.12	2.33

Fonte: PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *Subsídios para o estudo de hygiene do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1890. p.187.

Este mesmo relatório ratificou que entre os 21.929 habitantes de cortiços, havia 13.555 homens e 8.371 mulheres, sendo 1852 adultos e 5.077 menores. Ainda de acordo com este relato, o número de estrangeiros nos cortiços era de 12.299, portanto maior que o número de “nacionais”, que era 9.630. O autor do documento, Pereira Rego, criticou os números desta tabela, a qual apresentava inexatidão quanto ao número de pessoas que habitavam em cortiços ou habitações irregulares, pois ainda havia aqueles que moravam em habitações construídas em quintais de casas sob as mesmas ou em piores condições e que não haviam sido contabilizados nestes números. A esse total, afirmou, acrescentaria mais uns 1000 casos, o que elevaria os números para mais de 23 mil pessoas morando em condições de insalubridade.

¹²³ O autor do relatório, José Pereira Rego, afirma categoricamente que não apresenta o número exato devido à “negligência” (palavras do próprio autor) com a coleta dos dados.

No período em questão, fica claro que, para Pereira Rego, a mortalidade estava associada à insalubridade, pois os números mostravam que as mortes ocasionadas por doenças eram ainda mais expressivas onde havia cortiços. O relatório nos mostra que havia mais mortalidade por doenças nas freguesias cujos cortiços eram mais sujos, como a de Santa Anna e a de Santa Rita, freguesias estas que se situavam nas regiões mais centrais da cidade. Com relação à freguesia de Santa Anna, Lia de Aquino esclarece que essa freguesia era a mais populosa, onde predominavam as atividades artesanais, manufatureiras e de comércio varejista. Em relação à Freguesia de Santa Rita, a autora afirma que seu crescimento se deu pelo mesmo motivo e que além das oficinas, ali se encontravam as “casas de comércio de café, trapiches e estaleiros”¹²⁴. De acordo com os relatórios da Junta Central de Hygiene Pública, outras Freguesias, como a de Santo Antonio, da Glória, de São José e do Espirito Santo, que baseavam sua economia na manufatura e no artesanato, não apresentavam péssimas condições de saúde, segundo os médicos. Mas, por outro lado, o número de vítimas era proporcional à grande quantidade de habitantes de cortiços nessas regiões. Ainda de acordo com Aquino, a freguesia do Engenho Velho era uma área de chácaras e sítios, e a de São Cristovão, local de residência da Família Real, era sobretudo uma área residencial.

Com relação ao possível diagnóstico de doenças relacionadas à desordem urbana, o historiador Jaime Larry Benchimol afirma que:

“ (...). Ao responsabilizar a desordem urbana pela degeneração da saúde não só física como “moral” da população, a medicina social diagnosticava causas naturais, relacionadas as peculiaridades geográficas do Rio de Janeiro, e, sobretudo, causas sociais, tanto no nível do funcionamento geral da Cidade como de suas instituições.”¹²⁵

Os médicos apresentavam questionamentos quanto à moradia e à higiene doméstica, e defendiam a ideia de que as casas deveriam ser arejadas e ventiladas, com encanamento próprio para água e esgoto a fim de se “espantar” as doenças.

1.6 - Soluções propostas

Conforme já vimos no trabalho da professora M^a Rachel Fróes da Fonseca, a Junta Central de Hygiene Pública foi criada com o intuito de atuar como um órgão

¹²⁴ CARVALHO, Lia de Aquino. Op.cit. p. 126.

¹²⁵ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p.116.

consultivo do Governo Imperial, para auxiliar nas questões de higiene, mas com o passar dos anos passou a controlar os serviços de higiene pública, atuando principalmente nos anos das epidemias de febre amarela¹²⁶. Entre 1868-1869, com o fantasma da doença assombrando a cidade e a possibilidade iminente de uma nova epidemia desencadeada pelos problemas apontados pelos sanitaristas, se fazia necessária a adoção de medidas com o objetivo de impedir seu avanço.

Percebemos nos relatórios que para os médicos o problema principal dos cortiços estava em sua localização e suas condições insalubres. Como exemplo, citaremos o caso do cortiço localizado na freguesia de São José, caracterizada no relatório em função de sua localização próxima a uma praia “imunda”, de suas ruas estreitas e mal ventiladas e da iluminação precária, devido à altura dos prédios, que eram estreitos e careciam de iluminação e ventilação “livre e regular”¹²⁷. No âmbito dos melhoramentos e soluções propostas, a questão dos cortiços era urgente e fugia da alçada médica de tal forma que na concepção dos membros da Junta Central de Higiene Pública, os melhoramentos executados nesses locais para atenuar o que eles classificavam como “epidemias importadas” (este termo confirma mais uma vez a opinião de que a febre amarela era uma doença importada e que atingia principalmente os estrangeiros), não seriam suficientes, tendo em vista a insalubridade desses locais, que apresentavam edificações inadequadas e um sistema de aterro impróprio. Desta forma, dada a dimensão do trabalho a ser feito nestas regiões e a ineficácia das medidas emergenciais, a proposta dos médicos era a de que a municipalidade atuasse com maior zelo em relação ao problema dos cortiços.

Com relação às obras da *City Improvements*, a principal recomendação feita pela Junta Central de Higiene Pública era o zelo. Os médicos sugeriam que estas obras fossem bem feitas, com a compra de materiais melhores para que não houvesse a necessidade de se reabrir os esgotos.

Preconizavam, também, que as bacias destinadas a receber as águas pluviais fossem maiores, para que as águas não se acumulassem nas ruas e nem se misturassem com o esgoto. Os médicos ainda cobravam soluções para os alagamentos das casas, e

¹²⁶ FONSECA, Maria Rachel Fróes da. A saúde pública no Rio de Janeiro Imperial. In: PORTO, Ângela; SANGLARD, Gisele; FONSECA, M. Rachel Fróes da; COSTA, Renato Gama-Rosa. *História da saúde no Rio de Janeiro: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008. p. 31-57.

¹²⁷ REGO, José Pereira. Relatório da Junta Central de Higiene Pública. 1870. Op. Cit..p 53.

para a falta de escoamento nas mesmas, um problema antigo que persistira mesmo depois das obras da companhia em determinadas ruas.

Quanto às condições climáticas e geográficas da cidade do Rio de Janeiro, humanamente não havia muito a ser feito, de tal forma que os médicos propunham soluções paliativas que poderiam apenas prevenir os transtornos causados pelo clima e pela geografia.

O trabalho de nivelamento das ruas e o assentamento dos terrenos, realizados pela Companhia *City Improvements*, era uma dessas soluções, pois com estas obras a água da chuva teria para onde escorrer, não ficando mais empçada e nem inundando as casas.

Outra solução seria o dessecamento do terreno que assentava a cidade, e a dissolução dos morros, tendo em vista o fato de que estes impediam a circulação do ar. Com relação às florestas, como vimos, os médicos perceberam que, com sua redução, o calor aumentava, desequilibrando a evaporação, aumentando a umidade e as secas e a falta d'água.

Reiteramos ainda que era bastante comum nos relatórios da Junta Central de Higiene Pública serem apresentadas as soluções propostas pelos médicos para deter o avanço da febre amarela. Soluções estas que muitas vezes eram expressas através das críticas e considerações dos médicos em relação ao que não deveria acontecer na cidade e não necessariamente como uma proposta “salvadora” no sentido *stricto sensu*. A crítica médica se posicionava de maneira mais ferrenha naquelas questões que na realidade não estavam sob a responsabilidade dos médicos, como a dos cortiços, que era um problema municipal, e a solução para as obras da Companhia *City Improvements* que fora entregue aos engenheiros.

Capítulo 2 – A Febre Amarela e o Rio de Janeiro nos *Annaes Brasilienses de*

Medicina

*“Em todos os tempos e em todas as idades da vida da Humanidade, ninguém poderá contestar o honroso prestígio de que sempre se cercou a ciência médica.”*¹²⁸

“Ao publicarem textos, os estudiosos registram o conhecimento (oficial e público), legitimam disciplinas e campos de estudos, veiculam a comunicação entre os cientistas e propiciam ao cientista o reconhecimento público pela prioridade da teoria ou da descoberta”.¹²⁹

Tendo em vista o processo de modernização implantado na Capital do Império ao longo do século XIX, era fundamental a criação de espaços institucionais, sendo eles privados ou não, para a promoção da cultura e da ciência na cidade do Rio de Janeiro. Estas instituições tiveram um papel importante na promoção de valores civilizatórios da ciência, aos quais “somava-se seu caráter utilitarista; a ciência deveria estar a serviço da modernização do país”, pois “além de assessorar os governos em várias matérias, e propaganda do ideário cientificista, as sociedades se converteram num espaço de institucionalização da ciência, estimulando debates científicos e divulgando o conhecimento através de publicações”¹³⁰. Neste sentido e para abranger especificamente a área da medicina, foi criada em 1829 a Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, com o intuito de reunir a classe médica, a fim de debater questões acerca da saúde pública e do exercício da medicina, ampliando através desta o papel do conhecimento médico naquela sociedade.

Os fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro foram: Joaquim Cândido Soares de Meirelles, Luís Vicente de Simoni, José Francisco Xavier Sigaud, José Martins da Cruz Jobim, João Maurício Faivre, Jacintho Rodrigues Pereira Reis, Antônio Américo D’Urzedo, Octaviano Maria da Rosa, Cristóvão José dos Santos, Antônio Martins Pinheiro, Antônio Joaquim da Costa Sampaio, José Maria Cambuci do Valle, José Augusto Cezar de Menezes, João Alves Carneiro, Fidélis Martins Bastos,

¹²⁸ Hontem e Hoje. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.281, jan. 1869.

¹²⁹ FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez. 2006. p.54.

¹³⁰ FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p.475-491, nov. 1997. p.477. Online. Capturado em 3 jan. 2013. Disponível na Internet:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701997000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

Joaquim José da Silva e José Mariano da Silva. A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro tinha como membros honorários: José Bonifácio de Andrada e Silva, Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Antonio Ferreira França, Karl Friedrich Philipp Von Martius e Isidore Geoffroy Saint-Hilaire¹³¹. Em decreto assinado em 08 de maio de 1835, esta passou a se chamar Academia Imperial de Medicina (AIM).

Os principais integrantes da sociedade não atuavam unicamente no campo médico, pois estavam também ligados à política, ao comércio, e impreterivelmente eram homens da Corte. Estar na AIM, além de artifício político, era também sinal de prestígio para a elite médica e abria portas para outras instituições e esferas da vida pública. Os médicos da cidade do Rio de Janeiro faziam parte da sua vida social e cultural, e estabeleciam entre si relações cordiais, estreitando laços e buscando legitimação e prestígio na sociedade. Autores como Tânia Salgado Pimenta¹³², Gabriela dos Reis Sampaio¹³³ e o de Márcio de Sousa Soares¹³⁴, que trabalham temas de História da Ciência por um viés da cultura popular, enfatizam que o exercício da medicina no Rio de Janeiro do século XIX, era bastante restrito, pouco acessível e, principalmente, não tinha a confiança da população, que optava por se tratar com curandeiros, sangradores e mezinheiros.¹³⁵

Márcio de Sousa Soares salienta que isto ocorreu em decorrência da influência da religiosidade na questão da doença. O autor ainda enfatiza que nesse período era comum a crença de que as doenças eram associadas a algo superior e que esse tipo de comportamento era comum mesmo na Corte, onde se encontrava a parcela da população que tinha melhor acesso ao trabalho dos médicos¹³⁶. A cultura popular não é nosso objeto de trabalho, porém ao ler as conclusões de alguns desses autores acerca do comportamento dos médicos como cidadãos, ficam mais claras as relações estabelecidas por eles dentro da Academia Imperial de Medicina. E, desta maneira, compreendemos

¹³¹ **Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.** Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Online. Capturado em 21 jan. 2013. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

¹³² PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, (suplemento 1), p. 67-92, 2004.

¹³³ SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: um pai de santo na Corte Imperial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009.

¹³⁴ SOARES, Márcio de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. VIII, n.2, p. 407-38, jul./ago. 2001.

¹³⁵ Recebiam esta denominação aqueles que faziam “mezinhas”, ou seja, faziam ou aplicavam remédios caseiros com ervas medicinais e plantas.

¹³⁶ *Idem*. p.418.

que esta associação era utilizada pelos médicos como espaço de legitimação da carreira e de prestígio pessoal.

A interseção entre a medicina e a política, seria um traço marcante na configuração da elite médica brasileira no Império, uma vez que o que predominava nesse espaço seriam relações e práticas ligadas ao clientelismo e ao prestígio pessoal, ao invés de regras estabelecidas pelo mérito e que, segundo o Luiz Otávio Ferreira, deveriam ser despersonalizadas¹³⁷.

O interesse por legitimação e consolidação de uma elite médica no Rio de Janeiro levou os médicos a adotarem técnicas as quais aproximariam seu trabalho com às elites da cidade. Ao analisar este comportamento, Flávio Edler percebeu que:

“análise do comportamento das elites médicas do segundo reinado revelou que elas se empenhavam por traduzir a linguagem técnica e especializada das profissões para o mundo profano das oligarquias políticas, bem como procuravam consolidar dentro a corporação, o sentimento de pertencimento a um certo estrato social que se relaciona com a sociedade em geral através de uma ética de serviço”.¹³⁸

No âmbito das suas obrigações, a Academia Imperial de medicina tinha o dever de responder ao Governo Imperial sobre as questões de saúde. O decreto regencial, publicado em 08 de maio de 1835, estabeleceu a mudança de denominação para Academia Imperial de Medicina e destacou em seu Art. 15º que esta associação deveria apresentar respostas eficientes ao Governo Imperial, sobretudo com relação a epidemias, as “moléstias particulares de certos paizes, as episoótias”¹³⁹ e sobre questões específicas da medicina, que apenas poderiam ser respondidas por este órgão ou por professores da faculdade de medicina. Entre tais questões encontravam-se a “propagação da vacina” e “novos remédios” que deveriam antes de chegar ao público passar pelo crivo destes especialistas, assim como qualquer questão que pudesse auxiliar no progresso “dos diferentes ramos da arte de curar”¹⁴⁰. O Art. 29º deste decreto

¹³⁷ FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, Política, Ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11 (supl. 1), p. 93-107, 2004. p.98.

¹³⁸ EDLER, Flávio Coelho. *As Reformas do Ensino Médico e a Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. 1992. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo. p.20.

¹³⁹ Decreto de 8 de maio de 1835. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet:

<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=83055&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

¹⁴⁰ *Idem*.

ainda salientava que a Academia Imperial de Medicina receberia uma cota anual do Tesouro Público, sobre responsabilidade do Ministério do Império, para que fosse veiculado um periódico próprio¹⁴¹.

Esse periódico deveria publicar:

“(...) Os atos da Academia e os escritos sobre a ciência, ou estes sejam feitos por membros seus, ou por outros facultativos que os queira dar a luz; para premio das memórias que forem coroadas; e para as outras despesas: ficando a mesma academia obrigada a apresentar todos os anos ao referido ministério uma conta corrente da sua receita e despesa, a fim de se conhecer a aplicação dos seus fundos e estado das suas necessidades.”¹⁴²

Neste sentido, concordamos com Maria Helena Freitas que ao analisar a história do periódico científico no Brasil, afirma que a “comunicação sistematizada”¹⁴³ ocorria atrelada à estabilidade das instituições que tinham a mesma ou semelhante finalidade, e não de forma isolada. A Academia Imperial de Medicina, até meados do século, além de principal instrumento da política Imperial para as questões de saúde se tornou o árbitro das questões e inovações médico-científicas:

“Contribuindo tanto para sancionar novas tecnologias em diagnósticos terapêutica quanto novos conceitos e teorias estritamente voltados para o conhecimento da patologia brasileira. Tal como a Academia de Medicina de Paris, que lhe servira como figurino ela oferecia prêmios em competições.”¹⁴⁴

Podemos perceber, de forma clara, que os periódicos científicos que foram publicados a partir da década de 30 do século XIX eram intrinsecamente ligados às sociedades científicas instaladas no país e representavam um importante veículo de comunicação destas.

2.1 Breve esboço sobre os primeiros periódicos médicos na Cidade do Rio de Janeiro

¹⁴¹ *Idem.*

¹⁴² *Idem.* p. 69.

¹⁴³ FREITAS, Maria Helena. Op. Cit. p.95.

¹⁴⁴ EDLER, Flávio Coelho. A Natureza contra o Hábito: a ciência médica no Império. *Acervo. Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 153-166, jan/jun 2009. p.159.

Os periódicos médicos começaram a circular pela cidade do Rio de Janeiro, ainda na primeira da metade do século XIX. O *Propagador das Sciencias Medicas* ou *Archivo de Medicina, Cirurgia e Pharmacia* foi lançado em 1827, na Corte do Rio de Janeiro, tendo como editor José Francisco Xavier Sigaud, médico francês, e um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Este periódico, confeccionado na Tipografia Imperial e Constitucional de E. Seignot-Plancher, foi considerado o primeiro com o cunho científico a circular na cidade e foi veiculado até janeiro de 1828. A curta existência e o fracasso deste periódico, segundo Luiz Otávio Ferreira, teriam ensinado a Sigaud, que, para que um periódico científico desse certo no país, seriam necessários recursos financeiros e trabalhos disponíveis para serem publicados.

Ao longo do séc. XIX surgiram outras publicações periódicas dedicadas aos temas médicos, como *O Diário de Saude* ou *Ephemerides das Sciencias Medicas e Naturais* (1835), cujos redatores foram Francisco de Paula Candido (1805-1864), médico mineiro, presidente da Junta de Hygiene Pública, e deputado pela Província de Minas Gerais, e José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856); *Archivo Medico Brasileiro* (1844-1848), redigido por Ludgero da Rocha Ferreira Lapa (1819-1882), médico e bibliotecário da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; *Gazeta dos Hospitais* (1850), cujo redator principal foi Carlos Luiz de Saules (1824-1880), doutor pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro; *O Observador Medico-Cirurgico* (1860), redigido por Pedro Autran da Matta e Albuquerque Junior (1829-1886), doutor pela Faculdade de Medicina da Bahia, médico legista da Polícia da Corte; *Revista Obstetrica* (1861), cujo único volume foi redigido por José Mauricio Nunes Garcia (1808-1884), cirurgião e professor de anatomia descritiva da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; *Revista Medico-Cirurgica* (1862), redigida também por Pedro Autran da Matta e Albuquerque Junior; *Gazeta Medica do Rio de Janeiro* (1862), dos redatores Matheus Alves de Andrade (1832-1871), cirurgião-mór de brigada na Guerra do Paraguai e cirurgião da Casa de Saúde Nossa Senhora da Ajuda, Francisco Pinheiro Guimarães (1832-1877), médico, 1º cirurgião da Armada e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Antônio Correa de Souza Costa (1834-1884) opositor e lente da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e João Vicente Torres Homem (1837-1887), médico e professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro; *Revista do Atheneu Médico* (1865) redigida pelos doutores Antônio Correa de Souza Costa, Cláudio Velho da Motta Maia (1843-

1897), médico da Imperial Câmara, e outros; e *Anuários* (1868), redigida pelo médico João Vicente Torres Homem¹⁴⁵.

Luiz Otávio Ferreira ainda nos mostra que foi com a criação da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ), em 1829, que José Francisco Xavier Sigaud conseguiu realizar efetivamente seu projeto de um periódico médico, ao elaborar uma proposta de uma publicação para aquela associação. Este novo jornal médico foi o *Semanário de Saúde Pública* (1831-1833), jornal este que era publicado sempre aos sábados, e teve como redatores Fidélis Martins Bastos (1791-1847), médico do Hospital Militar da Guarnição da Corte e da Imperial Câmara de D. Pedro I, e José Maria Cambuci do Valle (1791-1837), professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e cirurgião-mor do Exército. Em novembro de 1833, foi anunciado o término da publicação do *Semanário de Saúde Pública*, o que pode ter representado para os acadêmicos um sinal de enfraquecimento da instituição, como destacou Luiz Otávio Ferreira¹⁴⁶.

Em abril de 1835 foi lançado, mesmo sem o apoio do Governo Imperial, o primeiro número de um novo veículo da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, a *Revista Médica Fluminense*. Neste mesmo ano, pelo decreto de 8 de maio, a SMRJ passou a ser denominada Academia Imperial de Medicina, teve aprovados seus estatutos, a partir dos quais foi definido o recebimento de uma subvenção do Tesouro Público, e a criação da seção de farmácia.

Percebemos que estas mudanças e problemas ocorridos com a publicação oficial da SMRJ reforçam a idéia de que as associações, mesmo as de caráter privado como a então Academia Imperial de Medicina, necessitavam do apoio do Governo Imperial para manter suas publicações. Este, por sua vez, amparava essas associações científicas como parte de seu projeto de modernização e civilização, uma vez que esse tipo de associação funcionaria como um “agente de promoção de atividades cultas no Novo Mundo”¹⁴⁷.

A *Revista Médica Fluminense*, de responsabilidade da Academia Imperial de Medicina, cuja edição ficou sob os cuidados de Joaquim Cândido de Soares Meirelles (1797-1858), médico mineiro e um dos fundadores da Sociedade de Medicina do Rio de

¹⁴⁵ LIMA, Agostinho José de Sousa. *Livro do centenário*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. vol.2.

¹⁴⁶ FERRERIA, Luiz Otávio. 2004. Op. Cit. p.99.

¹⁴⁷ FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. Op. Cit. p.477.

Janeiro. A revista por sua vez, adquiriu um caráter corporativo, dando ênfase aos interesses profissionais e institucionais acadêmicos, o que, segundo Ferreira, esta postura era reflexo da conduta dos editores da publicação:

“O editor da RMF era Meirelles, o próprio presidente da AIM, cujo estilo de direção foi muito menos liberal e pedagógico do que o adotado pelo seu antecessor. Por isso mesmo ele fazia questão de advertir aos possíveis colaboradores de que era sua intenção corrigir todos os manuscritos que fossem apresentados em “língua Barbará”, estranha à da ciência.”¹⁴⁸

A concessão, submissão ou subordinação existente dos médicos da cidade do Rio de Janeiro frente ao projeto centralizador Governo Imperial nos leva a entender que tais concessões feitas às classes médicas, sobretudo das sociedades de medicina como a Academia Imperial de Medicina, eram necessárias, uma vez que sem o apoio do Governo Imperial era praticamente impossível que tais grupos se mantivessem na cidade. Além disso, recebendo o apoio do Governo, os médicos também tinham alguns privilégios.

A *Revista Médica Fluminense* encontrara percalços em seu caminho e como uma das soluções apresentadas pelos médicos para solucionar tais problemas foi a nomeação de um segundo editor para a revista, para o qual foi nomeado, em 1839, o médico José Pereira Rego (1816-1892). Também foi anunciado um aumento expressivo do número de assinantes da revista, que chegaria a alcançar o total de 210 assinantes. A revista continuou em circulação até 1841, quando deu lugar à *Revista Médica Brasileira*. Tal mudança no nome da revista não foi em vão, uma vez que os subsídios, há tempos buscados junto ao Governo Imperial, finalmente haviam sido conseguidos. Porém, os custos com o periódico ainda era a maior despesa da Academia Imperial de Medicina, e os recursos recebidos não eram suficientes para manter o mesmo. A publicação da *Revista Médica Brasileira* foi mantida até março de 1843.

A *Revista Médica Fluminense* circulou de 1835 a 1841, quando teve seu nome alterado para *Revista Médica Brasileira* (1841-1842). Em 1845, a publicação foi retomada com a denominação *Annaes de Medicina Brasiliense* 1845-1849, com um novo formato, apresentando duas partes, uma referente às atas e trabalhos da Academia, e outra com os artigos de medicina, cirurgia, farmácia, e ciências naturais. Em 1849 a

¹⁴⁸ FERREIRA. Luiz Otávio. 2004. Op. Cit. p.100.

publicação passou a denominar-se *Annaes Brasilienses de Medicina*, sob a qual centraremos nosso estudo. Esta circulou até 1885, quando passaria a ser intitulada como *Annaes da Academia de Medicina*¹⁴⁹.

Finalmente, após dois anos sem uma publicação oficial da Academia Imperial de Medicina, os *Annaes Brasilienses de Medicina* foram lançados, sob uma perspectiva diferente e renovada. A revista, que a princípio não tinha muita regularidade, publicava trabalhos apenas apresentados pelos seus sócios, estava aberta então à colaboração externa, e uma vez por ano apresentava o resumo das atividades da academia. De acordo com Luiz Otávio Ferreira, este periódico não tinha o mesmo caráter dos jornais de cunho médico e científico que haviam sido publicados anteriormente. Uma das características marcantes dos periódicos médicos, lançados a partir da década de 50 do século XIX, era a ausência de um espaço para a opinião leiga em suas páginas, pois esses periódicos eram fundamentalmente escritos e assinados por especialistas. Como bem nos recorda Monique Siqueira Gonçalves, o tema das epidemias era constante nestes periódicos, assim como o da luta dos médicos contra aqueles que eram considerados charlatães¹⁵⁰.

2.2 Os *Annaes Brasilienses de Medicina*

Os *Annaes Brasilienses de Medicina*, periódico mensal impresso a princípio na Typographia de Francisco de Paula Brito, passou a partir de 1849 a ter uma predominância de artigos estrangeiros. Foram publicados, até o ano de 1885, 32 volumes dos *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Por conta de crises financeiras e de desentendimentos com a Tipografia de Francisco de Paula Brito¹⁵¹, a edição da revista foi interrompida entre outubro de 1854 e março de 1856. A publicação retornou em 1857 com um novo redator, o médico Luis

¹⁴⁹ **Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.** Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Online. Capturado em 21 jan. 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

¹⁵⁰ Ver mais em: GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevrozes” e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011.

¹⁵¹ De acordo com Monique Siqueira este desentendimento ocorreu devido aos baixos valores pagos à Tipografia de Francisco de Paula Brito. Por considerar que este jornal não trazia lucros, mas apenas prejuízos, optou-se por suspender a publicação. Ver mais: GONÇALVES, Monique de Siqueira. *A febre amarela e o poder público e a Imprensa durante a década de 1850, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p.93

Vicente De Simoni (1792-1881), e com novos ares, na busca de que conseguisse despertar um maior interesse dos médicos pela publicação, bem como atrair a população da cidade do Rio de Janeiro.

Monique Gonçalves destaca que mesmo com todo o empenho, o periódico não conseguiu se erguer como pretendia:

“(…) Mesmo com a inserção da uma seção voltada para a publicação de artigos editados em jornais médicos estrangeiros, com a atualização dos resumos das sessões da Academia, que desde o início dos anos 50 eram publicados com mais de um ano de atraso, e com o aumento da consignação paga ao impressor Paula Brito para 1.000\$ (além de uma compensação de 500\$ pelas perdas por eles sofridas), o periódico não se ergueria.”¹⁵²

Contudo, mesmo com os problemas enfrentados, os *Annaes Brasilienses de Medicina*, por serem o periódico oficial da Academia Imperial de Medicina, garantiam à revista prestígio e legitimidade entre a elite médica. Seus artigos eram escritos por médicos renomados, muitos deles membros da Academia Imperial de Medicina, com seus trabalhos reconhecidos e valorizados dentro da classe médica, como José Pereira Rego, que falaremos melhor adiante, Francisco de Paula Cândido, Roberto Jorge Haddock Lobo (1817-1869), médico e membro da Comissão Central de Saúde Pública, Robert Christian Berthold Ave-Lallemant (1812-1884), médico da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, e Antônio José Pereira das Neves (1814-1882)¹⁵³, médico do Hospício de Pedro II.

A medicina francesa neste período buscava ampliar a pesquisa e o ensino universitário e era o grande parâmetro e a maior influência da medicina no Rio de Janeiro. Os fundadores da AIM eram formados em Montpellier (França) e em Coimbra (Portugal). Mesmo tendo o modelo francês como principal parâmetro, a medicina na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil ainda encontrou dificuldades para se firmar. No Império, o ensino da medicina se “reduzia” a duas instituições: a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Medicina da Bahia, localizadas respectivamente no Rio de Janeiro e em Salvador. Segundo Odaci Luiz Coradini, não havia muitas condições para o desenvolvimento das pesquisas médicas:

¹⁵² GONÇAVES, Monique de Siqueira. 2005. Op. cit p.95

¹⁵³ **Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro.** Op. Cit.

“As apropriações e os usos práticos da academia dependem dessas condições, e também da condição mais geral de se tratar de um meio social inicialmente escravista e, posteriormente, oligárquico.”¹⁵⁴

Entretanto, os periódicos médicos publicados nesta época no Rio de Janeiro, eram uma forma de demonstrar o domínio dos médicos sobre a medicina, sobre o conhecimento médico. Flávio Edler destacou, entretanto, que não devemos procurar nos periódicos especializados da época nem originalidade nem “independência intelectual”¹⁵⁵.

Podemos ampliar a nossa reflexão e enfrentar o caso da medicina brasileira por outro viés, que nos levará a observar uma característica peculiar em nossa medicina. Ao associarmos a atividade científica ao trabalho profissional como “práticas inseparáveis”¹⁵⁶, podemos perceber como a medicina foi importante para a ciência do século XIX, uma vez que era uma das poucas alternativas para aqueles que se interessavam por ciência¹⁵⁷.

Em meio às adversidades enfrentadas, era esse o quadro da medicina na cidade do Rio de Janeiro na segunda metade dos oitocentos, na qual os médicos buscavam legitimação e estratégias para alcançar a mesma. A revista *Annaes Brasilienses de Medicina*, além de uma forma de legitimação foi a maneira pela qual a AIM encontrou para se comunicar com a sociedade. Nas palavras de Monique Siqueira Gonçalves a revista:

“Apresentara-se, durante todo o período, como um órgão representativo das expectativas corporativas desta instituição. Neste âmbito, assuntos relativos à higiene pública, à legitimidade profissional e à medicina nacional seriam o foco dos artigos publicados nesse periódico, que se voltava para o governo monárquico em busca de apoio e consolidação das perspectivas profissionais da *elite médica* carioca, em torno da legitimação da medicina acadêmica.”¹⁵⁸

¹⁵⁴ CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 35, p.3-22, jan./jun. 2005.

¹⁵⁵ EDLER, Flávio Coelho. 2009. Op. Cit. p.157.

¹⁵⁶ FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. 1997. Op. Cit. p.477.

¹⁵⁷ *Idem*. p.477.

¹⁵⁸ GONÇALVES, Monique de Siqueira. *Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2011. 244p. p. 114.

Diferentemente da imprensa de grande circulação no século XIX, que de uma maneira geral era utilizada para expressar opiniões diferenciadas, era palco de debates políticos e tinha um papel bastante centralizado, as revistas médicas especializadas, além disso, buscavam a legitimação profissional.

2.3 – Redatores, colaboradores e a febre amarela nos *Annaes Brasilienses de Medicina*

Gostaríamos de ressaltar um pouco a trajetória de alguns dos médicos que discorreram sobre o assunto da febre amarela em artigos na revista *Annaes Brasilienses de Medicina* nos anos de 1868-1869. Selecionamos os médicos Nicolau Joaquim Moreira, José Pereira Rego, Fernando Francisco da Costa Ferraz e Luiz Vicente De Simoni, que além de médicos influentes, foram autores de diversos estudos e discursos acerca da doença, além de terem exercido um papel de destaque nas ações de combate à febre amarela.

Com relação à vida acadêmica de Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894), ingressou no curso de farmacêutico na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1840 e após a conclusão deste curso passou para o curso de médico, tendo se doutorado em 1847 com a tese intitulada *Breves considerações sobre a febre escarlatina*. Atuou como médico, tendo sido nomeado, em 1852, 2º cirurgião da Corte, e três anos depois ter integrado a comissão sanitária da Freguesia de Sant' Anna. Combateu a escravidão, tendo sido secretário da Sociedade Brasileira Contra a escravidão, vice-presidente da Sociedade Emancipadora, e membro e presidente da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional. Nicolau Joaquim Moreira ingressou na Academia Imperial de Medicina em 1859.

Em sua dissertação de mestrado, Silvio Cezar de Souza Lima afirmou que a participação de Nicolau Moreira na Academia Imperial de Medicina foi bastante ativa, uma vez que o médico:

“(…) Apresentou boa produção intelectual no periódico da agremiação médica, o que lhe rendeu o respeito profissional dos seus pares. Seus artigos versavam principalmente sobre temas ligados à higiene. Entre os principais estavam as doenças epidêmicas como a febre amarela, assuntos morais como o aborto,

a educação da mulher, o elemento moral na civilização, considerações sobre o suicídio e em 1869, escreve a memória sobre miscigenação Questão étnica-antropológica, cuja relevância para o entendimento do pensamento de Nicolau Moreira justifica o detalhamento de seu processo de criação.”¹⁵⁹

Além de seus numerosos artigos sobre o tema da febre amarela, publicados nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, Nicolau Moreira também escreveu sobre temas relacionados à agricultura em periódicos como *O Auxiliador da Indústria Nacional*, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, e a *Revista Agrícola*, do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, tendo atuado também como redator em ambas as publicações.

Quando o assunto era saúde pública e a luta contra a febre amarela na segunda metade do século XIX, o nome de José Pereira Rego (1816-1892) era considerado um importante referencial. Natural do Rio de Janeiro, ele ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1833, e doutorou-se em 1838 com a tese *Dissertação sobre os phenomenos obtidos pelos diversos methodos de exploração do coração dos mesmos phenomenos ao diagnostico d’algumas affecções do mesmo órgão, mais frequente*. Pereira Rego ingressou na Academia Imperial de Medicina como membro titular em 1840. Realizou inúmeros trabalhos no campo da saúde pública, foi membro da Comissão Central de Saúde Pública e um dos médicos responsáveis pelo planejamento de medidas de contenção da febre amarela que, conforme vimos, havia feito inúmeras vítimas na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1850. Foi também presidente da Junta Central de Higiene Pública e Inspetor de Saúde do Porto. Sua experiência e presença constante no cuidado às vítimas de doenças, como a febre amarela e o cólera-morbus, serviram para a elaboração de seus trabalhos, entre estes a *Memória Histórica das epidemias de febre amarella e Cholera-morbus que tem reinado no Brazil*, de 1873.

Uma vez que Pereira Rego lidava diretamente com questões referentes à saúde pública, foi também um dos críticos das obras realizadas pela companhia de esgotos *City Improvements*. O médico reconhecia as melhorias das obras realizadas pela empresa na capital do Império, porém apontava suas falhas, sobretudo as que prejudicaram a salubridade do Rio de Janeiro. Em 1873, Pereira Rego foi nomeado

¹⁵⁹ LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005. p.48.

inspetor geral do Instituto Vacinico do Império, e ainda chefiou o consultório Infantil da sala do banco do Hospital da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro.

No âmbito das publicações periódicas, Pereira Rego atuou como redator, auxiliar e/ou colaborador em todos os periódicos veiculados pela Academia Imperial de Medicina, inclusive naqueles anteriores aos *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Foi conselheiro de Sua Majestade, o Grande do Império e médico Honorário da Imperial Câmara, além de ter sido membro do Partido Conservador e vereador da Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Aos 58 anos recebeu o título de Barão do Lavradio por seu trabalho de combate à febre amarela, e em 1877 seu título foi elevado à honra de Grandeza pela Princesa Isabel¹⁶⁰.

Outra trajetória médica que gostaríamos de destacar é a de Fernando Francisco da Costa Ferraz (1838-1907), doutor em medicina e membro da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro. Autor da tese inaugural *Anatomia pathologica do cancro e da concroide; Histologia das artérias; Balsamo de copahiba considerado pharmacologica e therapeuticamente; Leite, sua composição, conservação, falsificação e meios de reconhece-la* (1862), do estudo *Appreciação medico-legal da analyse das vicerias do cadáver de Antonio José dos Passos, feita pelos peritos privativos e juramentados da policia da Corte* (1866), e de *A salubridade da capital do Império e os cortiços* (1884). Costa Ferraz foi médico legista, autor de um processo de embalsamento, médico da Associação Municipal Protetora da Infância Desvalida, médico da 1ª classe do Exército e Cirurgião-Tenente do 5º Batallhão (1865).

Em 1868 o médico legista foi enviado ao Hospital da Misericórdia para avaliar os casos de óbitos ocorridos na embarcação *Creola del Plata*, uma vez que havia suspeita por parte dos médicos da Academia Imperial de Medicina de que tais mortes tivessem ocorrido por envenenamento ou em decorrência da febre amarela. Costa Ferraz foi um dos redatores da *Revista da Sociedade Jockey-Club*, da qual foi membro fundador, e também dos *Annaes Brasilienses de Medicina* e dos *Annaes da Academia de Medicina*, nos quais publicou trabalhos importantes, entre os quais podemos destacar *O novo Hospital de Jurujuba* (1889).

E por último gostaríamos de enfatizar um pouco o perfil do médico Luís Vicente De Simoni (1792-1881). Genovês, apaixonado pelo belo canto e música lírica, se interessava por botânica, tendo se formado em medicina na Università di Genova e

¹⁶⁰ Ver mais em **José Pereira Rego**. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 28 mar. 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

aperfeiçoado seus estudos na Università de Pavia. Veio para a cidade do Rio de Janeiro em 1817 e no ano seguinte foi nomeado ajudante médico do Hospital da Santa Casa da Misericórdia. De Simoni foi físico-mor em Moçambique, onde realizou estudos sobre a relação entre a saúde e a alimentação, diretor do Serviço Sanitário da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e um dos fundadores e secretário da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. E, assim como José Pereira Rego, integrou a Comissão Central de Saúde Pública.

De Simoni foi médico e professor consultador da Casa de Saúde Saco de Alferes, na cidade do Rio de Janeiro, dirigida por José Francisco Xavier Sigaud. Foi membro da Sociedade Amante da Instrução, que tinha por finalidade gerar e resguardar a instrução de crianças órfãs e pobres. Ele participou da congregação de fundação do Imperial Colégio Pedro II, para o qual foi nomeado professor de língua e literatura italiana, em 1855, e lecionou latim para as filhas do Imperador, as princesas Isabel e Leopoldina Thereza.

Foi colaborador da *Revista Médica Fluminense* e também da revista *Astréa* (1826), *L'Tride Italiana* (1854). Entre seus escritos acerca da febre amarela, podemos mencionar *Descrição da febre amarella que tem reinado epidemicamente no Rio de Janeiro nos primeiros mezes do corrente anno* (1850), e *Factos relativos ao contagio da febre amarella e às medidas sanitárias contra ella, extrahidos do relatório de uma commissão medica, ultimamente publicado em Genova, communicados em breves observações* (1850-1851), publicado nos *Annaes Brasilienses de Medicina* nos anos de 1850-1851¹⁶¹.

Além destes médicos, outros também escreveram e debateram sobre o tema da febre amarela nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, tema este que sempre esteve em pauta neste periódico, desde a ocorrência da primeira epidemia de febre amarela na Capital do Império em dezembro de 1849.

2.4 - A febre amarela nos *Annaes Brasilienses de Medicina* entre 1868-1869

O problema da febre amarela esteve sempre presente na pauta dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, sendo que em alguns anos percebemos que este assunto

¹⁶¹ Ver mais em: RODRIGUES, Eugénia. Alimentação, Saúde e Império. O físico-mor Luís Vicente de Simoni e a nutrição dos moçambicanos. *Arquipélago. Revista da Universidade dos Açores. História*. 2ª Série, v.IX-X, p.617-656, 2005-2006. Online. Capturado em 21 dez. 2011. Disponível na Internet: http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/436/1/Eugenia_Rodrigues_p621-660.pdf e em **Luis Vicente de Simoni**. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 28 mar. 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

aparecia de forma constante nas páginas da revista e em outros, aparecia de forma esporádica. Esses artigos continham questionamentos acerca da natureza da doença, seus tratamentos, e como esta vinha sendo tratada em outros lugares do mundo.

O assunto da febre amarela, presente em um grande número de matérias e publicações após a chegada da doença na cidade do Rio de Janeiro em 1849, é considerado por Monique Gonçalves como um dos motivadores para as mudanças na forma de escrita de revistas médicas como os *Annaes Brasilienses de Medicina*. As matérias publicadas colocavam em evidencia diversos assuntos relativos à doença, apresentavam argumentos e estabeleciam discussões sobre suas causas e sua manifestação.

Conforme mencionamos no capítulo anterior, o ano de 1868 foi o ano em que houve o retorno da febre amarela à cidade, embora não tenha sido uma grande epidemia. Porém, os efeitos devastadores das anteriores mantinham a classe médica em constante atenção a qualquer indicio da doença, embora com o período de trégua e calma que se instaurou no início da década de 60, tenham sido poucos os casos da doença. Entre os anos de 1861 e 1866 houve 62 casos com apenas 3 mortos.

O quadro abaixo¹⁶² retrata em números os dados sobre mortalidade por doenças, na cidade do Rio de Janeiro, apresentados por Nicolau Moreira na sessão da Academia Imperial de Medicina de 23 de março de 1868, publicada nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, os quais demonstravam um baixo número de mortos por febre amarela no ano de 1868:

Nº de óbitos por doença no primeiro trimestre de 1868	
Tuberculos pulmonares	305
Tuberculos mesentericos	64
Febre Tifóidea	101
Tifo	11
Febre Amarela	1
affecções gastro entéricas	302
Cólera	74

Em alguns números da revista deste ano, os próprios médicos alertavam sobre a falta de matérias e discussões sobre o tema. Na edição de junho de 1868, foi publicada a

¹⁶² Quadro elaborado a partir dos dados de: Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.9-17, jun. 1868.

sessão de 23 de março da Academia Imperial de Medicina, na qual Nicolau Moreira lamentou a falta de discussões sobre o tema, tanto naquela sociedade quanto nos *Annaes Brasilienses de Medicina*. Sob seu ponto de vista, era considerado extremamente sério, pois discutindo acerca de moléstias e das variações atmosféricas, seria possível relacionar as doenças a estas variações e explicar sua transformação ao longo dos anos e assim ajudar a resolver as dificuldades que havia para o diagnóstico de algumas delas devido a essas mutações. Em tese, Nicolau Moreira sugeria que os fenômenos meteorológicos estariam influenciando diretamente nas mutações das doenças, como as febres perniciosas ou tifoide, e as tornando mais agressivas e que, portanto, deveriam ser observados e discutidos na AIM.

As mudanças também podiam ser percebidas no tratamento da doença, uma vez que os métodos de tratamento e as medicações utilizadas, que antes eram eficazes, se tornaram ineficazes devido a resistência da doença para com esses medicamentos. Os casos de mutação nos sintomas que ocorriam em algumas doenças era motivo de discussão constante nas páginas dos *Annaes Brasilienses de Medicina* e uma preocupação para os médicos da época, como demonstra o mesmo Dr. Moreira quanto a essa questão:

“É por isso que por ahi há quem pergunte: será isto uma substituição do Cólera? Ou será o cólera modificado tomando o aspecto e caráter das moléstias do pais? Ou será que o cólera não é se não uma espécie de febre perniciososa ou tifóidea, pois que ele no fim se complica com elas ou nelas se traduz como a observação tem mostrado?”¹⁶³

Nicolau Moreira usou este questionamento para defender a ideia de que as discussões sobre doenças, como a cólera ou a febre amarela, e sobre assuntos climáticos não fossem esquecidas pela AIM e nem discutidas apenas durante as epidemias, já que ao seu ver eram as mudanças climáticas que alteravam e/ou intensificavam os sintomas das doenças. Não somente este médico, mas outros, como João Ribeiro de Almeida (1829-1908), nascido no Rio de Janeiro, cirurgião médico do Corpo de Saúde da Armada, da Imperial Câmara e membro do conselho do Imperador D. Pedro II, e Carlos Antonio de Paula Costa (1844- ?), médico, bibliotecário da Faculdade de Medicina do

¹⁶³ Moreira, Nicolau. Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.10, jun. 1868.

Rio de Janeiro, redator-principal e fundador do periódico *A Mãe de Família: educação da infância, hygiene da família, e modas para crianças* (1880-1881), organizador da Exposição Médica Brasileira (1884) e criador do curso de Higiene popular para as classes operárias, realizado em uma escola noturna na Freguesia da Lagoa, também manifestavam suas inquietações quanto ao aumento do número de mortes nos últimos 5 ou 6 anos por febres perniciosas e tifoides. A justificativa para este aumento seria a de que este acontecia sempre nos países “quentes e paludosos”, onde doenças como o tifo era um misto de sintomas e de complicações.

Fato é que nem todas as opiniões dos médicos estavam de acordo, pois havia muitas querelas entre eles. Pereira Rego, contrapondo-se às estatísticas e aos números apresentados por Nicolau Moreira, afirmou, na mesma sessão, que acreditava que tais números eram imprecisos, pois que eram retirados de “papeletas dos hospitais” e dos “atestados de óbitos”. Segundo este médico, muitas vezes ao dar alta aos pacientes essas papeletas não expunham o seu real estado e assim não se sabia se esses pacientes saíam dos hospitais e das casas de saúde curados ou “somente melhorados”, ou até mesmo se ainda estavam doentes. O médico salientava que muitos daqueles que recebiam alta acabavam morrendo em casa ou retornavam ao hospital, o que aumentava as estatísticas de curados e, para agravar esse quadro, os diagnósticos inscritos nessas papeletas não representavam o real problema do doente. Logo, esses números a seu ver eram imprecisos.

Com relação à febre amarela, além da questão da mudança nos sintomas, os médicos da cidade do Rio de Janeiro, naquele período, buscavam identificar os fatores “responsáveis” pelo retorno daquela doença.

Nos debates médicos, desde a ocorrência da primeira epidemia de febre amarela no final de 1849, era também discutida a questão do contágio ou transmissão. O médico José Pereira Rego em seu livro *Febre amarella epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*, refere-se à questão do contágio ou não contágio, diferenciando a moléstia contagiosa da de infecção:

“Chama-se moléstia contagiosas toda aquella que se communica de individuo a individuo por um vírus fixo ou volátil, susceptível de ser disseminado no ar ambiente; e moléstia de infecção aquella que depende de causas locais, que não estende

sua influencia além das localidades onde aparece, e que é o resultado de um miasma, substancia até hoje desconhecida.”¹⁶⁴

Pereira Rego ainda salientou que era muito fácil confundir estes tipos de moléstias, dada as suas semelhanças, e assim considerava praticamente impossível separar o que era contágio do que era infecção.

Entre os fatores considerados responsáveis para a incidência da epidemia de febre amarela na cidade do Rio de Janeiro, em fins de 1850, estariam as condições higiênicas e o fato da doença ser importada. Pereira Rego e seus colegas argumentavam que, mesmo com todos estes fatores, a doença não chegaria ao local se não fosse importado para a capital do Império um foco de infecção.

De acordo com Sidney Chalhoub, os contagionistas recomendavam as quarentenas e o isolamento dos doentes de febre amarela, enquanto que os infeccionistas acreditavam que estas medidas eram ineficazes e recomendavam outras que impedissem a produção de miasmas e que modificassem as condições locais.

Sidney Chalhoub, afirma que no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, o debate contagionistas / anticontagionistas ainda estava muito presente entre os médicos, mas sob um novo olhar, pois após o retorno da febre amarela, em 1868/1869, acreditava-se também que este era um mal importado. Para Chalhoub, esta visão representava a tentativa de afirmar que o Império era “puro e saudável” até que um mal externo, um veneno estrangeiro, o infringisse. Neste sentido houve uma mudança na concepção de como o problema da febre amarela deveria ser enfrentado, ou seja o que deveria ser combatido era a causa da infecção:

“Aparentemente havia se formado um consenso sobre o que fazer diante da situação: era necessário um ataque total aos elementos causadores da infecção existentes no interior da cidade: Isto é, as fontes produtoras das temidas emanações miasmáticas”.¹⁶⁵

¹⁶⁴ REGO, José Pereira. *Febre amarela epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. p.53

¹⁶⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.p.86

Podemos perceber que o foco central dos médicos em suas observações, neste período, estava muito direcionado para a identificação de qualquer elemento que pudesse ser causador de enfermidades e prejudicar a salubridade pública na cidade.

2.4.1 Fatores responsáveis pelo retorno da febre amarela

Ao longo de todo o ano de 1868 e de 1869, o assunto febre amarela era abordado de forma recorrente nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, sendo em matérias específicas ou como parte integrante do debate nas sessões da Academia Imperial de Medicina, também publicadas. Conforme veremos nesse trecho desta dissertação, as obras da *Companhia City Improvements* e as chuvas que ocorriam seriam os motivos mais enfatizados como responsáveis pelo retorno da doença à cidade do Rio de Janeiro, bem como os principais fatores de sua propagação.

Um dos questionamentos dos médicos da Academia Imperial de Medicina, expresso nas páginas dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, era com relação à natureza da febre reinante. Nicolau Moreira apresentou na sessão da AIM, publicada na edição de junho de 1868 da revista, as duas causas que considerava como sendo as responsáveis pela volta da doença. A primeira seria o transtorno causado pelas obras de encanamento e saneamento da *Companhia City Improvements*; e a segunda causa seriam os aterros feitos com o lixo nas praças públicas. Essas causas já haviam sido discutidas e consideradas anteriormente:

“(...) causas ambas já antes por ele previstas e lembradas, na ocasião em que, nos annos anteriores, começavam a estabelecer-se esses encanamentos, advertindo então ao modo delles, do qual podião resultar grandes e graves inconvenientes em relação a salubridade publica; se juntamente com o estabelecimento dos canos de esgoto; se não introduzisse agua em todas as casas em quantidade sufficiente para poder desmanchar e levar comsigo as matérias fecaes, e de esgoto sem que estas ficassem detidas nos canos, e os entupissem, accumulando-se nelles nas ocasiões de chuvas raras e escaças, fazendo-as regorgitar e romper em vários pontos do encanamento, derramando-as nas ruas, praças e casas, e obrigando a companhia a abrir a cada instante os canos entupidos, exhalando-se por essa aberturas gazes fedorentos, e miasmas morfibidicos e pestilenciais de substancias em decomposição putrida.”¹⁶⁶

Nicolau Moreira apresentou esta hipótese a partir de estudos feitos por ele mesmo, fundamentados na leitura de obras publicadas na Inglaterra sobre a questão do

¹⁶⁶ *Idem.* p.20.

encanamento dos esgotos. De acordo com o médico, os resultados de seus estudos comprovavam que a forma como eram feitos os encanamentos deixavam a desejar em matéria de saúde pública.

Do mesmo modo, complementando e enriquecendo o argumento do seu companheiro, nessa mesma sessão da AIM, José Pereira Rego, assinalou ter aconselhado o Governo Imperial com relação aos possíveis contratempos causados pelas obras da *Companhia City Improvements* ao estado sanitário da cidade. O Governo, entretanto, optou por manter o sistema de encanamento já estabelecido. Pereira Rego ainda apontava que a companhia, ao se defender de tais acusações, salientava que tais exigências não estavam previstas em contrato, e que, portanto, as reclamações só caberiam caso fosse estabelecido um novo contrato.

Embora a má execução das obras da *Companhia City Improvements* fosse destacada por grande parte dos médicos da Academia Imperial de Medicina, havia aqueles que, embora criticassem o trabalho da companhia, ressaltavam também as melhorias que estas haviam representado para o saneamento da cidade. Como exemplo, podemos mencionar a matéria de Fernando Francisco da Costa Ferraz publicada na edição de maio de 1869.

Na matéria intitulada *Saúde Pública*, de autoria de Costa Ferraz, este demonstrava apreço pelo “Relatório do presidente da Junta de Hygiene e Saúde Pública (JCHP)”, de José Pereira Rego, apresentado no Relatório do Ministério de Negócios do Império, o qual discorria sobre o estado sanitário da capital e das outras províncias e apresentava os trabalhos realizados pela JCHP em 1868, a estatística mortuária e patológica, além de informações sobre a Inspeção de Saúde do Porto do Rio de Janeiro.

De acordo com Costa Ferraz, este relatório merecia atenção por conter um estudo aprofundado de uma das questões mais importantes de higiene pública: os esgotos e despejos públicos. Esse estudo, considerado por ele como minucioso, demonstrava precisamente a maneira como estas obras eram feitas e comparava o “asqueroso serviço que era dantes seguido” com o que estava sendo praticado naquele momento na capital do Império. Costa Ferraz, por sua vez, não negou que as obras da *Companhia City Improvements* fossem boas, porém ressaltou “a falta de preceitos que não se tem empregado”, e como resultado dessa falta de cuidado teria o aumento das

despesas, e os grandes males para a “salubridade dos habitantes da cidade”¹⁶⁷. Esta matéria tentava chamar a atenção dos médicos e do público para as tentativas constantes do Governo Imperial para garantir a saúde pública na cidade do Rio de Janeiro e mantê-la estável e equilibrada.

Na edição de setembro de 1869, foi publicada a matéria “Questões”, a qual apresentava alguns assuntos discutidos pelos médicos naquele ano. A 6ª questão indagava “Quaes as molestias reinantes? Quaes as que grassão mais frequentemente? E qual o carater que apresentação?”¹⁶⁸. Esta matéria fazia uma espécie de retrospectiva das discussões ocorridas na Academia Imperial de Medicina entre 24 e 31 de maio de 1869, e que foram publicadas na revista no mês de agosto. Como o sugeria o título, apresentava também um debate sobre as doenças que assolavam a Capital do Império. A matéria ressaltava a mudança nos sintomas, na índole e na cura de algumas doenças. Tais mudanças foram percebidas principalmente nos casos de febre, que adquiriram caráter “typhoideo e uma índole rebelde”¹⁶⁹, além de apresentarem resistência aos tratamentos e medicações empregados que anteriormente tinham efeito sobre a doença. Como consequência à resistência aos tratamentos e medicações, inclusive com o aumento das doses de anti-febris, elevou-se também o número de óbitos.

Em relação a este assunto, todos que participaram daquela sessão da AIM, concluíram que aparentemente a maneira pela qual foram construídos e instalados os canos de esgoto pela *City Improvements* e a necessidade de reabri-los frequentemente para que fossem desentupidos, havia contribuído para deixar a população à mercê de doenças, uma vez que inalavam gases fétidos e pestilentos, e que esses gases eram a causa do aumento das moléstias febris.

Como solução, foi proposto pelo médico Aristides Francisco Garnier (1809-1878), e aprovado unanimemente pela Academia Imperial de Medicina, a nomeação de uma comissão encarregada de apresentar um relatório acerca do estado de saúde pública da cidade, e de analisar a possível influência da instalação dos canos da *City Improvements* sobre tais moléstias.

¹⁶⁷ FERRAZ, Fernando Francisco da Costa. Saúde Pública. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.643, mai. 1869.

¹⁶⁸ Questões. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.141, set. 1869.

¹⁶⁹ *Idem*.

Com a aprovação da criação da comissão, no dia 24 de maio, foram nomeados como seus integrantes Antonio Correia de Souza Costa (1834-1884), Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894), Luiz Corrêa de Azevedo (?-1879), Fernando Francisco da Costa Ferraz(1838-1907), e João Vicente Torres Homem (1837-1887). O relatório apresentado por esses médicos serviria de base para uma representação ao Governo Imperial sobre a questão dos esgotos. Em um outro trecho desta matéria se referia à satisfação da população com as obras da Companhia por estas terem apresentado algumas vantagens, mas afirmava ainda que aos olhos dos médicos, mesmo considerando estas possíveis vantagens, os problemas de saúde deveriam ser abordados e analisados por essa comissão. Abaixo apresentamos o referido trecho que fala sobre o trabalho a ser realizado pela comissão:

“(...) cujo trabalho esperamos nos será breve apresentado para nos servir de base para uma representação ao Governo Imperial acerca desta matéria de summas importancia, a qual está ligada a saúde e vida da população desta cidade, que satisfeita e iludida com algumas vantagens innegaveis do estabelecimento desses canos de esgoto, vive socegada e tranquila ao lado de riscos incauculáveis, e que os fins de nossa instituição, e a consciencia de seos membros não podem deixar de levar ao conhecimento de quem pode e de quem compete os desviar della, prevenindo-os sabias e prudentes medidas.”¹⁷⁰

Nicolau Moreira, por sua vez achava que os médicos deveriam apresentar à Assembléia Legislativa seu protesto contra a asserção advinda de um dos relatórios ministeriais, no qual apenas se dissertava acerca da utilidade da instalação dos canos de esgoto, sem apontar as possíveis falhas que, na concepção do médico, levariam à diminuição dessa utilidade. Nicolau Moreira, por sua vez, ressaltava que já havia previsto, e denunciado tais inconvenientes desde o principio das obras, e que naquele momento sentia-se como um profeta de sérios males.

Na edição de novembro de 1869, foi publicada uma matéria referente à *Sessão da Academia de 29 de março*, assinada por Costa Ferraz, na qual dava-se ênfase à questão das epidemias e mencionava-se a questão do retorno da febre amarela à capital do Império. De acordo com esta matéria, a doença vinha ceifando inúmeras vidas desde abril de 1868 e, até a data em questão, continuava a ceifar, embora em menor escala. De

¹⁷⁰ *Idem.* p.142.

acordo com a matéria, os médicos da Academia Imperial de Medicina se empenhavam em debelar aquele mal.

Este texto, embora centrasse sua atenção nas epidemias, era uma espécie de ode à classe médica, ao seu amor à ciência e às dificuldades enfrentadas pela medicina na cidade. Há trechos da matéria com críticas à administração pública:

“Se nesse trabalho se descobre o amor pela sciencia a defesa do semelhante, que sofre devido as causas pensantes da incuria e até do criminoso desleixo que existe na administração de nossos negócios públicos, também se nota o cunho do observador verdadeiro e severo.”¹⁷¹

Havia também conselhos à classe médica para que esta não se importasse com a opinião alheia, pois o dever do médico era falar a verdade independente da reação dos leigos, uma vez que muitos viviam:

“chafurdados nas impurezas de pretendidas conveniencias, absorvem o brio, a dignidade e até acabando por embotar a sensibilidade tornão o homem egoista e um ente desprezível e degradante.”¹⁷²

De acordo com a matéria, diante da epidemia de febre amarela a Academia Imperial de Medicina não poderia se calar, e dessa forma registrou este triste episódio que tanto sofrimento causou à população do Rio de Janeiro.

Os médicos integrantes da AIM, por sua vez, se reuniam uma vez por semana para discutir, ensinar e aprender uns com os outros acerca da febre amarela, demonstrando a vontade da classe médica em se atualizar. O texto afirmava, ainda, que a profissão médica não era exercida às sombras, o que para nós representa uma crítica às formas não oficiais do exercício da medicina na Capital do Império, uma vez que Costa Ferraz afirmava que os médicos tinham desprezo com, como denominava, as “celebridades” que valorizavam o mistério, a perfídia e a baixeza:

“É porque os primeiros tem os olhos em Deus e em acreditão também na consciência do dever; é porque os segundos só

¹⁷¹Sessão da Academia de 29 de Março. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.203, nov. 1869. p.203.

¹⁷² *Idem*. p.204

acreditação no positivismo da vida e só espírito se ocupa com especulações egoísticas.

Assim é.

Os primeiros têm como certo as dôres, os pezares, o sacrificio e o trabalho; os segundos ao contrário os gozos deste mundo.”¹⁷³

Conforme mencionamos anteriormente, os questionamentos referentes à natureza da febre amarela eram recorrentes nos *Annaes Brasiliense de Medicina*. Nesta mesma edição, de novembro de 1869, foi publicada a sessão de 9 de agosto da Academia Imperial de Medicina, em cuja segunda parte aparecia o seguinte questionamento: “Que condições teriam influído no desenvolvimento em mais longa escala das febres infectuosas e epidêmicas desta cidade no 2º trimestre deste ano???” As questões referentes ao clima e à canalização foram mais uma vez abordadas.

Ao responder a esta questão, Nicolau Moreira demonstrou acreditar que os fatores metereológicos e climatéricos eram os que deveriam ser considerados, uma vez que estes eram prejudiciais à higiene pública. Outro fator seria a maneira pela qual eram feitos a canalização de água e de esgoto e o despejo das matérias fecais da cidade. A questão de abrir frequentemente os canos, dos quais exalavam matérias fétidas, aliada ao ar e ao sol, deixava a população doente. Mencionava, inclusive, que esta mesma situação ocorria em outras cidades do mundo, como a de Londres.

Pereira Rego por sua vez atribuiu a maior incidência dessas moléstias à exalação de vapores e gases mefíticos que se desprendiam da terra, principalmente dos lugares baixos, úmidos, alagadiços e pantanosos. Aliados a isto, havia a alta temperatura atmosférica que alternava dias de muito calor e de pequenas chuvas, seguidos de seca das águas encharcadas e empoçadas. Outros fatores seriam as escavações nas ruas, necessárias para desobstruir canos de esgoto devido à má construção e as escavações que se faziam para o assentamento de canos d’água pela repartição de obras públicas, que expunham a população ao ar contaminado, à evaporação e exalação de gases, a porções de terra úmida e impregnada de substâncias orgânicas em decomposição.

Luís Vicente de Simoni concordou com a visão de ambos os médicos, e ainda acrescentou que desde que o solo foi aberto para a instalação destes encanamentos, as escavações permaneceram abertas por muito tempo, e por conta disso, os lugares escavados se tornaram lugar de despejo, resultando na ocorrência de moléstias graves. Simoni afirmou que podia observar isso em uma das ruas que havia residido e que agora

¹⁷³ *Idem*. p.204

com a reabertura, as conseqüências tinham se mostrado mais graves nas ruas nas quais esses procedimentos haviam sido feitos e nas casas próximas a essas aberturas.

A questão dos cortiços apareceu nos *Annaes Brasiliense de Medicina* em outubro de 1869, em uma matéria intitulada “Hygiene publica”, a qual embora não citasse explicitamente a febre amarela, manifestava preocupação com a saúde pública, com a higiene desses lugares e com a ausência de uma legislação específica para a construção das habitações para as classes menos abastadas.

Neste artigo, afirmava-se que as regras para a construção para os menos favorecidos era discutidas com atenção pelos governos e municipalidades dos países “bem organizados”¹⁷⁴, enquanto que no Brasil ainda não existia esse cuidado e o cortiço era considerado muito lucrativo. O autor da matéria almejava que os cortiços fossem construídos de maneira mais limpa:

“Entre nós, porém nem se quer se tem o cuidado em obrigar aos que simplesmente levados pela ideia do lucro a construírem aquillo que chamamos cortiços, para que fação de modo que em vez de apresentarem o aspecto de sepulturas onde o pobre vive; deixem de ser verdadeiros focos de infecção, e sejam aposentos limpos onde esta classe desfavorecida da fortuna não encontre as causas que produzindo a alteração da saúde, lentamente ocorre para extinguir-lhe a vida.”¹⁷⁵

Este texto ainda manifestava uma critica a ausência de uma legislação específica para a construção desse tipo de habitação, pois além dos cortiços apresentarem um estado deplorável, eram construídos apenas com intuito do lucro, sem se importar com a vida humana e nem com os ensinamentos de higiene estabelecidos pela ciência. Defendia-se, ainda, que esta visão sobre os cortiços deveria ser confrontada pela classe médica.

Este texto sobre a “Hygiene publica” sugeria que, assim como havia ocorrido, anteriormente, entre os egípcios, os gregos e os romanos, deveria haver também no Brasil naquele momento uma maior preocupação com relação à maneira pela qual as habitações eram construídas, sobre as condições de salubridade desses locais, sua ventilação ou proximidade com o mar e bosques, o tamanho das ruas, o tipo de material

¹⁷⁴ Hygiene publica. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.21, out. 1869.

¹⁷⁵ *Idem*, p.21-22.

utilizado na construção, a dimensão, e o número de pessoas que cada habitação poderia comportar.

Segundo esta matéria, os cortiços da cidade do Rio de Janeiro eram verdadeiras “possilgas” além de imundos e focos de infecção e entre as características negativas há de se considerar que:

“Ha alguns porém que nos sopraendemos como possão ser habitados. Nestes o solo conserva-se sempre como um charco, e exhalado um cheiro pútrido, que causa vômitos a quem ousa nelles penetrar, os casebres feitos de madeira alem de immudos representão o aspecto de ruínas nelles se aninhão sempre um numero maior de pessoas do que devião conter.”¹⁷⁶

Nesta matéria, sinalizava-se a possibilidade do surgimento de críticas a seu conteúdo, uma vez que os donos dos cortiços eram homens que ocupavam altas posições na sociedade e que encontravam nos cortiços uma forma de comércio e de altos lucros.

2.5 - Diagnóstico, cura e tratamento

Outro ponto que consideramos importante mencionar é a dificuldade que os médicos tinham em diagnosticar a doença, as febres, devido às alterações sintomatológicas que a mesma apresentava em cada epidemia que ocorria na cidade do Rio de Janeiro. Percebemos pelos relatos e textos referentes às enfermidades entre 1868 e 1869 que o número dos casos de óbitos por febres diagnosticados neste período crescera significativamente, o que nos leva a acreditar que as dificuldades em diagnosticá-las tornavam imprecisos os números apresentados pelos médicos da época.

A dificuldade em definir o status das febres também era preocupação constante entre os especialistas da época. Na edição de agosto de 1869 dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, foi publicada a sessão de 31 de maio da Academia Imperial de Medicina, na qual novamente foi apresentada a questão de quais doenças eram mais frequentes na cidade e qual o caráter que estas apresentavam. Em resposta a este questionamento, o médico Luiz Côrrea de Azevedo (? – 1879) afirmou que, juntamente com outros médicos, constataria além das moléstias esporádicas e propícias à estação, a presença de

¹⁷⁶ *Idem*, p.23.

alguns casos de febres que seriam de natureza ataxica e cuja origem era tida como devido a exalações infecciosas dos canos de esgoto. Salientou, ainda, que havia percebido que esses casos teriam ocorrido em locais próximos às escavações de terra, onde os canos foram abertos para que fossem desentupidos, como no caso grave de uma criança de 8 anos que morava na rua Princesa dos Cajueiros, e que supostamente havia adoecido por estar próxima a um local em que o esgoto fora reaberto. Esta criança havia sido atendida pelos médicos Amaro Manoel de Moraes e Francisco Menezes Dias da Cruz (1826-1878), tendo sido constatado um tipo de febre quase continuo “com remissões muito pouco sensíveis e pouco duradouras”¹⁷⁷:

“(…) Em estado comatoso, do qual quando era despertada mal conhecia as pessoas, que o rodeavam. No princípio tinha ella tido cephalgia forte, sede, nauseas e vomitos, mas estes haviam cessado após a administração da água de seltz, e as faculdades intellectuais não pareciam lesadas; na ocasião em que elle observou a doente a lingua saburrosa e mui vermelha nas bordas; porém ainda humida, e não tinha havido, nem dôr alguma no epigástrio, nem nas outras partes do ventre, que conservava-se flacido, e que em ponto nenhum se ressentia da pressão a mais forte; nem havia signaes alguns de afecção pulmonar ou cardiaca além do movimento febril.”

Por fim, os médicos classificaram a febre como uma afecção infecciosa dos centros nervosos e com índole perniciosa.

Augusto José Pereira das Neves salientou, nesta matéria de 1869, que segundo suas observações e de acordo com outros médicos, haveria na cidade, e especialmente no bairro da Gamboa, casos de pacientes amarelentos, com sintomas semelhantes: febre grave, vômito preto, supressão de burina, dor no hipogastro, icterícia avermelhada os quais foram tratados por ele. Entre os casos tratados por Pereira Neves gostaríamos de destacar alguns, como o de um paciente que segundo o médico teria ingressado na enfermaria no dia 14 de março e morrido no dia 17, o de um alemão que estava hospedado em uma estalagem na Praia da Saúde, e o caso de um carroceiro e de vários marinheiros, entre os quais alguns vieram a óbito. No total, ele acredita ter diagnosticado uns 40 casos de febre amarela, tendo alguns pacientes falecido em 3 ou 4

¹⁷⁷ AZEVEDO, Luiz Corrêa. Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.86-89, p.86 ago. 1869.

dias e os que sobreviveram terem restabelecidos a saúde em poucos dias. Estas constatações levaram Pereira Neves a considerar que entre esses casos o diagnóstico fora duvidoso, pois esses pacientes não teriam apresentado um dos principais sintomas da febre amarela, ou seja, a icterícia e o vomito preto.

De acordo com José Pereira Rego, em 1869 haviam aparecido muitos casos de febres efêmeras, e entre esses alguns considerados graves e assustadores mas que foram solucionados de forma breve, tendo cedido com facilidade aos tratamentos. Segundo o médico em abril daquele ano, após um longo período de seca e muito calor e chuva, apareceram algumas afecções bronquiais e catarrais, gástricas e febres que provinham de infecções paludosas. Pereira Rego ainda ressaltava que naquele ano haviam ocorrido poucos casos de febres típicas.

E com relação aos casos de febre amarela, mencionados por seus colegas, José Pereira Rego não negava que estes tivessem ocorrido, e ainda afirmava que tinha tido a oportunidade de observar alguns casos dos doentes que foram levados ao Hospital da Gamboa, saídos da embarcação italiana *Creola del Plata*. Mas nesses casos percebera que individualmente nenhum apresentava os traços mais significativos da febre amarela. Embora a febre amarela fosse caracterizada por sintomas diferentes, no geral os médicos chegavam por fim à conclusão de que se tratava da doença. Pereira Rego destacou também que nenhum caso de transmissão havia sido observado.

Tais acontecimentos também foram notados no Hospital da Misericórdia, pois Pereira Rego ao suspeitar dos inúmeros casos de febre biliosa registrados no obituário naquele hospital, principalmente entre os óbitos de estrangeiros e marítimos, havia concluído que muitos destes casos eram de febre amarela. Tanto entre os casos significativos de febres, como nos de febre tifóide, não foi constatado nenhum caso de transmissão. Logo, Pereira Rego concluiu que esses casos de febres se davam por causas infeccionais e endêmicas palustres próprias do clima do Rio de Janeiro e que haviam sido agravados por outras causas, circunstâncias e espécies infecciosas inerentes a cidade, como o aumento populacional e as obras realizadas, que ao invés de trazer saúde à capital foram prejudiciais ao estado sanitário.

Na edição de agosto de 1868 dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, foi publicada, como era de costume, a Sessão Geral da Academia Imperial de Medicina. Nesta sessão, em meio a uma discussão sobre a cura e tratamento da para a fístula

lacrimal, nos quais discursaram Manuel da Gama Lobo (1832-1883), médico da Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, e Ataliba Lopes de Gomensoro (1843-1911), médico e membro da Academia Imperial de Medicina, a questão da febre amarela entrou novamente na pauta. Ataliba Gomensoro, discordando da opinião de Manuel da Gama Lobo, afirmou que as “moléstias não são como frutas”, para que fossem tratadas de acordo com as estações, pois as moléstias eram sempre iguais, e portanto, seu tratamento deveria ser sempre o mesmo. Ainda ironizando seu companheiro, Ataliba Gomensoro afirmou que “as frutas da sua terra tem uma significação que não pode ser dada as moléstias”¹⁷⁸.

Gama Lobo, ao se defender, aconselhou seu companheiro a acompanhar outros estudos uma vez que algumas doenças epidêmicas, como a febre amarela e a cólera-morbus, apresentavam sintomas diferentes:

“As febres amarellas e cholera-morbus de cada vez que tem vindo ao Rio de Janeiro apresentam symptomas, que exigem modificação de tratamento. Serão as hepatites de Macacu, Xingú e Macapá que despovoarão as villas e aldeas iguaes as observadas em Paris, Berlin e etc.”¹⁷⁹

Salientou, ainda, que havia casos de moléstias para as quais haviam sido aconselhados tratamentos diferentes durante séculos, e que mesmo assim ainda havia dúvidas por parte dos médicos competentes. Desta forma, era importante que se considerasse a existência de tratamentos diferenciados.

Nesta mesma edição havia uma matéria que tratava das questões de higiene e das condições para o alistamento no exército e na qual havia a menção de que o clima tropical atrapalhava bastante a saúde como, por exemplo, os problemas no sistema nervoso causados pelo calor e pela eletricidade atmosférica. E também existiam as doenças que eram consideradas climatéricas e mefíticas, causadas pela absorção de miasmas de causa animal ou vegetal em estado de putrefação. Entre essas doenças estariam a febre amarela, o tifo e as nevralgias palustres cérebro-raquidianas ou ganglionárias.

A questão das quarentenas apareceu na revista na edição de maio, através de um relatório de Luís Vicente De Simoni intitulado *Relatório – Dos trabalhos da Academia*

¹⁷⁸ Academia de Medicina. Sessão Geral de 04 de maio de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional, De Cotrim & Campos, p.89, ago. 1868.

¹⁷⁹ *Idem* p.92.

Imperial de Medicina do Rio de Janeiro desde 30 de Junho de 1867 até 30 de Junho de 1868, no qual mencionava uma discussão sobre a vantagem das quarentenas nos casos de moléstias suspeitas de transmissão. A questão das quarentenas foi bastante debatida entre os médicos durante o século XIX, porém conforme o relatório por De Simoni, era uma questão muito difícil de ser resolvida uma vez que haviam inúmeras questões envolvidas, como os interesses comerciais. Havia muitos estudos sobre a utilidade e a necessidade da quarentena na época, aqueles que a defendiam por considerá-la uma medida sanitária, e aqueles que as achavam completamente impróprias e desnecessárias. Entre os opositores às as quarentenas, podemos citar o médico Ribeiro de Almeida, que segundo afirma a matéria, havia feito um discurso no qual se colocava contra as quarentenas, e não havia sido retrucado na Academia Imperial de Medicina.

A questão das quarentenas é um exemplo dentre as inúmeras querelas ocorridas entre os médicos quanto ao diagnóstico e tratamento da febre amarela, no interior da Academia Imperial de Medicina. Estas discussões eram importantes para o avanço da ciência e o progresso da nação, mas podemos perceber também que em muitos casos por trás desses debates havia muita da disputa de ego entre os profissionais.

Dito isto, gostaríamos de encerrar este capítulo, dissertando sobre algo que nos despertou bastante atenção. Durante a pesquisa nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, encontramos um discurso proferido por José Pereira Rego na Sessão Pública por ocasião do 40º aniversário da Imperial Academia de Medicina, em 30 de Junho de 1860, publicado na revista nesse mesmo mês e ano. Neste discurso, evidencia, entre outros assuntos, as dificuldades enfrentadas pelos homens da medicina para realizarem seus trabalhos, já que sobravam talentos e não faltavam a esses homens liberdade para pensar e nem para escrever. Abordava, ainda, a questão da imprensa.

Com relação às dificuldades com as quais esses médicos se deparavam para realizar seu trabalho, e à lentidão com que a ciência médica caminhava no Brasil, Pereira Rego concluiu que se havia liberdade e não faltavam médicos, a maior dificuldade estava no esforço e no interesse individual e “na falta de perseverança no trabalho e do esforço, quer colectivo quer singular”¹⁸⁰. Destacava, ainda, a indiferença com que eram vistos os trabalhos daqueles que se interessavam pela ciência, mesmo por parte dos médicos, que muitas vezes não os liam e não se interessavam pelas pesquisas

¹⁸⁰REGO, José Pereira. Discurso. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.18.Jun. 1869.

realizadas por seus colegas, valorizando quase sempre os trabalhos de autores estrangeiros.

Pereira Rego ainda criticou a falta de interesse dos médicos pela Academia Imperial de Medicina, uma vez que as sessões desta eram pouco frequentadas, pois os médicos só apareciam nas sessões em que pudessem discutir seus interesses individuais. O trecho abaixo demonstra de forma mais clara o descontentamento do médico com relação ao que acontecia na Academia Imperial de Medicina:

“E, com pezar o digo, o abalo e discórdia devido sempre ao choque de interesses de ordem secundaria, acarretando o desanimo e desgosto entre os nossos associados, gera a indiferença e mesmo o languor do espirito, trazendo como consequência a falta de discussões e trabalhos de interesse para a sciencia, que ou não adianta, ou pouco caminha. Ese por ventura algum, esquecendo o desgosto e indiferentismo dominante, busca exhibir o fructo de suas lucubrações, recua desse propósito, ou pelo pouco apreço dado aos seus trabalhos, não se discutindo as questões nelles suscitadas, ou pela critica mordaz de envolta ás vezes com a individualidade, critica que não pôde jamais servir à elucidação das idéas controversas pela falta de calma e de contenção do espirito que á ellas preside.”¹⁸¹

No discurso de Pereira Rego ficava claro que a Academia Imperial de Medicina enfrentava problemas, como o enfraquecimento interno e externo.

O médico considerava que a imprensa agia em detrimento das grandes questões sociais e vulgarizava as idéias, mas reconhecia que era um poderoso veículo de transmissão de conhecimentos. Lamentava o grande interesse das pessoas pelos jornais de grande circulação em detrimento dos periódicos especializados:

“(…) E tal é o abuso que se faz hoje da imprensa livre, que os livros úteis, os artigos scientificos são lidos por poucos homens, no entanto que os escriptos abusivos, aquelles em que a honra, a honestidade, o viver decente, em summa aquelles em os quaes se discutem questões pessoaes contra todos os princípios da moralidade publica, são os mais lidos, e de que com mais interesse se occupa grande parte da nossa sociedade.”¹⁸²

Pereira Rego em seu discurso considerava o valor da instituição da imprensa e sua grande importância como um poderoso veículo e sustentáculo de idéias livres, e reiterava que em outros países a imprensa servia para contribuir para a grandeza moral e

¹⁸¹ *Idem*, p.20.

¹⁸² *Idem*, p.16.

intelectual da sociedade, para apontar os abusos e respeitar o direito individual. Mas no caso do Brasil a imprensa servia para:

“para corromper a sociedade, elevando o crime de uns com sacrifício da virtude de outros, difundindo absurdos e idéas perigosas, conspurcando reputações conquistadas com esforço e trabalho incessantes, acarretando e por este modo a dissolução de todos os princípios da grandeza moral da sociedade, e da liberdade bem entendida.”¹⁸³

A imprensa de grande circulação, na concepção de Pereira Rego, deveria trazer o engrandecimento e defender a sociedade, assim como defender o individuo contra calúnias e difamações, entre outros delitos corriqueiros na imprensa no Império. O Governo Imperial, por sua vez, acreditava que deveria tentar corrigir os problemas existentes na imprensa que afetavam o interesse público.

Abordaremos melhor o papel da imprensa de grande circulação e a questão da febre amarela no capítulo seguinte, ao analisarmos como a doença foi apresentada nas matérias do *Jornal do Commercio*.

¹⁸³ *Idem*.

Capítulo 3 - Como a febre amarela foi vista no *Jornal do Commercio*

“A história do Jornal do Commercio se confunde com a do Reinado. Evocá-la é evocar a série de vultos que brilham nessa política, nas nossas letras, nas nossas artes, todos os quais lá saíram, ou lhe deveriam a consagração do triunfo.”¹⁸⁴

3.1 - A criação do *Jornal do Commercio*

Em 1824 foi lançado por Pierre René Francois Plancher de la Noe, dono de uma Typografia situada à Rua do Ouvidor, 203, o jornal *Spectador Brasileiro*, que foi muito bem recebido pelo público. Plancher procurou aperfeiçoá-lo a cada dia, e seu jornal continuou sendo muito procurado e apreciado pelos leitores. Em 1827 o editor criou o periódico *Jornal do Commercio*, o nosso objeto de estudo neste capítulo. O *Jornal do Commercio* passou por várias transformações ao longo dos anos, entre as quais podemos mencionar, o aumento do formato da folha, que a princípio era do tamanho de uma folha de papel almaço e duas colunas impressas, e em 1865 passou a conter oito colunas em cada página. Na segunda metade do século XIX, o periódico contava com quase 13 mil assinantes, era o periódico mais lido da corte¹⁸⁵ e o de maior circulação no contexto Imperial no Brasil. O *Jornal do Commercio* foi um jornal diário que veiculava uma grande diversidade de informações, apresentando notícias sobre as decisões políticas do Governo, de outras províncias brasileiras, de folhetins, além de propagandas, fossem elas de produtos ou de instituições. Este periódico também franqueava um espaço para a manifestação de seus leitores, e para a venda de livros e jornais. O Jornal era distribuído com quatro páginas de vinte e um centímetros de largura por 30 de altura e publicava em média 20 seções: Notícias Marítimas, Preços Correntes dos Gêneros de Importação em Grosso, Importações, Exportações, Leilões, Aluguéis, Vendas, Perdas, Achados, Roubos, Notícias Particulares, Avisos, Câmbios,

¹⁸⁴ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994. p.189.

¹⁸⁵ Vem mais em AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 28, parte 2, p.169-224, 4º trimestre de 1865.

Frete, Loteria, Declarações, Telégrafo, Artigos oficiais, Amas de leite e Escravos Fugidos.¹⁸⁶

O *Jornal do Commercio* foi lançado em um momento no qual a imprensa no Rio de Janeiro tentava acompanhar as mudanças do século XIX. De acordo com Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros, a imprensa na Cidade nesta época pode ser considerada como um “instrumento político de convencimento, revelando as paixões e conflitos”, que privilegiava o “doutrinário, o propagandístico, em detrimento do ‘factual’ e descritivo”:

“(…) É preciso ter em mente a característica peculiar da imprensa da época: jornal de um homem só, artesanal, mais doutrinário que factual, impresso e vendido em tipografia, de linguagem veemente (por vezes agressiva e ofensiva)”.¹⁸⁷

Estes autores também salientam que na Cidade Rio de Janeiro ao longo do século XIX havia inúmeros locais de venda, de circulação de impressos e de prática da leitura, que foram instalados em vários lugares na Capital do Império. O Rio de Janeiro além de ser a sede da Corte, também era uma cidade e essas duas dimensões conviviam. O espaço urbano era um local de relações de sociabilidades, ou de sociabilidade literária, como denominam esses autores:

“(…) Além da prática individual ou privada de leitura, havia encontros em locais públicos ou fechados, disseminava-se a leitura em voz alta, reminiscência das práticas culturais do antigo regime. Ponto de venda, de circulação das palavras (impressas ou não), leituras coletivas: eis um eixo importante para a história da imprensa, associada ao espaço urbano, no qual as rotas de diferentes comércios entrelaçavam-se.”¹⁸⁸

O quadro a seguir¹⁸⁹ apresenta a lista dos periódicos que foram lançados no início do século XIX, especificamente entre os anos de 1808 e de 1827, que demonstra o crescimento paulatino do número de jornais publicados na Cidade do Rio de Janeiro:

¹⁸⁶ FUTATA, Marli Delmônico de Araújo. *Imprensa e educação: Pierre Plancher e a ação político-educativa do Jornal do Commercio no final do Primeiro Reinado (1827-1832)*. Maringá: UEM, 2008. 141f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá. p.68.

¹⁸⁷ MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 49.

¹⁸⁸ *Idem* p. 70.

¹⁸⁹ Quadro elaborado a partir dos dados de: AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. *Op.Cit.*

Ano de Publicação	Nome dado ao Periódico
1808	<i>Gazeta do Rio de Janeiro, Correio Brasiliense</i>
1811	<i>Investigador Portuguez</i>
1813	<i>O Patriota</i>
1821	<i>Diário do Rio de Janeiro</i>
1822	<i>Regulador Brasilico-Luso, Republicano Liberal, Papagaio, Annaes Fluminenses, Volantim, Periquito da Serra dos orgãos, Macaca Brasileiro, Reclamação do Brasil, Correio do Rio de Janeiro, Semanário Civico, Memorial Apologético, Compilador Constitucional</i>
1823	<i>Diário do Governo, Espelho, Regulador-Brasilico Luso, Malagueta, Sylpho, Semanário Mercantil, Tamoyo, Diário do Commercio, Diário da Assembléia Geral e Consituinte do Brasil, Brasileiro Resoluto, Estrella Brasileira</i>
1824	<i>Folha Mercantil, Caboclo, Despertador Constitucional, Diário Fluminense, Spectador brasileiro</i>
1825	<i>Grito da Nação e Diário Mercantil</i>
1826	<i>Verdadeiro Liberal, Atalaia da Liberdade, Sello Hermético, Universal, Diário da Camara dos Deputados, Astréa</i>
1827	<i>Aurora Fluminense, Espelho Diamantino, L'Echo de L'Amérique, Malagueta, Luz Brasileira, Jornal do Commercio, Analysta, Aurora Fluminense, Courier Du Brésil, Diário do Rio</i>

Mesmo com o crescimento do número de periódicos em outras cidades do país, Nelson Werneck Sodré, autor de “História da Imprensa no Brasil”, considerado um clássico sobre a história da imprensa, afirma que ainda era a Corte que dava o tom ao país, e logo à imprensa e à política. Werneck Sodré ainda acrescenta que o *Jornal do Commercio* tinha o apoio do Governo Imperial, e por isso, embora noticiasse rotineiramente os fatos ocorridos, teria vivenciado com serenidade os momentos de grandes agitações políticas. Essa tranquilidade e “alheamento das paixões em convulsão”¹⁹⁰ teriam levado o periódico a alcançar força e prestígio e ter condições de influenciar a sociedade da Cidade do Rio de Janeiro. O prestígio alcançado pelo jornal era de tal dimensão que Sodré aplicou ao jornal a expressão “Quarto poder”, uma vez que o jornal tinha grande presença nos campos político, literário e artístico na Capital do Império. Embora o *Jornal do Commercio* não tivesse uma posição partidária, sua opinião tinha grande repercussão nas instituições da Cidade.

Marli Delmônico de Araújo Futata nos esclarece que Pierre Plancher, editor do *Jornal do Commercio*, ao chegar ao país em 1824, necessitou da aprovação e apoio do

¹⁹⁰ SODRÉ, Nelson Werneck. *Op.cit.* P.189.

Imperador D. Pedro I para poder se estabelecer na Capital do Império. Desta forma, e por esta razão, o editor ao tecer críticas ao Governo Imperial procurava fazê-las com moderação. A estratégia utilizada por Plancher para criticar o Império no *Jornal do Commercio*, era a de recorrer aos exemplos dos problemas sociais e políticos de outras nações, e desta forma conseguir justificar suas idéias sobre os rumos pelos quais o Brasil deveria seguir¹⁹¹.

Ao lançar o *Jornal do Commercio*, o intuito de Pierre Plancher era fazer com que seu periódico conseguisse ampliar o público leitor, que até então era monopolizado pelo *Diário do Rio de Janeiro*. Para tanto o jornal não apenas buscou veicular as notícias comerciais, como incluiu também em sua pauta temas como o quadro político, notícias gerais do Brasil e do exterior, além de inúmeros anúncios. Entre os primeiros redatores do *Jornal do Commercio* estavam além de Plancher: Julio Cezar Muzzi, Francisco de Paula Brito (1809-1861), Luiz Sebastião Fabregas Surigué e o médico José Francisco Xavier Sigaud, que também publicou *O Propagador de Ciências Médicas*, considerado o primeiro periódico médico do Império.

Com a abdicação do Imperador D. Pedro I considerado por Marco Morel, como protetor de Plancher, o redator mudou o nome do seu negócio para “Typhografia Constitucional de Seignot-Plancher, e a partir deste momento ele passou a acompanhar as tendências da sociedade e transformá-las em linhas editoriais.¹⁹²

Devido ao seu regresso a França, Plancher deixou o periódico sob responsabilidade de Émile Seignot, seu filho, que o vendeu em 1834 à Reól Antoine de Mongenot e Junius Villeneuve. Junius Villeneuve comprou a parte de seu colega, e procurou dar impulso ao *Jornal do Commercio*, e nesta empreitada foi auxiliado por Francisco Antonio Picot, considerado seu braço direito, e por Julio Constancio Villeneuve, seu filho. Em 1868 o periódico ganhou um novo colaborador, José Carlos Rodrigues, como correspondente do periódico em Nova Iorque. Em 1890 José Carlos Rodrigues adquiriu de Villeneuve a propriedade do *Jornal do Commercio*¹⁹³.

Neste ano o Jornal era distribuído para o município da Corte e para Niterói pela Typ. Imp. e Const. de J. de Villeneuve & C. situada à Rua do Ouvidor nº65. A assinatura do periódico poderia ser feita anualmente por 30\$000; quatro meses por

¹⁹¹ Ver mais em: FUTATA, Marli Delmônico de Araújo. *Imprensa e educação: Pierre Plancher e a ação político-educativa do Jornal do Commercio no final do Primeiro Reinado (1827-1832)*. Maringá: UEM, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Maringá, 2008.

¹⁹² Ver mais em: MOREL, M. *Revoluciones y libros: el comercio político de la cultura en el império de Brasil*. *Jstor Revista de Historia Internacional*, Cidade do México, v. 9, 2002. p. 8-29.

¹⁹³ Ver mais em: SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.

22\$500; 6 meses 15\$000; 3 meses 8\$500. O pagamento era adiantado e a assinatura não era feita por menos de três meses.

3.2 - O *Jornal do Commercio* e o retorno da febre amarela.

Foi possível perceber, através das leituras realizadas para esta pesquisa, que a primeira epidemia de febre amarela, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em 1849-1850, impactou não apenas a classe médica, mas toda a sociedade. O contexto e a dimensão desta epidemia já foram bastante retratados e debatidos na historiografia brasileira, e entre os principais trabalhos podemos mencionar os de Jaime Larry Benchimol¹⁹⁴ e de Sidney Chalhoub¹⁹⁵.

Neste sentido, temos buscado então analisar o contexto posterior a esta epidemia, ou seja, o cenário de seu retorno à cidade do Rio de Janeiro em abril de 1868. Nosso intuito, neste momento, é analisar se e como foi noticiado o retorno da febre amarela à cidade do Rio de Janeiro no *Jornal do Commercio*, no ano de 1868.

A década de 1860 foi um período importante na história brasileira, o contexto da Guerra do Paraguai (1864-1870). As notícias sobre esta guerra foram noticiadas diariamente no *Jornal do Commercio* ao longo de 1868. Cotidianamente o periódico também veiculava notícias referentes a outros assuntos, como as eleições provinciais que ocorreriam na Capital do Império. De uma maneira geral percebemos que esses dois temas foram os mais corriqueiros nas páginas do *Jornal do Commercio* neste ano.

Outro assunto que preocupava os moradores da Cidade era a insegurança em algumas freguesias e relacionado a isso, a arbitrariedade da polícia ao lidar, principalmente, com trabalhadores e estrangeiros, os quais eram tratados com extrema grosseria. A população da Cidade também sinalizava, em suas reclamações publicadas no *Jornal do Commercio*, que a polícia da Capital do Império se preocupava mais em inspecionar questões que consideravam ser de menor gravidade como o ato de cuspir no chão, do que com a prisão dos verdadeiros meliantes que aterrorizavam os moradores de algumas ruas e freguesias da Cidade.

No que diz respeito à salubridade e à saúde na Cidade, constatamos também, neste ano, a publicação de críticas e questionamentos referentes a situações que pudessem representar prejuízos ao estado sanitário da Cidade.

¹⁹⁴ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Febre Amarela A doença e a Vacina uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

¹⁹⁵ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Percebemos ao longo da análise do *Jornal do Commercio* que havia uma grande preocupação com a questão da salubridade da Cidade e da limpeza. As críticas e reclamações quanto a tais questões eram normalmente publicadas nas sessões: “Gazetilha”; “Publicações a pedido” e “Declarações”, geralmente não eram assinadas, e em sua maioria eram destinadas à Câmara Municipal ou ao fiscal de alguma freguesia da Cidade. O *Jornal do Commercio* também noticiava os esclarecimentos apresentados pelo Ministério de Obras Públicas e pelo Ministério da Agricultura em resposta a muitas destas críticas. As preocupações e reclamações veiculadas no periódico estavam direcionadas principalmente para os problemas nos calçamentos e aterros, a sujeira na Cidade, os transtornos causados pela falta d’água e os problemas com irrigação, e as mazelas ocasionadas pelas chuvas. O *Jornal do Commercio* também noticiava sobre a construção dos cortiços, as reclamações acerca das obras realizadas pela Companhia *City Improvements*, bem como os comunicados desta empresa à população da cidade.

3.2.1 Calçamentos e aterros

O *Jornal do Commercio* foi palco de grandes discussões no século XIX, veiculando notas sobre diferentes assuntos, e representando um espaço utilizado pela população da cidade e pelas instituições para a defesa de seus interesses. Outra prática comum era a utilização do *Jornal do Commercio* como espaço para responder as notícias e críticas divulgadas no *Diário do Rio de Janeiro*. As matérias e as notas raramente eram assinadas. O anonimato e a liberdade de expressão são considerados por Tania Regina de Luca um diferencial da Imprensa do século XIX:

“Como diferencial do período – em que o anonimato também foi constante – registra-se a ampla liberdade de expressão, propulsora daquela rica produção de credos e ensaios múltiplos em busca de um ideal maior: a construção da nação”¹⁹⁶.

Entre as matérias que respondiam ao *Diário do Rio de Janeiro*, no *Jornal do Commercio* foi publicada uma matéria em 16 de junho de 1868 na sessão “Gazetilha”, a qual relatava fatos ocorridos na então Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Nesta matéria o vereador Francisco Joaquim Béthencourt da Silva (1831-1911) se referia a um artigo do *Diário do Rio*, publicado de 13 de Junho de 1868, e que se intitulava “A Ilma. Camara Municipal e o Exm.

¹⁹⁶ MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina De *Imprensa e Cidade*. São Paulo. Editora UNESP, 2006.p.34.

Presidente da Junta de Hygiene”. Este artigo tratava de uma discussão entre o presidente da Junta Central de Hygiene Pública (JCHP), José Pereira Rego, e a Câmara Municipal, sobre o aterro que estava ocorrendo em uma chácara particular localizada na Rua do Catete. O presidente da JCHP entendia que esta questão era de responsabilidade da Câmara Municipal, e que, portanto, esse este órgão é que deveria solucionar a questão.

O vereador Béthencour da Silva, em sua matéria no *Jornal do Commercio*, afirmava que concordava com o presidente da JCHP quanto à responsabilidade da Câmara Municipal com a fiscalização da construção deste aterro, e assim aconselhava a Câmara Municipal que providenciasse, com urgência, junto ao fiscal daquela freguesia um relatório sobre o que estava acontecendo referente ao aterramento naquela chácara. Entendia, ainda, o vereador que a partir do resultado deste relatório a Câmara tomaria providências dentro dos limites de sua atribuição.

Entre as reclamações que eram feitas à Câmara Municipal sobre os aterramentos realizados em propriedades particulares, foi publicado, no *Jornal do Commercio* de 11 de agosto de 1868, o caso de Artigues Michel, francês e morador da Rua Princesa Imperial, que havia sido acusado de obstruir buracos e de formar outros. Tais fatos supostamente ocorreram quando Artigues Michel realizou bemfeitorias em sua propriedade, e por conta dessas obras quando chovia as águas passaram a inundar a rua. Por este motivo, o proprietário foi intimado pela Câmara Municipal a sanar tais problemas. Artigues Michel por sua vez recorreu dessa intimação por considerar falsas as acusações feitas, e esperava que a Câmara Municipal realizasse uma vistoria em sua propriedade.

Porém, o autor desta matéria, não assinada, descreveu alguns fatos que ocorreram antes naquela rua, com a finalidade de esclarecer algumas dúvidas:

“Se os terrenos em questão estivessem em posição de receber *naturalmente* as águas pluviaes, pela natureza das cousas, bem: porém é contrario as recebe de uma rua, por *derivação*, para o lado dos seus terrenos, o que o bom senso repelle.

Toda a derivação das águas tem por única e principal causa o péssimo estado da rua , os obstáculos encontrados, e com sargetas largas e profundas, o mal cessará , e então tomarão outro melhor rumo; sendo certo que as ruas do morro demandam semelhantes precauções para completo esgoto das águas.”¹⁹⁷

¹⁹⁷ A Ilma. Camara Municipal, e a rua Princesa Imperial, na Gloria. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, ago. 1868. p.1.

Conforme vimos acima, o autor desta matéria se posicionava a favor de Artigues Michel, pois considerava insano que se sacrificasse a propriedade e o direito de um homem, em prol de uma rua que já convivía anteriormente com problemas. O articulista ainda felicitava Adolfo Bezerra de Meneses, médico e presidente interino da Câmara Municipal, pelo fato de ter reconsiderado a solicitação do proprietário do imóvel.

No *Jornal do Commercio*, de 30 de Janeiro de 1869, foi publicada uma solicitação assinada pelos moradores do “Quarteirão”, da Rua das Violas, que se localizava entre a Rua da Quitanda e a Rua dos Ourives, à Câmara Municipal com relação ao calçamento de um trecho que havia sido destapado há 15 dias para a colocação de encanamento de gás, o que atrapalhava o trânsito público. Em seu pedido os moradores enfatizavam a necessidade de que tais reparos fossem realizados antes do período das festas carnavalescas, para que as sociedades carnavalescas pudessem ali transitar sem problemas.

As reivindicações com relação a problemas com o calçamento das ruas eram constantes no *Jornal do Commercio*, e se pautavam tanto quanto à ausência de calçamentos nas ruas, como quanto aos problemas acarretados pelas obras realizadas para o calçamento das mesmas. Como exemplo, podemos mencionar algumas matérias veiculadas no *Jornal do Commercio* acerca deste tema.

Na edição do dia 19 de agosto de 1868 foi publicada uma matéria que criticava a ausência de calçamento na Rua do Carmo, assinada por “O que por um triz não quebrou o nariz”. Esta matéria mencionava que as ruas distantes do centro comercial eram calçadas enquanto que ruas como a Rua do Carmo se encontravam em estado deplorável. Eram publicadas no *Jornal do Commercio* não somente as críticas referentes à urgência de calçamento das ruas, como também críticas sobre a forma como estas ruas eram calçadas. A matéria publicada em 02 de outubro se referia ao fato de que não se encontravam calçadas à frente do passeio de todas as casas na Rua do Engenho-Velho, e também questionava a razão pela qual eram calçadas as frentes apenas das casas daqueles que tinham dinheiro, pois todos pagavam os mesmos impostos.

A questão do calçamento muitas vezes estava associada à higiene. Em 15 de setembro foi publicada uma matéria cujo título era “Limpeza municipal”, assinada por “Um por muitos”, na qual se clamava por providências do fiscal da Candelária, para que acabasse com grandes valas de água pútrida na Praça das Marinhas. Esta localidade, na opinião do reclamante, merecia por parte da Câmara o mesmo tratamento e benefício

dados à outras praças da Capital do Império. Contudo, naquele momento a praça se encontrava suja e necessitava de um calçamento.

O assunto da falta de calçamento da praça voltou à tona um mês após em uma matéria do dia 15 de outubro do mesmo ano, a matéria apresentava-se destinada a José Pereira Rego e a João Batista dos Santos, que eram respectivamente o Presidente da Junta Central de Hygiene Pública e o Presidente da Câmara Municipal. Nesta matéria, solicitava-se que fosse calçada a Praça das Marinhas. Os moradores desta praça consideravam que o seu calçamento não deveria mais ser retardado, uma vez que o mesmo já havia sido aprovado pela Câmara Municipal, e destacavam também o fato de que a praça se encontrava imunda. Estes moradores entendiam que a ausência de calçamento e a imundície não poderiam ser mais admitidas, pois a praça estava localizada no principal ponto de embarque e desembarque do Rio de Janeiro, e certamente o aroma exalado naquela região incomodava aqueles que chegavam à Capital do Império. A matéria apresentava de forma mais veemente sua crítica à Câmara Municipal, a qual segundo o articulista deveria dar atenção aos problemas da praça:

“A camara tem engenheiros para embellezarem a Cidade; tem fiscaes e guardas-fiscaes para não consentirem immundicies pelas ruas e praias? No entretanto os engenheiros acham que a praça das Marinhas é o lugar mais belo e diorifico do Império, quando estamos vendo quando as ruas calçadas regularmente, são estes calçamentos substituídos por outros mais modernos, porque a camara tem dinheiro para a vaidade dos moços, e não para as necessidades indispensáveis como a que constantemente reclamam reclaman-nos em vão seremos attendidos desta vez? Em nome da moral e do estado anti-hygienico em que está esta praça pedimos que garantão salubridade nos negociantes vizinhos.”¹⁹⁸

Se por um lado havia a reclamações devido à falta de calçamento em determinadas ruas da Capital do Império, por outro lado encontramos inúmeras reclamações referentes aos contratemplos surgidos com as obras de calçamento realizadas pela Cidade. As obras realizadas pela empresa *City Improvements* que deveriam melhorar não apenas esteticamente a Cidade, também apresentava problemas para a saúde pública daquela Capital. Os habitantes da Cidade por sua vez, utilizavam a imprensa para denunciar os transtornos trazidos por estas obras. Tais problemas

¹⁹⁸ *Da mesma praça.* Aos Illms. Srs. Drs. Pereira Rego e João Batista dos Santos. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, out. 1868. p.2.

ocorriam muitas das vezes em ruas recém-calçadas pela Companhia, e em alguns casos ocorriam mesmo sem as obras estarem concluídas.

Na matéria publicada na sessão “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* de 2 de setembro de 1868, sob o título de Calçamento, havia uma reclamação referente ao calçamento que havia sido recém construído na Rua dos Inválidos e que já apresentava deformidades. Segundo o reclamante havia um trecho sem calçamento logo no início desta rua, quase em frente à Igreja de Santo Antônio, o que atrapalhava muito aos habitantes daquela rua. Este trecho da rua, com problemas, comprometia a utilização do calçamento de toda a rua, pois se encontrava abaixo do nível do calçamento da rua, impedindo assim o trânsito de pessoas. Além disso, este trecho retinha água, formando charcos imundos, e a evaporação advinda destes charcos deixava os habitantes doentes. Na concepção do autor desta crítica, o problema era simples de ser resolvido. Desta forma reivindicavam que este trecho da rua fosse calçado ou que fosse aterrado para que ficasse na altura da rua e acabasse com aqueles transtornos.

Acostumados com a protelação dos serviços realizados pela empresa responsável pelo calçamento da Cidade, o apelo eram então feito em nome da saúde pública. A matéria ainda afirmava que se fosse colocado cascalho no chão, o problema poderia ser solucionado, mas destacava também que os moradores solicitavam que a solução dos problemas fosse realizada da melhor maneira possível e com os melhores produtos. A matéria ainda questionava o fato de que em uma cidade “entregue exclusivamente aos médicos”¹⁹⁹, ainda incidisse tantos exemplos de insalubridade pública.

Percebemos, também, na análise do *Jornal do Commercio*, a existência de casos referentes a problemas de calçamento das ruas que recebiam mais de uma crítica em uma única edição do jornal. No dia 14 de outubro de 1868 uma matéria classificava de lastimoso o estado em que estava ficando o novo sistema de calçamento construído na Rua do Rezende. De acordo com a matéria, esta obra estava sendo realizada de forma muito lenta, e a responsabilidade era do empreiteiro da obra. Esta lentidão deixava os moradores da rua sitiados, sem poder sair em dias de chuva.

Nesta mesma edição veiculou-se outro protesto referente à situação da Rua do Rezende, no qual o Sr. J de Mello, o empreiteiro responsável pela obra da rua, era acusado de agir como bem entendesse. A matéria, assinada por “Um municípe”, ainda

¹⁹⁹ Calçamento. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, set. 1868. p.1.

citava o caso da Praça das Marinhas, no qual embora tivesse sido determinado seu calçamento com paralelepípedos, o empreiteiro não havia executado o trabalho, bem como não havia sido executada a obra em um trecho de rua que apresentava um buraco em frente à Estação da Estrada de Ferro e para o qual havia sido recomendada urgência por parte da Câmara Municipal. Isto nos leva à reflexão de que o fato dessas obras não terem sido corretamente executadas pelos empreiteiros, além de terem acarretado transtornos à população, foram motivos de reclamação e de matéria no jornal, o que demonstra que a população não só não aceitava ficar a mercê das obras dessas empreiteiras, como não tinha medo de denunciar tais problemas.

Reclamações feitas ao *Jornal do Commercio* referentes ao calçamento da Rua do Rezende eram constantes. Em matéria de 23 de novembro assinada por “Um proprietário” que estava aparentemente insatisfeito e indignado com as obras de calçamento da Rua do Rezende, por considerá-las mal executadas o que representava um esbanjamento e o emprego indevido do dinheiro público, estabelecido este quadro, o autor da matéria, ainda sugeriu que as obras deveriam receber devida atenção.

De acordo com este proprietário para que essas obras fossem realizadas a empresa responsável pela obra havia retirado o calçamento de quase toda a Rua do Rezende, e somente depois havia iniciado o novo calçamento, o qual foi executado lentamente. Na matéria o morador ainda solicitava que a obra fosse interrompida e que o calçamento antigo fosse mantido, pois o novo era muito inferior. Apontava, também, que a execução da obra apresentava falhas, como com os chamados “sumidouros”, que eram mecanismos utilizados para o escoamento da água, pois estes não davam vazão à quantidade de água a ser escoada e encontravam-se mal conservados. Desta forma, com a primeira chuva intensa as casas poderiam ser inundadas causando muito transtorno para a população. A matéria ainda denunciava a ausência de uma camada de cascalho nas obras da rua, que deveria ter sido posto antes da alocação das pedras de paralelepípedo, e também do cimento no rejunte dos paralelepípedos, para o qual havia sido utilizado apenas areia molhada.

Nesta matéria ainda era reclamada a ausência do engenheiro municipal, que supostamente teria deixado a obra sob a responsabilidade dos trabalhadores e sem nenhuma fiscalização. O morador informava que além desta denuncia feita no *Jornal do Commercio*, também a reportaria à Câmara Municipal.

Em resposta, o empresário responsável pelas obras de calçamento, Joaquim Maria de Mello, afirmava que conhecia o autor desta reclamação publicada no *Jornal do*

Commercio, e que esse vinha lhe atacando desde o ano de 1866. Afirmava também que solicitara aos moradores da Rua do Rezende, que estivessem insatisfeitos, que levassem suas reclamações à Câmara Municipal para que esta as investigasse, pois era este o órgão competente para tomar as providencias que fossem convenientes.

3.2.2 City Improvements

As denúncias referentes à má execução das obras de saneamento realizadas pela companhia *City Improvements*, empresa contratada pelo Governo Imperial para construir uma nova rede de esgotos e melhorar o estado sanitário da Cidade do Rio de Janeiro, eram constantes no *Jornal do Commercio*. Eram publicadas, igualmente, matérias criticando as obras de calçamento nas ruas da Cidade.

Como exemplo, podemos mencionar uma matéria publicada no dia 30 de abril de 1868, na sessão “Gazetilha” intitulada “O calçamento do Catette”. A matéria versava sobre as obras de saneamento recém-concluídas na Rua do Cattete e que foram realizadas pela companhia *City Improvements*. A matéria apontava que embora a obra tivesse melhorado aparentemente o trânsito por aquela rua, durante as chuvas que haviam caído na Cidade, o trecho, entre o Mercado da Glória e o Largo do Valderato, havia se transformado em um rio, inundando todas as habitações térreas. Trazendo incômodo e prejuízo para os habitantes daquelas casas.

A matéria ainda ressaltava que haviam sido consultadas algumas “pessoas entendidas”, ou seja, pessoas que tinham conhecimento para falar sobre as obras realizadas, e que estas haviam afirmado que o defeito estaria no fato das valas subterrâneas que haviam sido construídas serem muito estreitas. Sendo assim estas valas tinham que escoar as águas que caíam nas calçadas da Cidade normalmente, como também as águas das chuvas e dos temporais. Além disso, o barro que era carregado pelas águas das chuvas ficava depositado nessas estreitas valas. A matéria indicava ainda que algo deveria ser feito, visto que:

“A repetição do que se passou com as ultimas chuvas tornará insuportável a residência em uma das melhores artérias entre a cidade e os arrebaldes, e arrancará pragas a quem tiver de atravessá-las em qualquer sentido.

Não é para isto que se pagam impostos. Os contribuintes, quer para os cofres geraes , quer para os municipaes, tem direito de exigir o bom emprego do seu dinheiro.^{200,}”

²⁰⁰ O calçamento do Catette. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, abril. 1868. p.2.

A reivindicação de uma melhor utilização do dinheiro público estava presente nas cobranças dos moradores daquela rua. Para solucionar os problemas, defendiam que fossem construídas sarjetas laterais para auxiliar o escoamento das águas, ou fosse adotado outro meio “acolhido pela ciência”²⁰¹.

Em outra reclamação veiculada na sessão Gazetilha deste jornal, em 1º de maio de 1868, era reivindicada a construção de uma rede de esgoto na Rua do Rezende, pois os moradores daquela localidade sofriam bastante em dias de chuva. A matéria expunha a situação dos habitantes daquela rua:

“Sirva-se V. chamar atenção da camara municipal para o lastimoso estado em que se fica a rua do Rezende depois que chove; parte que fica entre as ruas dos inválidos e Lavradio, fica de tal modo fica de tal modo inundada que ninguém pode por ela transitar. A água invade as casas, as cozinhas e os trastes andam a nado.”²⁰²

Ainda foi sugerido que, como nesta rua existia um grande cano abaixo do nível da calçada, poderia ser construído, a cada cem braças, um esgoto ou um bueiro que conduzisse as águas para este cano, o que evitaria as inundações ocasionadas pelas chuvas e pouparia os habitantes de problemas e prejuízos.

A Travessa do Senado foi um entre os muitos exemplos da má execução e da falta de zelo nas obras executadas pela *City Improvements* mencionados no *Jornal do Commercio*. Na edição de 21 de julho de 1868, na sessão “Gazetilha”, uma matéria que recebeu o título de “Trânsito Público”, salientava que por conta das obras da Companhia a rua estava intransitável havia dois meses, e isto teria ocorrido em decorrência do fato dos funcionários da empresa terem retirado o calçamento da travessa para a instalação do encanamento e terem deixado o entulho desta obra no meio da rua, atrapalhando o trânsito das pessoas.

A *City Improvements*, também era atacada e responsabilizada pelo entupimento de esgotos nas ruas da Cidade. Em 05 de setembro de 68, foi publicada uma nota assinada por “Tapando o nariz” o qual indagava ironicamente ao fiscal da Freguesia de Sant’Anna acerca do dia em que seria realizada uma regata na lagoa que havia se formado em um quintal situado na Rua o Areal, decorrente do entupimento dos esgotos.

Em uma reclamação publicada no *Jornal do Commercio*, por “Um paciente”, no dia 07 de dezembro, e direcionada ao Ministro de obras Públicas, os moradores da Rua

²⁰¹ *Idem.* p.2.

²⁰² Rua do Resende. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Maio. 1868. p.1.

da Lapa solicitavam maior atenção quanto à limpeza da calha de esgoto existente naquela rua, pois deste emanava um cheiro muito forte ao ser aberto o alçapão, o que era feito constantemente, e obrigava os moradores a se trancarem em suas casas para não ficarem expostos aos miasmas emanados. Ainda mencionava que a negligência na limpeza das valas era tamanha que no mês anterior, enquanto três trabalhadores da *City Improvements* estavam próximos ao alçapão, uma “preta”²⁰³ havia caído no alçapão, acarretando-lhe problemas de saúde.

Era constante no *Jornal do Commercio* a publicação de notícias nas quais estavam presentes reclamações com relação à questão do cheiro que emanava de algumas ruas, como o caso dos moradores da Rua do Ourives que reclamaram, em janeiro de 1869, do mau odor. Esta matéria era assinada por “Valha-nos São Pedro” e direcionada à companhia de esgotos, e solicitava ao engenheiro fiscal uma nova chapa no esgoto da rua.

Conforme mencionamos anteriormente, a companhia *City Improvements* também recorria ao *Jornal do Commercio* para veicular seus comunicados à população da Capital do Império. Em 1868 a *City Improvements* noticiou no *Jornal do Commercio* que algumas pessoas, que não eram seus funcionários, estavam por conta própria realizando alterações no sistema de construído pela Companhia e desentupindo canos de esgoto. Em matéria assinada pelo representante da Companhia, João F. Russel, informava, ainda, que aqueles que precisassem de obras ou reparos nos esgotos de seus prédios ou residências deveriam contatar o engenheiro da Companhia, que residia na Rua Larga de São Joaquim nº186, e que os infratores poderiam ser punidos com o rigor da lei pelas posturas (§2º, art. 3º e § 1º do art.6º) da Câmara Municipal, de 7 de maio de 1867.

Em 07 de junho de 1868, foi publicado na sessão “Gazetilha” uma matéria sob o título de “Ministério de Obras Públicas”, comunicando o estabelecimento da portaria de 11 de maio de 1868, a qual atribuía à Câmara Municipal a responsabilidade pelo pagamento à Companhia *City Improvements* de despesas com os encanamentos:

“Com o assentamento dos encanamentos que devem ligar as latrinas e vasos publicos com as galerias geraes de esgoto, na conformidade do §6º da condição 2º do contrato approved pelo decreto nº 1929 de 26 de Abril de 1857, pelo que se lhe remete o orçamento incluso organizado pela dita companhia.”²⁰⁴

²⁰³ *Idem*. p.1.

²⁰⁴ Ministério de Obras Públicas. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, jun. 1868. p.4.

Tais latrinas e vasos deveriam ser alocados em diferentes pontos da Cidade, que seriam designados pelo engenheiro fiscal do Governo Imperial. De acordo com o representante da Companhia, os gastos a serem custeados pela Câmara Municipal eram de 14:236\$000.

3.2.3 Sujeira

O temor às doenças fazia com que os habitantes da Capital do Império tivessem verdadeiro pavor da sujeira e da imundície. Este fato nos chamou muito a atenção, dado o grande número de notas veiculadas frequentemente no *Jornal do Commercio*, nas quais os habitantes do Rio de Janeiro denunciavam a sujeira da cidade.

Essas notas e matérias, além de denunciarem a sujeira e cobrarem uma posição das autoridades, também insinuavam constantemente que a imundície na Cidade era a responsável pela proliferação de doenças na Capital do Império.

O serviço de remoção da sujeira nas ruas e dos resíduos domésticos era uma atribuição da municipalidade, e era realizada em carroças particulares. O médico Antonio Martins de Azevedo Pimentel destacou em seu livro publicado em 1890, que este serviço era mal feito “com manifesto damno para a salubridade publica, pelas fétidas emanações desprendidas das varias substancias em decomposição”²⁰⁵

No dia 29 de abril, foi publicada na sessão “Gazetilha” uma matéria cujo título era “Hygiene Pública”, que denunciava que em uma construção do Morro Inglez corriam águas pútridas dos açudes, colocando em risco a saúde dos habitantes daquele entorno, e que nenhuma autoridade responsável pela higiene publica e nem a Câmara Municipal haviam tomado qualquer providência.

A sujeira nas ruas incomodava a população, como aos moradores da Freguesia do Espírito Santo, que em matéria de 19 dezembro de 1868, referiam-se à denúncia que haviam feito ao fiscal da freguesia sobre o estado lastimável em que se encontrava o trecho situado entre “a casa onde mora o Sr. Commendador, até a casa do Sr. Nogueira”²⁰⁶, onde havia esgotos entupidos, grandes buracos, sujeira e desordem.

Neste mesmo dia, os moradores da Rua do Carmo, que se intitulavam “Um por todos”, assinavam uma matéria na qual reclamavam do forte cheiro que emanava na rua, em virtude de água parada que se acumulava por não haver condições para o

²⁰⁵ PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. Op. Cit. p.174.

²⁰⁶ Ao senhor fiscal da freguesia do espírito-santo Publicações a pedido. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, dez. 1868. p.1.

escoamento, em decorrência da obstrução da passagem da água causada pelo material de uma obra que estava ali sendo realizada.

A população da Capital do Império denunciava não apenas a imundície nas ruas da Cidade ou em decorrência das obras públicas, como denunciava a sujeira existente em propriedades particulares. No dia 14 de junho foi publicada uma nota que relatava que entre a Rua Princesa do Cattete do Infante e a Praia do Flamengo havia um terreno que era aterrado com cisco (detritos), lixo e animais mortos. A matéria destacava que esse método de aterramento por mais vantajoso que fosse, era extremamente nocivo à salubridade pública, viciando o ar que era respirado. A matéria ainda mencionava que a Junta Central de Hygiene Pública tinha uma opinião diferente acerca deste tema, e desta forma a reclamação havia sido encaminhada à Câmara Municipal, que supostamente poderia acatar a reclamação.

Outra reclamação foi veiculada no dia 18 de junho de 1868, em uma matéria que denunciava um morador, residente na Rua Monte Alegre próxima a Rua do Riachuelo, que adubava suas terras com determinados detritos. Esta prática incomodava os vizinhos, que achavam que esta representava perigo iminente à saúde. Vários materiais eram utilizados para o adubamento do terreno:

“Faculta alli o despejo nas carroças de lixo da limpeza pública e parece mesmo que dos resíduos de algumas cozinhas, indo também de envolta de vez em quando algum cachorro ou gato morto”²⁰⁷

O anseio dos moradores das proximidades daquela rua era de que a Câmara Municipal proibisse aquela prática. A matéria sugeria, ainda, que o fiscal da província mandasse pôr naquela rua um guarda e que esse apreendesse as carroças que chegavam com o lixo. A presença de um guarda faria com que os carroceiros procurassem um lugar apropriado para despejar o lixo.

Os moradores do Rio de Janeiro delatavam também seus vizinhos, como no caso denunciado em 05 de novembro na sessão Gazetilha, na qual moradores da Rua dos Pescadores, situada próxima às Ruas Direita e da Candelária, denunciavam que naquele local havia vizinhos que haviam transformado a rua em um depósito de sujeira e imundície. De acordo ainda com esta denúncia, como havia guarda fiscal na região era possível acabar com aquela prática, que durante os períodos de calor poderiam ser mais prejudiciais aos moradores daquela localidade.

²⁰⁷ Immundicie. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jun. 1868. p.1.

Os despejos de lixo feitos constantemente na Rua da Feira, esquina da de São Cristovão, também incomodavam os habitantes daquela circunvizinhança. A matéria de 1º de Julho recomendava que o fiscal daquela freguesia prestasse atenção a estes abusos cometidos, e que entendia que estes despejos poderiam ser feitos na praia, dada sua proximidade, o que não causaria incomodo e não colocaria em risco a saúde dos moradores daquela rua.

Animais mortos e/ou abandonados pelas ruas da Cidade também causavam incômodos aos moradores da cidade, fosse pelo cheiro que exalavam ao se decompor, ou pela desordem e sujeira que ocasionavam nas ruas. Neste sentido o *Jornal do Commercio* publicou uma matéria em 06 de maio, direcionada à Câmara Municipal e ao fiscal responsável pela área do Morro Paula Matos e da Freguesia de Sant'Anna. Nesta matéria recomendava ao fiscal que fizesse uma visita ao prédio nº 1, da Rua do Paraíso, onde havia sido construída uma cocheira. De acordo com a matéria, esta cocheira era um foco de infecções, pois quando chovia corriam para a rua as águas sujas de fezes e de urina do cavalo, e o aroma que emanava incomodava a tal ponto que as pessoas que viviam no entorno mantinham suas janelas fechadas, e mesmo assim denunciavam que o cheiro ainda invadia as residências. Outro incomodo causado pela existência daquela cocheira decorria do fato do capim consumido pelo cavalo ser depositado nas ruas, sujando as casas da vizinhança, e o capim que sobrava ser ateado fogo provocando a formação de muita fumaça. E o cavalo, por sua vez, afirmavam, andava livremente pelas ruas e convivia com as crianças da região, colocando-as em risco de serem pisoteadas pelo equino. A ausência da Câmara Municipal neste episódio revoltava os moradores da região, que temiam pelo prejuízo das condições sanitárias daquela localidade, que poderia possibilitar a ocorrência de doenças, como a cólera morbus. A matéria cobrava uma posição rápida da Câmara e do fiscal, pois os moradores pagavam seus tributos, a décima ao tesouro nacional, e não suportavam mais conviver com a imundície e com um rio de águas sujas.

Um cão morto na Ladeira de Conceição também foi alvo de cobrança e de protesto. A matéria veiculada em 23 de junho cobrava uma posição do fiscal da freguesia de Santa Rita com relação a um canino morto havia oito dias, possivelmente envenenado. De acordo com a matéria a presença desse animal morto refletia ainda o desleixo da limpeza pública em relação àquela ladeira.

Assim como a imundície ocasionada pelos animais, a sujeira em prédios públicos e nas feiras, e a formação de buracos nas ruas da Cidade, eram constantemente

denunciadas em matérias no *Jornal do Commercio*. O incomodo causado pelo cheiro das águas sujas, acumuladas em buracos, foi bastante comentado, como na matéria publicada na sessão “Gazetilha”, da edição de 15 de setembro de 1868, com o título “Precipício”, que relatava que o depósito de águas pútridas e a sujeira decorrente de espetáculos que haviam ocorrido junto ao Teatro de S. Pedro de Alcântara, lá permaneceram sem cuidado algum incomodando as pessoas. Além disso, próximo a parede deste teatro havia um buraco que já havia causado acidentes, além de muita sujeira.

Eram veiculadas solicitações, no *Jornal do Commercio*, para que fossem limpas as ruas, e que as deixassem no mínimo transitáveis. Solicitava-se, também, a limpeza tendo em vista a realização de eventos específicos, como ocorreu na matéria assinada por “Um por todos”, de 07 de outubro de 1868, que fazia alusão à reivindicação dos moradores, da Rua Senhor dos Passos, à Câmara Municipal para que fosse providenciada a limpeza de um trecho entre a Rua da Conceição e Rua dos Andradas para a procissão que ocorreria no domingo seguinte. Aquele trecho não era limpo constantemente, e apresentava inúmeros e imensos buracos sempre cheios de água pútrida que exalavam um aroma pestilento. Por conta desses problemas, os moradores chegaram a sugerir que fosse colocado cascalho no chão para que a rua ficasse transitável para a procissão.

Locais como a Praia do Peixe, situada entre as ruas do Rosário e do Ouvidor²⁰⁸ também eram identificados como focos de sujeira. Uma matéria publicada no *Jornal do Commercio*, de 14 de outubro, denunciava inclusive que os moradores quitandeiros dessa localidade eram rechaçados pela Câmara Municipal que se fazia de surda perante os pedidos dos moradores da região. A matéria era assinada por “Os que pagam impostos”, que denunciavam que a região sofria com mau cheiro, o odor este que se acentuava quando fazia muito calor, e que juntamente com a poeira, levavam ao sofrimento dos moradores. Acrescentavam que quando chovia o local se parecia mais com um chiqueiro do que com “uma mercadoria da Capital do Império”²⁰⁹. Além da limpeza os moradores clamavam por providencias para que aquele local fosse calçado.

Da mesma forma que o *Jornal do Commercio* era utilizado para a veiculação de cobranças à Câmara Municipal e à Junta de Hygiene Pública, também eram

²⁰⁸BERGER, Paulo. *Dicionário histórico das Ruas do Rio de Janeiro: I e II regiões administrativas (Centro)*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1974. p.131.

²⁰⁹ Camara Municipal. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868. p.1.

denunciados os atos de moradores de determinadas ruas que punham em risco a população. Podemos mencionar o caso da Rua ou Ladeira de Santa Thereza, cujas condições foram denunciadas em 04 de novembro no *Jornal do Commercio*, na sessão Gazetilha, em uma matéria intitulada “Salubridade Pública”. Nesta matéria foi relatado que a Rua ou Ladeira de Santa Thereza, que havia sido recém-calçada, estava coberta de relva e de muito lixo, principalmente no local conhecido como Travessa das Escadinhas, e que este lixo era depositado pelos próprios moradores, que sempre jogavam o lixo de suas casas nas ruas. A preocupação expressa nesta matéria era a de que numa estação quente, como a vivida naquele momento, tanta sujeira poderia colocar em risco a salubridade daquele local, pois as moscas se proliferariam e invadiriam as casas daquela região, mesmo com os inúmeros cuidados que pudessem ser adotados para sanar aquela praga. A questão central era a de que os moradores não sabiam a quem recorrer:

“(...) se o calceteiro que tem a conservação da rua por um anno, se ao fiscal que nem ao menos pode mandar matar os cães leprosos e abandonados, que abundam neste lugar, se há policia que, devendo ser activa em toda parte, não manda para allí uma patrulha sequer, ao menos de noite afim de que ratoneiros, quando levarem as nossas galinhas, o que não poucas vezes tem acontecido, possuão ao menos suppor que a sua *industria* não deixa de ser um tanto arriscada.”²¹⁰

A nota acima referida apontava para outros problemas que também deveriam ser combatidos na Cidade, além da sujeira, como a ausência de segurança e a necessidade de uma melhor fiscalização dos serviços de calçamento executados nas ruas da cidade.

A denúncia veiculada em 19 de janeiro de 1869, no *Jornal do Commercio*, referia-se ao comportamento de alguns moradores na Rua das Laranjeiras, que despejavam inúmeras imundícies em uma vala de águas pluviais, situada em um local conhecido como Páo-Grande. Os moradores reclamantes denunciavam que dessa prática punha em risco a saúde de todos, além de corromper o ambiente.

Eram igualmente denunciadas, neste periódico, algumas práticas dos condutores de carroças de limpeza pública que traziam perigo à saúde pública e que eram consideradas como intoleráveis pelos moradores da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com uma denuncia feita na sessão Gazetilha do *Jornal do Commercio*, em 20 de novembro de 1868, esses carroceiros levavam para a Rua do Sabão do Mangue todo o tipo de imundície encontrada nas ruas da Capital do Império:

²¹⁰Salubridade Pública. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, jun. 1868. p.4.

“restos de comida dos botequins e casas de pasto, animaes mortos e etc e formam de tudo isto grande depósitos em certo terreno. Dias depois resolve-se aquelle montão pestilento e parte delle é tirado para ir servir de estrume ás plantações de capim.”²¹¹

Os moradores da rua do Sabão do Mangue afirmavam que junto ao lixo apareciam porcos que contribuía para o envenenamento dos moradores, mas que não sabiam a quem recorrer para se livrarem daquele foco de peste.

No dia seguinte à publicação da matéria, Elias José dos Santos veio a público esclarecer que as carroças de limpeza pública não tinham a prática de colocar lixo no local indicado pela matéria anterior, e que na verdade as carroças removiam o lixo das casas daquela rua. E ainda esclareceu que as carroças de limpeza pública não recolhiam restos de comida dos botequins da Cidade, uma vez que sua obrigação era apenas com relação à remoção do lixo das ruas e das casas de pessoas indigentes.

Em matéria de 06 de Janeiro de 1869, “Um Transeunte” reclamava ao fiscal da Freguesia de Santa Rita quanto aos carroceiros da empresa de limpeza pública, que haviam recolhido apenas as cabeças dos cachorros mortos há quatro dias na rua, e deixado os corpos desses animais. A matéria indagava ainda ao fiscal se este ato havia sido por ele ordenado, como uma forma de castigo às pessoas que ali passavam, uma vez que um habitante daquela região teria participado da execução desses animais.

Um local que causou muita polêmica, em 1868, tanto entre os moradores da Cidade, como entre as autoridades e os órgãos de imprensa, foi o matadouro. A discussão sobre este matadouro foi noticiada periodicamente no *Jornal do Commercio*, e destacamos uma destas matérias, publicada em 11 de maio de 1868 na sessão “Publicações a pedido” e sob o título de: “Os comunicados do governo sobre o matadouro, docas e o Diário do Rio”. A matéria era assinada por Antonio de Julio Coelho, e era sua resposta ao que havia sido veiculado nos dias anteriores no *Jornal do Commercio* sobre o tema do matadouro.

A matéria afirmava que o Governo, a Junta Central de Hygiene Publica e a Câmara Municipal, estavam conscientes de que era inviável manter o matadouro da Cidade no em São Cristovão, pois além de ser completamente nocivo à salubridade pública, aquele matadouro representava um “escárnio a civilização”²¹² da Capital do Império. Antonio de Julio Coelho afirmava, ainda, que a remoção do matadouro era

²¹¹ Salubridade Pública. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868. p.1.

²¹² Os comunicados do governo sobre o matadouro, docas e Diário do Rio. Publicações a pedido. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Maio. 1868. p.1.

apenas uma questão de tempo, mas que a escolha do local foi objeto de longas discussões. Foram apresentadas para o Governo Imperial inúmeras propostas de locais para a transferência do matadouro, como a Ilha da Marambaia, a Fazenda de Santa Cruz, Macacos, Bom jardim e por fim para a Pavuna. Esta última sugestão, feita pelo Comendador Antonio Tavares Guerra, foi acatada e considerada a melhor escolha tanto pelo Governo Imperial, quanto pela Junta Central de Hygiene Pública e pela Câmara Municipal.

3.2.4 Água e irrigação

O suprimento de água e a ausência de poeira nas ruas da Cidade eram questões bastante caras à população da Capital do Império. O fornecimento de água era fundamental tanto para o consumo da população quanto para a limpeza das casas e das ruas. De acordo com Gilmar Almeida o problema da falta de água no Rio de Janeiro era constante. Entre os fatores, apontados pelo autor, para a falta de água, estariam o clima, o aumento populacional e conseqüentemente o aumento do consumo de água. Acrescentava-se o fato de que a sujeira lançada nos rios os tornava impróprios para consumo.

Em 1860, por meio do decreto nº 1.067, foi criado o Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, ao qual foi atribuída a responsabilidade pelo serviço de abastecimento de água da capital do Império. Entre as primeiras providências adotadas, por este Ministério, para melhorar o abastecimento de água, estaria a incorporação dos últimos mananciais do Maciço da tijuca ao sistema de abastecimento de água, com o intuito de ampliar a rede de distribuição de água²¹³.

A irrigação das ruas do Rio de Janeiro era uma prática comum na sociedade da época, especialmente para diminuir a temperatura da superfície das ruas e do próprio ambiente nos dias de calor, como vimos no *Jornal do Commercio* nas notícias sobre a adoção de providências para a irrigação das ruas. Um dos casos foi o da rua que se localizava em frente ao Paço do Senado, para a qual a então Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas concedeu permissão para que fosse tirada do chafariz do canto a quantidade de água que fosse necessária para irrigar a rua. Esta notícia foi veiculada no periódico em 28 de abril de 1868, numa matéria cujo título era “Ministério de Obras Públicas”.

²¹³ Ver mais em ALMEIDA, Gilmar Machado de. *Op.cit.*

A insatisfação dos moradores da Cidade para com o serviço de irrigação existente também era veiculada pela imprensa como forma de protesto. No dia 19 de agosto do mesmo ano foi publicada uma matéria que questionava o fato da Rua de S. Francisco Xavier do Engenho Velho estar há dois meses sem irrigação. A matéria acusava ao encarregado do serviço naquela região de ter tido “dó dos cofres municipais”²¹⁴, e nada ter feito para prover a irrigação das ruas. Os moradores também reclamavam da falta de água:

“Entretanto tanto antes assim: a falta d’agua está a vista, porque não tem chuveiro, e nós passamos melhor com a seca comendo pó poupamos pão: no passo que muitos se regaliao comendo seu franguito chupando seu copito. Mas para evitar que fiquemos todos entupidos, venha água dos esguichos. Os impostos são para esse allivios. Olhe o sr. Encarregado da irrigação que se há de tornar em pó secco e mirrado se não abafar a poeira com as suas bombas”

O clamor da população, veiculado nesta matéria, destinava-se à Câmara Municipal, reivindicando-se para que esta atentasse à situação dos moradores daquela rua.

Foi noticiado, neste periódico, em 06 de outubro, que a poeira nas Ruas do Catete e da Glória era tanta que aqueles que por lá passassem corriam o risco de se sufocar, salvo nos dias de chuva quando esta amenizava a situação ao molhar as ruas, fazendo o trabalho que deveria ter sido feito pela Câmara Municipal. No dia seguinte à publicação desta matéria, Luiz Neto Caldeira, responsável pela irrigação daquelas redondezas, solicitou ao redator do *Jornal do Commercio* que publicasse seus esclarecimentos à população quanto ao fato de que o trecho reclamado não fazia parte do contrato que fora estabelecido com ele. Complementava, ainda, que a Câmara Municipal, não havia ordenado que tais ruas fossem irrigadas, pois as mesmas eram calçadas com paralelepípedos.

A falta de água era um problema constante em algumas ruas da Capital do Império, pois havia casos como o de uma bica situada em frente à Capela de Santa Luzia que só funcionava quando chovia. Em matéria de 29 de agosto, assinada por “É promessa”²¹⁵, foi feito um pedido às autoridades para que fossem feitas obras de saneamento naquele local de forma a solucionar o problema da falta de água. A matéria

²¹⁴ Irrigação. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Ago. 1868. p.3.

²¹⁵ Essa assinatura se tratava de uma ironia à falta de água naquela região, ao final da matéria o autor prometera acender duas velas à Santa Luzia caso as autoridades solucionassem o problema.

ainda informava que o guarda da Carioca havia dito que havia água na caixa de uma fábrica de cerveja, localizada acima da rua, que era suficiente para abastecer a referida bica.

Na Rua da Carioca o infortúnio não era necessariamente a falta de água, mas sim a administração do serviço. Água, naquela localidade, havia em abundância, entretanto depois das 9h o encanamento da Carioca era fechado. No *Jornal do Commercio*, de 09 de outubro de 1868, uma matéria destinada ao Sr. Ministro de Obras Públicas e assinada por “Muitos consumidores”, apontava que era desconhecida a causa deste procedimento que causava problemas à vida dos moradores daquela região.

A falta de água nestes locais impedia que os carroceiros, transportadores de água na cidade, trabalhassem. A solução possível era que fossem buscar água em outro local, como nas pilastras da Praça da Acclamação, porém nesta Praça não era permitido o trânsito de carroças devido ao péssimo estado de conservação do local, e da própria Praça da Acclamação, que tinha profundos buracos. A matéria solicitava à Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas que consertasse a Praça, especialmente no local por onde passariam as carroças para transporte da água.

A Carioca, como era referida a Rua da Carioca, tinha água em abundância, a ponto da água, em alguns momentos, chegar a sair pelos respiradouros, sendo assim desperdiçada. E em contraste, em outros pontos da cidade havia a necessidade de água para consumo da população. Mesmo com tanta água ainda havia problemas na Carioca, pois duas de suas torneiras, que poderiam ser utilizadas pelos carroceiros estavam inutilizadas. Tais problemas representavam mais transtornos para os carroceiros, que deviam também manter as pipas cheias de água para os casos de incêndios, e caso realizassem essas tarefas lhes poderiam ser imputadas multas. E por isso, além do conserto requerido supracitado à Praça da Acclamação, a matéria ainda solicitava que se mantivesse aberto durante todo o dia o encanamento da Carioca, para que não ocorresse mais falta d'água comprometendo o suprimento dos moradores da Cidade.

O caso acima comentado voltou a ser mencionado no jornal em 25 do mesmo mês, quando foi solicitado ao Ministro de Obras Públicas que possibilitasse as condições para o fornecimento constante de água no chafariz da Carioca, de modo que os carroceiros pudessem lá trabalhar. A partir das 08hs da manhã geralmente parava de cair água na pilastra, diminuindo o fornecimento, o que juntamente com o calor que fazia na época, fez com que o preço do barril de água aumentasse, obrigando os moradores a pagar 200 réis ou mais em cada barril de água. Os moradores solicitaram

novamente o conserto das torneiras, por acreditar que com duas torneiras funcionando, os carroceiros conseguiriam encher suas carroças e não faltaria água para a população. Solicitaram, também, novamente as melhorias no Campo da Aclamação.

No início de novembro de 1868, percebemos a veiculação de uma grande quantidade de matérias, no *Jornal do Commercio*, que reclamava da falta d'água em diferentes pontos da Capital do Império, como São Cristovão, Gamboa, Rua do Rezende, Rua do Lavradio entre outras, Botafogo, Catete, Glória. Estas reclamações foram feitas justamente num período de forte calor.

Em matéria destinada ao Sr. Ministro de Obras Públicas, veiculada no dia 05 de novembro, os moradores da Rua de Santa Luzia denunciavam a falta d'água, que há muito não caía nas torneiras das residências. A matéria ainda dizia que caso o Ministro resolvesse o problema, ele teria a eterna gratidão dos moradores daquela rua.

As reclamações referentes à falta d'água nesta região se intensificaram no mês de novembro, mas se estenderam pelos meses. Seguintes. Entre as reclamações publicadas no *Jornal do Commercio* sobre falta d'água na cidade, a maioria referia-se à região da Santa Luzia.

Era, inclusive, constantemente solicitado o conserto da bica instalada em frente a capela de Santa Luzia. No dia 23 de Novembro os moradores da região publicaram uma nota na qual afirmavam que por haver chovido muito naqueles dias, a caixa d'água da Carioca havia transbordado, enquanto que em Santa Luzia os moradores sofriam com a falta de água.

Havia casos em que moradores, que embora sofressem com esse problema há anos, publicavam notas nas quais somente solicitavam providencias por parte do Ministro da Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, e do engenheiro de obras públicas. Por outro lado, havia outras notas em que os moradores que padeciam há muito tempo com este problema, mostravam-se indignados por não ter seus pedidos atendidos e utilizavam o *Jornal do Commercio* como um veículo de desabafo, como podemos ver na matéria publicada no dia 11 de Janeiro de 1869 sobre título de “Desabafo”:

“O publico tem lido as supplicas que os moradores de Santa Luzia têm feito a quem pode dizer – quero, mando e posso remediar a esses necessitados moradores, que de longo tempo nem de dia, nem de noite, tem água na adorada bica de frente da capella de Santa Luzia.

Miseris mortaes! Nem assim attendem as necessidades publicas

O problema da falta d'água em alguns pontos da Cidade era constante, e era no *Jornal* que os moradores buscavam solução e explicações. De acordo com uma matéria publicada na sessão “Gazetilha” em 06 de novembro, a ocorrência de calor poderia ser a justificativa para a diminuição de água nos encanamentos, porém muitos moradores da Cidade do Rio de Janeiro exigiam uma explicação mais plausível. Os moradores da Rua do Matoso, por exemplo, reclamavam que havia água em abundância na Cidade, porém não chegava àquela rua, e que isto ocorria porque o ramal que fora instalado na rua não tinha capacidade de abastecer as mais de vinte casas da rua, e a água então chegava apenas para duas ou três casas. Na Rua Bom Jardim não caía água na bica que existia na travessa do Bom Jardim há mais de cinco anos.

No dia seguinte a esta matéria, foi publicada outra que também reclamava da falta d'água, agora entre as Ruas América e S. Diogo, e que era destinada ao administrador de obras públicas. Nesta rua havia sido instalado um cano para prover água, porém este não funcionava adequadamente, e os moradores, fartos de esperar pelo funcionamento do mesmo, resolveram então solicitar que fosse examinada a bica, localizada entre a Rua Bonjardim e a Travessa Bonjardim, que estava sem funcionar há anos. Os moradores esperavam que com o funcionamento dessa bica seria possível remediar a situação daquela região.

As queixas vinham de toda as partes da Cidade, e no mesmo dia, 6 de novembro de 1868, foi veiculada uma nota destinada ao redator do *Jornal do Commercio* na qual afirmava-se que se faltava água a culpa não era da administração de obras públicas, mas sim dos próprios interessados. No caso da Rua do Matoso, aos moradores cabia:

“Antes de solicitarem a concessão das pennas d'água com que pretendem dotar as suas casas cumpria aos moradores da rua do Matoso iniciarem nos mistérios do encanamento, que *se supõe abastecer* aquela rua.

Consultassem os contemporâneos da fundação, e saberião que o ramal destinado para mesma rua, nas priscas eras, tinha apenas a capacidade suficiente para suprir d'água três ou quatro”²¹⁷.

Afirmava-se que o encanamento existente era compatível ao número de casas existentes na rua no momento de sua instalação, e que com a construção de mais casas

²¹⁶ Falta d'água. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jan. 1869. p.2.

²¹⁷ Falta d'água. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, nov. 1868. p.3.

naquela rua, este encanamento era insuficiente. E perante o crescimento assombroso da quantidade de casas, caberia, afirmava a matéria, aos próprios moradores o dever de se informar a respeito das condições do encanamento, o que não havia sido feito. A matéria além de responsabilizar os próprios moradores da Rua do Matoso, ainda salientava que a água não abundava, haja vista que na caixa da Tijuca a água estava entrando por um lado e saindo pela metade do encanamento direto para o rio. Por esses motivos, segundo a matéria, as queixas contra a Concessionária de Torneiras seriam infundadas. A matéria ainda pedia que a população tivesse calma, pois a administração de obras públicas iria providenciar o fornecimento de água para todos.

“Água! Água! Água!”. Esse era o título da matéria assinada por “Um por todos”, e publicada no *Jornal do Commercio* de 06 de novembro de 1868. A matéria era uma reivindicação dos moradores de São Domingo que embora pagassem suas contas, mas não estavam recebendo água:

“Pagão os concessionárias de pennas d’água para ter esta commodidade em suas casas e a província percebe estes rendimentos sem curar dos abastecimentos preciso e nem se importando com o clamor que é geral e remoto. Actualmente nem os depósitos particulares recebem gota d’água, nem as bicas publicas vertem lagrima; de sorte que estamos ameaçados para rigor da secca de não termoa absolutamente água para a mais urgentes necessidades domésticas.”²¹⁸

A matéria, além desta reivindicação, salientava que não havia cabimento deixar os moradores naquela situação, pois era de conhecimento de todos que não faltavam os meios para remediar este problema.

Era comum que moradores da Cidade, ao cobrarem providências das autoridades competentes, destacassem o fato de que já haviam pago os impostos. Em janeiro de 1869 percebemos que os moradores da Cidade publicavam constantemente matérias com reclamações referentes ao preço pago pela água aos carroceiros da cidade, e também ao imposto pago pela água, que ainda faltava na torneira dos moradores.

Os moradores das Ruas do Lavradio, dos Arcos, e do Riachuelo reivindicavam às autoridades competentes que fosse permitido ao guarda daquela região liberar água da caixa da região durante a noite, para que fosse possível encher o depósito. A matéria

²¹⁸ Água! Água! Água!. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868. P.1

de 13 de Janeiro de 1869 reiterava, ainda, que os moradores das referidas ruas pagavam 3\$ por mês e não havia água nos depósitos faziam oito dias.

Na Gazetilha, do dia 16 de Janeiro, foi publicada a reclamação de um morador da cidade que solicitava que fossem tomadas providencias quanto ao problema do fornecimento de água, pois um condutor havia inicialmente lhe cobrado 1\$500 por um barril de água, e somente após muita negociação baixou para a quantia de 1\$.

Constatamos no periódico deste mesmo dia, em uma matéria assinada por vários carroceiros, que havia sido entregue à Secretaria de obras públicas, no último dia 15 de janeiro, uma representação de carroceiros destinada ao Imperador D. Pedro II. Neste documento, reproduzido *Jornal do Commercio*, os carroceiros afirmavam que o preço do barril de água havia aumentado na Cidade, porque estavam impedidos por ordem superior de recolher água dos reservatórios de água do Campo da Acclamação e do Catumbi, desde o dia 14 do mês corrente.

Em suma, na representação solicitavam que o Imperador autorizasse os carroceiros a retirar água dos reservatórios. De acordo com a matéria, este episódio havia causado transtornos aos carroceiros, que não tinham como atender aos seus clientes e nem como cumprir os regulamentos policiais aos quais estavam sujeitos, e também à população que sofria com a falta da água.

Do mesmo modo que o *Jornal do Commercio* era utilizado como veiculo de propagação das reclamações da população da Cidade do Rio de Janeiro, também era utilizado como espaço para a veiculação de elogios às empresas que cuidavam da irrigação, para a divulgação dos esclarecimentos das empresas e da Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e de seus órgãos.

O empresário Luiz Netto Caldeira, como vimos anteriormente no caso da reclamação referente à poeira nas ruas do Catete e da Glória, utilizou o *Jornal do Commercio* para se defender de acusações. Em 29 de julho o mesmo o fez novamente, mas desta vez as reclamações eram referentes à falta de irrigação na Rua do Caes Novo da Glória. Neste último caso, afirmava que não tinha obrigação de fazer a irrigação daquela rua e ainda solicitava que fossem apontadas as falhas nas ruas das quais ele era o responsável pela irrigação.

Assim como Caldeira, e em resposta ao *Correio Mercantil*, João Francisco de Souza Menezes, que era o conservador da Estrada de Santa Luzia, também se defendeu nas páginas do *Jornal do Commercio*, em nota publicada em 23 de setembro de 1868. Souza Menezes afirmou que se havia poeira na praia de Santa Luzia, a culpa não era do

conservador da estrada, pois este além de cumprir suas obrigações ainda retirava a poeira de outros lugares, o que não estava estabelecido em seu contrato.

No primeiro dia de agosto, foi veiculada uma nota de um antigo morador de Botafogo, que se apresentou como “O amigo da verdade”, na qual apresentava seus elogios ao empresário responsável pela irrigação daquele local, mesmo sem conhecê-lo. Relatava, também, que anteriormente ele somente vinha à Cidade por mar, tendo em vista a poeira das ruas da cidade que poderia asfixiá-lo, mas que agora ele havia se surpreendido ao chegar ao Cais da Glória e encontrá-lo sem poeira, dada a irrigação, e conseguia circular pelas ruas sem problemas.

A Inspeção Geral de Obras públicas publicou, em algumas edições do *Jornal do Commercio* do mês de setembro, um comunicado assinado pelo seu escrivão Antonio José de Souza, no qual alertava para o fato de que havia alguns especuladores que se passavam por concessionários de penas d’água, indo às casas e prometendo aumentar o fornecimento de águas, desde que fosse pago o imposto. O inspetor, por sua vez, comunicava que todo e qualquer pagamento deveria ser feito unicamente na Recebedoria do Rio de Janeiro, e que quaisquer dúvidas e reclamações da população apresentadas por escrito no livro existente na Recebedoria para este fim, ou feitas pessoalmente naquela repartição seriam ouvidas e prontamente atendidas.

No mês de setembro, na sessão Gazetilha, uma matéria anunciava que estava pronta a obra do novo encanamento submarino que percorreria vários trechos da cidade, e levaria água até o Asilo de Inválidos da Rua Bom Jesus. Esta matéria informava, ainda, que dois dias antes, Sua Magestade, o Imperador D. Pedro II, havia estado na caixa d’água situada na Rua do Barro Vermelho, em São Cristóvão, e que juntamente com o diretor das obras militares, seus ajudantes e o engenheiro das obras públicas, havia examinado cuidadosamente a construção e a colocação da caixa d’água. Esta obra da caixa d’água:

“que percorreria a distancia de perto de três milhas, sendo destas 1. 105 submarino, e existindo espaço profundidades superiores a 10 metros. O tubo de chumbo empregado é de 3,2 ½ e 2 pollegadas de diametro, com a espessura necessaria para resistir as grandes pressões que resultam da altura a que tem a chegar. Este serviço foi desempenhado pela repartição de obras militares e é o primeiro neste genero realizado entre nós.”²¹⁹

²¹⁹ Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Set. 1868. P.1

Após isso Sua Majestade abriu o registro do novo encanamento, e pegando uma embarcação a vapor que seguiu até a Ilha de Bom Jesus para presenciar a queda d'água.

3.2.5 Cortiços

O assunto dos cortiços era eventualmente debatido no *Jornal do Commercio*, e em algumas de suas matérias, foi possível perceber como eram construídos os cortiços na época. Em uma matéria veiculada da sessão Gazetilha, em 28 de abril de 1868, que era parte da sessão ocorrida na Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, foi relatado um Ofício feito pela Junta Central de Saúde Pública em resposta aos requerimentos que haviam sido encaminhados por Theodora Maria Ferreira de Almeida referente à construção de cortiços em terreno situado na rua de Príncipe dos Cajueiros, por Campo & Marinho para um terreno na mesma rua, e por Oliveira & Almeida para construção de cortiços em terreno na Rua de São Leopoldo.

A Junta Central de Higiene Pública, neste Ofício, havia respondido que quanto à construção dos cortiços não teria nada a declarar, tendo em vista o fato desta já estar em estágio avançado nos três casos. Porém, quanto às condições higiênicas do terreno em que estavam sendo construídos os cortiços, a Junta informava que nos dois primeiros casos, os terrenos apresentavam boas condições, porém o terceiro estava não apresentava as condições adequadas e necessárias.

Baseado neste Ofício da Junta Central de Hygiene Pública, segunda esta matéria no *Jornal do Commercio*, a Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas teria, entretanto, concedido licença apenas à Theodora Maria Ferreira de Almeida.

Esta matéria do *Jornal do Commercio* nos levou a refletir sobre o fato de que se a Junta Central de Hygiene Publica combatia os cortiços por considerá-los insalubres, pestilentos e foco de miasmas, como este órgão poderia analisar um requerimento e considerar a possibilidade de conceder licença para construção dos mesmos em um determinado terreno.

Recorremos, portanto às fontes e à historiografia na tentativa de esclarecer este ponto. De acordo com Jaime Benchimol, as primeiras providências adotadas para que houvesse uma maior fiscalização dos cortiços teriam sido de iniciativa, supostamente, do médico José Pereira Rego, o qual havia apresentado, em 1866, um projeto à Câmara para que novos cortiços não fossem construídos nas áreas próximas e na Cidade Velha. Este projeto era voltado para a higiene pública e salubridade, para a padronização desse

tipo de moradia, os cortiços, e para o embelezamento da Cidade. Mas, este projeto não vingou²²⁰.

Porém, Sidney Chalhoub²²¹ cita, em seu livro “Cidade Febril”, que já em agosto de 1855 havia sido apresentado um projeto de posturas pelo fiscal da Freguesia de Santa Rita à Câmara Municipal, o qual tratava unicamente das questões dos cortiços. Mas, a Câmara por sua vez não teria acatado todos os artigos propostos no referido projeto, salvo aquele que não permitia que fossem construídos novos cortiços sem licença da Câmara Municipal, que definia que caberia a esta o zelo pelas condições higiênicas dos cortiços, e que determinava que estes só poderiam ser habitados após a aprovação da Junta Central de Higiene Pública. Neste sentido, em 1º de agosto de 1855 foi publicado o seguinte edital:

“A Ilma. Camara Municipal desta muito leal e heróica cidade do Rio de Janeiro, resolveo em sessão de hoje que não fosse permittida a construcção de novos cortiços sem licença da mesma Ilma. Camara, guardando-se nessas construcções todas as condições hygienicas; e que não seriam habitaveis sem approvação da junta de hygiene publica.

E para que chegue á noticia de todos, se mandou publicar e affixar o presente edital.

Paço da Ilma. Câmara Municipal do Rio de Janeiro,
1º de agosto de 1855.

Francisco José dos Santos Rodrigues,
presidente interino.

Luiz Joaquim de Gouveia, secretario.”²²²

Buscamos, ainda, nos relatórios do Ministério do Império alguma informação que reiterasse estas informações, e a encontramos no Relatório da Junta Central de Hygiene Pública, de 1868, assinado por José Pereira Rego, e apresentado ao Ministério do Império. Neste relatório, ao tratar das atividades da Junta Central de Hygiene Pública, Pereira Rego afirmava que neste ano a Junta Central de Hygiene Pública havia respondido a seis ofícios da Câmara Municipal que solicitava seu parecer acerca das condições higiênicas de determinadas localidades em que se pedia licença para a edificação de cortiços.

²²⁰ BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos um Haussman Tropical*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990. p.132.

²²¹ Ver mais em: CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 30-31.

²²² Código de posturas da Ilustríssima Camara Municipal. Rio de Janeiro: Empreza Typ. - Dous de Dezembro – Typ. Paula Britto, 1857. p.212-213. Online. Capturado em 01 mai. 2013. Disponível na Internet:

<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00591600#page/1/mode/1up>

3.3 – Saúde Pública, tratamentos e consultas nas páginas do *Jornal do Commercio*

O *Jornal do Commercio* publicava periodicamente notícias referentes às atividades da Academia Imperial de Medicina, assim como noticiava o lançamento de cada número de sua publicação oficial, os *Annaes Brasilienses de Medicina*. Normalmente as notas veiculadas no *Jornal do Commercio* continham a data de publicação dos *Annaes Brasilienses de Medicina*, o número, o tomo e os títulos das matérias publicadas no periódico da Academia Imperial de Medicina.

A população do Rio de Janeiro recorria às páginas do *Jornal do Commercio* para publicar suas opiniões sobre questões referentes à saúde pública e ao bem estar da população. Em 20 de junho foi publicada uma matéria, assinada por “Civis”, que sugeria à municipalidade que as casas de saúde fossem transferidas para fora da Cidade:

“Se a municipalidade, no intuito de bem servir aos seus pais esforçou-se e conseguiu remover *extra-muros* as sepulturas, o matadouro, as fabricas de sebo e ferrarias como danosos ao bem estar e saúde pública, isso ainda em época que a capital Império não regorgitava de população, hoje que, graças a facilidade da locomoção marítima e terrestre tem a nossa cidade triplicado de habitantes, surge a Ilma. Camara complete a sua obra homérica, estendendo aquella sallutar medida as casas de saúde e hospitaes.”²²³

O argumento era que com a população da Cidade aumentando progressivamente, a probabilidade do surgimento de doenças na cidade também aumentava. Afirmava-se, na matéria, que esse aumento da população e a possibilidade de crescimento do quadro de doenças, aumentariam de forma expressiva a aglomeração de pacientes nas casas de saúde. A “parte sadia” da população, assim referida na matéria, tinha mais condições de mobilidade na cidade, e podia buscar um ambiente com ar puro, diferentemente do que ocorria com os pacientes internados.

Sendo assim, esses doentes sofriam com uma atmosfera impregnada de miasmas, e este era um dos fatores para o aumento do número de óbitos na Cidade. Contudo, a súplica para que a Câmara Municipal transferisse as casas de saúde para locais fora da Capital do Império, era uma tentativa para se obter a diminuição do número de mortos por doenças na Cidade.

Os novos procedimentos e medicamentos para o tratamento de doenças eram veiculados em notícias e anúncios no *Jornal do Commercio*. Podemos mencionar alguns

²²³ Casas de saúde. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jun. 1868. p.3.

desses veiculados no periódico ao longo de todo o ano de 1868, como as “Bichas servidas” que eram as sanguessugas utilizadas no tratamento de sangrias²²⁴, e que de acordo com o anúncio deveriam ser novas de boa qualidade e compradas em lugares de confiança, uma vez que existiam na Capital do Império inúmeros locais onde eram comercializadas bichas infectadas com doenças. Outro anúncio apresentava um tratamento com uso da eletricidade, que havia sido inclusive muito noticiado por médicos em jornais europeus, com resultados satisfatórios em diferentes tipos de doenças. No anúncio veiculado no *Jornal do Commercio*, este tratamento era oferecido por Ricardo Kirk & C, e realizado através de chapas medicinais eletro magnéticas epistáticas.

Os médicos também divulgavam no *Jornal do Commercio* seus trabalhos e as cirurgias que haviam realizado, e muitos pacientes publicavam seus agradecimentos por tratamentos bem sucedidos ou suas cobranças e reclamações por procedimentos mal realizados. No *Jornal do Commercio* de 27 de agosto de 1868 foi veiculada uma nota na qual o Sr. Henrique de Oliveira Lima não só pedia ao Dr. Francisco de Paula Costa alguns esclarecimentos acerca da natureza e gravidade de sua enfermidade, como solicitava liberdade para utilizar a orientação do médico da maneira que lhe conviesse. Paula Costa respondeu a seu paciente em matéria publicada no mesmo dia nas páginas do *Jornal do Commercio*:

“S. C, 26 de Agosto de 1868.

Ilmo. Sr. Henrique de Oliveira Lima – Em resposta ao seu pedido dupra tenho a declarar-lhe o seguinte:

1.º Que desde o dia 16 corrente fui convidado por V.S. para prestar-lhe cuidados médicos por causa de soffrimentos intestinaes adquiridos no Paraguai, de onde regressara.

2.º que pelo exame a que procedi e historia que me fez dos seus soffrimentos, capitulei entero-cplites chronica, ligada a cachexia paludosa.

3.º que taes soffrimentos são graves reclamão, além de um aturado tratamento, medicamentos e sérios cuidados hygienicos

Seu venerador e obrigado
Dr. Francisco de Paula Costa.”²²⁵

Conforme vimos ao longo deste capítulo o hábito de utilizar o *Jornal do Commercio* como um espaço para apresentar explicações e esclarecimentos, e tecer

²²⁴ Ver mais em EDLER, Flávio Coelho. *Boticas & Pharmacias – Uma História Ilustrada Da Fármacia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006 e CHERNOVIZ, Pedro Luíz Napoleão. *Formulário ou guia medica*. 6. Ed. Paris: André Blot. 1864. Tomo II

²²⁵ Dr. Francisco de Paula Costa. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. de J. de Villeneuve & C., p.1-4, Ago. 1868. p.2.

críticas, era uma prática bastante comum. Este costume refletia o acolhimento da imprensa, sobretudo do *Jornal do Commercio*, à população da cidade na época, seja aos médicos, seja aos funcionários das instâncias governamentais, seja aos profissionais, e à população em geral. Segundo Tânia Regina de Luca, este acolhimento teria existido pois no contexto do Brasil Imperial não se dispunha de casas editoriais, e assim a imprensa era utilizada como espaço de manifestação para a política, a linguagem a literatura ou para qualquer outra manifestação impressa, pois era o “único espaço onde os escritores de talento colocaram-se em forma de letra”²²⁶.

Concordando com esta autora, reiteramos que no caso da Cidade do Rio de Janeiro, foi através da imprensa, e mais especificamente por meio do *Jornal do Commercio*, que a população da Cidade ganhou voz fazendo suas cobranças e denúncias.

O tema da salubridade pública, como demonstrado, se fez presente periodicamente nas páginas deste jornal. Entretanto, não encontramos no periódico, no período em questão, menções específicas de que a febre amarela havia retornado à Capital do Império. Importar destacar que mesmo o número de óbitos por “febres” em geral ser noticiado cotidianamente no *Jornal do Commercio*, não apareceu a indicação de caso de morte por febre amarela referente ao ano de 1868.

Esse ano de 1868, embora neste tenha ocorrido apenas três casos registrados de óbito por febre amarela, representou fundamentalmente o momento de retorno da enfermidade à Cidade. Se por um lado a sombra da febre amarela mantinha os médicos da Capital do Império em alerta a qualquer indicio da doença, na imprensa não especializada sentimos o temor não especificamente à febre amarela, mas às doenças e epidemias no geral. Um fato que nos chamou bastante a atenção em nossa pesquisa no *Jornal do Commercio* foi constatar que a população da Cidade se mantinha constantemente atenta à incidência de miasmas e preocupada com a sujeira e imundície espalhadas pela Cidade. Embora nos jornais de grande circulação, como o *Jornal do Commercio*, não tenham sido veiculadas notícias específicas sobre a febre amarela neste ano, o fato da população da Cidade ter sofrido com as inúmeras epidemias que

²²⁶ MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina De. *Imprensa e Cidade*. São Paulo. Editora UNESP, 2006.p.33-34.

devastaram anteriormente a cidade, a levou a temer, denunciar e combater qualquer situação e indicio que pudesse ocasionar o surgimento de outra grande epidemia.

Entendemos, ainda, que ao tornar a fazer vítimas fatais na Cidade, a febre amarela também confundiu os médicos devido às alterações sintomatológicas que sofrera ao longo dos anos. Conforme dito anteriormente, não encontramos relatos específicos de febre amarela na sessão de óbitos do *Jornal do Commercio*, mas noticiava-se o número de óbitos por febres em geral, que inclusive era bastante expressivo. Em registros de outras origens, como os Relatórios da Junta Central de Hygiene Pública, encontramos os dados referentes aos óbitos por febre amarela em 1868.

E por isso entendemos que o fato de não terem sido veiculadas, no *Jornal do Commercio*, neste período, notícias específicas acerca da febre amarela, pode refletir a falta de conhecimento da imprensa leiga em questões mais específicas da medicina e da saúde pública à época.

Considerações finais

Procuramos, nesta pesquisa, analisar o contexto do retorno de casos de febre amarela na Cidade do Rio de Janeiro, ocorrido no ano de 1868, através da imprensa médica e da imprensa de grande circulação. Conseguimos, com o auxílio das fontes, perceber que a febre amarela neste ano, ainda que não tenha sido uma grande epidemia como as que haviam ocorrido na década de 50 do século XIX, mobilizou toda a classe médica e o Governo Imperial no sentido de buscar os meios para impedir que a doença adquirisse um caráter epidêmico.

Ainda reforçando esta idéia, concordamos com Eduardo Marques, ao afirmar que com a nova concepção de Cidade do século XIX e a definição de doença atrelada ao meio e ao ar, os serviços de infra-estrutura que existiam na Cidade do Rio de Janeiro tornaram-se completamente inadequados. Com relação às doenças, Eduardo Marques afirma que os tão temidos miasmas provenientes da inalação e do contato com o ar impuro, auxiliaram reforçaram a crença de que as doenças estavam relacionadas com as características do meio²²⁷. Logo, era necessário cuidar do meio para assim afastar, e sobretudo prevenir, a incidência de doenças, uma vez que estas doenças surgiam em decorrência de fatores externos.

Desta forma podemos perceber uma nova concepção do que era a sujeira e a higiene. A partir do século XIX, a sujeira passou a ser entendida efetivamente como um problema, uma vez que era um dos fatores considerado responsável pela incidência de miasmas, bem como de doenças. Portanto, a sujeira deveria ser removida. Naquele momento, higiene e sujeira estavam associados a valores, ou seja, ser higiênico era ter o corpo e o espaço limpos.

Constatamos também que quando voltou a assolar a Capital do Império, a febre amarela intrigou a classe médica, pois a enfermidade não só estava retornando à cidade como apresentava características diferentes em relação às epidemias anteriores. Acreditamos ainda que a dificuldade em diagnosticar adequadamente a doença contribuiu para que fossem constatados poucos casos no ano de 1868, pois muitos dos óbitos foram identificados como decorrentes de febres, tanto nas estatísticas da época quanto nos relatos publicados no *Jornal do Commercio*.

²²⁷ MARQUES, Eduardo Cesar. Da Higiene à construção da Cidade: O Estado e o Saneamento do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.51-67, jul.-out.1995.p.56

Os médicos, posteriormente, constataram que alguns dos casos de óbitos identificados como febres, eram na realidade de febre amarela. Desta forma, os questionamentos acerca dos fatores responsáveis pelo retorno da doença, assim como das medidas de combate a serem adotadas, tornaram-se freqüentes no meio médico.

Esses especialistas, por sua vez, também criticavam e condenavam coisas que não eram de sua alçada, como as condições da cidade, a sujeira, os cortiços, e as obras da companhia de esgotos *City Improvements*. Esta preocupação decorria da compreensão do papel da geografia e do clima da Cidade no surgimento de enfermidades. A *City Improvements* era, na concepção dos médicos, considerada o principal responsável pelo retorno da febre amarela. As obras eram mal feitas, mal acabadas, e a empresa ainda tinha o costume de abrir novas valas, colocando a população a mercê dos tão temidos miasmas. Este cenário assustava os médicos e a população em geral da Cidade.

Por trás dos fatores considerados pelos médicos como sendo agravantes e/ou responsáveis pela ocorrência da febre amarela, como a sujeira, as obras da companhia de esgotos, a dificuldade em diagnosticar a doença, existia uma discussão maior que circundava os médicos da Cidade do Rio de Janeiro, que era a do contágio ou infecção de doenças. Neste debate, o médico Pereira Rego destacava que as concepções sobre a moléstia contagiosa e a de infecção apresentavam tamanha similaridade, que poderiam ser confundidas. Como exemplo, o médico acreditava que em relação aos primeiros casos da doença na Cidade, em 1850, o que havia ocorrido teria sido a transmissão da doença entre um paciente e outro.

Para Sidney Chalhoub²²⁸, no período de retorno da febre amarela, surgiu um consenso entre os médicos, quanto ao fato da febre amarela ser um mal importado e quanto aos locais com miasmas que deveriam ser combatidos. Reforçando esta visão, destacamos abaixo o comentário de Monique Siqueira Gonçalves em sua dissertação de mestrado:

“Por ora, as observações apresentadas, quer por contagionistas, quer por infeccionistas, não negligenciavam as péssimas condições de salubridade da cidade do Rio de Janeiro. Pois, para os primeiros elas eram as responsáveis pela propagação da moléstia que havia sido importada, enquanto que, para os

²²⁸ CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.86.

segundos, eram o foco causador de emanação miasmática e do aparecimento da febre amarela.

Em uma coisa, entretanto, não divergiam: o estado sanitário da cidade era calamitoso sob qualquer ponto de vista”.²²⁹

Pelos argumentos destes autores, se explica o fato dos médicos na época combaterem veementemente os possíveis focos de doenças, existentes em locais sujos.

Os médicos da Capital do Império, que em sua maioria eram ligados à Academia Imperial de Medicina, buscavam sua legitimação através de certas estratégias. O periódico oficial deste órgão, *Annaes Brasilienses de Medicina*, além de tratar-se de uma forma de legitimação destes médicos, era também a forma pela qual a AIM encontrou para se comunicar com a sociedade. Este periódico era escrito exclusivamente por especialistas e não recebia espaço para opinião de leigos, o que representa uma característica dos periódicos médicos da segunda metade do século XIX.

Na concepção de José Pereira Rego, se a medicina da época caminhava a passos lentos, isto não ocorria por falta de liberdade, mas sim em decorrência do pouco empenho dos próprios médicos em fazê-la progredir. Ainda de acordo com Pereira Rego, havia um profundo desinteresse, por parte dos médicos, com relação aos trabalhos de seus colegas, e também uma maior valorização daqueles produzidos por médicos estrangeiros. A própria Academia Imperial de Medicina foi alvo do desinteresse da classe, pois as sessões eram pouco freqüentadas e os médicos apenas compareciam na Academia quando era tratado algum assunto de seu interesse individual. Com relação aos periódicos especializados, o médico lamentava o desinteresse das pessoas pelos mesmos e a preferência pelos jornais de grande circulação, que embora não atuassem em relação às questões importantes, eram um poderoso veículo para transmissão de conhecimentos.

Embora fosse um instrumento consumido primordialmente pela elite da Cidade, conforme afirmou Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros²³⁰, o *Jornal do Commercio* não ficava restrito apenas às elites e aos grandes salões, pois ainda de acordo com estes autores, havia locais públicos e privados onde a leitura de periódicos em voz alta era bastante comum.

²²⁹ GONÇAVES, Monique de Siqueira. *A febre amarela e o poder público e a Imprensa durante a década de 1850, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. p.36

²³⁰ MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

Em algumas publicações da imprensa, no Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX, era difundida a idéia de um Estado Monárquico, forte e centralizado. Além disso, davam voz à opinião pública, e eram veículos de legitimação profissional, inclusive dos médicos. Os médicos publicavam nestes periódicos, os tratamentos que preconizavam, as cirurgias realizadas e também suas respostas a indagações de pacientes. O *Jornal do Commercio* publicava constantemente notícias sobre as reuniões da Academia Imperial de medicina, e sobre o lançamento de novos números dos *Annaes Brasilienses de Medicina*.

Outra conclusão a que chegamos com relação ao *Jornal do Commercio*, refere-se ao fato de que mesmo que este não fosse comprado por todas as esferas da sociedade do Rio de Janeiro, era utilizado por todos como palco de reclamações, elogios, sugestões, denúncias e esclarecimentos. Era comum que os moradores de áreas comerciais, de algumas ruas, assim como de grandes instituições e até mesmo os carroceiros, publicassem suas opiniões e reclamações no periódico. Esta prática demonstra o acolhimento que a imprensa dava à população da cidade, pois era a imprensa o único lugar em que todos ganhavam voz.

O conteúdo das reclamações publicadas no *Jornal do Commercio* comprova que a população se posicionava frente aos problemas enfrentados na Cidade e não temia em denunciá-los. Suas reclamações eram feitas, sobretudo, à Câmara Municipal, à Junta Central de Hygiene Pública e a seus respectivos presidentes, à Secretaria de Estados dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e aos fiscais das freguesias da Cidade.

A falta de segurança era um tema bastante cobrado. As matérias acerca deste problema geralmente eram feitas com um tom de denúncia, uma vez que os moradores consideravam que a polícia da Cidade combatia principalmente questões irrelevantes e perseguia os trabalhadores e os estrangeiros, e não dava atenção aos verdadeiros problemas da Cidade.

A sujeira nas ruas e nas propriedades também era bastante combatida pelos moradores, que usavam o jornal para denunciar a sujeira, o mau cheiro acarretado pelo lixo nas ruas, e os buracos com água empoçada e suja. Solicitavam também a retirada de animais mortos, bem como cobravam dos donos de animais a manutenção da limpeza das áreas próximas.

Os aterros feitos com materiais, que eram considerados nocivos à saúde, também recebiam críticas ferrenhas, independentemente destes encontraram-se nas ruas ou em casas particulares da Capital do Império. Os moradores denunciavam ainda a falta de calçamento de algumas ruas, ou a péssima execução do calçamento, temendo o surgimento de problemas para a saúde da população.

Em uma cidade como a do Rio de Janeiro qualquer contratempo que implicasse na interrupção de seu fornecimento para provimento da população, era ferrenhamente atacado pelos moradores no jornal. A população exigia que fossem realizadas obras para que a água pudesse ser melhor distribuída, bem como a adoção de providências pelas autoridades para que fossem remediados os problemas desta natureza. Outro fator que se relacionava à água era a irrigação das ruas da Cidade, constantemente cobrada pelos moradores, pois sua ausência deixava o ar seco e sujo e propenso a doenças que vinham pelo ar.

Assim como nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, as obras da Companhia *City Improvements* também eram constantemente atacadas pelos moradores da Cidade nas páginas do *Jornal do Commercio*. As reclamações eram feitas principalmente com relação à falta de zelo dos empreiteiros e à qualidade dos materiais utilizados para a execução das obras, consideradas de baixa qualidade e mal projetadas. Os moradores denunciavam que com as obras a melhoria era apenas aparente, pois quando chovia na Cidade, a população sofria com as inundações e com os esgotos entupidos, causados pelas obras da empresa.

Outro tema que nos chamou bastante atenção, que também aparecia nas matérias do *Jornal do Commercio*, foi com relação à construção dos tão temidos cortiços na Cidade. O fato da Junta Central de Hygiene Pública ser a responsável pela inspeção das condições sanitárias para construção dos cortiços, embora tenha criticado a construção deste tipo de habitação em seus relatórios, chamou a atenção de nossa reflexão. Ao pesquisarmos nas fontes, especialmente nas posturas municipais, descobrimos que em 1855 um edital da Câmara Municipal havia determinado que esta somente poderia autorizar a construção de novos cortiços quando as condições higiênicas destes tivessem sido inspecionadas pela Junta Central de Hygiene Pública.

Com relação à febre amarela, não encontramos notícias específicas que citassem diretamente o retorno da doença em 1868 e no início de 1869. Porém, a questão da

salubridade pública e o temor às doenças e epidemias, incluindo a febre amarela, era objeto constante de notícias nas páginas do *Jornal do Commercio*. Procuramos neste Jornal notícias referentes aos primeiros casos registrados de febre amarela, desde o mês de abril de 1868 até os 3 primeiros meses de 1869, e não as encontramos.

Como o nosso intuito foi o de também analisar, nas páginas deste periódico, o retorno da doença à Cidade, entendemos que a inexistência de importantes registros da epidemia no periódico pode significar um elemento a mais para a compreensão do contexto da saúde nesta localidade no período. Entendemos que a ênfase apresentada nas notícias e reclamações da população, publicadas na imprensa leiga, quanto às condições sanitárias da cidade, expressava não só sua preocupação como seu temor em relação ao surgimento de doenças.

A febre amarela foi à doença que mais requereu providências e esforços, tanto por parte do Governo Imperial quanto pelos médicos da época. Também era a doença mais temida. O fato da população constantemente recorrer às páginas dos jornais para denunciar a sujeira, a imundície e os focos de miasmas na cidade, nos leva ao entendimento de que esta buscava desta forma evitar a ocorrência de novas epidemias. E o jornal, que era um poderoso veículo de informação e de conhecimento, foi o espaço no qual os habitantes da Capital do Império apresentavam suas reivindicações ao Governo Imperial.

Através da análise das matérias veiculadas pela imprensa foi possível observar o quanto o tema da saúde pública era considerado, em 1868/1869, na Cidade do Rio de Janeiro. Tanto no *Jornal do Commercio*, quanto nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, era clara a preocupação em proteger a Cidade de possíveis epidemias e doenças. E os fatores considerados como responsáveis pela incidência de doenças e epidemias, em ambos os veículos, eram os mesmos e estavam principalmente associados às condições de insalubridade da Cidade e às obras da companhia de esgotos *City Improvements*. Todos estes aspectos causadores da insalubridade da Cidade eram violentamente combatidos nas páginas desses periódicos.

Quando a febre amarela retornou no ano de 1868, a Cidade do Rio de Janeiro estava passando por várias obras e melhorias, e entre estas podemos destacar a criação da companhia de esgotos e as obras de melhoria do fornecimento de água. Por outro lado, também havia neste momento um grande crescimento populacional, impulsionado

pelo grande número de imigrantes, que vinha trabalhar na cidade e que habitava em cortiços, estalagens e hospedarias. Outro aspecto que contrastava com um cenário de melhorias era a fama de Cidade insalubre atribuída à Capital do Império.

Neste contexto, e tendo em vista a necessidade de combater os problemas de saúde da Cidade, a Junta Central de Hygiene Pública, bem como boa parte da classe médica da Cidade, buscava impedir a incidência de doenças e de epidemias por meio de um discurso de limpeza da cidade.

- FONTES

1) Relatórios:

BRASIL. Ministério do Império. *Relatório do Ministro (Paulino José Soares de Souza) do ano de 1868, apresentado a Assembléa Geral Legislativa na 1ª sessão da 14ª legislatura*. Rio de Janeiro: Typ Nacional, 1869.

CANDIDO, Francisco de Paula. Exposição da Junta de Hygiene Pública sobre o estado sanitário da Capital do Império e meios de conseguir o seu melhoramento. 27 de Março de 1851. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores-Proprietários Laemmert & C., 1851. In: **Relatorios Ministeriais**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 28 de jan. 2012. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

CANDIDO, Francisco de Paula. Exposição do estado sanitário da Capital do Império, apresentado ao Ministério Imperial pelo Presidente da Junta Central de Hygiene Públic. 15 de Abril de 1852. Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores-Proprietários Laemmert & C., 1851. In: **Relatorios Ministeriais**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 28 de jan. 2012. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

REGO, José Pereira. Relatório do presidente da Junta Central de Hygiene Pública. 16 de Março de 1869. In: Relatório apresentado à Assembléa Geral na primeira sessão da decima quarta legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos negócios do Imperio Paulino José Soares de Souza. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1869. Anexo F. p.48. **Relatórios Ministeriais (1821-1960)**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 9 mai. 2013. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

REGO, José Pereira. Relatório do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública. 28 de Março de 1870. In: Relatório apresentado à Assembléa Geral na segunda sessão da decima quarta legislatura pelo Ministro e Secretario de Estado dos Negócios do Imperio Paulino José Soares de Souza. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1870. Anexo H. p.50. **Relatórios Ministeriais (1821-1960)**. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN MICROFILM PROJECT. Capturado em 9 mai. 2013. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

2) Legislação:

BRASIL. Decreto nº 598 de 14 de setembro de 1850. In: *Colleção de Leis do Brasil, 1850, Tomo XI, parte I*. Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1951.

Código de posturas da Ilustríssima Camara Municipal. Rio de Janeiro: Empreza Typo.Dous de Dezembro.1857. p.212-213. Online. Capturado em 01 mai. 2013. Disponível na Internet:
<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/00591600> capturado em

Decreto de 17 de janeiro de 1829. *Manda observar o Regulamento da Inspeção da saude publica do porto do Rio de Janeiro*. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=81649&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

Decreto de 8 de maio de 1835. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=83055&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

Decreto nº 828 - de 29 de setembro de 1851. *Manda executar o Regulamento da Junta de Hygiene Publica*. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 24 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=80946&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

Decreto nº 1.929 - de 29 de abril de 1857. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 23 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=78026&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

Decreto n. 3.004 - de 21 de Novembro de 1862. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 24 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=84884&tipoDocumento=DEC&tipoTexto=PUB>

Lei n. 268 - de 29 de Janeiro de 1843. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 25 jan. 2013. Disponível na Internet:
http://www.camara.gov.br/Internet/InfDoc/conteudo/colecoes/Legislacao/legimp-29/Legimp-29_12.pdf

Lei n. 719 - de 28 de Setembro de 1853. In: SENADO FEDERAL. Portal Legislação. Online. Capturado em 23 jan. 2013. Disponível na Internet:
<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=78982&tipoDocumento=LEI&tipoTexto=PUB>

3) Publicações periódicas:

ALMANAK ADMINISTRATIVO, MERCANTIL E INDUSTRIAL DO IMPERIO DO BRAZIL (1844-1889). Rio de Janeiro: Em Casa dos Editores-Proprietários Laemmert & C.. Obtido via base de dados PROJETO DE IMAGEM DE PUBLICAÇÕES OFICIAIS BRASILEIRAS DO CENTER FOR RESEARCH LIBRARIES E LATIN-AMERICAN

MICROFILM PROJECT. Capturado em 28 de jan. 2012. Online. Disponível na Internet: <http://www.crl.edu/pt-br/brazil>

ANNAES BRASILIENSES DE MEDICINA. 1868-69. Rio de Janeiro: Academia Imperial de Medicina.

JORNAL DO COMMERCIO.1869-69. Rio de Janeiro.

4) Artigos e matérias nos *Annaes Brasilienses de Medicina*:

Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.9-17, jun. 1868.

Academia de Medicina. Sessão Geral de 04 de maio de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.89, Ago. 1868.

AZEVEDO, Luiz Corrêa. : Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.86-89, p.86 Ago. 1869.

FERRAZ, Fernando Francisco da Costa. Saúde Pública. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.643. Maio. 1869.

Hontem e Hoje. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos,p.281. Jan. 1869.

Moreira, Nicolau. Academia de Medicina. Sessão Geral em 23 de março de 1868. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.10, jun. 1868.

Questões. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.141. Set. 1869.

REGO, José Pereira. Discurso. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.18.Jun. 1869.

Sessão da Academia de 29 de Março. *Annaes Brasilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, Typografia Industria Nacional – De Cotrim & Campos, p.203.Nov. 1869.

5) Artigos e matérias no *Jornal do Commercio*:

A Ilma. Camara Municipal, e a rua Princesa Imperial, na Gloria. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, ago. 1868.

Da mesma praça. Aos Illms. Srs. Drs. Pereira Rego e João Batista dos Santos. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, out. 1868.

Calçamento. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, set. 1868.

O calçamento do Catette. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, abril. 1868.

Rua do Resende. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Maio. 1868.

Ministério de Obras Públicas. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, jun. 1868.

Ao senhor fiscal da freguesia do espírito-santo Publicações a pedido. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, dez. 1868.

Immundicie. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jun. 1868.

Camara Municipal. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868.

Salubridade Pública. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, jun. 1868.

Salubridade Pública. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868.

Os comunicados do governo sobre o matadouro, docas e Diário do Rio. Publicações a pedido. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Maio. 1868.

Irrigação. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Ago. 1868.

Falta d'agua. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jan. 1869.

Falta d'agua. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, nov. 1868.

Água! Água! Água!. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Nov. 1868.

Casas de saúde. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, Typ. Imp. E Const. De J. de Villeneuve & C., p.1-4, Jun. 1868.

6) Fontes impressas:

AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, tomo 28, parte 2, p.169-224, 4º trimestre de 1865.

BARBOSA, Plácido; REZENDE, Cassio Barbosa de. *Os Serviços de Saúde Pública no Brasil especialmente na cidade do Rio de Janeiro de 1808 a 1907* (esboço histórico e legislação). v.1 Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909.

CHERNOVIZ, Pedro Luíz Napoleão. *Formulário ou guia medica*. 6. Ed. Paris: André Blot. 1864. Tomo II

LIMA, Agostinho José de Sousa. *Livro do centenário*, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. Vol.2.

PIMENTEL, Antonio Martins de Azevedo. *Subsídios para o estudo de hygiene do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Typ. e Lith. de Carlos Gaspar da Silva, 1890.

REGO, José Pereira. *Esboço histórico das epidemias que tem grassado no Rio de Janeiro desde 1839 a 1870*. Tipografia Nacional. Rio de Janeiro, 1872.

REGO, José Pereira. *Febre amarella epidêmica que grassou no Rio de Janeiro em 1850*. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851.

SIGAUD, José Francisco Xavier. *Do clima e das Doenças do Brasil ou estatística médica deste Império*. (Coleção História e Saúde; Clássicos e Fontes). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

- BIBLIOGRAFIA

ACKERKNECHT, Erwin H. Anticontagionism between 1821 and 1867. *Bulletin of the History of Medicine*, n. 22, p. 562–593, 1948.

ALMEIDA, Gilmar Machado de. *A Domesticação da água: os acessos e os usos da água na cidade do Rio de Janeiro entre 1850 a 1889*. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO, 2010.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30ª ed. São Paulo: Ática, 1997. Online. Capturado em 25 set., 2012. Disponível na Internet:
<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000003.pdf>

BASALLA, George. The Spread of Western Science. *Science*, v.156, n.3775, p.611-622, 5 may 1967.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 1999.

_____. *Febre Amarela A doença e a Vacina uma história inacabada*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2001.

_____. *Pereira Passos: um Haussmann tropical. A renovação urbana do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1990.

BERGER, Paulo. *Dicionário histórico das Ruas do Rio de Janeiro: I e II regiões administrativas (Centro)*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1974.

CORBIN, Alain. *Saberes e odores. O olfato e o imaginário nos séculos dezoito e dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: O Cortiço e Epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 35, p.3-22, jan./jun., de 2005.

DELAMARQUE, Elizabete Vianna. *Junta Central de Higiene Pública: vigilância e política sanitária*. Rio de Janeiro, 2011. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz / Fundação Oswaldo Cruz, 2011.

DUTRA, Eliana de Freitas Dutra; MOLLIER Jean-Yves (Orgs.) *Política, nação e edição - o lugar dos impressos na construção da vida política: Brasil, Europa e Américas, séculos XVIII a XX*. São Paulo: Annablume, 2006.

EDLER, Flávio Coelho. *As Reformas do Ensino Médico e a Profissionalização da Medicina na Corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. 1992. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo.

_____. *Boticas & Pharmacias – Uma História Ilustrada da Fármácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

_____. A natureza contra o hábito: a ciência médica no Império. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 22, n.1, p. 153-166, jan/jun., 2009.

_____. A medicina brasileira no século XIX: um balanço historiográfico'. *Asclépio. Revista de Historia de la Medicina y de la Ciencia*, Madrid, v.50, n.2, p.169-186, 1998.

FALCON, Francisco José C. e RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FERREIRA, Luiz Otávio. O nascimento de uma instituição científica: os periódicos médicos da primeira metade do século XIX. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FERREIRA, Luiz Otávio; MAIO, Marcos Chor; AZEVEDO, Nara. A Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro: a gênese de uma rede institucional alternativa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, Nov. 1997. Online. Capturado em 3 jan., 2013. Disponível na Internet: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701997000300004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt

FERREIRA, Luiz Otávio. Negócio, Política, Ciência e vice-versa: uma história institucional do jornalismo médico brasileiro entre 1827 e 1843. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.11, suplemento 1, p. 93-107, 2004.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.9, suplemento, p. 275-288, 2002.

FRANCO, Odair. *História da febre amarela no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde / Departamento Nacional de Endemias Rurais, 1969.

FREITAS, Maria Helena. Considerações acerca dos primeiros periódicos científicos brasileiros. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 35, n. 3, p. 54-66, set./dez., 2006.

FUTATA, Marli Delmônico de Araújo. *Imprensa e educação: Pierre Plancher e a ação político-educativa do Jornal do Commercio no final do Primeiro Reinado (1827-1832)*. Maringá, 2008. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Estadual de Maringá, 2008.

GAVROGLU, Kostas et al. Science and Technology in the European Periphery: some historiographical reflections. *History of Science*, v. 46, part2, n.152, p.153-175, 2008.

GONÇAVES, Monique de Siqueira. *A febre amarela e o poder público e a Imprensa durante a década de 1850, no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Mente sã, corpo são: disputas, debates e discursos médicos na busca pela cura das “nevroses” e da loucura na Corte Imperial (1850-1880)*. Rio de Janeiro, 2011. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2011.

GUIMARÃES, Manoel Luis Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/Vértice, n.1, p.5-27, 1988.

JOSÉ Pereira Rego. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em 28 mar., 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

KURY, L. B. (Org.); GESTEIRA, H. M. (Org.) . *Ensaio de história das ciências no Brasil: das Luzes à nação independente*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

LACAZ, Carlos da Silva. Emílio Ribas e sua participação na profilaxia da febre amarela e da febre tifóide. *Arquivos de Higiene e Saúde Pública*, São Paulo, v.37, n.91, p.67-68, mar., 1962.

LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. Rio de Janeiro, 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2005.

LUIS Vicente de Simoni. Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930). Capturado em 28 mar. 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

MACHADO, Roberto et al. *Danação da norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

MARQUES, Eduardo Cesar. Da Higiene à construção da Cidade: O Estado e o Saneamento do Rio de Janeiro. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.51-67, jul.-out.1995.

MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tânia Regina De. *Imprensa e Cidade*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

MOREL, M. Revoluciones y libros: el comercio político de la cultura en el Imperio de Brasil. *Istor. Revista de Historia Internacional*, Cidade do México, v. 9, p. 8-29, 2002.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO Diana Maul de (Org.). *Uma história brasileira das doenças I*. Brasília: Paralelo 15, 2004.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura e ZANLORENZI, Claudia Maria Petchak. Imprensa no Brasil do Império à Primeira República. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 19, n.1-2, p. 37-52, jan/dez, 2006.

NAVA, Pedro *Capítulos da História da Medicina no Brasil*. Cotia, SP Ateliê Editorial; Londrina PR: Eduel: São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes, 2003.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical. Sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro da virada do século*. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 1993.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 11, Suplemento 1, p. 67-92, 2004.

PORTO, Angela. *As artimanhas de esculapio: crença ou ciência no saber medico*. Niterói, 1985. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 1985.

RIBEIRO, Lourival. *O Barão do Lavradio e a higiene do Rio de Janeiro Imperial*. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Editora Itatiaia Limitada, 1992.

RIOS FILHO, Adolfo Morales de Los. *O Rio de Janeiro Imperial*. Rio de Janeiro: Editora TopBooks, 2000.

ROCHA, Oswaldo Porto e CARVALHO, Lia de Aquino. *A era das demolições*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

RODRIGUES, Eugénia. Alimentação, Saúde e Império. O físico-mor Luís Vicente de Simoni e a nutrição dos moçambicanos. *Arquipélago. História*. 2ª Série, IX, p.617-656, 2005. Online. Capturado em 21 dez. 2011. Disponível na Internet: http://repositorio.uac.pt/bitstream/10400.3/436/1/Eugenia_Rodrigues_p621-660.pdf

ROSEN, George 1980 *Da polícia médica à medicina social*. Rio de Janeiro, Graal, 1980.

ROSENBERG, Charles E. *Explaining epidemics and other studies in the History of Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

ROSENBERG, Charles E.; GOLDEN, Janet Lynne (eds.). *Framing Disease: Studies in Cultural History*. New Brunswick, New Jersey, Rutgers University Press, 1992.

SANTOS FILHO, Lycurgo de Castro. *História geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1977.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *Juca Rosa: um pai de santo na Corte Imperial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2009. v. 1.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Mauad, 1994.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SOCIEDADE de Medicina do Rio de Janeiro. *Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1930)*. Capturado em 21 jan. 2013. Online. Disponível na Internet <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br>

SOARES, Marcio. de Sousa. Médicos e mezinheiros na Corte Imperial: uma herança colonial. *História, Ciências, Saúde- Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.VIII, n.2, p. 407-38, jul.-ago. 2001.

STEPAN, Nancy. *Gênese e evolução da ciência brasileira. Oswaldo Cruz e a política de investigação científica e médica*. Rio de Janeiro: Arte nova, 1976.

STEPHAN, Beatriz González; ANDERMANN, Jens (orgs.). *Galerías del progreso. Museo, exposiciones y cultura visual en América Latina*. Rosário, Argentina: Beatriz Viterbo Editora, 2006.

TELAROLLI, Rodolpho Junior. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Editora da Unesp, 1996.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos – a modernização da moradia no Rio de Janeiro. *Análise Social, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, Lisboa, Portugal, v.XXIX (3º), n.127, p.581-597, 1994.

ANEXOS

ANEXO I - Número de habitantes do Rio de Janeiro

	Cidade	Subúrbios	Total
1821	79.321	33.374	112695
1822	80.270	33.726	113.996
1823	81.230	34.726	115.956
1824	82.202	34.082	116.284
1825	83.186	34.806	117.992
1826	84.182	35.174	119.356
1827	85.191	35.545	120.736
1828	86.211	35.921	122.132
1829	87.245	36.301	123.546
1830	88.293	36.685	124.978
1831	89.351	37.073	126.424
1832	90.424	37.465	127.889
1833	91.511	37.862	129.373
1834	92.612	38.264	130.876
1835	93.727	38.670	132.397
1836	94.857	39.082	133.939
1837	96.001	39.496	135.497
1838	97.162	39.916	137.078
1839	99.203	40.051	139.254
1841	101.287	40.187	141.474
1842	105.591	40.459	146.050
1843	107.814	40.596	148.410
1844	110.086	40.734	150.820
1845	112.408	40.872	153.280
1846	114.784	41.010	155.794
1847	117.214	41.149	158.363
1848	119.700	41.288	160.988

1849	122.244	41.428	163.672
1850	124.851	41.568	166.419
1851	127.518	41.709	169.227
1852	130.251	41.850	172.101
1853	133.051	41.992	175.043
1854	135.921	42.134	178.055
1855	138.863	42.277	181.140
1856	141.881	42.420	184.301
1857	144.976	45.564	190.540
1858	148.153	42.708	190.861
1859	151.415	42.853	194.268
1860	154.764	42.998	197.762
1861	158.205	43.144	201.349
1862	161.741	43.290	205.031
1863	165.376	43.437	208.813
1864	169.115	45.584	214.699
1865	172.962	43.732	216.694
1866	176.921	43.881	220.802
1867	180.999	44.030	225.029
1868	185.200	44.179	229.379
1869	189.529	44.329	233.858

Apud BARBOSA, Plácido, 1909, p.502-503²³¹.

²³¹ Apresento um extrato da Tabela original, da obra de Plácido Barbosa, que avança em termos cronológicos.

ANEXO II - Relatório do Presidente da Junta Central de Hygiene Pública
referente ao ano de 1868.

RELATORIO

DO

Presidente da junta central de hygiene publica.

A saude publica e os meios de melhora-la e aperfeiçoal-a pelo desenvolvimento e auxilio da hygiene têm sido o objecto de cuidados incessantes dos governos, que se esforço pelo bem estar e felicidade dos povos, visto nella enxergarem uma solida garantia de sua prosperidade e grandeza.

Foi sem duvida este pensamento, que actuando no espirito do sabio e illustrado ministro organisador do regulamento de 29 de Setembro de 1851, o levou a estabelecer os preceitos do art. 82, impondo ao presidente da junta de hygiene a obrigação de fazer todos os annos um relatorio do estado sanitario do Imperio á vista dos relatorios dos inspectores de saude provinciaes.

E na verdade, quem conhece as vantagens que podem resultar de um trabalho desta ordem, executado com escrupulosa attenção por uma série de annos, para o aperfeiçoamento do estado sanitario pelo conhecimento das causas permanentes ou temporarias da insalubridade das diversas localidades, cujo afastamento ou attenuação podem ser obtidas pela execução e applicação rigorosa dos preceitos da hygiene publica, não pôde deixar de lamentar que a execução desse dever tenha até hoje sido tão incompletamente levada a effeito por falta do fiel cumprimento do citado artigo, e do pouco apreço que, de ordinario, merece entre nós tudo quanto respeita a saude publica, considerando-se de pouco valor as providencias reclamadas pelos homens da sciencia em favor da hygiene publica e policia sanitaria, cuja utilidade só parece ser convenientemente aquilatada na occasião de calamidades publicas.

Venerada desde remotos tempos por alguns povos a ponto de estabelecerem como



dogmas religiosos alguns dos seus preceitos, a hygiene publica, caminhando a par da civilisação moderna, ou antes contribuindo poderosamente para ella, tem marchado no nosso seculo á passos agigantados entre as nações cultas, concorrendo para o aperfeiçoamento das instituições politicas, administrativas, industriaes e mesmo religiosas, pelos melhoramentos que traz ao estado physico e moral dos povos, conservando e aperfeiçoando a saude. Entretanto doloroso, mas necessario é confessar, com pouco esmero ainda se cuida entre nós da hygiene e saude publicas, por que as questões da politica difficultão a acção dos homens collocados á frente da administração do paiz: por isso me relevarão que, appellando para todos os homens illustrados, em virtude da posição official com que me honrarão, eu insista em reclamar alguns favores para os melhoramentos da hygiene publica, embora com sacrificio geral; por quanto bem o merece ella pela magnitude dos fins a que procura attingir.

Não é com uma ou outra providencia singular e tomada pelo imperio das circumstancias que se póde conseguir dar á hygiene publica o grão de aperfeiçoamento de que é mister para a resolução dos muitos e interessantes problemas para que tem ella de concorrer com o seu auxilio; é indispensavel um plano combinado de medidas indicadas pelo estudo das condições geraes da sociedade, da estatistica dos factos medicos e economicos, dos casamentos, nascimentos e obitos; pelo conhecimento das epidemias e endemias das localidades, condições topographicas das mesmas, usos e costumes da população, genero de alimentação, etc., por quanto são estes os meios mais seguros para se conhecer as condições de salubridade de um paiz, o augmento ou não de sua população, o grão de duração da vida, as causas susceptiveis de prejudicar a saude, e os meios de afastal-as ou modifical-as. Si depois de nossa emancipação politica se tivesse attendido um pouco mais para os beneficios que nos podem trazer os melhoramentos da hygiene publica; si as nossas municipalidades se compenetrassem melhor dos deveres que lhes impõem sua lei organica, e em lugar de perder tempo com lutas estereis motivadas pelos resentimentos politicos, que só acarretão prejuizos aos interesses mais vitaes do municipio e a seus melhoramentos materiaes, se exorçassem em promover esses melhoramentos, muito nos teriamos vantajado no progresso da hygiene, visto como á ellas mais do que a ninguem compete tomar a vanguarda na iniciativa dos melhoramentos relativos ao bem estar physico e moral dos seus muncipes, cuidando com affinco nos aperfeiçoamentos da hygiene municipal propriamente dita.

Si o empenho e o patronato, esses dous cancos da moral social, á cuja sombra malefica se resolvem ás vezes, com prejuizo dos interesses publicos, os mais altos e importantes problemas sociaes, e que tanto imperio têm sempre exercido nas deliberações daquella respeitavel e importante corporação, como sóe acontecer entre nós em quasi todos os corpos deliberantes, fossem excluidos *in limine* de suas decisões, attendendo-se unicamente para os interesses do municipio, de certo não teriamos o desprazer de vermos ainda hoje esta populosa e importante cidade gemer sob o peso de todos os defeitos de construcção que nos legarão as gerações passadas, com suas estreitas e tortuosas ruas, difficultando a livre circulação do ar, e contribuindo para augmentar a humidade permanente das habitações, devida, quer á natureza do sólo, quer aos vicios de construcção, accrescendo a tudo isto ainda o seu assento sobre um sólo aterrado com toda a especie de immundicias, e cujas excavações, quando indispensaveis, podem ser muito prejudiciaes a seus habitantes pelo desenvolvimento de exhalações mephiticas determinado pelo revolvimento do terreno.

Enunciando-me desta maneira, não tenho o proposito de censurar ou accusar aquella respeitavel corporação, e sim o de chamar a sua atenção para este importante ramo da hygiene municipal procurando cohibir por meios convenientes esses factos escandalosos que todos os dias presenciamos, e que tão alto fallão em favor do acerto das minhas asserções. E na verdade, quem olhar com alguma atenção para o que se passa a esse respeito entre nós, não deixará de conhecer que razão de sobra me assiste para assim opinar, por isso que tal é ainda hoje o deleixo e pouca consideração em que são tidos os melhoramentos desta parte importante da hygiene publica, que, sem me occupar com os inimitaveis cortiços construidos para habitações das classes pobres em

— 3 —

lugares os mais insalubres e ás vezes sem preceitos hygienicos alguns, posto que notaveis melhoramentos hoje apresentem, notarei que se continuão a fazer aterros em algumas ruas da cidade com toda a sorte de immundicias por consentimento da Illustrissima Camara, e se constroem edificios publicos e particulares, alguns de grande valor, sem regras algumas de architectura, ou, o que é ainda peor, sem nenhuns dos preceitos indicados pela sciencia em taes construcções.

Si só tivessesmos de registrar factos da imprevidencia de nossas municipalidades relativamente ao assumpto em questão, ainda desculpa podião ellas encontrar na difficuldade de levar a effeito um complexo de medidas capazes de remediar taes inconvenientes pela obstinação que forçosamente encontrarião da parte de muitos interesses offendidos na applicação e execução dessas medidas.

Infelizmente assim não succede: para demonstrar esta proposição basta investigar por alto os factos que occorrem sobre outros pontos relativos á hygiene municipal.

Essa investigação tornará patente, que mui descuidosas têm sido ellas sempre em tudo quanto a este respeito lhes foi privativamente incumbido pela lei de 1º de Outubro de 1828.

A questão da alimentação publica, uma das mais importantes pela influencia directa que pôde exercer sobre a saúde do povo; que desde épocas bastante remotas tem fixado a attenção dos legisladores e dos sabios, e cujos problemas têm sido resolvidos diversamente e de conformidade com as diferentes épocas, e as tendencias e fórmulas da civilização, não parece ter jámais occupado a attenção das nossas municipalidades tão sériamente como o exige a sua importancia, embora seja uma daquellas de que mais se cuidou no velho código de posturas, o qual ainda hoje serve de lei municipal, a despeito de sua insufficiencia para satisfação das necessidades da época em que vivemos em presença da imperfeição e mesmo do absurdo de algumas de suas disposições.

Sem me fazer cargo de expôr os innumerados factos demonstrativos da negligencia que ha na investigação e repressão dos abusos relativos á alimentação publica, e que podem cessar por algumas providencias municipaes, bastar-me-ha apontar um, que por si só abona a veracidade de minhas asserções.

O código de posturas estabelece, que as rezes que forem mortas para consumo publico sejam préviamente examinadas por peritos, afim de serem inutilizadas aquellas que se reconhecerem doentes: entretanto nada prevenio ácerca dos porcos, cabras e carneiros, de modo que estes são mortos sem inspecção alguma e dados a consumo estejam ou não doentes, tenham sido mortos ou morrido de alguma molestia, visto como ninguem olha para isso, porque nenhuma lei regulamentar o determina, nem trata de cohibir esse abuso.

Os males que uma tal pratica pôde acarretar sobre a saúde do povo são intuitivos visto como sabê-se que estes animaes são tão susceptiveis de a-loecer como o boi, e soffrer molestias tanto ou mais prejudiciaes ao homem do que as deste, sobretudo o porco, no qual tão communs são duas enfermidades por demais prejudiciaes, a lazeira e a trychinose.

Pondo de parte a historia e apreciação das vicissitudes e praticas por que tem passado o uso da carne de porco, como alimentação publica, quer em virtude de prescripções religiosas, quer em virtude das alterações de que é susceptivel e da influencia por estas exercida sobre o homem, direi apenas que tem ella sido desde remotos tempos o objecto de estudos e attensões particulares por causa dos effeitos da lazeira sobre o homem, parecendo concorrer para o desenvolvimento da *tania solium*, e ultimamente em razão dos accidentes gravissimos determinados pela ingestão da trychine, á que é ella tão sujeita em alguns paizes.

Pois bem! A existencia desta notavel lacuna no código de posturas e a falta de outras medidas legaes que a substituíssem, e trouxessem um paradeiro aos males realizaveis contra a saúde publica, não podião deixar de despertar a attenção da junta de hygiene, e acoroçoal-a a pedir algumas providencias sobre este negocio, e

— .4 —

com effeito no dia 1 de Março de 1864, ella dirigio-se respeitosa-mente por um officio á Illma. Camara Municipal, reclamando algumas medidas nesse sentido; mas nenhum effeito sortio de sua sollicitação.

No dia 21 de Dezembro de 1865, um dos membros da junta, então vereador, suscitou de novo a questão no recinto da Camara, tendo a honra de apresentar um projecto de postura, pelo qual tornava extensiva á matança dos porcos, cabras e carneiros destinados ao consumo as mesmas providencias relativas á matança do gado vaccum, e com prazer vio que o seu projecto foi approvado, e que sendo levado á presença do governo fôra por este, *mutatis mutandis*, igualmente approvado como postura municipal por aviso de 6 de Fevereiro de 1866.

Entretanto esta postura, que, além de salvaguardar a saude publica dos males que lhe pôde acarretar a especulação de alguns commerciantes de má fé, traz aos cofres municipaes uma renda annual talvez superior a 12:000\$, jaz sepultada no esquecimento até hoje apezar de approvada ha mais de 2 annos, quando nem a saude do povo é coisa que mereça tão pouca attenção dos seus escolhidos, nem os cofres da municipalidade estão tão ricos, que possam supportar taes prejuizos em suas rendas.

Dando de mão, porém, á outras considerações que suggere a importancia da materia em questão, passarei a occupar-me com a parte essencial deste trabalho, que vem a ser: a exposição do estado sanitario do Imperio no decurso do anno de 1868.

Estado sanitario da Capital.

Foi elle mais favoravel durante o anno findo do que no antecedente; por quanto do quadro mortuario annexo a este relatorio resulta, que a cifra da mortalidade chegou a 8,414, incluindo 50 individuos que fallecerão de cholera-morbo, e forão sepultados no cemiterio da Jurujuba, para cujo hospital forão mandados os aprendizes artilheiros e prisioneiros paraguayos, aquartellados na fortaleza de S. João, quando nella se manifestou a epidemia de cholera; no entanto que em 1867 a cifra mortuaria elevou-se a 9,030, addicionando 32, que tambem fallecerão no hospital da Jurujuba, para onde tinhão sido removidos da fortaleza de Villegaignon quando ali appareceu a cholera, vindo assim a dar-se na mortalidade do anno findo uma differença para menos da de 1867 de 616 obitos.

Dos 8,414 fallecimentos, 5,488, segundo consta das estatisticas organisadas pelos medicos verificadores, tiverão lugar 1,552 no primeiro trimestre; 1,414 no segundo; 1,208 no terceiro; 1,314 no quarto; vindo assim a ficar demonstrado que a maior mortalidade teve lugar no primeiro semestre, havendo contra elle para mais a differença de 444 fallecimentos. Das mesmas estatisticas deduz-se ainda, que a proporção da mortalidade nas differentes freguezias foi a seguinte: na do Santissimo Sacramento 719; S. José 672; Candelaria 211; Santa Rita 541; Sant'Anna 935; Santo Antonio 533; Engenho-Velho 401; S. Christovão 319; Gloria 489; Lagôa 313; Espirito-Santo 355. O restante dos fallecimentos teve lugar nos hospitaes, ou em outros lugares por causas accidentaes.

Destes dados se collige, que, abstracção feita do augmento da mortalidade na freguezia do Santissimo Sacramento, onde, além de numerosa população, existem os hospitaes das Ordens Terceiras do Carmo, S. Francisco de Paula e S. Francisco da Penitencia, cuja cifra mortuaria é incluída nos mappas dos medicos verificadores, e concorre para o augmento indicado, se collige, repito, que a maior mortalidade não se effectuou em relação equivalente ao grão de população das diversas freguezias da cidade, passou-se mais particularmente nas freguezias, cujos habitantes, independentemente

da extensão do territorio e do grão de população, vivem mais agglomerados, morando em casas pequenas, humidas, mal ventiladas, como são em geral os cortiços ou estalagens, sobretudo os de antiga construcção, de que abundão ainda as freguezias de Sant'Anna, S. José, Santa Rita, Santo Antonio e Espirito-Santo, como se pôde julgar pela analyse e apreciação de uma estatistica annexa ao relatorio do ministerio da justiça apresentado ao corpo legislativo em 1867.

Cumpre, entretanto, não occultar que no 2º districto da freguezia de S. José, onde o numero dos fallecimentos excede ao do 1º 52, existe a casa de saude de Nossa Senhora da Ajuda, a qual deve contribuir para o augmento da mortalidade respectiva; e bem assim que, na de Santo Antonio, está situada a casa de saude Pertence, a qual não deixa de concorrer com seu contingente para a mortalidade geral da freguezia. Mas, levando em conta alguma differença que possa resultar da mortalidade effectuada nas casas de saude, a qual não pôde ser toda considerada como especial às freguezias; por quanto muitas pessoas à ellas estranhas ahi succumbem, não se pôde negar, que é ella grande comparando as suas populações respectivas com as de outras.

Do relatorio citado consta, que nessa época, 1867, abstracção feita do 2º districto da freguezia de S. José e da freguezia da Lagôa, existião nesta cidade, 502 cortiços com 7,255 quartos habitados por 15,054 pessoas; a saber, 9,382 homens e 5,672 mulheres; 11,154 solteiros, 3,266 casados e 634 viuvos; 5,257 brasileiros e 9,797 estrangeiros. Hoje muito maior deve ser o seu numero e população, sobretudo nas freguezias de Sant'Anna, Espirito-Santo, Gloria e Santo Antonio, por que, dessa época em diante, muitos outros e alguns de grandes proporções têm sido edificados nessas freguezias, e força é confessar, com melhores condições hygienicas do que outr'ora; porém, não me sendo possivel alcançar esclarecimentos a respeito, limitar-me-hei a discutir os factos, tomando por guia de minhas observações a estatistica organizada em 1867.

Por esta conhece-se que o numero dos cortiços e da população respectiva nas freguezias, de que nella se faz menção, era como segue:

Em Sant'Anna	de 140	com 2,157	quartos habitados por 4,954	personas.
Em Santo Antonio. . .	46	» 1,112	» » » 2,179	»
Na Gloria	95	» 1,012	» » » 2,174	»
Na de Santa Rita . . .	44	» 895	» » » 1,752	»
Na do Espirito-Santo . .	57	» 673	» » » 1,685	»
Na do Engenho-Velho . .	44	» 403	» » » 676	»
Na do Sacramento . . .	35	» 494	» » » 602	»
Na de S. José (1º districto).	12	» 228	» » » 529	»
Na de S. Christovão. . .	29	» 271	» » » 503	»

Do exame comparativo dos dados fornecidos por esta estatistica com os resultados estabelecidos pelo quadro necrológico, reconhece-se que a cifra da mortalidade proporcional foi maior exactamente nas freguezias em que prepondera a população dos cortiços ou estalagens, sobretudo onde avultão os de construcção antiga, aos quaes faltão absolutamente todas as condições hygienicas, alem de terem muitos o sólo abaixo do nivel das ruas, e mesmo dos terrenos em que estão edificados, a ponto de constituirem verdadeiras sepulturas em que se enterrão vivos aquelles que os habitão.

Si em algumas freguezias em que se deu o excesso de mortalidade, este pode explicar-se, independentemente da agglomeracção de sua população em casas sem nenhuma condições hygienicas na construcção, da má alimentacção e falta de outros meios indispensaveis á manutençção da saude e inherente á pobreza em que vivem as classes que as habitão, achando a razão do facto na maior proporção da respectiva população geral, e nas pessimas condições hygienicas que nellas dominão, como sejam as de Santa Anna e Santa Rita, que são realmente duas das populosas freguezias desta Corte; é certo que esta explicacção não satisfaz para outras em que se deu o mesmo facto, taes são, as da Gloria, Santo Antonio e S. José, as quaes nem são das mais populosas, sobretudo a primeira

— 6 —

apezar da extensão do seu territorio, nem daquellas que estão subordinadas ás peiores condições hygienicas geraes.

Em nenhuma freguezia, porem, a mortalidade guarda proporções tão desvantajosas com relação ao grão de sua população, como na infeliz freguezia do Espirito Santo, a qual parece ser a engeitada do municipio; porque é no seu territorio que se mandão lançar as immundicias da cidade a pretexto de aterrar o mangue da cidade Nova, augmentando por este modo as causas de insalubridade que ella já possui em excesso; é nella que a companhia de esgotos, alterando os nivellamentos existentes, e elevando o sólo da via publica, impossibilitou o escoamento das aguas, e promoveu a estagnação das mesmas com prejuizo da saude e damno á propriedade de todos os habitantes da area comprehendida entre as ruas do Bom Jardim, Sabão do Mangue, D. Feliciano e Conde d'Eu.

Do que acabo de expor torna-se patente que, si para a freguezia do Espirito Santo militão condições favoraveis a sua maior mortalidade, quer naturaes, visto como ella abrange hoje todo o territorio do antigo mangue da cidade Nova, quer criadas pela mão do homem com o deposito das immundicias da cidade nos terrenos do mesmo mangue que estão por aterrar, e edificação de casebres insalubres nesses terrenos pantanosos constituindo verdadeiros esterquilinios pelos materiaes empregados no seu aterro; si para as de Santa Anna e Santa Rita algumas condições naturaes podem igualmente contribuir para o excesso da mortalidade comparada com a de outras freguezias populosas em virtude do abandono da hygiene publica, é sem duvida incontestavel, em face da prova numerica fornecida pelo quadro mortuario, que a mortalidade foi maior nas freguezias, onde maior é o numero de cortiços e mais avultada a sua população.

Este facto tem sido já verificado por dois dos mais zelosos medicos verifcadores de obitos, o da freguezia de Santo Antonio e o do 1º districto da de Santa Anna, os quaes têm chamado a attenção sobre este ponto, fazendo sentir que a mortalidade nos cortiços de seus respectivos districtos era grande, sobretudo entre as crianças, attribuindo isto ás pessimas condições hygienicas das habitações e á miseria em que vive grande parte dos desgraçados que nelles habitão, chegando mesmo o segundo a propor ao digno chefe de policia algumas medidas tendentes a melhorar as condições hygienicas de taes habitações.

Cumpre, pois, que a autoridade, a quem privativamente toca promover os melhoramentos da hygiene municipal, olhe com toda a attenção para este objecto, estabelecendo quanto antes um plano regular para taes edificações, guardados os preceitos hygienicos indispensaveis, no que faria um serviço importante a esta capital, e bem assim que aquelles que até hoje tão notaveis lucros têm auferido com o infortunio dos pobres, convencidos de que estes têm tanto direito como quaesquer outros cidadãos as garantias da sociabilidade, e que não devem ser o objecto de especulação do rico, pagando o triste alvergue onde repousão das fadigas e labores com que ganhão o pão quotidiano, pelo dobro do valor por que paga o rico a sumptuosa casa em que habita, construão habitações que os garantão das intemperies, ao mesmo tempo que lhes deem um asylo saudavel, embora pequeno e singello. Deste modo se conseguirá grandes melhoramentos na saude publica, e vêr-se-ha diminuir uma das grandes causas das molestias consumidoras dessas classes e da mortalidade desta capital, cujo clima não deixa de ser bastante favoravel; sendo certo que, se não fosse o abandono quasi absoluto da hygiene municipal, e não as más condições de nosso clima, a mortalidade ordinaria desta capital seria muito menor do que não é.

Passando agora ao estudo dos acontecimentos do estado sanitario com referencia aos factos pathologicos, reconhece-se que, sob este ponto de vista, algumas differenças houve entre o anno findo e o de 1867, embora predominem no quadro necrologico, como causa dos fallecimentos, as mesmas molestias que figurarão em preponderancia no anno de 1867, como sejião, a cholera-morbo, as febres infectuosas, as molestias dos apperelhos, nervoso, digestivo, respiratorio, etc., como ficará patente pela exposição dos pormenores mais importantes e dignos de alguma menção especial.

CHOLERA-MORBO. — Este terrivel flagello, que, desde Maio do anno de 1867 até fim do mesmo, havia-nos completamente deixado, fazendo apenas recordar-nos de sua fatal visita por um ou outro facto suspeito e pouco significativo, reapareceu em Janeiro do anno findo com a entrada do transporte de guerra *Marcilio Dias* aqui chegado do Paraguay no dia 4 do mesmo.

Infelizmente deu-se ainda á seu respeito facto identico ao occorrido com a vinda do vapor *Santa Cruz* pelas informações inexactas que forão ministradas á visita de saude do porto pelo seu commandante e outras pessoas nelle vindas; por quanto, tendo occorrido varios casos fataes de cholera a bordo desde o dia de sua partida do Paraguay ate o porto de Montevideo, onde cessarão após violento temporal apanhado nas costas desta cidade, dando-se apenas mais um facto até sua chegada a este porto, como se soube depois, foi entretanto confirmado pelo commandante e medico de bordo á visita de saude, que não houvera cholera em viagem; e por isso o navio esteve só por tres dias em quarentena de observação.

Era a segunda vez que os commandantes de nossos transportes de guerra e os profissionaes que os acompanhavão, olvidados dos deveres que lhes impunha a disciplina militar, do respeito com que lhes cumpre guardar as leis do seu paiz, e dos males que podião causar a seus concidadãos com o progresso do terrivel presente com que os mimoseavão para se esquivar aos incommodos inherentes ás quarentenas, antepunhão o seu bem estar e seus commodos ao sacrificio de milhares de vidas, que podião ser arrebatadas á numerosa população desta cidade.

A importação da molestia pelos passageiros do *Marcilio Dias* é neste caso incontestavel: por isso que, no mesmo dia em que desembarcarão para a fortaleza de Willegaignon os recrutas e praças destinadas á armada imperial, e que nelle vierão de passagem, ella manifestou-se n'aquelle estabelecimento, sendo a primeira victima um dos passageiros do *Marcilio* do qual sem duvida transmittiu-se aos outros individuos ali aquartellados, succedendo-se logo depois os factos com maior ou menor frequencia e intensidade.

Enviados para o hospital de marinha, onde forão tratados os primeiros accomettidos do mal, julgou-se depois mais acertado, com receio de que a molestia se propagasse aos outros doentes ali existentes, e tomasse maiores proporções, que fossem tratados em outro lugar; e então começarão a ser removidos para o hospital da Gambôa, estabelecendo-se para esse fim uma enfermaria especial. Fosse devido á esta providencia, fosse a pouca aptidão das condições climatericas reinantes á propagação da molestia, é certo que ella não progrediu então fóra d'aquelle estabelecimento, nem mesmo nelle foi tão grave e extensa como na epidemia de 1867.

Segundo consta de uma relação minuciosa que teve a bondade de enviar-me o Sr. Dr. Augusto dos Santos, director d'aquelle hospital, ao qual rendo sinceros agradecimentos pela presteza e boa vontade com que se dignou satisfazer ao meu pedido, forão a elle recolhidos entre imperiaes marinheiros, grumetes e soldados do batalhão naval 114 doentes. Destes erão imperiaes marinheiros 102, grumetes 7, fuzileiros navaes 5; pardos 64, brancos 20, pretos 20, caboclos 10; e fallecerão dos pardos 12, dos brancos 3, dos pretos 2, dos caboclos 3, o que dá a percentagem da mortalidade de $18\frac{24}{38}$ por % para os primeiros, de 15 % para os segundos, de 10 para os terceiros e de 30 para os ultimos,

Além destes doentes, tratarão-se ainda no mesmo hospital 59 enfermos de outras procedencias, avultando entre elles os trabalhadores, soldados, lavadeiras e maritimos, os quaes tambem forão os mais victimados pela molestia. Erão brancos 30, pretos 24, pardos 5; fallecerão dos primeiros 16, dos segundos 16, e dos ultimos 4; o que dá uma mortalidade porcental para os primeiros de 53 %, paraos segundos de $66\frac{24}{16}$ e para os ultimos de 80.

Resumindo, direi que se tratarão naquelle hospital de 28 de Janeiro a 25 de Maio de 1868, data da ultima entrada de doentes cholericos, 173: a saber 92 de cholera e 81 de cholera mais ou menos grave; 158 livres e 15 escravos; que sahirão curados 117 e fallecerão 56, dos quaes 35 nas primeiras 24 horas depois da entrada e 9 dentro de 48. Erão do sexo feminino apenas 9.

Para concluir esta noticia, devo acrescentar que, analysando os factos occorridos naquella hospital, conhece-se que a molestia grassou com mais força em Fevereiro e Março; porque, dos 173 doentes recolhidos a elle, as entradas regularão as seguintes: Janeiro 7, Fevereiro 109, Março 46, Abril 8, Maio 3; e bem assim que d'entre os atacados 50 erão brancos, 44 pretos, 69 pardos e 10 caboclos; que dos primeiros morrerão 19, dos segundos 18, dos terceiros 16 e dos ultimos 3.

A junção das duas series de factos mencionados altera absolutamente o calculo da mortalidade porcental acima feito, tornando-a mais favoravel aos caboclos e pardos que não aos brancos e pretos, dando aos caboclos uma mortalidade de 30 %, aos pardos de 23⁶⁹/₁₃, aos brancos de 35, aos pretos de 40⁴⁴/₄₄; porém, attendendo-se a que as observações, além de muito limitadas, versão quasi que exclusivamente sobre uma só classe social, vê-se que nenhuma conclusão, ao menos provavel, se pôde tirar destes factos ácerca da frequencia e gravidade da molestia segundo as raças.

Para nada omittir do que chegou ao meu conhecimento sobre estes factos; acrescentarei que no dia 9 de Janeiro, em que entrou o 1º doente para o hospital de marinha, até o fim do anno forão ali recolhidos 46 doentes do cholera ou cholera, sendo transferidos para o hospital da Gambò 7, e ficando no de marinha 39, dos quaes fallecerão 29, e restabelecerão-se 10.

Dos 46 doentes recolhidos, 30 entrarão em Janeiro, 13 em Fevereiro, 2 em Setembro e 1 em Dezembro. Vierão do corpo de imperiaes marinheiros 22, do batalhão naval 14, do arsenal 3, do presidio 2, do vapor *Amazonas* 1, da ilha das Cobras 1, da companhia de invalidos 1, e forão atacados no proprio hospital 2.

Não se cifrarão aos que acabo de mencionar os effeitos funestos desta terrivel enfermidade nesta côrte: ella desenvolveu-se tambem no aquartellamento da fortaleza de S. João, victimando alguns prisioneiros paraguayos, e não pequeno numero de aprendizes artilheiros, sem que eu possa explicar como ella foi para ali importada. O primeiro facto surgiu no dia 4 de Março, dando-se em um aprendiz artilheiro, que se curou; o 2º no dia 10 em outro, que falleceu no mesmo dia, o 3º e 4º ainda em 2 artilheiros no dia 11; e com tal rapidez caminhou logo a molestia, que no dia 19 subia já a 24 a cifra dos casos occorridos naquelle estabelecimento publico.

Em presença, pois, destes acontecimentos julgou-se indispensavel remover o deposito de aprendizes daquelle fóco de infecção para outro local; e então forão elles removidos na manhã de 20, assim como alguns prisioneiros paraguayos, para o hospital da Jurujuba, ficando aperas na fortaleza as praças existentes nas enfermarias com outras molestias e as atacadas de cholera; porem, a despeito desta medida, o principio gerador da molestia, tendo-se transmittido á muitos dos que forão recolhidos á Jurujuba, fez ali manifestar-se o mal, e propagar-se aos outros que com elles estavam em contacto; e com tal pressa marchou em sua evolução que, no dia 2 de Abril, existião nas enfermarias daquelle hospital 101 doentes, havendo tido alta 9 e fallecido 30.

De então em diante a molestia principiou a declinar em frequencia e gravidade, dando-se nesse mez 49 casos, quando em Março subiu o seu numero á elevada cifra de 151.

Em todo o decurso da epidemia, que se podia considerar extincta em meiado de Maio a não dar-se o apparecimento de um ou outro facto até o dia 14 de Junho, derão-se 288 casos da molestia nos dois pontos, a saber: 270 em aprendizes artilheiros, dos quaes fallecerão 53, e 18 em prisioneiros paraguayos dos quaes morrerão 7, segundo consta de um mappa minucioso que teve a bondade de enviar-me o meu amigo o Sr. tenente coronel Francisco José Cardoso Junior. Destes doentes forão tratados na fortaleza de S. João 25, e no hospital da Jurujuba 263, regulando o numero dos aprendizes atacados do modo seguinte: 152 em Março, 49 em Abril, 50 em Maio e 19 em Junho.

Aos factos referidos reduz-se o que ha de mais importante a registrar sobre este ponto. A epidemia começando em Março com muita intensidade, e fazendo logo bastantes victimas, declinou sensivelmente de 18 de Abril a 18 de Maio á ponto de se darem

apenas nesse periodo dois casos fataes ; mas a manifestação de maior numero de factos, embora de cholera, nos primeiros dias de Maio, fizeram receiar uma recrudescencia do flagello ; porem felizmente não passou disso, e apenas mais duas mortes tiveram lugar, uma no dia 24, e outra no dia 25 desse mez.

Confrontando estes acontecimentos com os que se passarão no hospital da Gambôa, chega-se a esta conclusão ; que a molestia principiando em Janeiro, como em 1867, grassou com mais intensidade em Fevereiro e Março, declinou em Abril, e extinguiu-se em Maio, assim como que a mortalidade foi maior no hospital da Gambôa, regulando 32 por ‰ e uma fracção ; no entanto que em S. João e Jurujuba regulou 20 e uma fracção. Esta differença tão notavel explica-se bem pelo estado de gravidade em que entrarão para a enfermaria da Gambôa muitos doentes, especialmente os trabalhadores e as pretas lavadeiras ; porquanto de 14 dos primeiros fallecerão 11, e de quatro das ultimas morrerão todas.

Aos males expostos se limitão os que nos causou no anno findo a *cholera-morbo*. Felizmente não se transmittiu ella à população da cidade ; um ou outro facto isolado manifestou-se as vezes ; mas os habitos das pessoas atacadas e outras circumstancias que precedião o seu acommettimento levão a crêr que erão casos sporadicos e sem filiação à qualquer condição epidemica.

FEBRES INFECTUOSAS.—Estas febres, que já tão notaveis se tornárão por sua frequencia e gravidade nos tres ullimos mezes de 1867, a ponto de exceder sempre de 80 a cifra mensal de sua mortalidade, continuarão a grassar, e ainda com mais frequencia e vigor, nos tres primeiros mezes do anno findo, elevando-se a sua cifra mortuaria neste trimestre a 327, predominando então as de fôrma typhoide sobre as outras ; pois que, dos 327 casos registrados no obituario respectivo, 163 estão classificados como de fôrma typhoide. Nos outros mezes, porém, predominárão as outras fôrmas, visto como de 774, numero dos casos registrados em todo o anno, 453 pertencem às outras fôrmas, elevando-se por conseguinte a differença para mais destas sobre as outras na mortalidade total do anno a 132.

Um facto digno de reparo pela differença notavel que patentea no modo como marchárão em seu desenvolvimento estas febres nos dous ultimos annos, vem a ser, que, enquanto em 1867 ellas se equilibrárão em numero e gravidade entre os trimestres extremos do anno e os trimestres intermediarios, como se pôde ver na estatistica mortuaria respectiva, no anno findo só reinárão com frequencia e gravidade nos quatro primeiros mezes, para decrescerem sensivelmente de numero nos oito seguintes, como é patente da estatistica mortuaria, a qual demonstra que nos quatro primeiros mezes a mortalidade respectiva é representada por mais de metade do total à ellas devida.

MOLESTIAS DO APPARELHO CEREBRO ESPINHAL.—A frequencia e gravidade destas molestias no anno findo esteve a par da do anno antecedente : sua cifra mortuaria, como em 1867, elevou-se a uma somma pouco commum nesta cidade, a ponto de tomar as vezes visos de ligeira epidemia. Os casos registrados no obituario chegão a 1,118, dos quaes 996 de lesões agudas, não incluindo ainda 304 casos de convulsões, porque então seu numero subiria a 1,412.

D'entre ellas, as que maior contingente derão para a mortalidade, excluidas as convulsões, forão : o tetano dos recém-nascidos 219 ; a congestão cerebral 256 ; a meningo-encephalitis, sobretudo nas crianças, 189 ; a apoplexia cerebral 165 ; o tetano nas outras idades 101, notando-se as seguintes particularidades quanto a sua frequencia nas diversas quadras do anno.

O tetano dos recém-nascidos grassou com igual frequencia e gravidade durante todo o anno de modo a fazer crer que pouca ou nenhuma acção tiveram em seu desenvolvimento as condições das estações. A congestão cerebral escassa nos seis primeiros mezes do anno grassou com frequencia nos ultimos, sobretudo em Outubro, Novembro e Dezembro, de modo que, dos 256 casos que figurão na estatistica mor-

tuaria, 197 pertencem ao 2º semestre. A apoplexia cerebral, pelo contrario, predominou nos tres primeiros mezes, escasseou no 2º trimestre, e não figuraria no obituario do 2º semestre, a não serem registrados seis casos no do mez de Outubro. A meningo-encephalitis, differentemente da congestão cerebral e da apoplexia, grassou com mais frequencia e guardando certo equilibrio no grão de sua mortalidade nos trimestres extremos do anno, no entanto que foi mais escassa nos mezes intermedios. O tetano finalmente reinou com mais frequencia de Junho a Novembro, mezes em que a temperatura é sempre mais baixa nesta cidade, e foi por demais escasso nos outros mezes.

Estas differenças, que á primeira vista parecem não ter maior interesse constituem um facto importante e digno de reparo, quando se attende as connexões intimas que ligão as diversas partes do aparelho cerebro espinhal, e ao nexu que guardão entre si as funcções que são destinadas a preencher, a ponto de quasi sempre o desarranjo de uma trazer comsigo o de outras da mesma especie ou cathegoria.

Se para os factos relativos á meningo-encephalitis nada ha digno de nota ácerca de sua frequencia e gravidade nos trimestres extremos do anno, quando se conhece a uniformidade que em nosso clima guardão as suas estações, quer nos annos de secca, quer nos de grandes chuvas e trovoadas, e quando se sabe que essas estações favorecem a producção desta molestia por motivos que não vem ao caso aqui expor, não se pôde deixar entretanto de convir que não tem explicação possivel, por sua singularidade, o facto que se dá a respeito da congestão e apoplexia cerebraes, de grassar a primeira quasi exclusivamente nos seis ultimos mezes, e a segunda nos seis primeiros.

Quanto ao tetano dos recém-nascidos, molestia cruel, quasi sempre fatal e a mais preponderante na mortalidade da infancia nos primeiros dias da vida extra-uterina, como as convulsões o são desde a época da 1ª dentição até os tres ou quatro annos em virtude de movimentos reflexos desafiados por desordens do aparelho digestivo, disse eu que nenhuma influencia parecião ter exercido em seu desenvolvimento as estações, e assim creio ser, tendo em attenção os factos clinicos e as classes que elle de preferencia ou quasi exclusivamente ataca.

De ordinario é observado com quasi igual frequencia, quer no verão ou inverno, quer nas estações regulares ou não; e é sobretudo nos escravos e classes pobres que mais victimas faz, sendo raro observar um caso nas outras classes. Isto prova que não são as mudanças de estação a sua causa mais influente, que causas especiaes actuão em sua producção de preferencia áquella.

As principaes são a falta dos primeiros cuidados de que cumpre cercar o recém-nascido, sobretudo no que respecta ao asseio e limpeza do umbigo antes da quêda do cordão umbilical, e o uso intempestivo de substancias irritantes para apressar a quêda do mesmo cordão e a cicatrização do umbigo, provocando por este processo defeituoso a irritação e inflammação do anel umbilical, e por conseguinte a manifestação consecutiva do tetano. Deixando, porém, esta questão como inconveniente neste trabalho, passarei a outro assumpto.

MOLESTIAS DO APARELHO RESPIRATORIO.—Foi nesta classe que differenças mui favoraveis se observárão no anno findo comparado ao de 1867; pois, emquanto este figura no obituario respectivo com a cifra de 3,079 fallecimentos, dos quaes 1,104 por molestias agudas, o anno findo apresenta apenas a cifra de 2,116 mortes, das quaes 539 por enfermidades agudas, incluindo ainda neste numero 41 de coqueluche, o que estabelece uma differença em favor do anno de 1868 de 963 fallecimentos nas molestias desta cathegoria. Ainda mais, emquanto a phthisica pulmonar figura na estatistica mortuaria de 1867 com a cifra de 1,925, no anno findo apenas monta a cifra dos fallecimentos por ella determinados a 1,577, o que dá a differença em favor deste anno de 348.

Estes resultados favoraveis, porém, nada ainda provão em favor da mortalidade ordinaria produzida por estas molestias nesta cõrte. A differença para peor em 1867

encontra facil e satisfactoria explicação no reinado da epidemia catarrhal, que então grassou de Março a Outubro, e que tão numerosas victimas fez, sobretudo nas crianças, como consta do meu relatorio antecedente, apezar de não ser tão funesta, como poderia sel-o á vista da sua generalisação e das condições climatericas então reinantes. Si estas condições influirão de modo notavel no augmento dos fallecimentos pelas molestias agudas, por certo ninguem com razões plausiveis poderá negar sua influencia decisiva no desenvolvimento da phthisica pulmonar, desde que tiver em attenção que esta muitas vezes não é mais do que a consequencia de uma bronchitis ou pneumonia, sobretudo daquella, desprezadas ou mal tratadas em principio, seja ou não o resultado da tuberculose.

No anno findo não só não houve epidemia, como as affecções catarrhaes bronchicas, mesmo nos tempos ordinarios de sua maior frequencia, forão por demais escassas, sendo como que substituidas por duas outras molestias que reinarão com forma epidemica, a *angina* e a *coqueluche*.

Grassando por espaço de 7 mezes (d'Abri! a Novembro) nada apresentarão digno de apreciação senão a benignidade de que se revestirão, sobretudo a primeira, que, tomando certo grão de generalisação, quasi nunca passou da inflammação mais ou menos aguda das amygdalas ou leve phlegmasia catarrhal da boca posterior; raras vezes tomou a forma pultacea e ulcerosa, e mais raras vezes ainda a diphtherica e gangrenosa; e tão poucas victimas fez em todos os estados de que se revestio, que o obituario só registrou 25 casos, a saber: 17 de croup e 8 das outras especies.

O mesmo succedeu com a segunda, a coqueluche: grassando com mais ou menos intensidade no mesmo periodo que a outra, e as vezes succedendo-lhe, nem foi acompanhada de grandes desordens dos orgãos respiratorios e de paroxysmos febris violentos compromettendo os centros nervosos, como tão commumente se observa entre nós, nem tomou esse grão de generalisação e contagio, como sóe acontecer em outras occasiões, tornando-a tão fatal e cruel á infancia. E tal foi a benignidade de que se revestio no anno findo, que o obituario apenas registrou 10 fallecimentos por ella determinados, o que nada vale em uma epidemia de coqueluche por mais pequena e benigna que seja.

MOLESTIAS DO APPARELHO DIGESTIVO E ANNEXOS.— Como sempre, estas molestias contribuirão com seu grande contingente para a estatística mortuaria desta cidade, elevando-se a 1774 a cifra dos fallecimentos por ellas determinados, incluindo nesta categoria 203 de tuberculos mesentericos, segundo resa a estatística. Ha portanto em seu favor, comparada a sua mortalidade com a do anno de 1867, a differença de 102; por quanto, segundo consta do quadro necrologico desse anno, a somma reunida dos fallecimentos devidos ás molestias agudas e chronicas deste aparelho perfaz o total de 1846.

Esta differença para mais em 1867 explica-se pela frequencia e gravidade da diarrhêa e dysenteria, que grassarão nos primeiros mezes do anno, chegando a tomar a forma epidemica e generalisar-se em Fevereiro e Março, como fiz sentir em meu relatorio antecedente, sendo certo que ainda neste anno forão estas as duas molestias do aparelho digestivo, que com maior quota contribuirão para encher o quadro necrologico do anno findo, montando a 813 a somma dos fallecimentos por ellas determinados no correr do anno, consequentemente a quasi metade da mortalidade total causada pelas molestias deste aparelho e annexos.

OPILAÇÃO E HYDROPSIAS.— Estas duas molestias, sobre a primeira das quaes chamei a attenção dos clinicos em meu relatorio do anno passado, figurão na estatística mortuaria deste anno com a cifra de 385, cifra já não pequena, perlencendo á primeira 221, e á segunda 164. Sendo, porém, as hydropsias geraes ou parciaes, capazes de determinar a morte, a consequencia de lesões profundas nos orgãos contidos nas cavidades splanchnicas, era melhor e mais scientifico que os medicos clinicos e mesmo os verificadores, desprezando no certificado de obito o symptoma existente, declarassem a molestia a que se liga. Deste modo a estatística, além de mais exacta, seria de mais proveito para a sciencia.

A bexiga figura ainda no obituario do anno findo com 102 fallecimentos, muito menos portanto que nos annos anteriores, o que demonstra sua sensivel declinação. Continuando

— 12 —

a atacar de preferencia os recrutas que chegam das provincias, tem grassado agora sporadicamente.

Das considerações expostas deduz-se: 1º, que houve identidade na constituição medica do anno findo com a de 1867, visto como molestias identicas preponderarão em ambos, sendo certo que as causas climatericas actuarão com menos força nas molestias constitucionaes no anno passado que no seu antecedente, como prova o menor numero dessas molestias occorrido em 1868; 2º, que duas epidemias grassando no mesmo periodo em que de ordinario reinão com mais frequencia e gravidade as affecções catarrhaes bronchicas as substituirão; mas poucos males determinarão, apesar da extensão do seu reinado de Abril a Novembro, em virtude da indole benigna de que se revestirão; forão ellas a angina e a coqueluche; 3º, que as condições geraes, que no anno de 1867 actuarão na producção das lesões do aparelho cerebro espinhal; continuarão a actuar do mesmo modo, e talvez com mais força no anno findo.

Concluindo aqui o que me parece digno de expôr-se com relação ao estado sanitario desta capital, passarei a tratar do das provincias.

Relatorio sanitario das provincias.

Como sempre, escassos e pouco valiosos são os esclarecimentos que posso apresentar á este respeito; por quanto, além de falharem-me noticias sobre algumas provincias por falta, da parte de alguns inspectores de saude, do cumprimento do art. 82 do regulamento de 29 de Setembro de 1854, accresce que muitos apenas se limitão, em sua exposição, a indicar as molestias que reinarão durante o anno, sem entrar em qualquer apreciação sobre as causas mais ou menos provaveis de seu desenvolvimento e de sua maior ou menor frequencia e intensidade. Entretanto, em obediencia aos deveres que me impõem o preceito legal, exporei o que de mais importante pude colher das informações obtidas sobre o estado sanitario das provincias, ou pelos relatorios que me forão enviados pelos inspectores de saude, ou pelas informações remettidas ao governo pelos presidentes respectivos depois de ouvidos os inspectores de saude.

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO.

O estado sanitario desta provincia, no dizer dos relatorios dos dignos presidentes que a administrarão, foi satisfactorio; por quanto, a não ser a epidemia de cholera-morbo, que se manifestou na cidade de Cabo-Frio, da qual darei uma breve noticia, ha apenas digno de menção o apparecimento da epidemia de bexigas em Valença, onde todavia não causou grandes males pelas providencias tomadas pela camara municipal e alguns cidadãos benemeritos, creando logo uma enfermaria, em a qual, á expensas suas, forão tratados os individuos que della enfermarão.

Quanto a cholera-morbo, segundo consta do relatorio enviado pelo Sr. Dr. José Antonio Porto Rocha, ao Exra. presidente da provincia, o 1.º facto deu-se a 15 de Fevereiro em João Rita da Silva, pescador do alto mar, para ali levado por uma lancha de pesca « o qual adoecera nas aguas de Campos onde mezes antes grassou com intensidade a cholera-morbo, que ainda hoje não deixa de ceifar uma ou outra victima. »

A este caso seguirão-se logo outros em dous parentes do mesmo, nos quaes a molestia terminou fatalmente á despeito dos cuidados que forão prestados aos doentes pelo Dr. José Vieira d'Almeida, e o estudante do 4º anno medico Erico Marinho da Gama Coelho; e não obstante as providencias tomadas pela camara municipal, á con-

selho do Dr. Vieira d'Almeida, para impedir a propagação do mal, elle continuou em seus ataques, e o presidente da provincia, á reclamação da camara, enviou logo as ambulancias precisas, e dous medicos em commissão, os Drs. Porto Rocha e Francisco Manfredi, para tratamento dos indigentes, sendo ainda contratado nesta côrte para o mesmo fim o Dr. João Pizarro Gabizo.

Não faltarão, pois, recursos enviados pelo governo; e talvez a isso, assim como aos cuidados promptos prestados pela municipalidade aos indigentes a quem especialmente accommetteu o terrivel flagello, se deva a pouca extenção de seus estragos.

Da cidade de Cabo Frio ella saltou para o arraial da Armação dos Buzios, povoado de pescadores pobres situado a 4 leguas ao norte da cidade, sendo para ali importada pelo mestre da dita lancha, que da cidade se dirigio para aquelle arraial, e recolheu-se ao seio de sua familia, chegando já com todos os symptomos da molestia, da qual entretanto curou-se.

Logo após manifestar-se outros casos fataes na casa deste doente, e d'ahi a epidemia propagou-se a todo o arraial, invadindo só o quarteirão das casas em frente a praia e poupando os habitantes do interior.

Marchando nesta povoação com mais furor e gravidade que não na cidade de Cabo Frio, foram mandados em commissão os Drs. Porto Rocha e Gabizo para tratar dos indigentes; e aos seus esforços e do philantropo fazendeiro Agostinho da Silva Porto devem os indigentes daquella localidade, pela mór parte pescadores pobres, o não ter a epidemia feito ainda maiores estragos.

Um facto importante resulta para sciencia do relatorio do Dr. Porto Rocha, e vem a ser; que a molestia se manifestou nos pontos por ella invadidos levada por homens sahidos de lugares já infectados do mal, e que sua propagação se effectuou entre os individuos que convivião com os primeiros atacados.

Para concluir direi que, dos mappas estatisticos annexos ao relatorio do Dr. Porto Rocha, se deduz que na cidade de Cabo Frio, nos mezes de Fevereiro e Março, forão tratados pelos Drs. Rocha e Manfredi 53 doentes, dos quaes fallecerão 13, e que na povoação dos Buzios forão tratados pelos Drs. Gabizo e Rocha 48, dos quaes fallecerão igualmente 13, elevando-se por tanto o numero das victimas em 101 atacados a 26, e consequentemente a mais de 25 %.

MINAS GERAES.

Segundo se collige de uma breve noticia dada pelo digno inspector interino de saude, desenvolverão-se na capital alguns casos de variola, os quaes não progredirão, ou por serem os habitantes quasi todos vaccinados, ou por terem sido afastados os primeiros accommettidos para um lazareto apropriado.

No fim do anno reinou uma epidemia de enterocolitis, a qual atacou com mais ou menos intensidade quasi toda a população, sem comtudo fazer victimas, á despeito da semelhança que apresentou com a cholera em alguns casos. Esta molestia, que ainda persistia, em Janeiro do anno corrente continuava com a mesma benignidade. Igual facto passou-se na cidade de Marianna, com a differença de que a epidemia não foi tão geral como na capital.

Pelo que respeita aos differentes municipios, sobre os quaes havia noticias do estado sanitario, foi este bastante lisongeiro.

No de Queluz grassou a variola; mas com forma benigna, não causando victimas; no da Campanha reinou epidemicamente uma febre catharral; no da Leopoldina a coqueluche; no das Tres Pontas a enterocolitis nas crianças. Em todos elles, porem, as epidemias forão benignas e não fizerão estragos.

Nos municipios da Formiga, Oliveira, Grão-Mogól, Rio Preto, Araxá e Alfenas, o estado sanitario foi bom.

PARANA'

O estado sanitario desta provincia, segundo se deduz do relatorio apresentado pelo inspector de saude á presidencia da mesma, em cumprimento do aviso circular de 6 de Outubro do anno findo, não foi muito lisongeiro no correr do mesmo anno.

Na cidade de Paranaguá, nos arrabaldes e varios logares do municipio, grassarão com intensidade, no dizer do inspector de saude, a dysenteria typhica, e as febres remittentes desde Janeiro até Maio ; porém os soccorros promptos prestados pelo governo, pela municipalidade e autoridades policiaes, attenuarão muito seus funestos resultados sobretudo entre a classe pobre, sempre a mais soffredora em taes casos. Com a entrada da estação calmosa desenvolverão-se a coqueluche e as febres biliosas ali endemicas, e reaparecerão a dysenteria e as intermittentes.

Em Guaratuba, apesar das tendencias cacheticas e escrophulosas, que preponderão em seus habitantes, o estado sanitario foi satisfactorio.

Em Antonina não succedeu o mesmo, as affecções typho-ádynamicas, e a entero-colitis epidemica, ou cholericina, na opinião do inspector, fizeram notaves estragos; por quanto, de 173 fallecimentos occorridos até Novembro, 80 erão de febre typhoide e 32 de entero-colitis, sendo devido o predominio destas molestias ao desprezo completo de todos os preceitos hygienicos.

Nos Morretes e Porto de Cima, onde grassão com frequencia as affecções typhicas, a dysenteria e febres periodicas, muitas forão as victimas arrebatadas á sua população no anno findo por estas molestias ; e, segundo refere o inspector de saude, á proporção que augmenta a cifra dos casos de dothinenteria, desaparece a pustula maligna outr'ora tão frequente. Como se não bastassem os flagellos apontados, outras victimas forão sorprendidas pela coqueluche e carbunclo, embora em menor numero do que pelas molestias já referidas.

Em Coritiba, segundo a informação do distincto medico o Sr. Dr. Dias da Rocha, a dothinenteria, as febres perniciosas, ádynamicas, intermittentes, e a coqueluche, grassarão com intensidade naquella capital, e fizeram muitas victimas sobretudo entre as classes pobres, apesar dos soccorros publicos que lhe forão prestados.

Em Guarapuava, nada alterou o seu estado sanitario, que é sempre excellente em virtude de suas condições topographicas.

Na Villa do Principe, o estado sanitario não soffreu grande alteração ; algumas diarrheas benignas, coqueluche pouco pronunciada, e hydropesias consecutivas á lesões chronicas, resultado de febres intermittentes, taes forão as molestias que ali grassarão.

Ponta Grossa, villa que goza dos fóros de mui salubre, sendo sempre preservada das molestias epidemicas, foi entretanto no anno findo invadida pela coqueluche, que fez avultado numero de victimas entre as crianças : apparecerão tambem alguns casos de febres typhoides e dysenterias, porém raros, sendo a mór mortalidade devida, no pensar do parochio da localidade, antes aos remedios inconvenientes empregados pelos curandeiros que ali abundão, do que á gravidade da molestia.

Na Cidade de Castro a coqueluche flagellou a infancia de um modo cruel, e fez nella bom numero de victimas, subindo a trinta o numero das crianças por ella arrebatadas do 1° de Janeiro a 15 de Novembro, segundo informou o digno vigario Damaso José Corrêa. Depois desta molestia foram as febres ádynamicas que preponderarão na cifra mortuaria daquella cidade, em que tão sensivel se faz a falta de medicos que cuidem dos doentes, os quaes pela mór parte são victimas ou do abandono de tratamento, ou do emprego de meios inconvenientes, que, em vez de allivio, acarretão o aggravamento do mal e sua fatal terminação. O estado de sanidade desta cidade foi tão máu no anno findo comparativamente ao do anno de 1867. que, emquanto neste a mortalidade limitou-se á cifra de 12, no anno findo, antes de acabar, já se contavão nella 106 fallecimentos; sendo os bairros mais soffredores os da Ribeirinha, Lago, Morro, Cinza e Jaguanayra.

— 15 —

Tal é em resumo o que se contem no relatório da inspectoría de saúde com relação ao estado sanitario da provincia no anno findo.

Fallando ainda nesse relatório da vaccinação, diz o inspector de saúde, que a obstinação com que os habitantes da provincia resistem á administração da vaccina, é a causa da maior difficuldade na propagação deste excellentes preservativo da variola; que entretanto, no anno findo, empregando os esforços possiveis para vencer esse preconceito funesto, conseguiu o magnifico resultado de vaccinar 359 pessoas, sendo com bom exito em 348, nos quaes forão comprehendidos 49 aprendizes marinheiros alistados na companhia existente na provincia.

SANTA CATHARINA.

O estado sanitario desta provincia no anno findo, segundo informou o inspector de saúde, foi bom tanto na capital, como no resto da provincia; porisso que nenhuma reclamação houve, quer das autoridades, quer dos particulares ácerca de alterações no estado de sanidade de qualquer ponto do interior.

Nenhuma epidemia infectuosa ou contagiosa reinou na capital. A bexiga, que desde o começo da guerra tem grassado com mais ou menos força, em virtude do movimento constante das tropas que vão com destino ao exercito em operações contra o Paraguay, ainda não desapareceu: no anno findo, porém, reinou com menos frequencia e intensidade que não nos annos anteriores, e fez menor numero de victimas.

As molestias endemicas mesmo forão menos frequentes e graves que nos annos mais regulares, tornando-se notaveis por sua frequencia o rheumatismo e as nevralgias, que tem crescido em numero extraordinario nestes ultimes annos, embora se não revistão em geral de formas graves,

A mortalidade da capital attingiu a cifra de 363, ou de 5 % da população presumivel da cidade, no dizer do inspector de saúde.

Das 363 pessoas fallecidas, 49 erão soldados e praças do serviço da guarnição, e 122 crianças, das quaes a mór parte foi victima de molestias do aparelho digestivo, vermes intestinaes, variola e convulsões.

As molestias que maior contingente prestarão á mortalidade geral, forão a bexiga, os tuberculos pulmonares, as bronchites, syphilis e rheumatismo, predominando com especialidade as quatro ultimas nos doentes tratados no hospital de caridade. no qual, de 193 doentes recolhidos, fallecerão 64.

Taes são os dados fornecidos sobre o estado sanitario da provincia pela informação do inspector de saúde, o qual, ao concluir-a, declara que as vantagens da salubridade no anno findo foi um facto providencial, devido todo ás condições favoraveis da constituição medica e não a qualquer melhoramento feito na hygiene publica e privada, por que em nada se tem quidado a este respeito.

RIO GRANDE DO SUL.

Pelo que pude colligir da informação dada pelo digno inspector de saúde ao Exm. presidente da provincia e da qual me foi enviada uma copia, o estado sanitario foi mais favoravel no anno findo que no de 1867, porisso que nenhuma epidemia houve, resumindo-se as noticias que nella encontrei ao que vou expor:

Na capital, de Janeiro ao fim de Novembro, a cifra da mortalidade attingiu a 657, concorrendo com maior contingente as molestias seguintes: do aparelho digestivo com

162 obitos; do respiratorio com 144; do circulatorio com 40; variola 25; typho 19, e escarlatina 8.

Em Pelotas derão-se 515 enterramentos, sendo 167 provinientes de molestias do aparelho digestivo, 107 do respiratorio, 6 de croup, 12 de coqueluche, 17 de typho e os mais de diversas molestias: sendo certo, por um exame comparativo feito pelo digno inspector de saude entre os resultados da mortalidade constantes de um periodo de 12 annos, que o seu accessimo gradual não parece guardar, em seu pensar, proporção com o augmento da população, sobretudo a dos 4 ultimos annos.

Desse exame deduz-se com effeito que uma differença sensivel ha entre a mortalidade dos tres quatriennios a que se refere elle; porquanto, segundo os dados estatisticos apresentados, regulou a mortalidade nos tres quatriennios a seguinte:

1º quatrienio		2º		3º	
Em 1857	269	Em 1861	388	Em 1865	435
Em 1858	294	Em 1862	356	Em 1866	495
Em 1859	339	Em 1863	354	Em 1867	517
Em 1860	297	Em 1864	376	Em 1868	515
Somma	1199		1474		1962

Confrontando as sommas totaes dos tres quatriennios, vê-se que ha uma differença para mais do 3º para o 2º de 488, e para o 1º de 763, o que não deixa de ser bastante sensivel, sobretudo se grande não tiver sido o augmento da população.

Pelo que respeita à cidade do Rio Grande, a unica noticia que encontramos é que não houve epidemia; que no inverno, como sempre, derão-se muitas enfermidades do aparelho respiratorio, assim como alguns casos de tetanos.

Quanto à Uruguayana, na qual se dizia ter apparecido a cholera-morbo, é isso inexacto segundo informou o delegado do inspector; o mesmo succede á respeito de uma molestia que appareceu no Rincão de S. Pedro em Março, e se espalhou ser a cholera pela semelhança de alguns de seus symptomas com esta molestia.

Tal é em poucas palavras o que consta da informação do inspector de saude sobre o estado sanitario da provincia durante o anno findo. Agora, se olhar-mos para o que expõem á cerca do estado da hygiene publica, veremos que é elle pouco satisfatorio, e que nenhuma attenção tem merecido suas reclamações em favor dos melhoramentos indispensaveis a este respeito, apezar de não haver falta de meios para isso; pois que os ha para outros melhoramentos, que não tem o mesmo grão de importancia.

E' assim que se não tem olhado para os meios de attenuar os effeitos desastrosos da syphilis em sua crescente propagação, que se não tem cuidado dos nivellamentos da cidade, do melhoramento no serviço da saude do porto, da escolha de um lugar apropriado para matadouro publico, do emprego das medidas de fiscalisação necessaria em taes estabelecimentos, dos melhoramentos da limpeza e asseio da cidade, que é lamentavel emfim de quasi tudo que é do dominio da hygiene publica, e de mais alcance para o aperfeçoamento do estado sanitario de qualquer paiz.

ESPIRITO-SANTO.

Segundo a informação dada ao Exm. presidente da provincia pelo digno inspector de saude, o estado sanitario da capital foi lisongeiro no anno findo, por quanto nenhuma molestia epidemica houve. A variola, que para ali foi importada, em Outubro de 1865, por um imperial marinheiro da guarnição do vapor *Isabel*, e que grassou com intensidade nos dois ultimos mezes desse anno, e no decurso dos de 1866 e 1867, não accommetteu pessoa alguma no anno findo. Não aconteceu, porém, o mesmo em

outros pontos da provincia, como logo veremos: em alguns não pequeno numero de victimas foi por ella ceifado.

A coqueluche, a qual tambem em 1867 atacou a população da provincia, especialmente a infancia, desapareceu da capital no decurso do anno findo. As molestias que mais predominarão no quadro pathologico forão: a asthma, a febre intermittente, a typhica, o rheumatismo, as obstrucções do baço e figado, a hydropisia consecutiva às mesmas, a syphilis em geral, e finalmente a phthisica pulmonar, que nestes ultimos annos tem augmentado muito, e concorrido com grande contingente para o quadro mortuario da capital, onde, segundo as informações do parochio se havião sepultado 127 pessoas, 91 livres, 36 escravos, sendo a quarta parte desta cifra de recém-nascidos, e outro tanto de individuos vindos de freguezias proximas já em estado desesperado por falta de recursos; de modo que a mortalidade da capital no anno findo ficou aquem da de outros annos.

Na cidade de S. Matheus e villa da Barra do mesmo nome a bexiga grassou com intensidade; mas não produziu maiores estragos. Ella invadio igualmente a villa de Santa Cruz em Fevereiro; porém com pouca força, segundo informou o medico commissionado pelo governo da provincia para aquella localidade. Apareceu tambem na villa de Itapemirim com intensidade, e saltou logo depois á villa da Cachoeira. Dando-se, porém, o governo pressa em satisfazer as reclamações feitas em favor da saude publica, enviando medicos para tratar dos indigentes, e propagar o preservativo da vaccina, a epidemia não foi tão fatal, como poderia sel-o nessas localidades sem o auxilio prompto da sciencia e dos meios apropriados a attenuar os estragos de tão cruel e devastadora molestia.

Na villa de Linhares manifestou-se em fins de Março, uma epidemia de febres intermittentes, e para ella marchou por ordem do governo o inspector de saude com as ambulancias precisas para tratar dos indigentes; mas a molestia, que, no pensar do inspector de saude, dependia principalmente da má alimentação de que usão os habitantes do lugar, da pessima agua que bebem, e da proximidade das habitações a beira-rio, apesar de revestir-se ás vezes da fórma pernicioso, não foi fatal; por quanto, de 92 pessoas por elle tratadas, curarão-se 72 e ficarão livres dos accessos as restantes, embora continuassem a soffrer de enfermidades chronicas, quando deu elle por acabada a sua commissão.

Nas outras villas e povoações da provincia não constava ter a salubridade publica sido alterada nem por estas, nem por outras enfermidades epidemicas.

De alguns mappas estatisticos annexos a esta informação resulta que durante o anno findo, forão tratados na capital pelo medico dos pobres 91 doentes, dos quaes curarão-se 81, fallecerão 4 e ficarão em tratamento 6; que no hospital da Misericordia tratarão-se 102, dos quaes curarão-se 57, morrerão 29 e ficarão no hospital 14; que forão tratados pelo inspector de saude, na villa de Itapemirim, 41 doentes de variola, dos quaes só fallecerão 3; finalmente que se vaccinarão na capital, villa de Itapemirim, S. Pedro e Cachoeira 101 pessoas.

PARA'.

Não foi sem duvida favoravel o estado sanitario desta provincia durante o anno findo, pelo que informa o respectivo inspector de saude no seu relatorio.

No dizer deste digno funcionario publico, a bexiga, que continuou a grassar sporadicamente na capital, Cametá, Monte-Alegre, Béja e outros lugares, manifestou-se com forma epidemica no Alto-Tapajós, especialmente em Itaituba e Uxituba, assolando e ceifando sem piedade as vidas dos indios Mundurucus e Maués que habitão nos campos situados entre aquelle rio e o Madeira, e sendo esta epidemia, em seu pensar, importada de Cuiabá para o Tapajós pelo commercio das canóas cuiabanas, que transitão pelo rio Arinos.

E posto não possa calcular, por falta de dados, a mortandade causada pelo flagello nas tribus daquelles indios, todavia julga poder assegurar-se, que si não ficarão extinctas, pouco lhes faltou, sendo certo que pouco proveito se tirou do emprego da vaccina remetida pelo governo ao medico encarregado do tratamento dos variolicos naquelle ponto com relação aos indios citados, por que, além de se não quererem sujeitar à inoculação de tão valioso preservativo, mal se vião atacados da molestia abandonavão suas habitações e dispersavão-se pelos campos, levando a morte para si e para os seus.

Mas, si a estes infelizes não aproveitou a vaccina, o mesmo não aconteceu a seus companheiros já domesticados e ás pequenas povoações situadas á margem do Tapajós abaixo de suas cachoeiras, como sejão, Aveiro, Boim, Altér do Chão e outras, evitando-se pelo seu emprego a perda de centenaes de vidas.

Só o Dr. Gomes do Amaral, medico da camara de Santarem vaccinou naquella occasião, e com grande proveito, para cima de 3,000 pessoas; e isso fez com que a vaccina se espalhasse com presteza e em grande escala por muitos lugares do interior taes como Santarem, Alemquer, Obidos, Monte-Alegre, Faro, Breves e Cametá, reproduzindo-se ella com regularidade e de boa qualidade em quasi todos os vaccinados.

Outra molestia, que tambem avultou na estatistica pathologica, foi a dysenteria, a qual grassou com frequencia de Fevereiro a fins de Maio na capital, irradiando-se depois pelas freguezias mais proximas, sem tomar entretanto em seu desenvolvimento as proporções de uma epidemia, nem apresentar, como sóe acontecer, maior gravidade a ponto de ser limitado o numero de suas victimas. Alguns casos apparecerão tambem por varios municipios do interior, porém escassos e sem maior gravidade, achando-se ella extincta tanto na capital, como no interior, nos fins de Dezembro, época da assignatura do relatorio.

Esta molestia, porém, foi substituida por outra que causou serios cuidados ao governo e á população da provincia, e vem a ser; a *cholérina*, ou na opinião do digno inspector de saude, a *cholera européa abastardada*.

Apparecendo desde os primeiros dias de Novembro, ora benigna, ora grave, deuse no dia 17 do mesmo o primeiro caso fatal com todos os caracteristicos da cholera sporadica. Logo após derão-se mais dois casos; mas todos em sujeitos já idosos, arruinados por padecimentos chronicos profundos, e que despresarão em principio a molestia.

Estas circumstancias levarão o inspector de saude, contra a opinião de outros collegas, que classificarão a epidemia de cholera asiatica, a consideral-a de indole benigna; parecendo confirmar o seu juizo a marcha ulterior da epidemia.

Em pouco mais de mez a molestia generalisou-se á toda a capital, arrebaldes, freguezias proximas, e grande parte das cidades, villas, e povoados do valle do Amazonas ao longo de seus grandes rios, invadindo Cametá, Breves, Gurupá, Prainha, Santarem, Obidos, Faro, Alenquer e outros lugares, conservando em toda a parte a mesma benignidade que na capital, por que raros forão os casos fataes, apesar de haver povoações, como a de Obidos, onde mais de dois terços da população forão por ella acommettidos. A molestia, no pensar do inspector de saude, não foi importada como acreditavão alguns medicos da provincia, e sim dependente de causas locaes desconhecidas e originadas de influencias sideraes, como se vê do seguinte trecho do relatorio.

« Esta epidemia não veio importada, como alguém tem pensado; foi incontestavelmente gerada de causas locaes occultas ou desconhecidas, que tirarão sua origem de influencias sideraes, as quaes viciando o ar ambiente, derão em resultado aquelle estado morbido geral.

« Em meu humilde entender tem concorrido bastante para o apparecimento deste phenomeno a alteração actual por todos reconhecida nas duas grandes estações (inverno e verão) do valle do Amazonas, *alteração ou transtorno*, que coincidio exactamente com as ultimas revoluções subterraneas, operadas no centro do nosso planeta, e que puzerão

em scena os tetricos e medonhos cataclysmas, manifestados por tremendos terremotos e maremotos no golfo do Mexico, e além da cordilheira dos Andes, na costa do Pacifico, nas republicas do Perú, Bolivia, Equador e Chile. »

Além das molestias indicadas, avultarão tambem no quadro pathologico as febres palustres de varios typos, a syphilis e a phthisica pulmonar, a qual augmenta todos os annos de modo espantoso.

As febres intermittentes, que grassão endemicamente em Macapá, Mazagão, Gurupá, Jary e outros lugares pantanosos marginaes do grande rio e seus affluentes, subsistem com a mesma malignidade, e subsistirão emquanto persistirem as causas naturaes que lhes dão origem, as quaes, no pensar do digno inspector, são insanaveis ou irremovíveis, senão em todo, pelo menos em grande parte.

Em conclusão direi que a cifra do obituario na capital elevou-se no anno de 1868 a 1,053, mais 61 do que no anno de 1867.

AMAZONAS.

Desta provincia apenas consta por uma informação do digno presidente datada de 24 de Dezembro, referindo-se a um officio do parochio da villa de Silves de 1º de Novembro e publicado no periodico *Amazonas*, começando pela pergunta—*Serd hydrophobia?* que uma molestia, que dizimou os cães, ou molestia identica, e que a camara municipal da mesma villa diz assemelhar-se á febre amarella, passou a atacar a população da villa fazendo victimas.

Seus symptomas caracteristicos, segundo se lê no officio publicado no *Amazonas*, erão os seguintes: em principio notavel abatimento e desalento assignalado, com dôr intensa na cabeça e região do estomago, nauseas, e ás vezes vomitos de materias viscosas e fedidas. Após isto apparecia excessivo e quasi continuo frio, violento tremor, respiração anciada, em ultimo grão, angustia e séde ardente. O doente pedia instantemente agua para beber, mas padecia horrivelmente quando a bebia, e até tinha horror della, como o hydrophobo. Mais tarde apparecião convulsões horriveis, suor abundante e frio, delirio, mas sem febre, agitação com altos gritos, e nestes accessos mais ou menos continuos, como na epilepsia, perdia a vista, a falla, e ficava com as extremidades geladas.

Tal era o conjuncto de symptomas que distinguão esta cruel molestia que o informante diz ter-se desenvolvido desde que os corpos dos numerosos cães, mortos pela peste, principiarão a corromper-se e a exhalar miasmas pestilenciaes por toda a parte, em virtude do deleixo da camara municipal em remover-os, o que equivale a dizer que foi ella o effeito do mephitismo profundo determinado pela putrefacção dos cadaveres dos cães deixados ao abandono.

Por outra informação do Exm. presidente, datada de 9 de Janeiro deste anno, constava que em Silves continuava a grassar a molestia já mencionada com character epidemico, e bem assim que, na fronteira de Tabatinga, se tinha manifestado com fôrma epidemica uma enfermidade, a qual, segundo os symptomas apresentados pelos soldados accommettidos, era a cholarina, sendo certo que, em 5 dias, tinha accommettido 30 pessoas, além de varias outras da povoação. Na capital apparecerão tambem alguns casos desta molestia, assim como dous de variola entre as praças do corpo provisório.

Em summa, por outra informação da mesma autoridade, datada de 26 de Janeiro, consta que a molestia que se desenvolveu em Silves, onde fez algumas victimas, estava extincta, mas ia subindo os rios Atumã e Jatapú, daquelle municipio, accommettendo os indios, alguns dos quaes tinham morrido: que a cholarina, que se manifestou com aspecto aterrador na fronteira de Tabatinga, estava extincta, não tendo feito estragos, conseguindo-se curar todas as praças que enfermarão, graças aos cuidados dispensados aos doentes pelo commandante da fronteira e outros officiaes ali destacados, mas que ia caminhando pelo litoral peruano, fazendo estragos que não fez em Tabatinga.

— 20 —

Na capital ella continuava a apparecer sem gravidade, e a bexiga, que, como vimos, tinha apparecido na enfermaria militar, não se propagou, sem duvida pelo sequestro das duas praças do corpo provisório que forão della atacadas.

Nos outros pontos da provincia não constava ter havido alteração no estado sanitario.

MARANHÃO.

Nesta provincia, segundo se collige do relatorio do digno inspector de saude dirigido ao presidente da provincia, o estado sanitario foi bom: nenhuma molestia epidemica deu-se durante o anno; grassarão apenas as molestias proprias ás estações, primando as affecções de fundo palustre, que são as que maior contingente dão sempre para a mortalidade.

Um facto, entretanto, encontra-se nesse relatorio digno de mencionar-se, e vem a ser: a frequencia ali de uma affecção, a qual, começando ordinariamente por edema e enfraquecimento das extremidades inferiores, apparece no correr de estados morbidos diversos, e em individuos collocados nas melhores condições, edema acompanhado na generalidade dos casos de falta de mobilidade e sensibilidade mais ou menos completa das partes por elle accomettidas, e cuja causa mais provavel parece ao inspector de saude serem as emanções paludosas. Esta affecção parece-me, pela resumida descripção dada pelo mesmo inspector, ter traços de semelhança com aquella que alguns medicos da Bahia compararão ao *beri-beri*, e de que fallei em meu relatorio antecedente, embora se apresente com maior gravidade do que a descripta por aquelles medicos.

CEARA'.

Foi satisfatorio o estado sanitario desta provincia, segundo se collige do relatorio que me enviou o digno inspector de saude, no qual declara elle terem desaparecido as epidemias infectuosas, que tanto contribuíão para augmentar o quadro necrológico da provincia.

Duas molestias ha, porém, que grassão de um modo permanente, e fazem sempre boa porção de victimas, sobretudo entre as classes pobres, a variola, e o spasma nas erianças, por applicações perigosas ao umbigo dos recém-nascidos, e herança da syphilis, que é ali um dos maiores males mórmente da classe pobre, não só pelos estragos que determina, como pelo obstaculo que, por sua complicação, traz á resolução das outras molestias.

A phthisica pulmonar, que outr'ora era quasi desconhecida na provincia, mesmo na capital, vai augmentando em proporção ao accrescimo da população.

As febres intermitentes accometterão na capital grande parte da população, porém com benignidade, e rarissimos forão os casos de forma typhoide observados.

As pncumonias e pleurizes têm diminuido, contribuindo com escassa cifra para o quadro mortuario.

A coqueluche e sarampão reinarão por muito tempo, porém com character benigno.

Quanto ao interior da provincia, em poucos lugares se derão factos de perturbações sanitarias, e esses consistirão em geral no apparecimento de camaras de sangue e bexigas.

Para estes felizes resultados no estado sanitario da capital da provincia, tem contribuido, no pensar do digno inspector de saude, além das favoraveis condições climaticas do anno, o asseio da cidade.

— 21 —

PIAUI.

Pela informação do medico do partido publico da provincia, o Sr. Dr. Simplicio de Souza Mendes, dirigida ao presidente respectivo, conhece-se que o estado sanitario da mesma não foi bom no anno findo, principalmente no 2º semestre.

Entrando em algumas considerações sobre as condições climatericas da provincia e as molestias predominantes, faz o citado medico sentir, que si não ha a registrar os estragos das molestias pestilenciaes, que têm invadido outros pontos do Imperio; si não é conhecida na provincia a cholera-morbo, o typho e a febre amarella; si a bexiga e o sarampão a têm ás vezes invadido, embora sem causar os estragos funestos que soem produzir em outros paizes, é certo que outras molestias graves ali reinão, devidas ás condições climatericas e topographicas e á irregularidade das duas unicas estações que ha na provincia, inverno e verão: taes são, as molestias do apparelho respiratorio, as inflammções agudas, as congestões, hemorragias, febres intermittentes, malignas e typhicas, hydropisias e outras.

Se bem pude apanhar o seu pensamento, no 1º semestre do anno em geral o estado sanitario é melhor do que no 2º; porquanto, naquelle o clima é mais ameno, a estação fresca e chuvosa e a natureza como que mais benefica e reparadora das forças da criação; no entanto que no 2º as causas se perturbão de tal fórma que tudo parece ir em declinação visivel e mortificante; o ar suffoca, o sol queima, a natureza mesmo rebella-se contra os vivos, que muitas vezes desaparecem sem que haja tempo de soccorrel-os.

No anno findo o estado sanitario no 2º semestre foi notavelmente máo pelo reinado de uma como epidemia de febres continuas e remittentes, perniciosas, malignas, inflammatorias e cerebraes, que causarão grandes sustos á população pelas victimas que fizerão, febres que promettião continuar ou recrudescer inesperadamente, salvo si o inverno, ou uma mudança regular da temperatura, viesse abrandar o excessivo calor reinante, e modificar outras condições más da atmosphera.

Uma molestia, porém, parece permanente no dizer do Sr. Dr. Simplicio, ora mal caracterisada, ora bem pronunciada e ameaçadora, sobretudo na classe pobre e nos moços incautos, que se entregão vivamente aos prazeres da sensualidade, é a syphilis, a qual toma ali, na phrase do referido medico, instantaneamente aspecto tão variado e contristador que não ha termos para pintal-o exactamente, nem meios para fazel-o abortar ou curar facilmente.

RIO-GRANDE DO NORTE.

O estado sanitario foi satisfatorio, segundo se deprehe de do officio que enviou o inspector de saude ao presidente da provincia em cumprimento do aviso-circular do ministerio do Imperio de 6 de Outubro. Nenhuma molestia epidemica grassou na provincia, excepto na villa de Macão e na povoação de Guimarães, as quaes forão benignamente assaltadas, a primeira pela variola, e a 2ª pela febre amarella, no dizer do inspector de saude: e aos soccorros prompts enviados pela presidencia talvez se devão os pequenos males que causarão estas molestias.

Na capital tambem se derão alguns casos de variola, e bem assim de algumas febres catarrhaes, biliosas, gastricas, intermittentes, e outras molestias proprias ás estações dominantes; porém raros forão os casos que terminarão fatalmente.

PARAHYBA.

Do importante relatório enviado pelo digno inspector de saúde da provincia conhece-se que nenhuma alteração importante houve no estado sanitario da mesma, o qual não deixou de ser satisfatorio.

A dysenteria, que nos dois ultimos annos tanto flagellou os habitantes, quer da capital, quer de outras localidades da provincia, tem desaparecido completamente, não deixando todavia de fazer algumas victimas no correr do anno de 1868.

As febres infectuosas, continuas, remittentes e intermittentes, caracterisando-se ás vezes por symptomas perniciosos, forão as molestias que maior contingente derão para a mortalidade geral no anno findo. A estas succederão as molestias agudas dosapparelhos respiratorio e digestivo.

Foi particularmente de Março até Julho, que as febres se tornarão mais frequentes e graves, manifestando-se alguns casos de febre typhoide e perniciosa, e coincidindo a sua frequencia e gravidade com as vicissitudes da temperatura.

As febres eruptivas forão escasas, não apresentando a variola em ponto algum onde se manifestou, nem a forma epidemica, nem o caracter de transmissibilidade apezar de nimamente contagiosa.

As molestias do apparelho respiratorio grassarão com frequencia no inverno, atacando de preferencia as crianças, reinando em grande escala a coqueluche, com a qual coincidia ás vezes a meningitis e as convulsões, sobretudo na epocha da denticão; mas não chegarão nunca a tomar a forma epidemica catarrhal mais ou menos grave por sua complicação com pneumonias ou desordens dos centros nervosos, como sóe acontecer muitas vezes,

As do apparelho digestivo grassarão de preferencia entre os velhos e as crianças, porém com menos frequencia e gravidade em virtude da declinação e extincção da epidemia dysenterica.

A syphilis é uma das molestias que mais estragos vai fazendo na população da provincia, sobretudo entre a classe pobre, quer por seus effeitos immediatos, quer pelo obstaculo que oppõe á resolução de muitas outras molestias em virtude de sua acção estragadora.

As phtisicas, pulmonar e mesenterica, são tambem duas molestias que contribuem com avultada cifra para a mortalidade da capital da provincia; e, no pensar do inspector de saúde, ellas são geradas e entretidas pela syphilis até seu termo fatal.

Assim o pensa em face dos casos observados nas classes pobres que se recolhem aos hospitaes de caridade para serem tratadas destas molestias, para cujo desenvolvimento e progresso contribuem igualmente a má alimentação de que usão, e o pouco caso com que tratão as bronchitis, que são o preludio de sua invasão.

Eis em resumo o que ha de maior interesse no relatório do digno inspector de saúde com relação ao estado sanitario da provincia no correr do anno de 1868.

Tratando depois do movimento dos hospitaes existentes na capital, declara que no da Santa Casa da Mesericordia tratarão-se 280 doentes, dos quaes curarão-se 219, fallecerão 36, e ficarão 25; ; homens 199 e mulheres 81, morrendo destas 12 e daquelles 24; que na enfermaria militar se tratarão 88, dos quaes curarão-se 83, fallecerão 2, e ficarão 3; que na enfermaria da cadeia publica tratarão-se 119, dos quaes morrerão 3, curarão-se 107 e ficarão 9.

Fallando da mortalidade geral, diz que sepultarão-se 364 cadaveres em todo o anno, 321 de pessoas livres, e 43 de escravos, sendo dos primeiros 168 de homens e 153 de mulheres, e dos segundos 29 do sexo masculino e 14 do feminino, regulando portanto um fallecimento por dia em uma população de 15,000 almas aproximadamente, o que, na opinião do inspector de saúde, não é muito, e justifica a salubridade do clima daquella capital, apezar de cercada por todos os lados de elementos de intoxicação miasmatica.

Ao terminar o seu relatório dá também uma noticia do modo como tem marchado na provincia a vaccinação; e, fazendo sentir que nada pôde dizer acerca do modo como tem sido exercido o serviço nas diversas freguezias por falta de informações dos commissarios vaccinadores a despeito de suas constantes reclamações, declara que na capital tem praticado regularmente a vaccinação, só deixando de o fazer quando lhe faltão os meios de communicar-a de braço a braço, ou quando lhe faltão tubos com pus vaccinico, porque a experiencia lhe tem mostrado que de nada serve o pus secco remettido em laminas de vidro pelo instituto vaccinico desta côrte.

Conclue, declarando que, no decurso do anno findo, forão por elle vaccinados 301 individuos livres, e 50 escravos, sendo dos primeiros 196 do sexo masculino e 105 do feminino; que tiverão vaccina regular 266, nenhum resultado 8, e deixarão de ser observados, por não comparecerem, 27.

SERGIPE .

Foi pouco lisongeiro o estado sanitario desta provincia no anno findo, segundo consta do minucioso relatório enviado pelo digno inspector de saude, em consequencia de uma epidemia de dysenteria e coqueluche que assaltou com mais ou menos violencia a maxima parte das localidades da provincia.

Começando a sua exposição pelas occurrencias havidas no interior da provincia, diz-nos com relação ao termo de Larangeiras, que a dysenteria, manifestando-se ali em fins de 1867 sem maior frequencia, tornou-se bastante intensa de Março a Julho do anno findo, fazendo nesse periodo muitas victimas; que em Agosto havia declinado de todo revestindo-se de forma benigna, a ponto de não causarem mais receios os factos que ainda se davão.

A dysenteria epidemica grassou ainda com intensidade na cidade de Maroim, onde, apesar de sua pouca duração, fez não poucas victimas em S. Christovão, onde, bem que muito extensa, não fez mais que dez victimas; na cidade da Estancia, onde, assaltando com intensidade nos ultimos dias de Abril, ainda persistia em fins de Outubro, tendo já causado a perda de 77 pessoas: na villa do Lagarto, em a qual, surgindo no principio de Maio, com tal velocidade se propagou logo, que a maxima parte do municipio resentiu-se de sua pernicioso influencia, e tão grave foi na infancia e velhice, que morrião dez e mais crianças por dia, e dos velhos raro foi o que sobreviveu a seu acommettimento. O subido numero de mortes que se deu nesta villa e na cidade da Estancia, durante o reinado da epidemia dysenterica, fez com que fossem pelo governo da provincia mandados soccorros em favor das classes desvalidas dessas localidades, que erão as mais cruelmente dizimadas pelo flagello.

Não se limitarão a estas as localidades invadidas pela dysenteria epidemica. Ella reinou também na villa de Simão Dias, de principios de Maio a fim de Outubro, com bastante força, sobretudo nas crianças, que forão mais victimadas. O numero dos fallecimentos nesta villa determinado pela dysenteria subiu a 97.

Manifestou-se também na Divina Pastora desde o principio do anno; porém tão grave se tornou de Julho em diante, sobretudo entre a classe pobre, que soccorros forão enviados pelo governo em auxilio desta classe em principios de Agosto. O mesmo succedeu na villa de Santa Luzia, onde, manifestando-se em principio com pouca frequencia e sem maior gravidade, tomou de Outubro em diante tal gravidade, e tantas victimas fazia ainda em Dezembro, que o governo foi forçado a enviar soccorros publicos.

Assaltou ainda com rigor a villa de Itaporanga, fazendo bastantes victimas entre seus habitantes, assim como entre a população do Campo de Brito nos mezes de Abril, Maio, Junho e Julho; pelo contrario mostrou-se benigna em Santo Amaro, Riachão, Soccorro, Villa do Rosario e Senhora das Dôres; e poupou a Lagôa Vermelha, Pé de Banco, Villa Nova, Pacatuba, Porto da Folha, Campos, Itabaianinha, Geru e Villa do Espirito Santo.

Uma outra molestia que grassou tambem epidemicamente desde o principio do anno, marchando a par da dysenteria, e contribuindo com seu contingente para a mortalidade, embora menor que não o da outra, foi a coqueluche, cujo accommettimento limitou-se à infancia.

Ella grassou em Larangeiras, S. Christovão, Lagarto, Divina Pastora, Itaporanga, Campo de Brito, Lagoa Vermelha, Pé de Banco, Riachão, Soccorro, sendo mais grave, e causando maior numero de victimas em S. Christovão, Divina Pastora, Itaporanga e Campo de Brito.

A variola manifestou-se com benignidade e fôrma sporadica em Larangeiras, Estancia, Santa Luzia, Santo Amaro e Espirito-Santo.

As febres intermitentes reinarão em Larangeiras, Maroim, S. Christovão, Estancia, Propriá, Lagarto, Simão Dias, Divina Pastora, Santa Luzia, Itaporanga, Villas do Rosario, e Senhora das Dôres, Soccorro, Villa Nova, Pacatuba, Porto da Folha, Campos, Itabaianinha e Gerú; porém forão geralmente tão benignas, que poucas ou quasi nenhuma victimas fizerão, excepto em Larangeiras, onde se revestirão da fôrma typhoide durante o periodo do reinado da epidemia, e em Itaporanga.

Além destas enfermidades, reinarão outras especiaes às estações, porém sem apresentarem circumstancias dignas de apreço, sendo mais numerosas as affecções catarrhaes no inverno.

Quanto á capital da provincia, diversas forão as molestias que nella grassarão, devidas, no pensar do digno inspector de saude, umas á causas locaes, outras a intensidade do calor, vicissitudes da atmospherá e sua viciação; porém todas ellas forão por assim dizer absorvidas pela dysenteria, que grassou em tal escala que se tornou necessaria a adopção de algumas medidas sanitarias, residindo a sua causa sem duvida no estado constitucional da atmospherá. Grassando com intensidade e frequencia por alguns mezes, seus effeitos mais funestos se fizerão sentir em Maio, no qual a mortalidade subio ao algarismo 29; no entanto que a mortalidade total foi de 78, dos quaes 48 menores de 4 annos, sendo os mezes de Abril e Junho, depois do de Maio, aquelles em que mais fallecimentos se derão.

Além desta molestia grassarão epidemicamente a coqueluche no 2º quartel do anno, porém guardando pouca intensidade em seus insultos a ponto de fazer poucas victimas; o sarampão sporadicamente em Abril, Maio e Junho, não fazendo victima alguma; a variola em Setembro e Outubro; as febres intermitentes perniciosas e benignas, causando aquellas 31 mortes; emfim as affecções catarrhaes, alguns pleurizes, rheumatismos e outras enfermidades devidas às estações.

Pelo que respeita á mortalidade total de Aracajú (capital da provincia) foi de 268 pessoas, mais 98 do que em 1867; 131 homens e 137 mulheres; 192 menores de 3 annos, 127 de 3 a 50 annos, e 29 de 50 para cima.

Fallando das condições locaes a que acima se referio, como concorrendo para a insalubridade da cidade, o digno inspector aponta entre outras a má qualidade das aguas que se bebem, as frequentes excavações e baixas que se encontrão pelo interior da cidade, constituindo charcos e alagadiços na estação das chuvas, donde partem exhalacões mephiticas; a existencia de uma valla immunda, que atravessa a cidade de Norte a Oeste; emfim o aterro incompleto e mal executado da rua da Aurora, que a transforma em um extenso lago por ficar o seu solo muito abaixo do nivel superior da muralha que o sustenta.

Conclue finalmente o seu relatorio declarando, que o estado de saude do porto foi o mais lisongeiro possivel durante todo o anno, demandando-o 230 navios, dos quaes 45 estrangeiros; que tiverão todos livre pratica, por nada haver que determinasse o contrario.

ALAGOAS.

O estado sanitario desta provincia no anno findo não foi dos melhores no dizer do digno inspector de saude, porque, além das molestias endemicas e das peculiares ás estações, manifestarão-se em Junho e grassarão até Setembro nas comarcas do Passo de Camaragibe e Porto Calvo duas epidemias, uma de sarampão com fórma benigna e outra de variola pouco extensa; e bem assim nas comarcas da Imperatriz e Camaragibe uma febre remittente ataxica tão grave, que, não sendo combatida com opportunidade e de prompto, terminava pela morte ao 5º dia.

Os symptomas predominantes erão: « no 1º e 2º dia, frio, febre, cephalalgia, vomitos e diarrhéa de substancias puramente excrementicias, alimenticias ou de envolta com maior ou menor quantidade de bilis; no 3º a mesma cephalalgia, a febre, a perda mais ou menos completa da audição, o desarranjo das faculdades intellectuaes e movimentos desordenados nos membros superiores e inferiores, acompanhados de grande oppressão precordial; no 4º, o estupor, a paralyisia dos membros e a algidez, desaparecendo em geral desde o 2º dia os vomitos e a diarrhéa. »

Eis o que de mais importante contém o relatorio que me foi enviado com relação ao estado sanitario sob o ponto de vista pathologico. Com relação á mortalidade respectiva nada vem indicado; mas, segundo reza a ultima parte do relatorio, a mortalidade annual da capital é equivalente, senão excedente, aos nascimentos, oscillando de ordinario entre 380 e 420, cifra sem duvida não pequena para uma população de 12,000 habitantes, que não vivem agglomerados por estar a cidade assentada sobre uma vasta area.

As principaes causas naturaes ou accidentaes que contribuem para este deploravel resultado, bem como as medidas que lhes podem dar remedio, são apontadas pelo inspector de saude; porém, sendo da privativa competencia da Assembléa Provincial o providenciar sobre os factos indicados por aquelle digno funcionario publico, cumpre appellar para o patriotismo e dedicação dos representantes da provincia na decretação dos meios de melhorar o estado de sanidade da mesma, contribuindo deste modo para sua prosperidade e engrandecimento.

Terminando o seu relatorio, o inspector de saude reclama: 1º, que se lhe envie pús vaccinico efficaz, porque todo o que vai desta côrte é de pessima qualidade; 2º, que se lhe remetta uma lista das drogas, cuja venda pôde ser permittida ou não, aos individuos que não são pharmaceuticos; 3º, que se auxilie, ou antes se conceda á repartição alguma verba para as despezas com o expediente e com um escaler para as visitas do porto, attendendo-se a que os vencimentos annuaes da inspectoría de saude limitão-se á diminuta quantia de 200,000!!! Creio que nenhum emprego no Brazil é exercido por tão baixa quantia.

PERNAMBUCO.

Não foi tão lisongeiro no anno findo, como em 1867, o estado sanitario desta provincia, segundo affirma em seu relatorio o digno inspector de saude, em virtude do apparecimento da variola e sarampão com fórma epidemica na capital e varias localidades da provincia. Entretanto os soccorros promptos enviados pela presidencia ás povoações, onde se manifestou a variola, evitarão grandes males que podião seguir-se á falta desses soccorros, como quasi sempre acontece, de modo que a variola não tomou grandes proporções em seu desenvolvimento, nem fez maior numero de victimas.

BAHIA.

Pelo que consta do relatório do digno inspector de saúde, o estado sanitario da provincia não foi tão lisongeiro no anno findo como no antecedente ; por quanto, quer em algumas localidades do centro, quer do litoral, manifestarão-se molestias graves que ceifarão não poucas vidas.

As febres paludosas, revestindo-se de diferentes fórmulas, e a dysenteria forão as molestias que mais intensa e extensamente se desenvolverão. As freguezias da Madre de Deos, S. Sebastião, Passé, Cruz das Almas, Mundo Novo, Monte-Alegre e Villa de Canavieiras, forão as localidades em que as febres paludosas revelarão-se em mais larga escala, a ponto de serem as populações desvalidas soccorridas pelo governo provincial com meios urgentes e necessarios á attenuação de seus soffrimentos.

Na capital derão-se tambem importantes alterações no estado sanitario, sobretudo nos ultimos mezes, talvez em virtude das condições climatericas, que actuarão ; por isso que a um inverno secco succedeu o verão igualmente secco e com elevados grãos de temperatura. Si no 1º semestre fracas forão as alterações do estado sanitario, e reinarão as molestias mais communs de concommittancia com uma epidemia de variola pouco intensa e extensa, e outra de sarampão extensa, mas benigna ; no 2º não succedeu o mesmo, a constituição medica caracterisou-se especialmente pelo predominio de affecções do tubo digestivo mais ou menos graves, revestindo mais particularmente a fórmula da dysenteria ou diarrhéa,

Com tal intensidade e frequencia se apresentou esta molestia, inculcando sérios receios de tomar caracter grave e mortifero em virtude das influencias climatericas e meteorologicas associadas ás innumerables causas locais de insalubridade, que o digno inspector de saúde julgou dever ouvir o parecer dos numerosos medicos daquela capital a respeito, convidando-os para uma reunião em sua casa. Conhecida a opinião de todos, e utilizando-se do que ella lhe prestava, indicou a administração da provincia as medidas hygienicas que parecião então reclamadas, e publicou alguns conselhos adequados ao tratamento e preservação da molestia, a qual, se não está de todo extincta, pelo menos se manifesta por factos isolados e menos graves.

Segundo um artigo da redacção da *Gazeta Medica da Bahia* de 30 de Outubro ultimo, a opinião geral dos medicos reunidos em consulta pelo digno inspector de saúde foi—que havia uma epidemia de dysenteria e diarrhéa, revestindo-se a enfermidade ás vezes das suas fórmulas mais graves ; que, além das causas geraes e individuaes, reputavão a temperatura elevada desde muito e sem interrupção (de 28 a 31 grãos do therm. : centigrado) como um dos principaes factores na producção dos effeitos das numerosas causas, que, sem esta circumstancia, ficarião talvez inactivas, taes como, as exhalações miasmaticas, a deterioração das aguas, dos alimentos e outras : finalmente, que a molestia, si em muitos casos não passava de uma simples diarrhéa cedendo a meios brandos, em outros declarava-se logo a dysenteria com phenomenos typhicos, adynamicos e escorbuticos rapidamente fataes, dando-se mesmo alguns casos com os caracteres da algidez cholericica.

Entretanto, de uma estatistica mortuaria annexa ao relatório do digno inspector de saúde, vê-se, que não houve differença avultada entre a mortalidade do 1º semestre e a do 2º, e bem assim que a dysenteria não fez tantos estragos quanto poderia fazer á vista da intensidade e generalisação que tomou, sobretudo nas freguezias da Victoria, S. Pedro e Santa Anna, segundo consta do artigo da *Gazeta* citado, havendo innumerables familias, em as quaes se derão tres, quatro, cinco e mais casos da molestia.

Dessa estatistica resulta, que no anno findo forão sepultadas nos diversos cemiterios daquela capital 3,506 pessoas, 1,638 no 1º semestre, e 1,848 no 2º, o que dá uma differença para mais neste de 190, sendo no 1º, abstracção feita da phthisica, a maior mortalidade causada pelas febres infectuosas, cuja cifra elevou-se a 152, e pela bexiga, cujo numero monta a 85 ; e no 2º pela dysenteria e diarrhéa, cujo algarismo subiu a 373, e as

febres infectuosas, cujas victimas orção por 116, no entanto que a bexiga apenas figura com 27.

D'entre os fallecidos contão-se 1,698 homens, e 1,808 mulheres; 2,537 livres, 337 libertos, e 632 escravos; nascidos no Brasil 2,954, africanos 447, estrangeiros diversos 405; brancos 945, pardos 1,308, pretos (crioulos ou africanos) 1,253; casados 329, solteiros 2,969, viuvos 208; até 10 annos de idade 1,388; de 10 a 40 annos 1,027; de 40 a 60 ditos 649; de 60 a 80 apenas 316, de 80 a 100 finalmente 96.

Conclusão.

Do que tenho exposto com relação ao estado sanitario das provincias sobre que pude obter informações deduz-se:

1º que foi elle bom nas provincias do Rio de Janeiro, Minas Geraes, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Ceará, Maranhão, Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Alagôas:

2º que não foi nada satisfactorio nas provincias da Bahia, Sergipe e Pará: na 1ª pela existencia de tres epidemias, uma de variola, que reinou por muito tempo, embora pouco extensa, outra de sarampão, que, apesar de extensa, foi benigna, e outra finalmente de dysenteria, que grassou nos ultimos mezes com aspecto gravissimo, atacando familias quasi inteiras na capital; na 2ª pelas duas epidemias, de que fallei no corpo do relatorio, dysenteria e coqueluche, que reinarão tanto na capital como em muitos lugares do interior: na 3ª não só pela epidemia de variola, que assolou as povoações do Alto Tapajós, como pela dysenteria e cholera, que grassarão tanto na capital como em grande parte da provincia:

3º que foi ainda pouco lisongeiro nas do Amazonas, Piahy, Espirito Santo e Paraná: na 1ª pela manifestação da epidemia de cholera, que entretanto não fez grandes estragos, como ia fazendo no litoral da republica do Perú para onde se encaminhou, e pelo desenvolvimento de uma epidemia de febres de forma ataxica, que assaltou a população da villa de Silves: na 2ª pelo apparecimento em grande escala, aproximando-se de um estado epidemico, de febres remittentes graves na capital, as quaes ceifarão bastantes victimas; na 3ª pela manifestação da variola com forma epidemica em varias povoações do interior; na 4ª em virtude de uma epidemia de dysenteria e coqueluche, que invadiu varios pontos da provincia, revestindo-se em alguns de formas graves:

4º que forão ainda no correr do anno findo a bexiga e a dysenteria os dois flagellos que mais victimas roubarão á população das provincias, no entanto que a coqueluche foi notavel por sua benignidade por toda a parte:

5º que a cholera-morbo não invadiu, no anno findo, provincia alguma, excepto a do Rio de Janeiro, manifestando-se na cidade de Cabo Frio sem ostentar comtudo maior gravidade, nem transmittir-se á outras localidades:

6º finalmente que, apesar de tudo, graças a Divina Providencia, nas provincias mesmo onde o estado sanitario foi pouco lisongeiro, não foi elle tão máu quanto poderia sel-o, attenta a gravidade de que soem revestir-se as molestias que contribuirão para esse resultado.

Concluindo aqui a exposição do estado sanitario do imperio, com exclusão das provincias de S. Paulo, Goyaz e Mato Grosso por falta de noticias a seu respeito; seja-me ainda permittido dar uma noticia abreviada dos trabalhos que occuparão a attenção da junta d'hygiene no anno findo; e depois occupar-me com uma das questões mais importantes do dominio da hygiene publica, e vem a ser; a dos esgotos e despejos publicos, cujo estudo na actualidade me parece do maior interesse, para se poder avaliar das vantagens que temos obtido dos trabalhos emprendidos para o aperfeiçoamento deste ramo do serviço publico.

Trabalhos da junta de hygiene em 1868.

Pouco importantes forão os trabalhos que occuparão a attenção da junta no anno findo comparativamente a outros annos, entretanto nem por isso deixão de ser dignos de menção neste trabalho.

Trinta e nove vezes se reuniu ella em sessão no anno findo ; e os trabalhos executados nessas sessões cifrarão-se nos seguintes :

Quarenta e quatro informações sobre requerimentos de pharmaceuticos não legaes, impetrando concessão para abrirem boticas, ou conservarem abertas as existentes nos lugares privados de recursos por falta de pharmaceuticos legalmente habilitados, ou por serem insufficientes ás necessidades das povoações respectivas as que existião.

Destas petições, com quanto só tivessem informação favoravel da junta 18, o governo imperial, em sua sabedoria, decidiu favoravelmente sobre 26, sendo 6 para a provincia do Rio de Janeiro, 9 para a de Minas, 3 para a de S. Paulo, 2 para a do Maranhão, 1 para a da Parahyba, 2 para a de Santa Catharina, 1 para a do Paraná, e 2 para esta Côte, sendo porem estas duas só para administrar.

Não forão as unicas informações que a junta prestou ao governo durante o anno que findou as referidas : outras ainda sobre objectos mais importantes forão por ella ministradas com a regularidade e promptidão possível. E' assim que ella teve de informar: 1.º sobre 4 pretenções para a venda de remedios, aos quaes seus autores attribuião vantagens preciosas, pedindo por isso licença para expol-os à venda, prònciando-se a junta contra taes pretenções, por não julgar os remedios dignos de serem vendidos com autorisação especial, visto não lhes reconhecer vantagens sobre outros já vulgarisados, nem haver novidade, quer em sua composição, quer no modo de sua preparação: 2.º sobre uma queixa do Dr. Jacy Monteiro contra os damnos que causava à sua habitação e de seus visinhos os defeitos do encanamento, com que a companhia City Improvements, atravessou o predio de sua residencia em toda a extensão, resultando d'ahi um mephitismo profundo com todas as suas consequencias funestas: 3.º sobre os inconvenientes de uma fabrica de sabão estabelecida em Nictheroy, à cerca da qual a camara municipal da provincia reclamou a interposição do parecer da junta, depois de ouvir uma commissão do instituto medico fluminense.

Além destas informações e em cumprimento de avisos do governo, ella teve de interpor seu parecer sobre as medidas apresentadas pelo medico verificador do 1.º districto da freguezia de Santa Anna para melhorar as condições das estalagens, vulgarmente cortiços; de informar sobre o requerimento do Dr. Ubatuba, do Rio Grande do Sul, pedindo privilegio para o fabrico e venda do *extractum carnis*; de confeccionar um directorio hygienico para os emigrantes, tendo em attenção os principaes climas do Brasil á requisição do ministerio d'agricultura; de enviar uma relação de todos os medicos, cirurgiões e boticarios formados em escolas estrangeiras com todos os esclarecimentos relativos à suas matriculas nos livros da junta; de emittir sua opinião sobre o rapé denominado hygienico preparado pelo pharmaceutico José Lucio Monteiro; de informar sobre o desinfectante inventado por E. Süvern, e sobre o privilegio que pediu J. H. Freligh, por si e outros, para incorporar uma companhia destinada ao fabrico de artigos pharmaceuticos, alem de outros favores especiaes, sendo certo que se pronunciou sempre contra os privilegios, e desfavoravelmente sobre a mór parte das pretenções, para que erão reclamados os favores do governo, por entender que não erão dignas disso.

A junta não se limitou a cumprir as ordens emanadas do governo com relação aos deveres impostos pelo seu regulamento; tratou tambem de reclamar providencias sobre tudo quanto podia interessar a saude publica e policia medica, e bem assim de satisfazer as reclamações de todas as autoridades que exigião o seu parecer sobre qualquer questão do dominio de suas attribuições.

Nesse sentido, pois, manifestando-se no principio do anno alguns casos de cholera-morbo, dirigiu-se ao chefe de policia, solicitando, para que por meio de seus delegados fizesse pôr em execução as instrucções hygienicas publicadas em 1865 sobre este assumpto: reclamou da Illustrissima Camara Municipal medidas contra o abuso de se aterrar o mangue da cidade Nova com lixo e imundicias; procedeu á requisição do chefe de policia ao exame de um carregamento de peixe salgado, vindo no hyate americano *Gertrudes Howes*, que foi julgado impróprio para a alimentação publica por estar alterado; solicitou do ministerio d'agricultura providencias ácerca de um charco immundo que existia nos terrenos contiguos á chacara n. 102 A da rua do Riachuelo pelos males que podião resultar de suas exhalações mephiticas, e já começavão a apparecer nos habitantes da vizinhança; respondeu a seis officios da Illustrissima Camara Municipal, solicitando parecer á cerca das condições hygienicas das localidades, em que se pedia licenca para edificar cortiços; e finalmente reclamou do 2º delegado de policia em 16 officios, que lhe dirigiu no correr do anno, a punição de 38 infractores dos artigos 25, 46, 57, 61 e 71 do regulamento de 29 de Setembro de 1851; e hem assim do delegado de policia da cidade de Nictheroy a imposição da multa a dois infractores dos artigos 46 e 57.

E' incrível a audacia com que o charlatanismo, apesar da severidade com que a autoridade policial, attendendo ás reclamações da junta, impoem as multas estabelecidas aos que transgredem as disposições do seu regulamento, ousa ainda affrontar a moralidade publica e as leis sanitarias: é uma luta constante e ingloria aquella em que se vê empenhada a junta para reprimir as invasões dos especuladores da credulidade publica; mas ella não recuará um passo pela obrigação que lhe impoem o seu regulamento, e pela convicção intima de que com isto faz um serviço importante á humanidade, á saude publica, e áquelles que, em busca de meios para melhorar a saude, vão encontrar o aggravamento de seus males e uma terminação mais prompta no uso dessas panacéas apregoadas pela imprensa diaria para cura de todas as molestias que affligem a humanidade.

Concluindo este artigo, direi que se matricularão durante o anno findo 15 medicos, 16 pharmaceuticos e 6 dentistas; e que forão concedidas 18 licenças a pharmaceuticos legalmente habilitados para abrirem boticas, procedendo-se sempre aos exames prescriptos pelo regulamento da junta antes da concessão da licenca.

Já que trato desta questão, sou forçado, bem a meu pezar, a declarar que grande parte destas licenças, apesar de todo o rigor da junta em concedel-as, são ficticias, por que muitos dos que as sollicitão tem por fim prestar apenas a responsabilidade de seu nome á officinas pertencentes a homens inteiramente leigos, como provão as constantes participações que recebe a junta de não serem mais responsaveis pelas boticas aquelles que requererão abril-as como suas, apresentando escriptura de compra e outros documentos comprobatorios de dominio proprio.

Este facto é desanimador para aquelles pharmaceuticos, que, apreciando em seu justo valor a sublimidade de sua profissão, a veem rebaixada pelos seus proprios collegas que não se vexão de servir com seu nome aos interesses de verdadeiros especuladores da saude publica, que, abandonando suas profissões para abrirem botica sem habilitações algumas para isso, equiparão-se, á sombra de uma responsabilidade immoral, áquelles cuja posição social tem custado vigillias e trabalhos afanosos na conquista dos meios de resolver as difficeis questões da sciencia.

E' tambem pernicioso ao futuro da pharmacia, porque impede que tantos moços de talento e de um futuro esperançoso, sahidos de nossas escolas medicas, obtenhão os meios de levar avante suas aspirações no cultivo da sciencia que abraçarão, pelo desanimado que delles se apodera ao acharem trancadas as portas por onde devem entrar no caminho que vão trilhar, vendo os direitos e favores que lhes forão garantidos por lei conculcados pela immoralidade e ganancia de alguns de seus companheiros em virtude da protecção dada a homens de todo extranhos aos conhecimentos da pharmacia, e que della tirão todo lucro possivel em detrimento da classe pharmaceutica.

E' este infelizmente um mal irremediavel em presença da legislação vigente, e cujo remedio depende do progresso e aperfeioamento da moral social.

ESGOTOS E DESPEJOS PUBLICOS.

E' esta uma das questões do dominio da hygiene publica de mais alta importancia, e que mais tem attrahido a attenção e estudo dos homens illustrados e dos governos de todos os tempos e paizes mais ou menos cultos: nem isso admira quando se attende aos beneficios que o estabelecimento dos esgotos tem acarretado á saude publica, tornando habitaveis lugares que o não erão, fazendo desaparecer epidemias periodicas que os devastavão, e contribuindo assim para o augmento da população, vigor e saude dos homens.

Sua importancia revela-se particularmente na investigação e exame comparativo dos factos que occorrem nos lugares providos de esgotos com os que se succedem onde os não ha, embora condições hygienicas identicas dominem em uns e em outros. Um exemplo frisante das differenças que resultão da existencia ou não dos esgotos com relação a mortalidade de um paiz nos fornecem os dados estatisticos collidos pelo Dr. Crawford acerca da mortalidade das cidades de Beecles e Bungay collocadas em condições hygienicas semelhantes, sendo porém a primeira dotada de esgotos, e a segunda não.

Dos factos colligidos por este observador resulta: que em Beecles, antes do estabelecimento dos esgotos, de 1811 a 1821, a mortalidade regulava de 1 sobre 67, e em Bungay de 1 sobre 69; que, de 1821 a 1831, depois de se estabelecerem esgotos em Beecles, a proporção da mortalidade nesta cidade era de 1 sobre 72, e em Bungay de 1 sobre 67; finalmente que, de 1831 a 1841, era na primeira de 1 sobre 71, e na segunda de 1 sobre 59.

Tão notaveis forão sempre as vantagens providas da existencia dos esgotos, que os antigos, que tão previdentes erão sobre a saude publica, e que nos legarão tradições gloriosas acerca de seus esforços para obtenção dos beneficios que ella proporciona á humanidade, guardavão tal veneração e respeito pela construcção e aperfeiçoamento dos esgotos publicos, que os punhão sob a protecção dos seus deoses, e confiavão sua vigilancia e administração aos primeiros magistrados do paiz.

Tão complicados, porém, são os importantes problemas deste melindroso assumpto, que, apesar do estudo e esforços empregados em todos os tempos pelos homens mais eminentes, assim como dos trabalhos monumentaes emprehendidos no nosso seculo pelas nações mais cultas para aperfeiçoamento dos esgotos publicos, não estão esses problemas resolvidos de modo a satisfazer completamente os beneficios que é de esperar de sua solução definitiva, visto como os meios de attingir a esse fim diversificão tanto quanto as condições topographicas do paiz onde são executados, os usos e costumes das nações, e mil outras circumstancias, que é impossivel aqui enumerar, por isso que não tenho em vista discutir esta importante questão em todas as suas faces.

Meu fim é apenas dizer alguma coisa sobre o modo como forão executadas as obras dos esgotos nesta cidade pela companhia *Rio de Janeiro City Improvements* encarregada desse serviço, e sobre os melhoramentos que dellas havemos obtido com relação ao asseio e sanidade desta cõrte, precedendo a minha exposicão acerca da materia de breves considerações historicas sobre os trabalhos importantes feitos em alguns paizes mais adiantados na civilisação, quer antigos, quer contemporaneos, e sobre os antigos esgotos desta cidade, e o serviço dos despejos publicos.

DOS ESGOTOS EM ROMA.

Quando se trata de ir buscar exemplos de grandes feitos nos povos antigos, não se pôde esquecer de collocar a frente de todos o povo romano, que foi o dominador do universo na época de suas glorias, já pela sabedoria de suas leis, já pelo augmento e

extensão de seu dominio á custa da victoria de suas armas, e já pela opulencia a que chegou com os despojos dos paizes conquistados; opulencia attestada ainda hoje pela persistencia de monumentos que tem sobrevivido á successão de tantos seculos, e cuja grandeza e magnificencia é ainda objecto de admiração e respeito dos que os contemplão.

Sendo assim, torna-se evidente que não podia eu neste esboço deixar de dar uma noticia, ainda que abreviada, dos grandiosos trabalhos que sobre o assumpto de que se trata forão emprendidos e executados na cidade de Roma. Foi ella, segundo se collige dos antigos historiadores, a primeira, onde obras importantes de esgotos forão emprendidas e executadas, em principio para dessecar os pantanos e charcos formados pelas inundações do Tibre, cujas visinhanças erão inhabitaveis pelos effluvios paludosos que delles exhalavão, e depois para nelles serem lançadas as immundicias da cidade, e os productos das dejectões, construindo-se para esse mister numerosas latrinas publicas, as quaes communicavão com as cloacas ou grandes aqueductos que ião abrir-se no Tibre.

A primeira obra deste genero que foi construida, no dizer dos antigos historiadores e mesmo de alguns modernos, foi a grande cloaca chamada de Tarquinio, assim intitulada por ser feita durante o seu reinado, e sendo destinada a dessecar os pantanos creados pelas inundações do Tibre, na opinião autorizada dos antigos, opinião, cuja confirmação parece evidente em presença deste trecho de Tito Livio « *Cum infima urbis loca circa forum, alias que interjectas collibus convallibus, ex plurimis locis, hauri facile exierent aquas cloacis e vestigio in Tiberim ductis siccurit.* »

Além desta cloaca, cuja solidez e grandeza attestavão o genio emprendedor do povo romano, forão outras menores mandadas construir pelos Tarquínios, abrindo-se umas directamente no Tibre, outras na grande cloaca já citada, sendo destinadas ao serviço da população e ao receptaculo das immundicias da cidade, como o revela a seguinte passagem de Plinio « *Receptaculum omnium purgamentorum urbis, sub terra agendum curavit.* » Seu numero era augmentado conforme o accrescimento da população e a extensão que tomavão os limites da cidade : não havia por tanto um plano methodico e regular em sua construcção e disposição.

No reinado de Augusto, porém, e sob a inspecção do intelligente engenheiro Agrippa, a direcção destes trabalhos tomou nova face, sendo executados com mais methodo e em grande escala.

Este homem notavel, á quem a cidade de Roma foi devedora de grandes beneficios em relação a sua salubridade, emprendeu e executou a abertura de cloacas debaixo de todas as ruas da cidade e de todos os edificios. Ainda mais, conseguiu poder limpá-las e lavá-las com o superfluo das aguas conduzidas por aqueductos mandados construir por elle, quando por muitos seculos esta lavagem era feita pelas aguas da chuva por não haver em Roma agua sufficiente para as necessidades de seus habitantes.

Os trabalhos executados por este homem eminente, e sobretudo os melhoramentos feitos no serviço dos esgotos, cujo curso muitas vezes interrompido provocava sem duvida os effeitos funestos de uma infecção mais ou menos activa, não podem deixar ainda hoje de ser devidamente aquilatados pelos beneficios resultados que trouxerão contra as epidemias que devastarão Roma por muitos seculos, e que, na crença do povo romano, dependião do entupimento dos esgotos da cidade, e das emanações putridas que delles se desprendião.

Fosse ou não real esta crença, o horror que inspiravão ao povo romano as emanações das suas cloacas era tal, que chegou elle a crear divindades intituladas Cloacina e Mephitina, ás quaes prestava adorações no intuito de afastar os males devidos á essas emanações : erão igualmente tão notaveis os beneficios resultantes das obras executadas por Agrippa e seus successores, e tão grande o cuidado que tinha o povo romano pelos esgotos publicos, que penas severas forão decretadas para aquelles que praticassem qualquer violencia contra os encarregados de sua limpeza e conservação; assim como prohibiu-se que os particulares se utilisassem das aguas que refluião dos reservatorios publicos, intitulados aguas caducas.

A influencia salutar destes estabelecimentos executados pelo genio creador de Agrippa, e conservados com esmero por seus successores ainda sob o imperio de Trajano e Nerva, tornou-se sobretudo saliente com a destruição dos aqueductos pelas correrias dos barbaros, que por vezes assaltarão a cidade de Roma, e pela diffusão das suas aguas nos campos visinhos, trazendo como consequencia epidemias pestilenciaes, que devastarão a população de Roma, reduzindo-a a diminutas proporções segundo nos ensinão as tradições da historia.

Este estado deploravel durou até o fim do 14° seculo, em que os papas, particularmente Leão X, occuparão-se com especial attenção deste importante assumpto, esforçando-se em restabelecer as coisas no estado em que permanecerão no tempo de Agrippa e seus successores; e modificações tão salutaes se alcançarão com a nova ordem de coisas, que a população, que ficara reduzida pelas devastações pestilenciaes e correrias dos barbaros a 30,000 almas, subiu logo durante o pontificado de Leão X a elevada cifra de 80.000, para descer consideravelmente depois da sua morte pelo desprezo dos cuidados que a elle mereceu este ramo de serviço publico.

Entretanto esta nova época infausta para Roma durou pouco, porque os papas que succederão a Leão X, avisados pelos tristes successos dos tempos anteriores, esforçarão-se por melhorar quanto possível a salubridade de Roma, quer cuidando com todo o esmero das obras já feitas, quer emprehendendo e fazendo executar outras com o fim de promover a purificação do ar, e prover à outras condições exigidas pelos melhoramentos da saude publica.

Sendo sufficientes estas resumidas considerações para dar uma idéa aproximada dos cuidados que merecerão aos antigos romanos os esgotos, e os trabalhos gigantescos que executarão para colherem delles toda a vantagem possível à salubridade publica, concluirei esta noticia, declarando que sou forçado a confessar, comparando a grandeza e magnificencia das obras por elles executadas em relação a este ponto com as construidas nos nossos tempos pelas nações mais cultas, que minha admiração sobe de ponto ao apreciar pela lição da historia a sumptuosidade dessas obras e a sabedoria que presidiu à sua execução, não havendo nas modernas senão a superioridade devida à experiencia de seculos e ao progresso das sciencias phisicas.

ESGOTOS DA CIDADE DE PARIS.

Os primeiros ensaios deste trabalhos em Paris remontão ao tempo do rei João em 1353, consistindo apenas em fossos ou vallas destinadas a receber as aguas do quarteirão de *Saint Germain des Prés*, situado ao meio dia da cidade, aguas que depois correrão ao longo do esgôto abobadado, que, começando perto da escola de medicina, dirigia-se ao Sena abaixo do *Palais des Arts*.

A primeira obra regular, porém, construida neste genero deve-se ao genio incançavel e emprehendedor de Hugues Aubriot, intendente das finanças no tempo de Carlos V, o qual mandou revestir e cobrir de alvenaria uma valla descoberta, que, partindo do quartelirão de Montmartre, conduzia as aguas a um antigo riacho de Menilmontant, o que o fez apontar como o autor do 1° estabelecimento de esgotos em Paris.

Este homem notavel, procurando economisar os dinheiros publicos, e livrar a cidade de Paris, no meio das calamidades que a atormentavão, do auxilio que a estas prestavão os vadios e mendigos que a infestavão, empregou-os nestes trabalhos e em outros por elle executados, como a Bastilha, a Ponte de S. Miguel e alguns mais, mantendo por este modo, tanto quanto possível, a tranquillidade publica: entretanto não se fez muito esperar a recompensa a seus importantes serviços. Semelhantemente ao que succede a quasi todos os homens que se votão de coração e boa vontade ao serviço da patria, o premio que lhe tocou por sorte foi ser recolhido à Bastilha, sua propria obra, da qual, arrancado por facciosos que o querião para chefe, e de cujas garras pôde escapar-se, retirou-se para Dijon seu

paiz natal, onde morreu em 1382, legando á posteridade um nome que jamais será esquecido em Paris.

Depois da retirada e perda deste homem poucos ou nenhuns de seus successores mostrarão o mesmo zêlo que elle neste ramo de serviço publico: e tanta era a imperfeição com que se executava, que por mais de dois seculos queixas constantes se reproduzião contra os incommodos que causavão os esgòtos aos habitantes de Paris, apezar das ordens dos soberanos determinando todo o asseio possível, e melhoramentos de construcção; tanto que os proprios soberanos Luiz XII e Francisco I, vexados com os incommodos que lhes causava o accumulo de immundicias depositadas no esgoto de Santa Catharina, situado perto do antigo palacio de Tournelles, reclamarão o desvio deste esgòto; porém nada fez-se, ou por julgar-se impraticavel a mudança, ou por não haver meios de executal-a.

Mais feliz não foi Henrique II, mandando mudar o curso deste esgòto, como o tinham feito seus predecessores. Foi mais facil demolir o palacio de Tournelles em 1564, abandonado por Catharina de Medicis em virtude da morte d'aquelle principe em 1559, do que desviar o esgòto do lugar onde existia.

Este estado de coisas permaneceu até o reinado de Henrique IV. Nesta época, porém, novo impulso receberão os trabalhos de esgòtos sob a direcção de Francisco Miron, outro servidor importante do paiz.

Em 1605 fez elle revestir de alvenaria o esgòto chamado de *Ponceau* desde a rua de Saint-Denis até a de Saint-Martin, executando todo o trabalho á sua custa, e ordenando que fossem os esgòtos limpos todos os annos, como tinha sido ordenado por cartas regias de 1553; mas, em lugar de o imitarem os seus successores nos cuidados e zêlo pelo melhoramento e conservação dos esgòtos, deixarão tudo de mão, olvidando-se até da limpeza annual, do que resultou que a regente Maria de Medicis, receiando poder a estagnação das immundicias nelles accumuladas desaiar o desenvolvimento de alguma molestia pestilencial, encarregasse o thesoureiro de França de passar a adjudicação desta limpeza.

Tornar-se-hia por demais extenso este artigo, e sem maior interesse ao meu intento, se buscasse expor todos os pormenores occorridos no longo periodo de mais de 400 annos, a datar da época acima indicada até o anno de 1754, ácerca dos trabalhos deste genero executados na grande capital do mundo civilizado, tanto com o fim de alargar o seu territorio, como de embelezal-o, e aperfeiçoar-lhe o estado sanitario: por isso, abandonando esta empresa, direi que immensos e importantes forão elles, e que sua execução ora retardada, ora adiantada pelo estado mais ou menos precario das finanças, devido ás guerras e commoções que agitarão a França nos seculos 15º, 16º e 17º, recebeu no principio do 18º seculo novo impulso e notaveis melhoramentos, graças ao zêlo e actividade do intendente de finanças Turgot, cujo nome deve ser sempre pronunciado com respeito e veneração pelos habitantes de Paris, tanto por estes serviços, como por outros que lhes prestou no periodo de sua administração.

Tinhão-se construido até essa data, sob a direcção dos profissionaes mais eminentes desses tempos 35,846 metros de esgòtos cobertos em Paris, dispostos em duas ordens circulando as margens do Sena, onde se abrem, sendo maior a extensão dos aqueductos do lado direito do que do esquerdo por circumstancias que não vem ao caso referir neste trabalho. Apezar de tudo, não estavam satisfeitas as necessidades de uma das primeiras cidades do mundo, não só pela insufficiencia dos esgòtos construidos, como pela existencia de muitos ainda descobertos; mas, a despeito de sua necessidade indeclinavel ao asseio e salubridade de Paris, a continuação desses trabalhos foi demorada em virtude de condições ulteriores que affectarão profundamente o movimento social e politico da França.

A agitação que dominou o espirito popular francez nos tempos que precederão a grande revolução que mudou a face do mundo, e elevou ao throno da França um dos maiores homens do nosso seculo, Napoleão I, e as calamidades inherentes á essa revolução assombrosa, e ás guerras a que impellirão a França com o resto da Europa, paralyzarão todos os trabalhos de utilidade local pela ruina das finanças e desvio da atenção publica para os interesses geraes, cuidando-se unicamente de consolidar as instituições francezas, e fazer triumphar as idéas proclamadas pela revolução.

Logo, porém, que as commoções internas afrouxarão, e a calma se foi restabelecendo, o espirito publico encaminhou-se com celeridade para os melhoramentos materiaes e moraes do paiz ; e Napoleão, senhor do poder que tanto ambicionava, e tão habil administrador e politico quanto valente capitão, tratou de acoroçoar essa tendencia animando todos os melhoramentos, não se esquecendo nas obras por elle emprehendidas do aperfeiçoamento dos esgotos publicos. É assim que mandou logo construir o grande esgôto da rua de Rivoli, cujo custo subio a enorme somma de 500,000 francos, o qual, segundo a autoridade tradicional, é notavel por sua solidez e magnificencia. E tão grande forão desde então os cuidados merecidos pelas obras de esgôto, e a importancia que se ligou á sua necessidade que, em fins de 1836, tinham-se concluido para cima de 70,000 metros, o duplo quasi da extensão que tinham em 1754, custando a sua construcção mais de 10 milhões de francos.

Dessa época por diante não tem mais arrefecido os esforços da administração para melhorar, ampliar e aperfeiçoar o systema de esgôto, como tudo quanto respeita aos melhoramentos da cidade de Paris ; e tal desenvolvimento tem tido as suas obras, que a extensão das galerias principaes e suas subdivisões nos esgotos publicos é superior á 135,900 metros, e a dos particulares excede de 4,000, sendo sua conservação e limpeza entregue aos cuidados de obreiros especiaes. Estes esgotos terminão por trez grandes desaguedouros no caes Valmy, e são lavados e limpos constantemente occupando-se neste mister um grande pessoal com o qual se despende muitos milhares de francos.

Destinados a receber as aguas pluviaes e as servidas, recebem tambem as materias feccas de alguns estabelecimentos publicos, como os hospitaes de Invalidos, Salpatrière, Bicétre e alguns mais, assim como a urina dos mijadouros publicos, as aguas dos chararizes, fabricas, estabelecimentos industriaes e todas as immundicias nellas depositadas.

Sendo assim, é claro que este systema de esgotos não deixa de ter inconvenientes pela impureza de que necessariamente se deve resentir a agua do Sena, da qual se serve a população parisiense para os seus usos domesticos e mesmo para beber, visto como são insufficientes ás suas necessidades as aguas suppridas por outros mananciaes, como sejam ; as das fontes de *Belleville* encanadas para Paris no reinado de Felipe Augusto, as conduzidas pelo canal *d'Ourcq* construido no tempo do imperio, as dos poços de *Grenelle*, as das nascentes de *Prés-Saint-Gervais* e outras.

A falta de agua para as precisões da cidade de Paris faz-se sobretudo sentir nos tempos de secca, em que diminuem sensivelmente aquellas que a abastecem; e attendendo-se a isto projecta-se desviar 800,000 metros cubicos d'agua de *la Loire* para a cidade de Paris pela construcção de um aqueducto, que, partindo de uma reprêsa feita acima de *Cosne* perto de *Sancerre*; e atravessando a *Beauce*, que por elle será abastecida com 300,000 metros cubicos da agua conduzida, seguirá para Paris transportando o resto. O custo das obras indispensaveis á realizção deste projecto, do qual dá noticia *les Nouvelles Annales de la Construction* de Janeiro de 1868, está calculado em 72 milhões de francos.

Os inconvenientes que podem resultar do uso das aguas do Sena são contestados por autoridades respeitaveis, entre as quaes se alistão Hallé e Fourcroy, argumentando que as immundicias lançadas pelos esgotos são em quantidade muito diminuta para alterar a pureza das aguas, e que aquillo que o calculo faz presumir é confirmado pelas analyses chemicas rigorosas; porém autoridades não menos respeitadas do que as lembradas acima si não contestão a innocuidade das aguas do Sena, tambem não ousão affirmal-a.

Parent-Duchatelet, cuja dedicção pelo estudo desta parte da hygiene publica tocava ao entusiasmo, como provão seus numerosos e importantes escriptos a este respeito, tratando da influencia que podem exercer estas aguas, não se anima a emittir uma opinião definitiva em virtude da perplexidade em que o collocarão opiniões de autoridades importantes pró e contra ; mas confessa que em algumas occasiões ellas são por tal modo alteradas, sobretudo durante as tempestades do estio, que talvez se encontrem alterações em sua composição chimica mediante analyses rigorosas praticadas nessas condições.

Dado, porém, que dessas analyses resulte ainda uma prova negativa, não presumo que seja prudente dar como certa essa innocuidade; porquanto, como mui bem raciocinava Thouret: « principios de infecção, que escapão à analyse, podem existir: a arte não abraça ainda em toda sua extensão as operações da natureza, e sobre um dos primeiros objectos da salubridade que interessão ao homeni, é preciso outra certeza, além das provas negativas deste genero, para dissipar duvidas, e autorisar logo a enunciação de um juizo definitivo. »

O Sr. Chevalier, que não parece conformar-se muito com a opinião d'aquelles que sustentão a innocuidade das aguas do Sena, por isso que julga util conservar a sua pureza tanto quanto fôr possível, lembrou para obviar aos inconvenientes dos esgotos actuaes a construcção de dous maiores, que recebessem as aguas de todos os outros, e as conduzissem para fóra da cidade.

Como quer que seja, a questão não deixa de ser embaraçosa em sua solução, por isso que, a despeito das provas negativas fornecidas pelas analyses chemicas, todos os observadores estão accordes sobre um facto, e vem a ser; que as aguas do Sena tem máo gosto e cheiro mais ou menos desagradavel. Estas condições não abonão por certo as suas qualidades, por que indicão que um principio qualquer as altera, sendo certo que esta alteração deve ser tanto mais de receiar, quanto por occasião de chuvas torrencias e grandes cheias forem arrastadas as immundicias accumuladas nos esgotos, revolvidas as materias depositadas no fundo do rio, e confundidas ou misturadas as diversas camadas d'agua, sem que a filtração, a que é esta submettida sempre que se usa como bebida, prive esse principio de acompanhá-la actuando inconvenientemente sobre a saude.

Deixando de entrar em mais considerações sobre este ponto, em cuja discussão alonguei-me mais do que pretendia, sendo a isso forçado pelo encadeamento dos factos que tive de referir, passarei já a fallar do modo como se procede ácerca das aguas servidas e materias fecaes, quer relativamente ao seu deposito nas habitações, quer relativamente à sua remoção, concluindo assim a exposição do complicado mechanismo dos esgotos e despejos publicos em Paris.

Innumeros tem sido os trabalhos da administração publica e dos homens da sciencia para a consecução do maior aperfeiçoamento possível neste ramo de serviço, e para cessação dos accidentes que pôde causar a infecção determinada no interior das habitações pelas emanações dependentes dos reservatorios das materias fecaes e aguas servidas. Entretanto, apesar desses afanosos trabalhos, ainda não tem sido possível alcançar o fim desejado, como se deduz da leitura dos escriptos que tratão desta materia, e do testemunho insuspeito de pessoas que tem viajado e observado por si mesmo; e é de presumir que não será facil de conseguil-o, attendendo á situação da cidade de Paris, e ao lugar onde são recebidos os esgotos da mesma, o Sena, pela impossibilidade de lançar-se os residuos das dejeções de mais de 1,000,000 de habitantes, em virtude dos prejuizos realizaveis á saude publica, alem da privação em que fica a população do maior manancial d'aguas que possui.

O processo adoptado com relação as aguas servidas reduz-se pouco mais ou menos ao seguinte: si as habitações estão situadas em posição, donde ellas possão correr livremente para os aqueductos de esgoto, para ali são levadas por conductos, que, partindo das cozinhas, ou as levão directamente aos aqueductos, ou á alguma valla que nelles se abre; si porém o terreno sobre que assenta a habitação não permite poder conduzil-as aos aqueductos de esgoto, são ellas recebidas em desaguadouros construidos sob certos preceitos para impedir os damnos que poderião causar as emanações infectas delles exhaladas; e seu despejo é executado com as mesmas precauções com que se faz o das *fosses d'aisance*, verdadeiras ci ternas collocadas debaixo das habitações, onde se vão accumular as materias fecaes e urinas lançadas das latrinas existentes no seu interior.

Quanto as *fosses d'aisances* são construidas por baixo das habitações, ou fóra dellas, dando-se-lhes disposições especiaes, assim como ás latrinas privadas que com ellas communicão, não só para evitar a exhalação dos miasmas e do cheiro infecto que dellas podem dimanar, como para livrar dos accidentes graves a que estão expostos os obreiros encarregados de limpá-las.

Estes reservatorios são esvaziados antes de estarem de todo cheios afim de se lhes poder lançar os desinfectantes necessarios, visto como não podem as materias excrementicias nelles deppositadas ser removidas sem previamente serem desinfectadas. Uma vez, porém, feita a desinfecção, separão-se as materias solidas das liquidas, sendo aquellas removidas para lugares determinados, e podendo estas ser conduzidas aos esgotos publicos.

Além deste systema (*de fosses d'aisance*) tem-se ensaiado introduzir-se o uso de *fosses* moveis, que consistem em tonéis depositados em uma cava especial, e nos quaes termina a extremidade do tubo conductor ou de transporte que parte das latrinas privadas, e que são substituidos por outros logo que estão cheios e assim successivamente. Se algumas vantagens tem este systema, como sejião, o de seu menor custo, de não exhalar mão cheiro quando o tonél estiver hermeticamente fechado, o de poder separar-se com mais facilidade as materias solidas das liquidas, e aproveitar os estrumes no estado natural, sem desinfecção prévia, tem por outro lado a desvantagem de continuadas substituições, o que não deixa de incommodar bastante os moradores das casas, e trazer outros inconvenientes. A questão de preferencia em tal caso depende de repetidos estudos e experiencias, as quaes só se fazem com tempo e paciencia.

A exposição summaria que tenho feito do modo como se procede em Paris com relação a demora das aguas servidas e materias fecaes nas habitações e sua remoção, basta para conhecer-se que, sejião quaes forem os meios coercetivos empregados pela autoridade para obter a maior perfeição possivel nesse serviço, nunca poderá ella evitar os desarranjos e falta de asseio nas latrinas privadas e nas *fosses d'aisance*, e consequentemente o mão cheiro e outros incommodos devidos ás exhalações que se levantão dessas massas de materias excrementicias em maior ou menor grão de corrupção, e que, além de infectar quer o interior das casas, quer o ar exterior, sobretudo ao sopro de certos ventos e no acto da remoção, tornão então insupportavel a demora nas habitações e mesmo o tranzito nas ruas.

Este facto, que é garantido pelo testemunho de estrangeiros que tem visitado aquella cidade, encontra uma solemne confirmação nas palavras insuspeitas do Sr. Fleury, expendidas no seu *Curso de Hygiene*, e com as quaes fecharei este artigo, quando, ao tratar do pouco cuidado que preside ao arranjo e asseio dos quartos das latrinas assim se expressa: « Devemos accrescentar para nossa vergonha, que a França é talvez de todos os lugares da Europa aquelle em o qual menos se cuida da disposição e limpeza dos quartos das latrinas. Os estrangeiros exprimem, com razão, seu pasmo e desgosto ao verem as ignobeis latrinas que se encontrão, mesmo em Paris, na mór parte dos hotéis abastecidos, nos theatros e em algumas casas particulares. »

ESGOTOS DA CIDADE DE LONDRES.

Importantes e grandiosos tem sido os trabalhos emprehendidos pelos inglezes para obter o asseio e salubridade da sua capital com a construcção das obras destinadas aos esgotos publicos. Tres periodos ou épocas distinctas se notão na marcha e desenvolvimento desses trabalhos, conforme reza o relatório do Sr. Freycinet, dirigido ao Ministerio da Agricultura em execução da decisão ministerial de 9 de Junho de 1866, tomada sobre o parecer do Conselho Consultivo das Artes e Manufacturas de Paris. ácerca do emprego das aguas de esgotos em Londres.

No primeiro periodo apenas cuidou-se do asseio das casas e das ruas; e nesse sentido construirão-se canaes sob as habitações e no sólo da via publica com direcção ao Tamisa pelo caminho mais curto, canaes pelos quaes erão conduzidas as aguas servidas, materias fecaes e todos os residuos susceptiveis de serem arrastados pelas aguas, e que podião concorrer para peiorar as condições salulares das habitações e da cidade.

Fracas e inefficazes erão as vantagens que podião provir para a salubridade de Londres da realização destas obras, e os resultados ulteriores se incumbirão de mostrar que ellas não preenchião o fim que se leve em vista; porquanto conheceu-se logo que o asseio e limpeza das habitações e das ruas em nada havia modificado as causas de infecção da cidade; que esta apenas se tinha deslocado; que o grande foco creado com a corrupção das aguas do Tamisa era tanto ou mais perigoso ainda do que os focos parciaes que se havião extinguido com as canalisações prediaes, sobretudo durante os grandes calores pela baixa das aguas do Tamisa, como particularmente succedeu em 1858.

A este inconveniente juntavão-se ainda outros notaveis para pôr fóra de duvida a imperfeição do systema, taes como, a possibilidade do refluxo das materias dos esgotos para o interior das casas ou nas grandes marés do Tamisa, ou na occasião de uma tempestade pela existencia de qualquer obstrucção dos esgotos, e a ascenção de gazes infectos para o interior das mesmas em virtude das differenças de temperatura tão sensiveis no inverno, sobretudo quando as valvulas tubulares encarregadas de evital-a estavão deterioradas pela humidade.

Tão imperfeito e tão pouco util ao asseio e sanidade de Londres era o serviço prestado por este systema de esgotos, que no Congresso de Bruxellas em 1852 lord Ebrington e outros reconhecerão os grandes inconvenientes que delles resultavão, e confessarão ser vergonhoso o estado dos esgotos de Londres.

A vista destes factos indispensavel se tornava remediar estes males, e nesse intuito uma obra grandiosa, com a qual se despendeu a avultada somma de 405 milhões de francos, foi encetada em 1859, marcando a segunda epoca dos melhoramentos projectados para os esgotos publicos de Londres. Então todos os existentes forão reunidos por diversos conductores em dois grandes aqueductos que margeão o Tamisa a direita e esquerda, e vão abrir-se nelle lançando-lhe as aguas dos esgotos em pontos muito retirados da metropole, para que as materias em decomposição não pudessem voltar abaixo de seus muros, tornando-se indispensavel nesta obra monumental elevar em muitos lugares por meio do vapor immensos volumes d'agua accumulados em vastos resérvatorios subterraneos, dos quaes não poderião sahir sinão na baixa-mar.

Com a conclusão desta obra gigantesca ficava resolvido o problema da salubridade da cidade, mas não ficarão satisfeitos nem os cuidados da administração publica, nem o espirito do povo inglez por verem nesse importante melhoramento prejudicados outros interesses sociaes de ordem elevada, os da agricultura com especialidade, pelos danos que lhe causaria a perda das materias fertilizantes que se escapão dos esgotos, no entanto que aproveitadas podião trazer-lhe vantagens reaes.

Nesta persuasão surgio a idéa de aproveitar-se o liquido dos esgotos em estado natural na producção da agricultura, visto como, para os inglezes, a separação das materias fertilizantes obtida por via mechanica ou chimica é um meio menos economico de utilizar as aguas, e um processo menos efficaç de asseio, por que, sempre que se tem procurado separar as materias fertilizantes contidas nas aguas de esgoto, tem-se conhecido que o resultado era deploravel sob o ponto de vista commercial, ao mesmo tempo que se creava nos portos das cidades um foco permanente de infecção.

Esta maneira de encarar a questão originava um novo progresso, de concepção elevada, de difficil realização, e que por muito tempo pareceu irrealizavel a despeito do genio industrial do povo inglez. Entretanto a opinião publica pronunciou-se abertamente pela adopção destas idéas, sustentando que as materias fertilizantes dos productos dos esgotos não devião ser abandonadas ao mar, devião voltar ao sólo d'onde emanarão, e contribuir para a prosperidade geral.

Collocada a questão nestes termos tomou grande vulto, e desafiou o apparecimento de variados e interessantes trabalhos sobre o assumpto, até que por fim o parlamento interveio. Então submetteu-a elle a um inquerito que durou quatro annos, de 1862 a 1865, no qual forão ouvidos innumerous pareceres, ao mesmo tempo que repetidas experiencias praticas se executavão em Rugby sob a inspecção de uma commissão organisaada por homens competentes.

Em virtude deste inquerito, de todos os processos apresentados para levar a efeito a resolução deste importante problema social, mereceu a preferéncia e approvação do parlamento inglez o dos Srs. W. Napier e W. Hope, depois de ouvir a commissão nomeada e cujo relatorio assim conclue. « Vossa commissão é de parecer que o projecto que foi submettido ao seu juizo constitue um modo vantajoso e aproveitavel de empregar a agua dos esgotos da parte norte da metropole, e não tem motivos para crer que outro mais vantajoso ou aproveitavel possa ser concebido. » Tratava-se então de aproveitar apenas as aguas dos esgotos do Norte, e nesse sentido foi concebido o projecto citado, adiando-se para mais tarde a resolução do problema quanto aos do Sul.

Em consequencia, pois, do parecer favoravel da commissão parlamentar foi definitivamente constituida por acto legislativo de 19 de Junho de 1865 a companhia *Metropolis sewage and Essex reclamation*, executora das obras dos Srs. Napier e Hope, a qual encetou logo os seus trabalhos e os tem continuado com actividade, sendo obrigada a ter os seus aqueductos concluidos em 10 annos decorridos da data do acto legislativo, e o resto das obras em 14 a partir da mesma data.

Estas obras, pelas quaes se aproveitão só as aguas dos esgotos que atravessão os aqueductos marginaes do Norte do Tamisa, e cujo custo foi calculado pelos emprezarios em 66 milhões de francos, incluindo o interesse dos capitaes empenhados durante o tempo da construcção, são emprehendidas com o duplo fim de regar as terras actualmente em cultura, e tomar sobre o mar do Norte plagas de areias estereis, e fertilizal-as, fazendo correr por sobre ellas o excesso das aguas que sobrar d'aquella cultura.

As experiencias tentadas patentearão não só as vantagens que deste systema tira a agricultura, o que valeu aos emprezarios o acto legislativo que autorisou a companhia com excepções que á nenhuma outra tem concedido o parlamento inglez, como os lucros que podem auferir seus associados dos capitaes empregados segundo o calculo feito sobre a venda das aguas aos agricultores, lucros sem os quaes por certo se não animaria a mesma companhia a emprehender tão grande obra, resolvendo o grande problema da salubridade na dupla relação da hygiene publica e da producção agricola.

Não vindo, porém, ao caso tratar aqui nem do modo como são distribuidas as aguas, nem dos fins agricolas para que são destinadas, nada direi a este respeito, e terminarei este capitulo, dando uma idéa muito summaria da grandeza destas obras.

A primeira comprehende 132 kylometros de grandes canaes cobertos, 4 estabelecimentos de bombas a vapor de força de 2380 cavallos e 2 immensos reservatorios. Foi concluida em 8 annos.

A segunda comprehende um aqueducto, que percorre a extensão de quasi 70 kylometros desde sua reunião por dois pontos distinctos com os aqueductos da primeira, de 3 metros de diametro e feito d'alvenaria. Este em uma parte de sua extensão é occulto no sólo, em outra domina o terreno ora na altura de 5 metros, ora na de 10. Ha além disto grandes reservatorios, bombas, etc.

Outro systema conhecido por systema inglez ou systema de corrente continua, desenvolvido pelo Sr. Ward tem sido adoptado por algumas cidades inglezas e italianas.

Este systema, que tem alguns pontos de semelhança com o applicado aos esgotos desta côrte, consiste em receber por uma *drainage* conveniente, nos campos arenosos ou sobre a collina das montanhas, as aguas das chuvas que são assim purificadas por uma filtração natural, e conduzil-as ás cidades por meio de aqueductos ou machinas, e distribuil-as por todos os andares das casas, para, depois de servir aos usos domesticos, diluir e arrastar as materias fecaes contidas nos aqueductos dos esgotos, e conduzil-as aos campos para fertilizal-os com o estrume que ellas contem.

Das considerações expendidas neste breve esboço historico com relação á materia que me occupa resaltão a evidencia as difficuldades que encerra a solução deste complicado problema de hygiene publica, as tentativas infructiferas que tem feito as principaes nações para realizal-o, o vagar com que tem marchado em todos os paizes durante seculos os trabalhos industriaes indispensaveis á essa realização para, no fim de tudo, vermos ainda hoje duas das primeiras cidades do mundo, notaveis pelas conquistas ob-

tidas no movimento industrial e scientifico, apresentarem trabalhos ainda não perfeitos sobre este assumpto, a ponto de não poderem ufanar-se de sua superioridade sobre outras de importancia secundaria em relação a assumptos de outra ordem.

A injustiça que soffremos de alguns estrangeiros, que, esquecidos das misérias de seu paiz, procurão sempre deprimir-nos, accusando-nos de nada termos feito, e de conservarmos a este respeito os usos inveterados dos tempos coloniaes, antes que fossem encetados os trabalhos da companhia *City Improvements*, não achará razão que a apadrinhe, quando se tiver em attenção que não ha 50 annos que nos constituimos povo independente, e que outros povos constituídos ha seculos não estão ainda hoje em melhores condições do que estavamos nós em outros tempos com relação á esta materia.

Na verdade, si por um lado alguma censura nos cabe por não termos ha mais tempo feito algum esforço para melhorar o systema de esgotos e despejos publicos, afim de sahirnos do estado deploravel em que nos achavamos, e que era incompativel com o grão de civilisação a que tinhamos attingido: por outro lado essa censura perde parte do seu valor, quando se tiver em vista que, avisados pela experiencia de outros povos, e não querendo emprender trabalhos inuteis, aguardavamos do estudo e experiencia dos melhoramentos projectados em outros paizes a escolha acertada do systema que mais nos poderia convir.

A' essas precauções tomadas antes de encetar-se os melhoramentos no serviço dos esgotos com instancia reclamados pelo asseio e sanidade desta côrte, talvez se deva o termos hoje um systema de esgotos e despejos publicos, que nada deixaria a desejar sob o ponto de vista hygienico comparativamente ao das principaes cidades da Europa, si houvesse cuidado e fiscalisação no modo de executal-o, e si em principio se não deixasse passar sem reparo defeitos, cujo remedio, além de ser hoje mais difficil e incommodo na execução pratica, não deixa de acarretar inconvenientes e diminuir algum tanto as vantagens reaes que nos trouxe este systema, como d'aqui ha pouco mostrarei, entrando no estudo e apreciação dos factos relativos aos esgotos desta cidade, cumprindo-me por agora, em tribulo á verdade, confessar que á uma censura não podemos fugir de maneira alguma, a de não termos o menor cuidado na limpeza e conservação desses mesmos máus esgotos que possuíamos, concorrendo por nossa incuria e deleixo para agravar os males por elles causados á saude publica.

ESGOTOS DO RIO DE JANEIRO.

Tendo em vista neste artigo tratar dos melhoramentos que neste ramo do serviço publico nos trouxerão as obras da companhia *Rio de Janeiro City improvements*, e dos resultâdos obtidos com relação ao asseio e sanidade desta capital, prescindirei de historiar os factos relativos aos primeiros ensaios para o estabelecimento dos esgotos entre nós e aos subsequentes até nossos dias, por que, além de ingrata, seria uma empreza de difficil e talvez impossivel realização, uma vez que forçoso me era recorrer á busca de documentos que devem existir em nossos archivos publicos; e apenas me limitarei a dizer, que, iniciados a môr parte delles nos tempos coloniaes sem methodo e sem attenção alguma aos preceitos da hygiene publica, e continuados do mesmo modo conforme as precisões das localidades onde se ia agglomerando a população, não se prestavão ao fim do seu destino.

A convicção profunda que nutro da difficuldade ou mesmo impossibilidade de encontrar em nossos archivos documentos que me pudessem auxiliar no estudo historico dos antigos factos concernentes á esta materia, quando outros de ordem mais elevada e de interesse immediato não se encontrão hoje nelles, obrigou-me a desistir deste intento, e a limitar-me a exposição do estado em que existia o nosso systema de esgotos e despejos publicos, quando forão contratadas as obras da Companhia *City Improvements*, mesmo por que pouco interessaria a este trabalho o conhecimento dos factos antigos.

Por esta exposição ficará patente, em meu pensar, que os esgotos desta cidade, em lugar de contribuirem para o seu asseio e sanidade como devia ser, concorrião para resultado diverso.

Ao iniciar-se os importantes melhoramentos que hoje fruimos neste ramo de serviço publico, era com effeito abominavel o espectáculo que offerencia esta cidade, já pelo estado deploravel em que se conservavão sempre os esgotos, já pelo modo repugnante com que erão removidas das habitações as materias excrementicias e as aguas sujas, servindo um e outro de opprobrio á civilisação desta capital, e de ludibrio ao estrangeiro que aportava ás nossas plagas, como vou mostrar.

Lançando um olhar rapido sobre o estado dos esgotos desta cidade nesses tempos que felizmente passarão, ver-se-ha que o systema era o mais imperfeito possivel, limitando-se á algumas vallas de fundo lodoso em a môr parte de sua extensão, ou antes em quasi sua totalidade, onde as aguas corrião ás vezes com summa difficuldade pelas represas que encontravão em diversos lugares, formadas ou pelo amontoamento de terra e cisco em sua embocadura e voltas, ou pelo accumulo de immundicias de toda a sorte que lhes lançava a população, não escapando mesmo animaes mortos e já em estado de putrefacção, de modo que, além de constituirem fôcos de infecção activa, erão de todo improprias ao fim a que se destinavão, visto como não podião dar com presteza vasão ás aguas que para ellas affluião.

D'ahi provinhão as inundações constantes observadas em varios pontos desta cidade por occasião de quaesquer chuvas torrencias, ainda mesmo pouco duradouras, inundações, que, pronunciando-se em principio mais nos quintaes e chacaras, que por estarem abaixo do nivel das vallas em muitos pontos recebião as aguas que nas cheias transbordavão, ficando estagnadas por mais ou menos tempo por falta de esgoto actuando a maneira dos pantanos e charcos, tornarão-se dêpois mais terriveis nas ruas, entrando as aguas pelas habitações em maior ou menor còpia, segundo a promptidão com que se procedia ao aterro dos quintaes e chacaras, tirando-se assim os reservatorios, onde se depositavão antes de vir inundar as ruas.

Estes inconvenientes erão ainda aggravados pela inutilisação de alguns ramaes dessas vallas mandada executar pela Illma. Camara Municipal, sem prover primeiro aos meios de remediar os mâos effeitos da adopção deste systema.

D'entre as antigas vallas d'esgotos, algumas ha que merecem uma attenção especial neste escripto por terem sido por muito tempo o objecto de estudo dos nossos homens profissionaes em virtude dos incommodos que causavão aos habitantes de suas visinhanças nas épocas das grandes chuvas, devidas ás inundações de que erão causa, sem que jamais se chegasse a um accordo sobre os meios de prevenir ou extinguir este inconveniente.

A primeira, a mais importante e antiga sem duvida é a da rua outr'ora do mesmo nome e hoje intitulada de Uruguayana, a qual, partindo do largo da Carioca, onde recebia as sobras das aguas do chafariz ahi existente, ia desaguar no largo da Prainha, passando por detraz e por baixo das casas da rua do mesmo nome, recebendo neste ultimo ponto de seu trajecto as aguas sujas e materias excrementicias do collegio de Pedro II por uma pequena valla, que percorria a antiga rua do Aljube, e bem assim as materias fecaes dos detentos na antiga prisão do Aljube, transformada hoje em tribunal do Jury, junto da qual passava por baixo do lagedo da frente, que lhe servia de cobertura. Esta valla, a unica coberta em toda a sua extensão e construida com segurança, mas de fôrma quadrada, talvez em virtude do fim para que foi feita, recebia as aguas de quasi todas as ruas centraes da cidade, mesmo d'aquellas em que podião as aguas correr facilmente ao mar, a não ser a imperfeição dos nivelamentos das ruas e dos predios que nos legarão os antepassados, e para cujo melhoramento se luta hoje com enormes difficuldades, afim de não comprometter grandes interesses com o deterioramento de predios e outros edificios importantes construidos nessas ruas.

A valla em questão, unica bem executada pelos antigos, foi aberta para fim muito diverso d'aquelle para que a destinavão depois, e a isso deve sem duvida a perfeição de sua execução, quando se attende ao pouco apreço que davão os antigos aos esgotos da cidade, não tendo a menor idéa de um plano de nivelamento geral, quer com relação ás edifica-

ções, quer ao alar e calçamento das ruas, contentando-se apenas com dar-lhes as declividades necessárias para conduzir as águas á pequenas valletas ou lagóas espalhadas pela cidade, e que com o seu crescimento forão desapparecendo.

A construcção deste esgoto marca uma época memoravel nos factos historicos desta cidade ; porque foi por assim dizer a consequencia da segunda invasão franceza em 1740, época em que esta grande cidade estendia-se ainda só até a rua dos Ourives. Este acontecimento notavel despertando o governo, e fazendo-o receiar de novas invasões futuras, gerou o pensamento de se estabelecerem os meios de defendel-a pelo interior no caso de novas invasões, e foi encarregado de levar a effeito as obras indispensaveis a esse fim o Brigadeiro João Macé, o qual, entendendo que a defeza seria attendida construindo-se uma muralha, que ligasse os morros da Conceição, Santo Antonio e Castello, deu começo aos trabalhos precisos. Mais tarde, porém, em 1726, sendo governador Luiz Vahia Monteiro, propôz a substituição da muralha por um longo canal que fosse navegavel, e servisse para communicar o mar que banha a Prainha com o do largo da Ajuda, projecto que, sendo approved e levado a effeito em parte, trouxe como resultado a valla ou fosso hoje existente, e que ainda é a primeira arteria dos esgotos desta cidade.

Dotada de grandes dimensões e de capacidade sufficiente para dar escoamento ás aguas que para ella affluíão, todavia grandes inundações se effectuavão tanto na rua a que dava o nome, como em todas cujas aguas para ella convergião, já pela facilidade com que se obstruia em virtude de sua forma e das ruinas causadas em suas paredes pelos innumeros ratos que ali se asylavão, já pelas immundicias que lhe depositavão os moradores visinhos, já finalmente pelos ciscos e outros detritos, que arrastados pelas chuvas torrenciaes, ou empurrados pelos encarregados da limpeza publica, encontravão facil accesso na abertura dos desaguedouros das ruas.

Tão notaveis erão os effeitos de infecção desta valla e tão prejudicial aos habitantes visinhos, que em 1842, tratando-se de limpá-la, e tirando-se sem cautela prévia varias lages de cobertura, começaram a apparecer logo na visinhança casos fataes de febres perniciosas, de modo que a autoridade julgou acertado repôr as cousas no estado em que estavam, e sustar a limpeza.

A segunda valla, que tambem merece menção neste trabalho pelos inconvenientes que acarretava aos moradores de sua visinhança e á saude publica, e que foi tambem por bastantes vezes o objecto de attenção e estudos dos profissionaes e da Illma. Camara Municipal, por ser uma das grandes arterias dos esgotos publicos desta cidade, foi uma, que, partindo do fundo dos quintaes da rua do Rezende entre as dos Invalidos e Riachuelo (Mata-Cavillos outr'ora : atravessava aquella rua na proximidade da dos Invalidos para ganhar os fundos das casas desta, costeando o morro respectivo ; e ao chegar a rua do Senado, passava por baixo de seu sólo para, juntando-se a um braço que seguia da rua dos Invalidos pelo lado da matriz de Santo Antonio e fundos da rua do Senado pelo lado direito, ganhar o das casas da rua do Conde d'Eu, que por sua vez era por ella transposta proximo a embocadura do campo da Acclamação. D'ahi seguia a ganhar as ruas do Areal, Formosa, e Flores, e ia desaguar no mangue da Cidade Nova.

Neste immenso transito, cheio de voltas e tortuosidades, e com diverso nivel, difficultando já o curso das aguas, accrescia que, em todo o seu trajecto, era o escoamento retardado peias represas amudadas formadas por montes de lixo e immundicias de todo o genero, o que impossibilitava a vação prompta das enormes e successivas massas d'agua que recebia, provenientes dos predios assentados em toda a grande area por ella percorrida, de parte dos morros de Santa Thereza, do Neves, Paula Mattos e Barreira, e ainda mais das ruas do Lavradio, Senado, Conde e outras.

Estas aguas erão-lhe despejadas por varias embocaduras, das quaes as principaes tinham o seu assento na rua do Rezende proximo á dos Invalidos, nesta rua junto á matriz de Santo Antonio, no campo em frente á rua da Constituição, proximo ao antigo quartel de Cavalleria, e na rua do Areal no cruzamento desta com a rua Formosa. Era tambem nestes pontos, para os quaes affluia maior quantidade d'agua, que por occasião das chuvas torrenciaes sobretudo as que cahem durante as trovoadas de Noroeste no verão,

maiores inundações se notavão, chegando ás vezes a altura das aguas que invadião as habitações a 3, 4 e mesmo 5 palmos, e bem assim a demora das mesmas nas ruas a 24 horas e mais, motivando esta demora de escoamento as enormes quantidades de barro, arrastrado dos morros citados pelas aguas torrenciacs, em virtude das escavações nelles feitas sem methodo para as edificações e aberturas de ruas, as quaes, além de entupirem as embocaduras da valla, ficavão depositadas sobre as calçadas a ponto de prohibir o transitio publico.

As exhalações mephticas que se elevão destas vallas, e dos charcos ou pantanos provenientes das inundações por occasião das cheias, e quasi perennes em toda a grande area occupada pelas immensas chacaras das ruas do Rezende, Invalidos, e outras, assentadas todas muito abaixo do nivel das ruas, erão sem duvida as causas mais peculiares e poderosas da grande frequencia das febres palustres graves, que outr'ora notavão os praticos do Rio de Janeiro no bairro por ella percorrido, frequencia que era mesmo apreciavel para os moradores que de novo vinhão nelle residir.

Ainda uma outra valla existia, a qual não pôde deixar de ser mencionada neste trabalho. Este esgoto, que segundo certas tradições de moradores antigos do lugar, foi aberto na direcção do leito de um riacho ali existente para dar um curso regular ás suas aguas, e evitar os inconvenientes de sua dispersão pelos terrenos visinhos, parlia da rua do Rezende, ou antes da dos Invalidos, onde, fazendo junccão com o segundo de que tratei, a ponto de se poder encarar como continuação deste, recebia logo no começo do seu trajecto, um ramo importante que conduzia algumas aguas do morro de Santa Thereza, e as do chafariz chamado do Menino Deos, e parte da rua do Riachuelo. Atravessando as chacaras e quintaes situados entre as ruas do Rezende e Riachuelo vinha sahir na rua do Lavradio, e transpondo-a da direita para a esquerda ia ganhar o fundo das casas deste lado e das dos Arcos a sahir na de Riachuelo quasi ao pé dos arcos. Caminhando depois por baixo do sólo desta e da dos Barbonos, costeava o fundo das casas das ruas das Mangueiras e Santa Thereza, sahia por baixo do becco do Imperio a alcançar o largo da Lapa, e encaminhando-se por baixo deste ia desaguar no mar junto ao Passeio Publico.

Esta valla recebia as aguas das ruas do Lavradio, Arcos, Barbonos, Riachuelo, Rezende, Santa Thereza, morro do mesmo nome e de Santo Antonio; mas não em totalidade, excepto da rua dos Arcos. Podendo ser encarada, como acima disse, uma continuação da segunda, com cujas aguas se confundião as suas no caso de inundação substituindo-se mutuamente no escoamento, era todavia mais bem construida, sobretudo desde o ponto de partida da rua do Lavradio até o seu desaguadouro junto ao Passeio Publico.

Em quasi toda esta extensão era murada, calçada no fundo, com bastante declive, mas com pequena capacidade para esgoto das aguas que para ella affluião em camadas sempre crescentes e successivas nas grandes cheias, circumstancia que demorava o seu curso; e esta demora, que era o resultado de defeitos de sua construcção, aggravava-se com os entupimentos causados pelo amontoamento das immundicias lançadas nella pelos moradores do lugar por não ser coberta, e pelo cisco arrastrado pelas enchurradas, e que nella entrava de envolta com as aguas. Isto concorria para o apparecimento de inundações espantosas e duradoras nos pontos para onde convergião as aguas, e então não era raro ver nesta occasião, nas ruas do Lavradio, Arcos, Rezende e Invalidos, a altura da agua chegar no ponto de seus cruzamentos a 4 e 5 palmos, constituindo por sua junccão um verdadeiro e extenso lago, onde podia navegar qualquer canóa de pouco fundo, ondulando as aguas algumas vezes rente com o peitoril das janellas das casas terreas, e sobrepujando-o mesmo ao passarem os vehiculos de conducção.

Os effeitos destas inundações, do estado immundo das vallas, da humidade das habitações, que nunca cessava, destruindo todos os assoalhos, e bem assim a das paredes por effeito da capillaridade, não podião deixar de influir poderosamente em desfavor da saude dos habitantes destas ruas, e isso explica de algum modo a gravidade e frequencia de suas molestias, quando outras condições de hygiene favoraveis possuião.

Aos trez esgotos de que acabo de fallar seguem-se ainda dois de importancia, os quaes designarei por 4.º e 5.º O quarto é constituido pelo riacho chamado dos Coqueiros, o qual, alimentado pelas aguas das vallas abertas nas chacaras fronteiras ao cemiterio de S. Francisco de Paula não só para dessecar o terreno por demais alagadiço afim de utilisal-o para a horticultura, como para o plantio do agrião, encaminha-se para a rua de Catumby, costeando o paredão em frente as casas da rua dos Coqueiros, e vindo sahir ao largo fronteiro ao cemiterio. Correndo paraellamente a este, ganha a rua do Chichorro, a qual atravessa buscando o fundo das casas situadas no lado direito da rua de Catumby, e passando por baixo desta segue pelo fundo das casas situadas no lado esquerdo, e vem sahir na rua do Conde d'Eu em frente ao antigo hotel do Angelo, proximo ao cruzamento desta rua com as de Catumby e Bom Jardim, e seguindo parallelamente á esta em grande parte de sua extensão vai desaguar no mangue.

Coberto apenas no prolongo do largo e na travessa das ruas, é ainda hoje o receptaculo de todas as immundicias que lhe lanção os moradores do lugar que percorre, assim como dos visinhos mais proximos, constituindo-se por este modo um fóco de infecção mais ou menos activo n'aquella localidade.

As inundações no cruzamento das ruas citadas erão sempre rapidas e grandes, e ainda hoje o são em virtude das enormes massas d'agua que affluem para aquelle ponto; por quanto, além das aguas das ruas Nova do Conde e Catumby, e dos morros da Floresta e Paula Mattos, elle recebe ainda as aguas da grande bacia de Catumby, limitada pelas vertentes dos morros do Cemiterio, da Mangueira, de parte da Floresta, Santa Thereza, e outros menores que lhe ficão sotopostos, e cujas aguas para ella convergem, inundando-a nas grandes cheias.

Sua communicação com outra bacia não menos extensa e linda, da qual é ella separada pelas vertentes de algumas montanhas citadas, e que dá entrada por esse lado ao grande, pitoresco e rico valle do Rio Comprido, faz-se pela rua do Estrélla, abertura feita entre o morro do Cemiterio e o da Mangueira, e unica que estabelece a communicação entre as duas bacias por aquelle lado.

A disposição que guardão as vertentes do morro de Santa Thereza sobre os outros de que fica a cavalleiro, e a forma circular que affectão em seu arranjo os morros citados, conservando como encarceradas em seu recinto as habilitações e chacaras ali existentes, e os monumentos mais ou menos sumptuosos levantados á memoria dos mortos no cemiterio da Ordem 3.º de S. Francisco de Paula, tornão aquelle valle de um aspecto magestoso e digno de contemplação; mas essa mesma disposição dá á parte baixa da localidade condições pouco hygienicas, já pela humidade do sólo e permanencia de detritos organicos arastados dos morros pelas aguas torrencias e nella depositadas, já pela circulação pouco livre do ar, devida não só á barreira que lhe oppõe a elevação das montanhas, como tambem as suas correntes encanadas na direcção da garganta natural offerecida pela junção dos morros, e transformada em via de communicação para a outra bacia citada.

Seja como fôr, as inundações no cruzamento da rua do Bom Jardim forão sempre rapidas e assustadoras, e muito mais notaveis se tornarão depois que a correnteza das aguas foi de algum modo interceptada pela diminuição do diametro do esgôto com a collocação na ponte da rua do Conde d'Eu dos volumosos tubos do encanamento do gaz e dos de agua para abastecimento da cidade, a ponto de se tornar indispensavel levantar a cobertura da ponte para remover de algum modo este inconveniente, o qual com esta medida modificou-se um pouco para melhor.

Com quanto depois das obras da companhia *City-Improvements*, as inundações sejão mais fracas e menos duradouras neste ponto, cumpre todavia dizer que continuão a ser frequentes e importantes, e que assim parece que continuará a succeder em quanto se não dividirem as grandes massas d'agua que affluem áquelle esgôto, construindo outro suplementar que allivie-o um pouco, visto como parece ser elle insufficiente para dar prompta vazão á somma das aguas que lhe chegão, e que segundo creio, não tem sido calculadas, nem facil é fazê-lo sem medir primeiro a area de superficie que representão os morros e a bacia por elles limitada.

Quanto ao 3.º esgôto, era uma valla, que ainda não estava concluída nesse tempo, e que atravessando o campo, onde tinha uma embocadura proxima á rua de S. Joaquim, e dirigindo-se pela de S. Diogo até a de Santa Rosa, ia desaguar no mangue. Esta era murada, coberta em toda a sua extensão, e destinada a substituir os antigos esgôtos, que recebiam as aguas vindas das ruas de S. Lourenço, Larga de S. Joaquim, Principe, Princeza dos Cajueiros e outras, as quaes, não se prestando convenientemente a seus usos pelas obstrucções constantes, erão a causa de frequentes inundações, sobretudo no encontro das ruas de S. Lourenço, S. Joaquim e frente do Campo, para onde affluia maior copia d'agua.

Além destas havia outras vallas de esgoto, que por sua importancia secundaria não se tornão creidoras de uma menção especial; taes são, além de outras, 1.º uma pequena sob o sólo da rua das Marrecas feita para recepção e transporte das sobras da agua do chafariz de igual nome, a qual, percorrendo-a pelo centro em toda a extensão até á rua do Passeio, e enfrentando as casas desta, cujas aguas recebia, assim como as dos fundos daquella, ia abrir-se no aqueducto antigo, que atravessava o largo da Lapa junto ao Passeio, e despejar-lhe as aguas que recebia; 2.º uma outra nos fundos dos quintaes e charcaras do Cattete, que recebia as aguas dessa localidade, sendo ás vezes por seu entupimento causa de inundações em alguns pontos, especialmente no largo do Valdetaro, rua da Princeza e Infante, quando naquelle bairro as aguas quasi todas podião ser conduzidas directamente para o mar por sobre o leito das ruas; 3.º o rio das Caboclas, que, recebendo as aguas de grande extensão das ruas do Cattete, Pedreira da Gloria e Santo Amaro, ia despejar-as no mar junto ao morro da Gloria na proximidade da ladeira do mesmo nome. Este rio, apesar de ter capacidade bastante para dar vasão ás aguas que recebia, não se prestava nunca a isso em virtude do entupimento devido não só ás imundicias nelle depositadas, como tambem ás areias e terras arrastadas pelas aguas torrencias que vinhão das ruas da Pedreira da Gloria e de Santo Amaro, as quaes fechavão completamente as pequenas embocaduras das ruas em que erão recebidas as aguas para serem transportadas ao rio, o qual atravessava pelos fundos de todas as casas do lado do morro da Gloria. Desta ordem de cousas resultavão ás vezes inundações mais ou menos fortes no lugar chamado Pocinho e nas visinhanças da rua de Santo Amaro. Expondo assim em largos traços o que de mais importante havia, com relação ao systema de esgotos desta cidade, direi agora duas palavras sobre o modo como se cuidava de sua conservação e limpeza.

Estando em principio estes cuidados a cargo da Illma. Camara Municipal em virtude das disposições da Lei do 1.º de Outubro de 1828, e passando depois por ordem do governo á repartição das obras publicas, nem uma differença se notou entre o zelo de uma e outra nos deveres que lhes forão incumbidos. Mezes e annos decorrião sem que um só homem se visse occupado nesse serviço: apenas uma ou outra vez apparecia algum fiscal ou guarda do mesmo, ou para impôr alguma multa a qualquer habitante do lugar a quem não era affeioado, ou para averiguar si erão exactas as accusações feitas pela voz publica, ou pelas representações da autoridade sanitaria contra o estado immundo e perigoso das vallas. Nunca uma limpeza, já não digo boa ou perfeita, por que essa era impossivel á vista da construcção das vallas, mas regular, se effectuou nesses focos pestilenciaes; e quando por ventura se executava esse trabalho, de ordinario limitava-se elle a tirar-se o lodo e imundicias accumuladas nas embocaduras, conservando-se tudo o mais, de modo que pode-se sustentar, sem temor de um desmentido, que as vallas de esgoto desta cidade só erão limpas pelas aguas torrencias que as percorrião nas grandes chuvas. O estado de imundicia em que ás vezes permanecião, e a corrupção das aguas e das materias alteradas que continhão erão taes, que causava extrema repugnancia e mesmo horror olhar para uma valla de esgoto pelo espectaculo desagradavel que se deslisava ás vistas do observador, assim como incommodava passar junto dellas pelo cheiro insupportavel das emanações que se desprendião. A tal ponto chegava ás vezes o seu estado immundo que receios bem fundados havia de que o revolvimento das materias putridas accumuladas em seu leito não provocassem molestias infectuosas gravissimas nos encarregados de sua limpeza, a ponto de se adiar essa operação para depois de algumas chuvas torrencias. Em 1850, por occasião da epidemia

da febre amarella, era tal o estado deploravel das vallas desta cidade, que sua limpeza se tornava absolutamente indispensavel, mormente em face de uma epidemia assustadora que nellas devia encontrar elementos susceptiveis de aggraval-a; entretanto julgou-se prudente não se proceder á esta operação com receio de que a epidemia tomasse ainda maiores proporções.

Em conclusão direi: que as nossas vallas de esgotos nunca ou quasi nunca erão limpas; que constituíão o receptaculo de todas as immundicias das localidades por onde circulavão, e tornavão-se focos perennes de infecção miasmatica mais ou menos profunda, contribuindo poderosamente para a insalubridade desta capital.

Agora algumas palavras sobre o processo da remoção, para fóra das habitações, das materias fecaes e aguas servidas antes de principiarem as funcções do novo systema de esgotos.

Desagradavel e fastidiosa é a exposição dos factos relativos á esta parte do meu trabalho, porque só tenho que narrar cousas ridiculas e vergonhosas; mas que fazer, quando se trata de mostrar os beneficios e vantagens que nos trouxe á este respeito a construcção dos actuaes esgotos, senão expôr os defeitos do antigo systema para, do exame comparativo entre um e outro, fazer sobresahir as differenças entre ambos.

Nada havia mais asqueroso e menos compativel com os usos e costumes de um povo civilizado do que o nosso antigo systema de despejos, como vou mostrar em poucas palavras, começando por tratar do serviço com relação ás materias fecaes. Em todas as habitações do interior da cidade erão ellas accumuladas em barris que se depositavão, ou no fundo dos quintaes em um telheiro adequado a esse fim, ou em uma pequena divisão proxima ás cozinhas nas casas em que não havia quintal, ou em algum quarto das lojas preparado para esse mister, escolhendo-se de preferencia o vão de alguma escada.

D'entre os barris usados para deposito das materias fecaes, preferião-se ordinariamente, por principios de economia de trabalho e dinheiro, os que vinhão para o nosso mercado com alguns generos por serem os de menor custo e de maior capacidade que um homem de força regular podia conduzir a cabeça. Estes barris, de uma construcção por demais fraca, erão conservados no seu fatidico emprego até se estragarem de todo.

Conservados em casa, quando não havia chacaras ou esgotos, onde fosse possível despejal-os, por tanto dias quantos erão precisos para enchêl-os de todo, estes barris erão levados ás praias designadas para seus despejos e ahi lavados, si o conductor não se lembrava de livrar-se da enfadonha carga antes de lá chegar, porque então, em qualquer rua ou praça publica que lhe ficava mais a mão, elle o deixava, ou atirando-o ao chão e derramando as materias excrementicias que continha (o que tambem lhe acontecia, quando algum malevolo de proposito o embaraçava no andar fazendo-o cahir) ou depositando-o com cautella para dar a outrem o trabalho da sua remoção.

Cobertos apenas por um tampo mal arranjado e extranho á sua construcção, ou por um panno immundo, estes barris exhalavão um cheiro infecto insupportavel, presentido a distancia de muitos passos, e posto que sua remoção, contra o disposto na legislação municipal, se effectuasse a toda e qualquer hora, todavia era ao anoitecer que começava a actividade desse serviço, que não deixava de causar as vezes certos sustos aos transeuntes das ruas mais frequentadas pelos encarregados delle, e as quaes erão as que ião mais em direitura aos lugares das praias designados para os despejos.

Quem viu esses batallhões de carregadores, atravessando a passo acelerado por certas ruas, como as da Guarda Velha, Ajuda, Ouvidor, Rozario, e outras, composto em sua maior parte de escravos, ou de pretos libertos já velhos, estropeados e bebados, que encontravão nesse trabalho um meio mais lucrativo do que em outros, alguns dos quaes parecia a todo o momento precipitarem-se com a carga pesada que conduzião, atropellando a todos que passavão, e buscavão livrar-se de uma catastrophe desagradavel, não pode ainda hoje deixar de estremecer á lembrança dos sustos porque passou de ser assaltado por um tigre (expressão vulgar com que se designava os barris cheios de materias fecaes) e de render a homenagem de gratidão sincera áquelles que derão o primeiro impulso para acabar com estes costumes barbaros e ante-civilisadores.

Agora pelo que toca as aguas servidas, não era melhor nem o processo de sua conservação no interior das casas, nem o da remoção. Guardadas dentro das cozinhas todo o dia em tinas maiores ou menores, segundo os teres da familia e o numero das pessoas, e inteiramente descobertas, erão ou despejadas nos quintaes e chacaras, incommodando os vizinhos com o cheiro desagradavel que exhalavão, as vezes mais insupportavel mesmo do que o das materias fecaes, ou nas praias, conduzidas à cabeça dos pretos, ou nos canos das aguas pluviaes transformando-os em fôcos de infecção mephitica, ou nas embocaduras das vallas de esgoto; isto quasi sempre tarde da noite, para fugir as vistas da autoridade municipal, e evitar o pagamento das multas impostas pelo codigo de posturas áquelles que assim praticão, de modo que se tornava insupportavel as horas desses despejos, o tranzito pelas ruas da cidade mais centraes, especialmente no cruzamento da antiga rua da Valla.

Neste estado desesperador, em que, além do desasseio da cidade, tantos elementos de infecção e de peste erão espalhados à mãos largas por todos os seus quarteirões e mesmo no recinto das habitações, varias tentativas forão empreendidas para melhorar o estado das coisas, umas de bôa fé, outras meramente especulativas; porém nenhum proveito real se conseguiu de semelhantes emprezas. Organizou-se mesmo sob a protecção da Illma. Camara Municipal uma companhia com algum fundo, intitulada Companhia Galvani, a qual se comprometteu a fazer o serviço da remoção das materias fecaes em barris de ferro hermeticamente fechados; porém poucos mezes depois de encetar os seus trabalhos, falliu ou por má direcção administrativa, ou por não corresponderem os lucros realizados ás despezas feitas com o costeio do serviço, sendo certo que desde o começo foi elle sempre mal executado, e que dentro em pouco tornou-se mais incommodo ao publico do que o do antigo systema, por que, estragando-se os barris com muita facilidade, as materias excrementicias derramavão-se pelas ruas por onde trajectavão as carroças deixando após sua passagem um fedor insupportavel.

Com a extincção da Companhia Galvani, surgirão outras emprezas, umas propondo-se a fazer os despejos das materias fecaes em barris hermeticamente fechados, como fosse a de Rhodes e mais algumas, outras a fazer a remoção das aguas servidas em pipas montadas sobre carroças puchadas por hum e dois animaes: tal era a de Gusmão e outras; porém pouco ou quasi nada lucrou o publico com taes emprezas, excepto com a de Rhodes, da qual tratarei depois.

Nunca a remoção das aguas servidas foi tão incommoda como então. Conduzidas em pipas, que nunca ou raras vezes se lavavão, exhalando já de per si pessimo cheiro, e além disto demoradas por 24 horas e mais em casa, chegando a extremo grão de corrupção, era o seu esvasiamento dos barris e trajecto pelas ruas insupportavel de tolerar-se, mormente si as pipas por qualquer desarranjo as vasavão durante o transporte. Dahi provinhão as repetidas queixas da imprensa diaria contra a imperfeição deste serviço, imperfeição que se não daria, si as condições dos contractos a que se tinham sujeitado os empresarios, como a da desinfecção e outras, fossem cumpridas.

Quanto às emprezas para os despejos das materias fecaes, dava-se o mesmo facto que com a companhia Galvani, por que, sendo o transporte feito em barris e carroças mal construidas, succedia vasarem aquelles constantemente as materias liquidas, e deixarem em seu tranzito um fedôr insupportavel, fedôr que era tambem exhalado pelas proprias carroças, que se conservavão no maior desasseio possivel por nunca serem lavadas,

Pede, porém, a justiça que eu faça uma excepção a empreza Rhodes, cujo serviço era o melhor que se podia esperar do systema adoptado, e que muito utilisou as casas onde foi posto em execução. Praticado em barris de madeira hermeticamente fechados, e cujo transporte era feito em carroças sempre limpas, guiadas por um homem livre auxiliado de um escravo, incumbido de tirar o barril cheio, substituindo-o por outro vasio e lavado, não se sentia o menor cheiro na passagem dos barris que podião ser conduzidos sem incommodo pelo interior das casas.

Esta empreza, que sem duvida realizava já um melhoramento importante neste serviço; tal como podia ser feito n'aquelle tempo se fosse adoptado pelo geral da po-

pulação, nem por isso auferiu lucros, por que, sendo caro o custo da remoção de 1 barril (400 rs.) à vista de sua pequenez, a mór parte da população, apesar de suas vantagens reconhecidas, preferia sempre o antigo systema por ser mais barato, e nem todos poderem pagar o preço estipulado pela empreza.

Tal era em poucas palavras e sem hyperbole o estado lastimavel dos esgotos e despejos publicos nesta cõrte, ha 4 annos ainda à esta parte, o qual unido ao systema defeituoso da limpeza publica, ao máu habito de depositar o lixo e immundicias nas praias, ruas e praças publicas, não só tornavão esta cidade menos salubre do que devia ser, como a constituição talvez uma das menos assejadas do novo continente, embora a primeira da America Meridional por suas relações commerciaes e politicas.

No meio de todas as difficuldades inherentes à resolução deste importante problema de nossa organização social, que preocupava todos os espiritos interessados na extincção do defeituoso systema de esgotos e despejos publicos desta cidade, contra o qual protestavão em commum a sciencia e a civilização, e cuja existencia parecia interminavel em face de desaccordo de pensares d'aquelles que erão incumbidos de estudar a materia e propor os meios de remediar esses defeitos, surgiu a proposta de uma empreza representada nesta cõrte pelo Snr, Russel, na qual se obrigava a mesma empreza ou companhia estabelecer um systema de esgoto semelhante ao executado em Leicester e outras cidades inglezas; e cujo plano cifrava-se em transportar por conductos subterraneos ao mar as materias dos esgotos depois de desinfectadas, construir vallas em separado para os esgotos das aguas pluviaes, e promover o desecamento do terreno sobre que assenta a cidade.

Era um progresso immenso, uma reforma de vulto nos nossos costumes sociaes, que traria no caso de realização com bom exito, além de um grande passo civilizador, summa utilidade à esta cidade, resolvendo o grande problema do seu asseio e salubridade. Idéa semelhante não podia deixar de abalar profundamente o espirito d'aquelles que anhelavão com impaciencia por tão importantes melhoramentos, e reperculir na opinião publica, desafiando-a a estudar a possibilidade ou não de sua realização e as vantagens que resultarião de sua adopção. Uma discussão larga se abriu logo pela imprensa, sustentando uns a sua utilidade, e receiando-se outros de sua execução em virtude de nossas condições topographicas, e dos factos occorridos em outros paizes aos primeiros ensaios de systema quasi identico.

Não afrouxando, porém, os proponentes nas suas intenções, esforçarão-se sempre por mostrar as vantagens do systema que pretendião por em execução, e sendo levada a questão ao conhecimento do parlamento, e decidindo-se este em favor das reformas projectadas, authorisou o governo pelo art. 11, § 3 da lei do orçamento de 1853 a contractar com a empreza Russel ou qualquer outra os esgotos da cidade por districtos designados.

Desejando, porém, o governo marchar com a maior prudencia e circumspecção em um negocio, que, além de reclamar grandes sacrificios do paiz, mas sacrificios indispensaveis a um dos melhoramentos materiaes de maior urgencia, podia ou trazer-lhe beneficios reaes de alto valor, ou sérias consequencias para o futuro, segundo o bom ou máu exito das obras projectadas, mandou proceder à experiencias quer sobre a desinfectação das materias dos esgotos, quer sobre os nivelamentos necessarios, e dessas experiencias resultou a convicção de que por esse lado nenhum obstaculo se dava à execução do plano proposto pelo Sr. Edoward Gotto, engenheiro em chefe da companhia.

Não se julgando ainda sufficientemente esclarecido e entendendo, e muito bem, que todas as precauções e esclarecimentos erão poucos em tentame tão arriscado, quiz ouvir a opinião dos homens os mais competentes nestas materias, e pedio o parecer de Sir Robert Stephenson, e creio que tambem dos Srs. Cubitt e Rendet, e obtendo informações favoraveis, do primeiro com certeza, quer quanto à possibilidade do systema do Sr. Gotto, quer quanto ás vantagens, resolveu-se então a fazer o contracto dos esgotos com a empreza Russel.

Então o digno ministro, que nessa occasião estava á frente da repartição do Imperio, com a intelligencia e presteza que o distinguem no desempenho do serviço publico, tratou de levar a effeito a realização dessa grande obra, a maior que temos emprehendido, e que honra ao paiz e áquelles que a promoverão e auxiliarão.

Esse ministro, com prazer declaro, foi o intelligente, laborioso e illustrado Conselheiro d'Estado Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, hoje Barão do Bom Retiro, o qual, no desempenho deste serviço, juntou mais uma corôa de gloria á tantas outras que tem sabido conquistar em sua vida publica pelos relevantes serviços prestados ao paiz, como o attestão esta cidade, e as provincias do Rio de Janeiro e Espirito Santo, onde deixou traços immorredouros de sua sabia e cuidadosa administração.

Tratemos, pois, de ver como essas obras forão feitas, e quaes as vantagens alcançadas com o novo systema de esgotos com relação ao asseio e outras condições de salubridade.

OBRAS EXECUTADAS PELA COMPANHIA CITY IMPROVEMENTS.

Incorporada a Companhia, e approvedo o contracto pelo governo por Decreto de 29 de Abril de 1837, foi apresentado pelo Sr. Gotto, engenheiro em chefe e director das obras, o respectivo plano, o qual, como já disse em outro lugar, foi approvedo pelo ministro depois de ouvir o parecer de homens competentes.

Nesse plano attendeu-se não só ao esgoto das casas e das aguas pluviaes, mas ainda ao dessecamento do terreno sobre que assenta a cidade; e dividindo-se as aguas das chuvas em duas partes, fez-se convergir para os canos de despejos as que cahem dos telhados dos fundos e das áreas, e para os esgotos pluviaes as que cahem nas ruas, quer directamente, quer vindas dos telhados das frentes das casas, ou de outros pontos; de tal sorte que estas vão directamente ao mar, e aquellas, contendo materias fecaes e aguas servidas, são recebidas em grandes reservatorios situados nos pontos terminaes do encanamento, de onde são tiradas por meio de machinas a vapor e conduzidas ao mar em estado de limpeza depois de desinfectadas, e de precipitada a parte solida.

Tomando-se o campo d'Acclamação como o ponto culminante da área da cidade, á vista dos nivelamentos a que se procedeu, dividio-se a cidade em tres districtos:

No 1º, que comprehende a parte mais central, o desaguadouro é no Arsenal de Marinha, por baixo do qual passa o cano, que, partindo do reservatorio situado nos antigos quartéis de Bragança, conduz as materias liquidas ao mar.

Este cano, de fórma circular, tem 6 pés de diametro; e sua embocadura fica 8 pés abaixo do paredão do Arsenal de Marinha.

O 2º, que se estende do Campo de Sant'Anna até a rua de S. Christovão e morros a Éste, tem o seu desaguadouro na praia do Sacco do Alferes, onde está situada o reservatorio em o qual se accumulão todos os despejos das casas desse lado da cidade. Elle abrange grande parte do territorio das freguezias de Sant'Anna, Espirito Santo e Santo Antonio.

O 3º, tendo por limites os morros do Castello e Santa Thereza a Oeste, e o mar a Éste, estende-se do hospital da Misericordia ao hotel dos Estrangeiros no Caminho Velho de Botafogo, hoje rua do Senador Vergueiro. O seu desaguadouro é proximo da praça da Gloria, onde está situado o reservatorio, no qual terminão tres conductores geraes, que partem, um do hotel dos Estrangeiros, outro da rua de D. Luiza e outro da rua do Rezende, os quaes servem para receber os despejos das aguas servidas e materias fecaes dos districtos por onde passão.

Tal é, considerado de um modo muito generico, o plano seguido na construcção dos esgotos desta cidade.

— 40 —

Importantes forão sem duvida as obras emprehendidas para levar a effeito sua execução, como ver-se-ha da resposta que se dignou dar-me o Sr. João Frederico Russell a alguns quesitos que lhe dirigi a este respeito, feita pelo digno engenheiro da Companhia, o Sr. E. E. Beuest, a qual transcrevo integralmente, receiando que ao resumil-a tire-lhe a importancia que apresenta.

Por ella se reconhecerá não só as difficuldades com que a Companhia teve de lutar para levar a effeito as obras projectadas, e hem assim que forão ellas concluidas em sua totalidade no curto espaço de 4 annos.

RESPOSTA AOS QUESITOS DO SR. DR. JOSE' PEREIRA REGO.

PRIMEIRO QUESITO.

Quando começarão os trabalhos e quando findarão ?

RESPOSTA.

Os trabalhos começarão em Julho de 1862 e findarão em Outubro de 1866.

SEGUNDO QUESITO.

Quando principiarão a funcionar os esgotos actuaes ?

RESPOSTA.

No 3º districto começarão em Fevereiro de 1864, e na maior parte do resto da cidade em Julho de 1866.

TERCEIRO QUESITO.

Quaes são os pontos iniciaes e terminaes de cada districto, que área de superficie abrange cada um, e se trabalhão independentes uns dos outros ?

RESPOSTA.

Os tres districtos trabalhão independentes uns dos outros.

O districto n. 1 abrange uma área de 480,000 braças quadradas pouco mais ou menos com cerca de 800 casas ; e comprehende a parte da cidade entre a Misericordia, as vertentes dos morros de Santo Antonio, do Senado, a praça d'Acclamação e morro do Livramento.

O districto n. 2 abrange uma área de 850,000 braças quadradas pouco mais ou menos com cerca de 4,000 predios ; e comprehende a parte da cidade a Leste do districto n. 1 até a rua de S. Christovão.

O districto n. 3 abrange uma área de 790,000 braças quadradas pouco mais ou menos com cerca de 3,000 casas ; e comprehende a parte da cidade a Oeste dos outros dous districtos, limitada pelo morro de Santa Thereza e ponte do Cattete.

QUARTO QUESITO.

Quantos tunneis foi preciso abrir-se, a extensão de cada um, e a natureza do terreno ?

RESPOSTA.

Foi necessario fazer-se dous tunneis, sendo um atravez o morro do Livramento e na

— 50 —

extensão de 208 1/2 braças, e o outro por detraz do largo da Prainha na extensão de 35 braças. Ambos elles forão feitos atravez de granito.

QUINTO QUESITO.

Que extensão tem as galerias principaes dos esgotos das aguas pluviaes, qual o diametro das mesmas, os pontos onde desaguão, que direcção seguem especialmente no 2º districto e se ha neste uma só; visto como parece ter havido neste districto alguma alteração do que consta do relatorio do Sr. Gotto?

RESPOSTA.

A extensão das galerias de aguas pluviaes no districto n. 1 é de 558 braças; no 2º districto é de 1545 braças e no 3º é de 1100 braças, o que faz um total de 3203 braças.

O diametro varia de 7 1/4 palmos a 1 1/2 palmo. As galerias de aguas pluviaes do districto n. 1 desaguão no mar junto ao Largo da Prainha, as do districto n. 2 no canal do mangue e as do districto n. 3 no mar junto á Lapa, á Gloria, e em frente ás ruas do Principe e Princeza do Cattete.

No districto n. 1 ha uma unica galeria, que parte do Largo da Carioca e segue pelas ruas de Uruguayana e Prainha.

No districto n. 2 ha trez com diferentes ramaes: uma na rua do Bom Jardim, outra na rua das Flores e outra, que vem da rua dos Invalidos pela Travessa do Senado, atravessa o Campo de Sant'Anna, e segue pela rua do Sabão da Cidade Nova.

Por causa da abertura do canal do mangue, depois do Sr. Gotto ter marcado em sua planta original a direcção das galerias, tornou-se necessario fazer algumas pequenas alterações na direcção das mesmas, sem comtudo alterar suas dimensões ou o fim a que erão destinadas.

No 3º districto ha duas linhas de galerias: uma que parte da rua Riachuelo e segue pelas ruas do Rezende, Arcos e Mangueiras e outra na direcção do antigo rio das Caboclas. Além destas ha duas outras pequenas linhas sendo uma na rua do Principe e outra na rua da Princeza,

SEXTO QUESITO.

Que capacidade calculada tem cada reservatorio ou caixa do ponto terminal?

RESPOSTA.

Os reservatorios são em duplicata em cada districto:

Os do 1º districto tem a capacidade de 183,000 litros cada um.

2º	»	»	127,000	»
3º	»	»	102,000	»

SETIMO QUESITO.

Que força (em cavallos) representão as machinas de vapor destinadas a levantar as materias depois de desinfectadas para serem lançadas ao mar?

RESPOSTA.

As machinas tambem são em duplicata em cada districto:

As do 1º districto são da força de 40 cavallos cada uma.

2º	»	»	20	»	»
3º	»	»	20	»	uma, e a outra da força de 8 cavallos.

As materias são puchadas pelas bombas antes e não depois de desinfectadas.

— 51 —

OITAVO QUESITO.

Que extensão tem em pés inglezes ou em metros os encanamentos principaes e as subdivisões tomadas em complexo?

RESPOSTA.

No 1° districto ha	7,132	metros de galerias principaes.		
2° " "	10,035	"	"	"
3° " "	6,943	"	"	"
Total	<u>24,110</u>	"	"	"

NONO QUESITO.

Quantos aqueductos (de alvenaria ou tijollos) existem, qual sua extensão, e bem assim qual o maximo e minimo de diametro dos tubos de barro empregados na canalisação predial e na da via publica?

RESPOSTA.

No 1° districto ha	27,343	metros de ramaes.		
2° " "	20,584	"	"	"
3° " "	11,136	"	"	"
Total	<u>59,063</u>	"	"	que sommados aos 24,110 metros de galerias principaes dão um total de 83,173 metros. Estas galerias varião em forma e grandeza.

As galerias principaes são de tijollo, de forma oval, e varião de 8 1/3 palmos de altura e 5 1/2 palmos de largura a 6 1/4 palmos de altura e 4 1/4 palmos de largura. As galerias menores são circulares, e o menor diametro é de dous palmos.

Os ramaes são feitos de canos de barro vidrado de 9 e 12 polegadas inglezas de diametro.

Os encanamentos que partindo dos predios vão ter ás galerias acima são de barro vidrado de 4 e 6 polegadas inglezas de diametro.

A extensão destes ultimos encanamentos sobe a 135,000 metros.

DECIMO QUESITO.

Em quantas casas ou antes em quantos fogos forão collocados os esgotos?

RESPOSTA.

Em 14,827 casas.

DECIMO PRIMEIRO QUESITO.

Quaes as vallas de que a companhia se aproveitou; e quaes as que julgou conveniente conservar como supplementares aos esgotos das aguas pluviaes?

RESPOSTA.

Para o esgoto das casas a companhia não fez uso das vallas antigas para a collocação das novas galerias; porém para o esgoto das aguas pluviaes ella se utilisou, para suas novas galerias, da valla da rua de Uruguayana, de parte do rio das Caboclas e parte da antiga valla que passa por traz da rua do Conde d'Eu entre as ruas Formosa e das Flóres.

As vallas antigas que a companhia julgou conveniente conservar como supplementares aos esgotos das aguas pluviaes são: parte do rio das Caboclas a valla entre a

rua dos Arcos e Largo da Lapa, a valla da rua do Senado entre a rua dos Invalidos e Travessa do Senado, a valla que vai do rio Catumby á rua do Bom Jardim, a valla coberta, que, partindo do fim da rua Larga de S. Joaquim, atravessa o Campo e entra na rua Nova de S. Diogo, e parte da valla coberta da rua Nova de S. Diogo.

Rio de Janeiro, 13 de Janeiro de 1869.— (Assignado) — E. E. Bencst, engenheiro da companhia.

Além das obras mencionadas nesta resposta, outras ainda de importancia serão executadas, como seião; as caixas ou reservatorios que são solidamente construidas, a abertura de canaes profundos e largos sobre granito para a collocação das galerias dos esgotos, como aconteceu na rua da Lapa, principio do caes da Gloria, o rompimento, por meio de minas repetidas, das paredes de muitos predios importantes, e outros trabalhos identicos, sem que entretanto notaveis fossem os accidentes dados, quer com relação á vida dos trabalhadores, quer com relação á segurança dos predios situados nos lugares onde se effectuarão essas obras, como teria sido facil succeder nas ruas estreitas, em as quaes, por virtude das construcções, indispensavel era fazer fossos largos e profundos.

Cumpre-me aqui notar que estas obras não foram executadas em todos os districtos ao mesmo tempo; que o primeiro construido foi o 3º denominado de *ensaios*, começando, como vimos, os trabalhos em Junho de 1862, e principiando elle a funcionar em Fevereiro de 1864; que depois desta época é que se tratou da confecção das obras dos outros, os quaes se concluirão em 1866, etc.

Concluidas que fossem as obras do 3º districto ou de ensaios, e não podendo a companhia continuar na construcção dos outros, sem que fosse este aceito pelo governo, deu-se pressa em communicar ao mesmo governo que estava elle funcionando, para que, mandando-se examinar as obras, e sendo satisfatorios os resultados, pudesse ella proseguir nos trabalhos dos outros districtos. O governo então nomeou para esse fim, por aviso de 17 de Março de 1864, uma commissão composta do capitão de Engenheiros Rufino Enéas Gustavo Galvão, engenheiro civil Hermenegildo Luiz dos Santos Werneck, e bachareis Antonio José Rapozo o Lycurgo José de Mello, encarregando-os do seguinte :

1º verificar que numero de casas se servião do novo systema de esgotos, quantas faltavão para completar as comprehendidas no districto em questão, bem como, se na 1ª e 2ª secção do districto, estavam incluidas as constantes de uma relação que lhe foi enviada, e si em todas já funcionavão osapparelhos :

2º saber dos moradores si alguma reclamação tinhão a fazer contra a adopção do melhoramento, e si o serviço se executava com regularidade e sem inconveniente :

3º informar sobre os fundamentos das reclamações apresentadas pelos moradores no caso de serem attendidas, e sobre outro qualquer objecto que tivesse relação com o serviço, e devesse ser levado ao conhecimento do governo :

4º si da parte da companhia tinhão sido observadas as condições á que se sujeitou pelo seu contracto.

Esta commissão, em seu extenso e minucioso relatorio, apresentado ao governo em 3 de Junho do mesmo anno, declarou quanto ao 1º ponto :

Que verificou existirem já em 2,036 casas os novos apparelhos de esgoto e limpeza, e que só 20 se não servião delles por motivos diversos, taes como, possuirem antigos depositos, haver defeito na collocação das latrinas, estarem as casas em construcção, etc; e bem assim que faltavão 168 casas para complemento das comprehendidas no districto, não incluindo neste numero as dos morros de Santa Thereza e Castello, tanto por duvidar a commissão a que districto pertencião, como porque a companhia não tinha ainda nessa época principiado o encanamento dos morros.

Quanto ao 2º ponto; informou que todos os moradores julgavão vantajoso o systema adoptado, e que o serviço marchava com regularidade, notando alguns darem-se defeitos devidos á falta de cuidado e á pressa na execução das obras, e queixando-se outros de alguns inconvenientes, sobre os quaes reclamavão, consistindo elles no seguinte :

1º, sahida de emanações fetidas pelos syphões e bacias, em certas occasiões, apesar do maior asseio em que erão conservadas: 2º, falta de esgoto das aguas servidas e materias fecaes lançadas nas bacias, que ás vezes depois de escoadas voltavão ás mesmas dentro de pouco tempo: 3º, má collocação dos receptaculos gradeados para receber as aguas pluviaes dos quintaes, pateos e areas: 4º, alguns ladrilhos, asphaltos e calçadas estragados pelas obras: 5º, paredes e muros fendidos e trincados em algumas casas: 6º, entulhos das excavações deixadas pelos trabalhadores: 7º, apparatus mal collocados: 8º, invasão das aguas pluviaes nas casas: 9º, falta de apparatus nos primeiros andares de algumas: 10º, em fim, falta de apparatus em algumas lojas, cujos moradores os reclamavão, não dependendo, porém, essa falta da companhia, mas dos proprietarios, que os não mandavão collocar.

Em seguimento á declaração de cada um destes inconvenientes, a commissão designava as casas e ruas onde se davão; e de suas declarações tornava-se evidente, que não era pequeno o numero das casas em que concorrião o 1º, 2º e 3º, sobretudo nas ruas das Mangueiras, Arcos, Santa Thereza, Barbonos e Rezende.

Passando a tratar do 3º ponto, entrou em amplas considerações, começando por expor as causas que podião motivar a sahida das emanações fetidas pelos syphões e bacias em certas occasiões, e apontou as seguintes:

1º imperfeição da soldadura nas juntas entre os tubos de barro e ferro, deixando orificios por onde podião escapar os gazes contidos nos tubos.

2º falta de perfeita relação entre a altura do syphon e a parte superior da abertura dentro da bacia, de modo que o nivel da agua em, vez de estar acima desta, ficava abaixo como succedia em alguns apparatus:

3º excesso de comprimento do tubo de ferro que desce do sobrado, sobretudo, se na juntura inferior com o cano de barro houver uma curva pronunciada, que retenha materias fecaes depositadas, por que, sendo estas revolvidas por outras ou pelas aguas que cahem da bacia, fazem subir os gazes fetidos:

4º obstrucção dos canos por qualquer objecto capaz de a determinar:

5º defeito no nivelamento dos canos conductores e seus ramos:

6º repulsão dos gazes contidos nos tubos pela acção de correntes de ar, ou de grandes porções d'agua lançada ao mesmo tempo por visinhos mais proximos, obrigando esses gazes a forçar a fraca camada de agua que ha na bacia.

Continuando em sua exposição declarou mais:

1º— que em seus exames nada observou de semelhante; no entanto que pessoas sizudas e de todo o conceito o affirmavão, declarando que o phenomeno era sobretudo apreciavel de noite, a ponto de tornar-se insupportavel o máo cheiro, preferindo por isso tapar as bacias antes do que utilizar-se dellas:

2º— que a falta de esgoto das aguas servidas e fezes lançadas nas bacias e seu refluxo para as mesmas, era devido ao máo assentamento dos tubos e a falta de nivelamento, ou por descuido dos trabalhadores, ou por depressão do terreno, dando lugar á curvas, que, pelo accumulo de materias fecaes, causavão obstrucções nos conductores, como teve occasião de observar nas ruas dos Arcos e Santa Thereza, quando a companhia mandou desmanchar o encanamento para fazer de novo:

3º— que os receptaculos, que devião receber as aguas pluviaes dos pateos e quintaes, não estavam bem collocados, por terem muitos sido postos em planos mais elevados do que o conveniente, e accrescentava que não tinha a companhia feito os canos superficiaes para conduzir as aguas pluviaes do fundo das casas aos receptaculos, attendendo ao nivelamento dos diversos planos em que ellas cahião, como lhe cumpria em vista do § 1º, da 2ª condição do seu contracto; e desta circumstancia entendia ella provir a invasão das aguas pluviaes para o interior das casas.

Em fim depois de largas considerações relativas aos damnos causados aos predios e quintaes, muros, etc., e actos arbitrarios dos trabalhadores, fazendo sentir a importancia de cada um, emite o seu parecer sobre o direito que assistia a alguns proprietarios da in-

demnisção que reclamavão da companhia, accrescentando, que nas obras dos outros districtos era preciso todo o cuidado na execução dos trabalhos à vista da estreiteza das ruas, de alguns templos e grandes edificios nelles assentados, porque estragos muito mais graves e perigosos se podião dar, si a companhia os não prevenisse em tempo. Não tendo, porém, estas observações interesse algum com relação a este trabalho passarei adiante,

Discorrendo sobre o 4º ponto, a commissão declarou que, em seu entender, a companhia não tinha satisfeito completamente para com o publico as obrigações contrahidas no seu contracto; por quanto, embora tivesse cumprido outras condições, faltava-lhe satisfazer as relativas à condução das aguas pluviaes dos telhados, areas e pateos, porque, apesar de existir em cada casa um receptaculo gradeado para esse fim, era elle de tal modo collocado que o não preenchia, continuando os canos antigos para os mesmos usos de outr'ora—exportar as aguas pluviaes—o que não succederia, si a companhia, cumprindo o § 1º da 2ª condição do contracto, fizesse o nivelamento d'aquellas superficies e os encanamentos superficiaes para conduzir as aguas a seus receptaculos, ficando de uma vez inutilizados os antigos canos para a rua.

Accrescentava ainda no desenvolvimento do seu trabalho este trecho:

« No § 5º da 2ª condição a companhia obrigou-se a receber em grandes vallas de tijollo e seus ramaes as aguas pluviaes que costumão cair nas ruas e praças: ora estas vallas e seus ramaes já estão promptas no districto; mas a commissão nota, que o numero e capacidade dos canos ou sumidouros postos pela companhia na superficie das ruas não são sufficientes para exportar a grande copia d'aguas pluviaes, que costuma haver nas ruas do Rezende, Lavradio e Arcos, interrompendo o transitio publico, e alagando as casas terreas e lojas. »

Finalmente, reflexionando sobre certos factos que podem trazer conflictos futuros entre os proprietarios e a companhia, e dificultarem mesmo o melhoramento e belleza das construcções, à vista da direcção dos trabalhos no assentamento e collocação dos meios esgotantes, concluiu mostrando que o abastecimento d'agua é uma das mais vitais necessidades ao bom resultado do systema, sendo certo que sua falta pode tornal-o, si não impraticavel, pelo menos improficuo e mesmo perigoso.

Indo este relatorio ao engenheiro da companhia para informar sobre os factos arguidos; este opinou contra as informações relativas ao 1º ponto, estabelecendo uma analyse e apreciação desagradavel, na qual em linguagem apaixonada procurou mostrar em seu relatorio datado de 8 de Julho do mesmo anno, que a informação dada pela commissão acerca do numero das casas em que funcionava o novo systema não era exacta, e sim as informações mensaes dadas pela companhia sobre o serviço, e pelas quaes tinha o governo de effectuar os pagamentos.

Tratando do 2º ponto nada disse.

Quanto ao 3º, porém, confessou que existião com effeito algumas casas em que se descobrião defeitos de que era responsavel a companhia, porém em muito menor numero do que o apontado pela commissão, e pela mór parte tão insignificantes que não merecião menção: que quanto aos outros pertencião a casos previstos na 5ª condição do contracto.

As observações da commissão, porém, sobre o 4º ponto foi o que mais molestou o engenheiro da companhia, sobretudo o dizer ella que, em sua opinião, a companhia não tinha observado fielmente as condições do contracto, porque os canos antigos das casas continuavão a prestar-se ao serviço da exportação das aguas pluviaes, por se não terem feito os canos superficiaes para conduzir aos receptaculos as aguas pluviaes possiveis, inutilisando-se assim os antigos canos.

Combatendo esta opinião como contraria aos principios em que se basea o systema fundado em 2 planos de esgotos, um para despejos e outro para as aguas pluviaes em virtude das grandes e repentinas affluencias d'aguas das chuvas, que são de todo desconhecidas na experiencia dos esgotos das cidades da Europa, o engenheiro adduz razões que parecem justificar o seu plano na divisão das aguas das chuvas, sem todavia me ser permitido, à vista de incompetencia na materia, emitir qualquer juizo sobre este ponto.

Terminando a sua resposta ao relatório da comissão, o engenheiro sustentou que a companhia não só cumpria as condições do contracto, como fez mais do que aquillo a que estava obrigada, e persistia na intenção de satisfazer o seu contracto com todas as condições para que a obra fosse a mais completa possível.

Em presença, porém, de factos reaes e ao alcance da observação ainda a menos escrupulosa, cahem todas as argucias inventadas para occultal-os ou negal-os.

Foi o que aconteceu neste caso. A despeito de todas as asseverações desdenhosas do engenheiro da companhia contrariando os factos denunciados pela comissão no relatório, ficou ella plenamente justificada pelos actos posteriores da companhia, que, reconhecendo por novos exames a veracidade dos defeitos apontados pela comissão, tratou de remedial-os.

Então construirão-se de novo grandes porções de encanamentos nas ruas de Santa Theresa, Arcos, Mangueiras, largo da Mãe do Bipo e outros pontos, em virtude dos defeitos que apresentavão os primeiros, dando em resultado de sua obstrucção o refluxo das aguas servidas e materias fecaes para as bacias collocadas nos quintaes, ou a sua estagnação nestas; augmentarão-se quasi no duplo os sumidouros para recepção das aguas pluviaes nas ruas; removerão-se os erros na collocação de algumas bacias, nos receptaculos gradeados e canos que existião no interior das casas, determinando continuadas reclamações.

Sciante o ministerio d'agricultura do estado das obras e dos inconvenientes ou defeitos que apresentavão; mas, entendendo que devia tambem ouvir o parecer da junta da hygiene ácerca da influencia que poderia ter sobre a saude publica desta capital o novo systema de esgotos, expediu, em 17 de Agosto de 1864, um aviso nesse sentido; e a junta, que nem sabia da existencia do relatório da comissão de que acabo de fallar, nem com ella conferenciou em coisa alguma, respondeu em officio datado de 19 de Setembro nos seguintes termos pouco mais ou menos:

1º que, prescindindo de emitir qualquer juizo sobre o estado das obras por sua incompetencia, diria que a desinfeção no deposito geral lhe pareceu regular, assim como que de alguns respiradouros collocados ao longo dos canos de despejos se escapavão gazes fetidos em maior ou menor porporção, o que não podia ser favoravel ao estado sanitario dos lugares onde isto tinha lugar:

2º que duas condições erão indispensaveis ao andamento regular do novo systema para evitar os inconvenientes de sua adopção: 1ª declive sufficientê para o facil curso das materias excrementicias: 2ª quantidade d'agua bastante para as fluidificar, e evitar a sua accumulacão e o desenvolvimento de grande quantidade de gazes mephiticos em virtude de sua extrema decomposiçãõ:

3º que da falta destas duas condições, em que particularmente se firma o systema, resultavão inconvenientes á saude publica e á commodidade dos habitantes; que d'ahi nascião já as reclamações constantes contra a companhia, á qual entretanto nenhuma responsabilidade cabia pela primeira, sem duvida a mais essencial, e sem cujo auxilio impossivel era evitar inconvenientes em tal systema:

4º que o maior mal proveniente desta falta era a accumulacão de materias fecaes nos tubos estreitos, que das casas as conduzem ao encanamento geral, accumulacão favorecida pelo pouco declive ou máu assentamento de alguns canos particulares, determinando o seu entupimento, e a formação de grande porção de gazes, que por sua força expansiva podem vencer a pequena resistencia que lhe offerece a fraca camada d'agua existente nas bacias, e vir espalhar-se no interior das habitações, infectando-as, e entretendo um fedór insupportavel, sendo essa talvez a razão porque o facto era mais commum nos sobrados do que nas casas terreas.

5º que este facto no curso de uma epidemia pestilencial podia tornar mais prejudicial á saude o novo systema, acarretando para o interior das habitações com os gazes desenvolvidos pela decomposiçãõ das materias fecaes os elementos da peste reinante, visto como pelo antigo esses elementos ficavão em geral fora das habitações, e actuavão por isso com menos actividade:

6º que á vista dos inconvenientes apontados e outros que poderião apparecer por occasião das enxurradas succedidas em certas estações do anno, provocando, pelo excesso das aguas pluviaes recebidas nos canos de esgotos, o refluxo das materias nelles contidas para as ruas e praças, como já tinha acontecido, era preciso concluir que, si a cidade do Rio de Janeiro ganhava em asseio e outras condições de salubridade com o novo systema de esgotos, grandes males nos podia elle trazer quer já, quer no futuro, si se não tratasse de reparar os defeitos referidos, e não houvesse a maior fiscalisação no modo de executarem-se os trabalhos da companhia.

A junta, pronunciando-se deste modo, não tinha em vista desconceituar o novo systema de esgoto, nem increpar a quem quer que fosse. Convencida plenamente das vantagens immensas que podiamos obter, como hoje vai acontecendo, da execução regular deste systema, sob as condições indispensaveis ao bom exito de suas operações, ella não podia entretanto occultar a verdade ao governo do paiz, quando este lhe mandava emitir o seu juizo sobre objecto de tanta magnitude.

Reconhecendo pelos exames a que procedeu que alguns defeitos importantes havia, que, além de comprometerem o futuro desta cidade com relação á sua salubridade, e mesmo os interesses da companhia, tornavão o systema impraticavel e perigoso. deu-se pressa em indical-os com aquella convicção profunda que dá a justiça da causa que se defende, sem que em seu espirito pairasse nunca a mais leve suspeita de falta de boa vontade da parte da companhia no desempenho do seu contracto, nem de pouca pericia de seus agentes, por que era a primeira a fazer justiça e mesmo a admirar os conhecimentos profissionaes do seu engenheiro em chefe.

Mas quem ao presenciar o refluxo das materias dos esgotos para as ruas e praças publicas, a estagnação das materias fecacs e aguas servidas e o refluxo das mesmas para as bacias respectivas, a invasão das aguas pluviaes para o interior de muitas casas, as exhalações mephiticas espalhadas no interior das mesmas, deixaria de prever um futuro pouco esperançoso para esta capital, a não se remediarem com tempo os defeitos de construcção que davão este resultado, e que irião necessariamente a mais?

Si a todo o cidadão era de rigoroso dever denunciar esses factos á autoridade para remove-los, a ninguem por certo mais do que a junta de hygiene consultada pelo governo, e a quem a lei incumbiu de velar pela saude publica, competia o desempenho desse dever; e ella o executou sem reboço, aproximando-se muito na apreciação dos inconvenientes por ella apontados aos referidos no parecer da commissão acima citado, embora não pudesse determinar com exactidão as causas que lhes davão origem por falta de conhecimentos especiaes,

Não satisfeito ainda o governo com os exames referidos e procurando obter novos esclarecimentos sobre o estado das obras deste districto, como o reclamavão a salubridade da capital e a fé do contracto feito com o mesmo governo, nomeou, por aviso de 19 de Setembro de 1864, outra commissão composta do finado conselheiro d'estado Manoel Felizardo de Souza e Mello, e dos Srs. Dr. José Antonio da Eonseca Lessa, Manoel de Frias Vasconcellos, Christiano Pereira d'Azeredo Coitinho e Carlos Neato, a qual encarregou de responder aos seguintes pontos:

1º si as obras concluidas no districto de ensaios (3º distrito) estavam executadas na fórma do contracto:

2º si o ensaio podia ser declarado satisfatorio para poder a companhia realizar as obras dos outros:

3º na hypothese negativa, que modificações convinha adoptar, para que o serviço de esgoto fosse executado sem prejuizo da saude publica:

4º si se devião estabelecer novas condições e quaes, para que as obras dos outros districtos fossem executadas sem prejuizo da saude publica.

Esta commissão apresentou em 30 de Setembro o seu relatório, do qual extra-
himos o esboço infra, griffando algumas palavras para mostrar que, apesar de
muitas alterações já feitas nas obras concluídas, ella ainda encontrou defeitos de cons-
trução, que prejudicavam as operações do systema.

Nesse relatório a commissão pronunciou-se pouco mais ou menos do seguinte
modo :

que para os esgotos das materias fecaes se poder fazer satisfatoriamente, era in-
dispensavel não só que os conductos fossem bem feitos e collocados, mas ainda que em
cada casa houvesse agua bastante para arrastar as materias solidas, combinal-as com as
liquidas, e facilitar por este modo a sua marcha, servindo ao mesmo tempo para impedir
a grande dispersão de hydrogeneo sulfuretado nas ruas pela propriedade que tem a agua
de dissolver grande volume deste gaz inephitico :

que faltando esta condição essencial do systema de esgoto adoptado, dava-se já uma
imperfeição, da qual nenhuma culpa tinha a companhia, que não se obrigou a fornecer
agua ás casas, e tão sómente a collocar as arterias principaes do systema de canalisação
das materias fecaes :

que, examinando alguns pontos da arteria principal dos esgotos immundos, per-
correndo seu interior, verificou haver capacidade bastante para o fim a que era des-
tinada, nivelamento sufficiente e construção regular, não causando incommodo o ar deste
cano, e podendo-se respirar sem difficuldade :

que o mesmo *não succedia* com os encanamentos collectores subsidiarios, em os
quaes pelo exame feito em dois pontos, encontrou em um delles *interrupção de con-
tinuidade*, defeito de construção e fiscalisação do trabalho, e no outro estado per-
feito :

que, percorrendo algumas casas onde se dizia que o serviço era imperfeito, re-
conheceu que, si em muitas o defeito não era dosapparelhos e sim do pouco cuidado
de seus habitantes, em outras não se podia deixar de acreditar, *que as latrinas funcio-
navão, mal por que havia emanações terriveis posto que não continuas* :

que para o escoamento das aguas pluviaes se empregarão encanamentos fechados e
as antigas vallas melhoradas, sendo certo quanto as primeiras dar-se *inconveniente de
terem communicação em certas circumstancias com o conducto das materias fecaes em
proximidade do mar, devendo d'ahi resullar, nas cheias e grandes marés, retrocessos
immundos e suas consequencias naturaes* :

que as vallas a cargo da companhia davão esgoto soffrivel ás aguas, não podendo
todavia assegurar que tivessem a capacidade necessaria para satisfazer o mesmo fim na
ocasião de chuvas extraordinarias :

que os ralos existentes nas áreas ou pateos para receberem as aguas pluviaes nelles
precipitadas *não estavão bem collocados em muitas* :

que os reservatorios onde tinham de ser recolhidas as materias fecaes para soffrerem
a desinfecção estavão em estado satisfactorio :

que, não tendo podido examinar seriamente, por falta de tempo, todas as partes do
systema de esgoto, não se animava a responder ao primeiro quesito do aviso citado :

que, pensando, quanto ao 2.^o, ser vantajoso o systema, quando bem executado e
completo, acreditava que, sendo corrigidos os defeitos apontados e alguns outros que
necessariamente lhe escaparão, podia-se considerar satisfactorio, e mandar proseguir nas
obras dos outros districtos, ficando por esta resposta prejudicado o 3.^o :

ue, quanto a materia do 4.^o, á vista do pouco estudo sobre assumpto de tanta diffi-
culdade e importancia, apenas se limitava a indicar, que ás condições do contracto se
acrescentassem as seguintes : 1.^o os conductos das aguas pluviaes sejam tão permeaveis
quanto convenha para manter a *drainage* permanente no sólo da cidade, e enchugal-o
promovendo assim a salubridade publica : 2.^o na arteria principal e nos collectores sub-
sidiarios dos esgotos immundos, bem como na proximidade dos vasos das casas se es-

tabeleção tubos conductores dos gazes mephiticos, os quaes se elevem acima dos tectos dos mais altos sobrados ; 3º os encanamentos devem ser assentados em base solida, e não em terrenos que cedão à pressão, e determinem assim a alteração no nivel.

A'vista dos exames a que se procedeu, e sobretudo do parecer da ultima commissão de engenheiros, entendendo o governo em sua sabedoria que os resultados obtidos erão satisfactorios, aceitou o districto concluido por estar feito de conformidade com as condições do contracto, e permittio que a companhia proseguisse na construcção dos outros districtos por Decreto de 19 de Novembro de 1864 ; e então, começando a execução destes, já em Julho de 1866 funcionavão osapparelhos nelles collocados.

Das considerações supra collige-se : que pouco escrupulo houve da parte da companhia na fiscalisação das obras indispensaveis ao bom andamento das operações do systema de esgotos que se propoz construir, comprometendo não só seus interesses, como o credito do systema, por confiar a execução das obras a empreiteiros, que, além de baldos dos conhecimentos necessarios para taes construcções, só anhelavão concluir-as de pressa com interesse de lucros : collige-se igualmente que não houve a necessaria fiscalisação em tempo proprio, tendo-se ella limitado a mandar examinar as obras do districto de ensaio depois de concluidas, quando já não era possivel obter conhecimento algum de muitos defeitos que deverião existir, e existião com certeza, como o demonstrarão depois os inconvenientes no serviço.

A não ser esta imprevidencia da nossa parte e o pouco escrupulo dos agentes da companhia na construcção dos apparelhos dos esgotos, de certo não se daria a presença dos defeitos notados pelas commissões encarregadas pelo governo do exame das obras, nem outros maiores reconhecidos por exames ulteriores, e que ainda hoje se trata de remediar.

Nesses exames, de ordinario executados para remediar os inconvenientes de continuas obstrucções, que se effectuão em diversos pontos dos encanamentos dos esgotos, tem-se conhecido que ha imperfeição no nivelamento dado pelos empreiteiros ao assentamento dos canos ; e igualmente que houve pouca escolha nos tubos assentados, empregando-se ora tubos que não ajustavão perfeitamente, ora tubos fendidos, ora curtos, como tive occasião de observar na rua da Assembléa na occasião em que se executavão as obras desse districto. Então vendo eu que o homem, de certo algum pedreiro, que ali dirigia os trabalhos, tendo de unir as duas extremidades do encanamento, e faltando-lhe quasi um palmo para o encontro dos tubos confrontantes, mandara completar o espaço que faltava com um cano feito de tijollo, dirigi-lhe algumas palavras mostrando a inconveniencia de tal processo, e a resposta que tive foi, que assim ficava melhor e mais firme, e que não precisava de conselhos de quem nada entendia d'aquillo.

Ora, este facto que se dava em lugar tão publico e á vista de todos, em quantos outros se não daria ! Ao menos este procurava ainda que defeituosamente, estabelecer a continuidade do encanamento ; outros, porém, não se importarão com isso, e os deixarão com falta de continuidade, como observou a segunda commissão, e como tive occasião de notar, quando em fins de 1867, ou começo de 1868, se levantou o encanamento das ruas da Barreira e Espirito Santo para desobstruil-o, havendo tubos mal soldados, outros rachados, outros separados bom numero de pollegadas, denotando que não tinhão ficado em continuidade, como ora se pratica, nem em contiguidade, como se fazia em principio, fixando-os em contacto por meio de anneis do mesmo barro de que erão preparados os tubos.

Nenhum defeito porém, tem sido mais prejudicial aos interesses da companhia ao commodo dos habitantes desta cidade, e á sua salubridade do que o assentamento, quer dos tubos que dos predios levão as materias excrementicias aos collectores subsidiarios collocados na via publica, ou nos fundos das casas, cujas ruas forão poupadas pela companhia, quer dos proprios collectores em terrenos depressiveis, como são os desta cidade, sobre que forão assentados, pela mór parte formados de lixo e immundicias, e por tanto de substancias decomponiveis, que pelo andar dos tempos se acamão, e diminuem de espessura, por effeito da decomposição, alterando constantemente o nivel dos canos que nelles descanção.

Isto que a theoria demonstra, verifica-se praticamente todos os dias em presença das depressões que constantemente apparecem nas ruas no prolongo do assento destes encanamentos, e ao descobrirem-se os mesmos pela necessidade de examinal-os, e providenciar sobre alguma obstrucção ou qualquer outro inconveniente.

Este desarranjo do nivel nos encanamentos dos esgotos, e outros delle resultantes, é uma de suas mais poderosas causas de obstrucção, e que obriga a companhia a descobri-los e concertal-os constantemente, sendo-lhe para isso preciso fazer repetidas excavações nas ruas, as quaes, além de não convir em muito ao estado de sanidade desta côrte, expõem o publico á acção das emanações fetidas que se desprendem dos canos de esgotos no acto de sua abertura, e em virtude da dispersão das materias extrahidas sobre os aterros amontoados em torno da escavação. Entretanto facil teria sido prevenir este defeito tão prejudicial, si desde o principio dos trabalhos se tivesse attendido um pouco mais aos inconvenientes que forçosamente se seguirião do assentamento dos canos em terreno susceptivel de facil depressão.

Estas obstrucções são ainda hoje tão communs, que nos ultimos mezes do anno que findou, abrirão-se para remediar defeitos desta ordem, além de outros, os encanamentos de esgotos das ruas do Theatro, da Praça da Constituição, becco do Mosqueira, rua do Rezende e Arcos, os quaes todos ja tem sido abertos em outras occasiões. Assim vive a companhia excavando constantemente as ruas e concertando os canos de esgoto, e com tão fraco proveito ás vezes, que em algumas ruas menos felizes são elles concertados logo apóz outro concerto, como tem succedido nas ruas de Santa Thereza, Lavradio, Saude e outras muitas.

Não são, porém, as causas apontadas as unicas que me parecem contribuir para este inconveniente deploravel, porém vencivel pelo esforço com que a companhia procura remedial-o, e com mais garantia para a saude publica que d'antes, não deixando os encanamentos a descoberto por dias, como outr'ora acontecia; uma outra cousa a meu ver, que concorre como poderoso auxiliar para o mesmo effeito, é a pequenez das bacias assentadas nos quintaes e areas, destinadas ao receptaculo das aguas pluviaes, que, não permitindo ás areias e terras arrastadas pelas enxurradas n'ellas se depositarem, deixão-nas entrar de envolta com as aguas para os canos de esgoto, e ahi, se accumulando em diversos pontos, constituem nucleos de obstrucção, impedindo o livre transito das materias que os percorrem.

Condição identica me parece presidir á frequencia das inundações, embora menores e menos duradouras, que ainda apparecem nas ruas por causa das cheias, apezar de receberem os esgotos pluviaes menos agua que não em outros tempos em virtude de sua subdivisão para as duas ordens de encanamentos existentes; refiro-me á pequena capacidade dos receptaculos gradeados que as recebem para as encaminharem ás galerias principaes por tubos subterraneos. Esta circumstancia, concorrendo para que elles se enchão facilmente com o cisco e terras que contém sempre as nossas asseadas ruas, graças ao zelo dos empregarios da limpeza publica, torna difficil o escoamento das aguas, estreitando a abertura do syphon ou mesmo interceptando-a, e esta difficuldade é ainda augmentada pela posição horisontal das grades, que, favorecendo o deposito sobre ellas do cisco mais grosso que é acarretado pelas aguas, impede a entrada rapida e franca destas, que então se vão accumulando nas ruas.

Nem sei que outra explicação mais plausivel se possa dar das inundações que ainda hoje se observão nos mesmos lugares que em outros tempos se davão, quando a capacidade das galerias principaes foi calculada sobre as maiores cheias havidas nestes ultimos tempos, como affirma o engenheiro da companhia, e menor porção de agua é hoje recebida nos esgotos pluviaes!

Terminando aqui as observações que me occorreu apresentar sobre a construcção das obras do novo systema, entrarei no estudo da questão concernente aos melhoramentos do asseo e sanidade desta capital.

QUE MELHORAMENTOS NOS TROUXE O NOVO SYSTHEMA DE ESGOTOS E QUE VANTAGENS TEM OBTIDO A SALUBRIDADE DESTA CAPITAL ?

E' esta uma questão difficil de ser discutida de um modo seguro e aproveitavel com relação á segunda parte em falta de dados que possam esclarecel-a convenientemente, apezar de estar em execução no 3.º districto, ha 4 annos, e nos outros, ha mais de dois, o novo systema.

Entretanto é tempo já de dizer alguma coisa, aproveitando-me desses poucos dados que estão a meu alcance para chamar sobre ella a attenção de outros que, mais habilitados que não eu, possam melhor esclarecel-a ; por isso algumas palavras direi a este respeito.

Quem vio o estado pouco asseiado desta cidade, em cujas ruas permanecião constantemente aguas sujas lançadas pela população, e accumuladas aqui e alli em virtude da humidade permanente do seu sólo, accrescida pelo escurrimto perenne das aguas que filtravão de debaixo das casas proximas ás fraldas das montanhas e aos lugares mais baixos onde se accumulavão, sobretudo no inverno ; quem vio os assoalhos, ladrilhos e paredes dos corredores dos predios vertendo agua mais ou menos abundante, maxime na época das grandes chuvas ; quem vio as ruas e praças durante os tempos chuvosos cobertos de espessas camadas de lama em virtude da estagnação das aguas e sua difficil embibição : quem vio os depositos de materias feccas e outras immundicias nas ruas mais publicas por irem escasseando á população os meios de seu transporte para longe das habitações, não pode deixar de confessar que muito lucrou a cidade do Rio de Janeiro com o novo systema d' esgoto sob o ponto de vista do seu asseio, devendo-lhe mais a immensa vantagem de ver desaparecer por em quanto uma das grandes causas de sua insalubridade, e talvez de algumas endemias, a humidade constante de seu sólo.

Isso tenho repetido mais de uma vez nos meus relatorios annuaes ; e é um facto tão intuitivo que não soffre contestação. Agora, indo um pouco mais avante, accrescentarei que houve uma verdadeira transformação no aspecto desta cidade com a cessação das condições apontadas, com a extincção dos defeituosos esgotos que possuíamos, e do asqueroso processo dos despejos das materias feccas e aguas servidas : ainda mais, que estes melhoramentos contribuirão de modo evidente para modificar os nossos costumes sociaes sobre este ponto, acostumando o povo a respeitar e mesmo interessar-se pelo asseio da cidade, desviando-o da tendencia irresistivel que outr'ora tinha de depositar o lixo e immundicias nas ruas e praças.

Si isto é incontestavel e ao alcance da observação de todos que residem nesta cidade, é tambem certo que, para obtermos o mais completo asseio, bastava que os empzarios da limpeza publica fizessem o serviço com algum zelo e cuidado mais, livrando-nos do pó e cisco que permanece em abundancia em algumas das nossas ruas, e bem assim do capim que orla os passeios de muitas dos suburbios, e cobre quasi todas as ladeiras e praças mais retiradas do centro, tanto mais quanto esse serviço custa hoje á municipalidade o duplo do que custava em outros tempos, em que era elle muito mais difficil na pratica e de mais laboriosa execução.

Será, porém, duravel o desaparecimento da humidade desta cidade á vista do modo como se executou o seu desecamento, sem proceder primeiro á *drainage* como me parecia indispensavel, contentando-se a companhia apenas com collocar alguma pedra solta ao longo das faces lateraes das grandes galerias, como fez na rua dos Arcos e Mangueiras ? Eis uma questão que cumpre estudar, analysando o processo adoptado nessa operação, cujos resultados futuros não parecem sufficientemente garantidos pelo que se observa hoje, visto como lugares ha em que a humidade, ainda que em grão muito pouco significativo, como que quer reaparecer.

Não ousando, entretanto, envolver-me na discussão desta materia por extranha aos conhecimentos da sciencia que professo, com receio de emittir idéas menos acertadas, consultei um profissional intelligente e conhecedor destes trabalhos, fazendo-lhe sentir os receios que nutria do reaparecimento futuro da humidade pelas razões expostas, e tive a satisfação de obter a seguinte resposta, que com prazer transcrevo, tanto mais quanto nella vejo confirmadas minhas opiniões a este respeito.

« Ilhm. Sr. Dr. Rego.—Todos sabem que a humidade da area occupada pela cidade do Rio de Janeiro é devida não só á falta de escoamento rapido das aguas pluviaes, como á uma constante corrente d'aguas, que, a pouca profundidade do sólo, a atravessa communicando-se com o mar. Pois bem, essa camada d'aguas ou corrente, que percorre a cidade á pouca profundidade, servia tambem para que a humidade não augmentasse e mesmo diminuísse em certas épocas. »

« A construcção dos encanamentos de esgoto, porém, trazendo á cidade uma apparente diminuição de humidade, acarretou necessariamente para o futuro um grão muito superior áquelle que se observava em outras épocas; e a razão é obvia. Sendo necessario para a collocação das galerias, abrir a companhia largos e profundos fossos, como era natural, convergirão logo para elles as humidades das zonas cortadas, e d'ahi resultou o enxutamento, que quasi todos os moradores, nessa occasião, notarão em suas casas; mas o assentamento immediato dos canos sobre o terreno, sem a menor precaução para que fosse estabelecido um meio permeavel, deu lugar ao completo isolamento das zonas limitadas pelos fossos, e por consequente ao estagnamento das aguas pluviaes, que por sua accumulacão farão apparecer mais ou menos remotamente humidades insupportaveis, ou pelo menos sensivelmente maiores que as observadas antes das obras do esgoto. »

« A *drainage*, que deveria ser feita, e sobre a qual convinha assentar os encanamentos, não foi lembrada na occasião, quando aliás pequena despeza traria; pois bastava executar uma base de pedra secca com dois ou tres palmos de elevação, e então sobre ella construir-se as galerias. Não obstante convém que o governo providencie a respeito, mandando estudar os meios que podem ser adoptados para obviar á falta da *drainage*. Quanto a nós alguma coisa se conseguiria revestindo os encanamentos com muros de pedra secca, que pudessem dar direcção e sahida ás aguas que se infiltrarem nas zonas cortadas pelas galerias de esgoto. Eis o que a respeito se me offerece informar a V. »

Não é, pois, a voz de um homem leigo na materia e sem conhecimentos technicos que se levanta para accusar impensadamente a companhia de uma falta importante commettida na execucao de suas obras, falta que em muito pode prejudicar o futuro desta cidade; é a de um profissional infelligente e versado nestes trabalhos, que vem confirmar aquillo que, pela observação de alguns factos e apreciação do modo como se effectuarão-as obras, eu podia conjecturar e com franqueza expuz.

Passando agora a discussão de outro ponto com relação á esta materia direi, que a companhia não foi feliz nos resultados obtidos com as obras dos esgotos pluviaes, e que como consequencia deste facto poucas vantagens relativamente obtive esta cidade da construcção dos novos esgotos; pois que as inundações, nas chuvas torrencias, continuão a apparecer em todos os pontos em que se davão anteriormente, embora menos duraveis e intensas, porém sufficientes, para que as aguas invadão as casas em maior ou menor altura, entretendo-lhes por consequente a humidade. Em alguns lugares mesmo parece que ellas se effectuão com mais presteza, como succede na rua do Cattete em frente ao becco do Guarda Mór, onde á qualquer chuva um pouco mais forte a rua se alaga immediatamente, subindo a agua aos passeios, a despeito da proximidade do rio das Caboclas, em o qual é ella recebida; porém em novo aqueducto assentado sobre o leito do rio e de menor capacidade de aquelle para receber as aguas que ali affluem, especialmente as dos morros da Pedreira e Santo Amaro.

A existencia deste facto, quando as galerias forão construidas, segundo se diz, com capacidade superior á necessaria para receber os maiores volumes d'aguas pluviaes que tem cahido sobre esta cidade nestes ultimos tempos; quando ainda algumas correm pelos antigos esgotos que a companhia julgou dever conservar; quando, como disse já, são ellas recebidas em menor proporção pela subdivisão para os dois encanamentos existentes; quando, enfim, tem cessado um dos mais poderosos auxiliares das antigas inundações, a immensidade de terra e areia que rolava das montanhas de envolta com as aguas em virtude do defeito das excavações, para abertura de ruas e edificações, e que entupião as embocaduras das vallas; tudo isto revela defeito de construcção nos encanamentos subsidiarios, ou seja por pouco declive, ou por fraca capacidade para a recepção d'aguas que a elles affluem, ou por seu limitado numero.

Em todo o caso cumpre estudar de novo esta questão, e remediar do melhor modo possivel este defeito, que, em minha persuasão, poderá diminuir um pouco, se a companhia tiver empregados incumbidos de, nas cheias, afastarem com promptidão o cisco e outros objectos que se depositão sobre as grades dos receptaculos, para onde afflue maior porção d'aguas, impedindo sua passagem facil para os sumidouros respectivos; pois que a experiencia tem mostrado que, por occasião das inundações, as aguas accumuladas baixão sensivelmente, desde que se tira de cima das grades o cisco e outras immundicias nellas depositadas pela corrente das mesmas aguas.

Não parão ahi os defeitos que deixou a companhia na construcção das suas obras, e que poderião ter sido evitados com um pouco mais de zelo de sua parte, e attenção aos interesses da população desta cidade e aos favores concedidos pelo governo: todo o bairro da Cidade Nova, comprehendido pela rua do Sabão do Mangue, Alcantara e S. Leopoldo, a partir da rua do Bom Jardim para o Mangue, em virtude das alterações do nivelamento que a companhia julgou-se autorizada a fazer, a despeito da clausula expressa de respeitar os existentes, fica completamente arruinado pela impossibilidade de dar escoamento ás suas aguas, como se pôde facilmente conhecer á vista da altura que deu ella á galeria de esgoto que ali começou a construir, e cujo prosequimento foi embargado pela Illma. Camara Municipal, perdendo esta o pleito.

Este facto, sobre tudo, merece toda a attenção e cuidados do governo, por que a continuação ou antes a conclusão do encanamento, no nivel em que se acha, acarretará necessariamente a ruina de muitos capitaes já ali enterrados por seus donos, que, confiando na fé dos contractos, e convictos de que o nivelamento não seria alterado, fizeram edificações, algumas de valor não pequeno; sendo certo que á companhia compete remediar do melhor modo possivel este inconveniente, ou mudando o encanamento para outro lugar menos prejudicial, ou respeitando os nivelamentos existentes na collocação dos canos, fazendo chegar as materias ao esgoto geral pelos meios que, na falta de declividade sufficiente, têm proporcionado os aperfeiçoamentos industriaes.

Finalmente a redução de capacidade dada ao novo esgoto, que substituiu o antigo rio das Caboclas, comparativamente á de que era este dotado, torna indispensavel a construcção de um aqueducto suplementar, para o qual se encaminhe parte das immensas sommas d'agua que aquelle recebe das ruas de Santo Amaro e Pedreira da Gloria e dos morros respectivos, afim de que os moradores do lugar, por falta de escoamento e vão rapida das aguas, não soffrão os effeitos de grandes inundações, quando por ventura sobrevenhão chuvas copiosas e seguidas, como é facil conceber, quando se attende ao que ora acontece com qualquer chuva um pouco mais forte.

Omittindo aqui, para não cahir em repetições fastidiosas, outros inconvenientes dependentes de defeitos na construcção das obras dos esgotos, uma vez que a seu respeito alguma cousa já disse nas considerações de que acompanhei a exposição dos pareceres das commissões de engenheiros, passarei já a occupar-me da questão relativa ás vantagens obtidas pela salubridade desta capital, aquella que maior interesse deve despertar neste trabalho.

Antes, porém, de entrar no desenvolvimento desta questão, devo dizer algumas palavras sobre outra, que surge muito naturalmente á discussão pelas connexões intimas que as aproximão, assim como pela intervenção directa que tem nas resoluções desta;

quero fallar do mephitismo, o qual, como se sabe, abrange todas as alterações de que é susceptível o ar atmospherico sob a influencia da fermentação putrida das substancias organicas, e se divide em animal e vegetal, segundo que as emanações procedem da decomposição de substancias de um ou outro genero.

Não me fazendo, porém, cargo de entrar em uma discussão ampla da materia, porque além de impropria da occasião, me levaria para longe dos limites em que devo circumcrever-me para não alongar de mais este escripto, deixarei de entrar na explicação das diversas origens do mephitismo, e apenas me limitarei ao indispensavel para o fim a que me proponho, expondo por alto os seus efeitos sobre a saude do homem, principiando pelos do animal.

Nenhuma questão, certamente, tem sido mais controvertido na sciencia, sem que se possa ainda afirmar ter chegado á uma solução difinitiva, do que a dos efeitos das emanações putridas animaes sobre o homem; porque, assim como autoridades importantes opinão que ellas não offendem a saude, antes parecem exercer influencia favoravel, augmentando a robustez da constituição, e fazendo desaparecer certas molestias, outras pensão diversamente, encarando-as como a causa de molestias gravissimas e mortaes.

Entre os propugnadores da primeira doutrina representão papel mais proeminente Parent-Duchatelet e Warren, e baseão suas crenças em observações feitas sobre o estado de saude dos homens mais expostos ás emanações putridas, a qual é sempre excellente e como privilegiada nas epidemias pestilenciaes; e como prova do acerto e firmeza de sua opinião citão as immunidades de que gozão os coveiros, os fabricantes de sabão e vellas, os curtidores, pescadores de baleia, limpadores de esgotos e outros obreiros espostos ás emanações putridas animaes, os quaes em geral gozão de boa saude, e são poupados nas epidemias pestilenciaes, sendo só expostos aos phenomenos accidentaes e graves de mephitismo causado pela acção toxica do gaz hydrogeneo sulfuretado em gráu extremo de concentração, como succede nos esgotos e latrinhas, que não tem sido limpos por muito tempo, e em os quaes por este motivo dá-se a infecção profunda.

Ao lado das duas autoridades citadas militão os Dessault, Breschet, Marjolin, Andral, Dumeril, Serra e outros vultos proeminentes na sciencia. O proprio Orfila, que não ousa negar absolutamente os efeitos nocivos da putrefacção dos cadaveres, e dos fossos praticados nos cemiterios, não crê que as exumações possuão dar lugar a accidentes graves, excepto quando a pessoa encarregada deste trabalho for enfraquecida por qualquer soffrimento, ou quando, em gráu avançado de decomposição e grande elevação do ventre, respirar-se por tempo o gaz mephitico que delle sahir por alguma abertura indiscretamente feita.

Em opposição ás idéas sustentadas por autoridades tão respeitaveis levantão-se Pringle, Desgenette e Vaidy, os quaes affirmão ter visto a dysenteria, diarrhéa e vomitos apparecem sob a influencia de emanações exhaladas por materias fecaes e animaes em podridão: ainda mais, o testemunho irrecusavel e insuspeito do professor Chomel, o qual affiança ter visto a dysenteria desenvolver-se dentro de algumas horas em muitos estudantes que procederão a autopsia no cadaver de hum homem asphyxiado em uma *fosse d'aisancc*.

Exemplos destes não faltão nos annos da sciencia; porém, buscando esquivar-me á citação, apenas referirei mais um contado por Navier, e succedido em Abril de 1773 na igreja de S. Saturnino, em Saulieu, em o qual narra elle que, abrindo-se na occasião de uma inhumação dois caixões, tão forte foi o cheiro exhalado, que os assistentes se virão obrigados a sahir; e de 120 meninos dos dois sexos, que ahi se achavão para receber a 1ª communhão, adoecerão gravemente 114; que enfermarão igualmente o vigario, sachristão, coveiro e mais de 70 outras pessoas, morrendo 18 dos atacados.

Pinel, como se sabe, considerava uma das causas mais poderosas das febres adynamicas a demora na sala das disseções e na visinhança dos esterquilinos. Parriset dava grande importancia a podridão dos cadaveres no desenvolvimento da peste.

Emfim, juntando meu fraco testemunho as das autoridades respeitaveis que acabo de citar, direi que, na occasião de examinar as obras da companhia de esgoto para cumprir as ordens do governo, senti-me indisposto, e fui accommettido de diarrhêa, que me durou alguns dias, com colicas intestinaes mais ou menos activas; e accrescentarei que, si é certo ter observado, no reinado de uma epidemia pestilencial, serem os individuos habituados à acção das exhalações mephiticas mais poupados que os outros, é tambem certo ter notado que, quando a molestia os accomette, é quasi sempre grave, sendo muitos delles victimas do seu accommettimento.

Entretanto os adversarios desta doutrina sustentão, que ella não resiste à uma analyse séria e rigorosa dos factos apontados em seu favor.

No meio de opiniões tão contradictorias ácerca da influencia do mephitismo animal sobre a saude, e em presença da reputação scientifica de que gozão os contendores alistados nos dois campos oppostos, difficil me parece a adopção de qualquer d'ellas, e mais difficil ainda o emittir idéas absolutas e decididas sobre este ponto, como fazem aquelles que sustentão ser o mephitismo animal innocuo à saude do homem, e parecer mesmo preserval-o das epidemias, como sustenta o Sr. Fleury no seu tratado de hygiene, quando em suas conclusões sobre este ponto assim se exprime:

« Em presença dos fôcos immensos de putrefacção que espalhão suas emanações sobre populações consideraveis, sem augmentar a mortalidade, nem produzir o desenvolvimento de maior numero de molestias de origem miasmatica, se é levado a reconhecer a innocuidade geral das emanações putridas provenientes da decomposição das materias animaes, e talvez se deva admittir que estas emanações exercem, em contrario, uma acção favoravel e prophylatica. »

« Citão-se exemplos de diversas molestias mais ou menos manifestamente produzidas pelos effeitos das emanações putridas; mais o numero destes exemplos é relativamente mui pouco consideravel: elle não destroe a regra geral, e depende de circumstancias individuaes e de predisposições particulares. »

Agora perguntarei eu, como se poderá sustentar esta opinião em face das experiencias de Pettenkofer e Delbrück, que levão a crer quasi com certeza ser a infecção cholericã transmittida pelas exhalações que se desprendem das dejeções, explicando por este modo os saltos que dá a molestia, deixando de caminhar em certa e determinada direcção, muito embora não se faça a infecção por intermedio das dijeções recentes, como parecem provar as experiencias de Thiersch, mas sim após seu contacto com substancias animaes em decomposição, favorecendo esta o desenvolvimento do virus cholericã em virtude da influencia que sobre a producção do virus typhico exerce a decomposição das substancias animaes?

Como se poderá ainda sustentar em presença dos factos que precedem o desenvolvimento des epidemias da cholera morbo no Oriente ao chegarem a Méca as caravanas dos peregrinos musulmanos, que, em obediencia aos preceitos do alkorão, para lá se dirigem afim de cumprirem seus votos na grande mesquita ali edificada por meio de praticas supersticiosas, cheias de sacrificios e privações, em consequencia das quaes não poucos são victimados?

Si o accumulo e agglomeração em que se conservão, as fadigas e privações por que passão nesta época, podem desafiar uma molestia pestilencial, e determinar a morte de muitos, como succede, é tambem certo, que o desenvolvimento da cholera para o qual são poderosos auxiliares o enfraquecimento das forças radicaes do organismo pelo excesso de fadigas, e a infecção devida à sua agglomeração excessiva, se opera com tanto maior rapidez e gravidade, quanto mais rapida é a putrefacção, sob a influencia de um sol ardente, dos innumeros animaes que sacrificio em satisfacção à suas praticas supersticiosas, abandonando-os insepultos, assim como dos cadaveres de seus companheiros de viagem mortos de fadigas e das molestias graves que os accometterão, e que são abandonados junto d'aquelles.

Além disto, que genero de mephitismo é o que gera nos acampamentos, prisões e outros lugares de aglomeração de homens o typho, a diarrhéa, a dysenteria e outras molestias? Como pois negar absolutamente sua influencia nociva sobre a saude do homem?

A opinião, pois, mais prudente e acertada a seguir neste caso é a meu ver a contida nestas palavras do Sr. Tardieu « A influencia nociva das emanções putridas é demonstrada de uma maneira evidente, mas não constante : ella depende de condições pouco conhecidas, d'entre as quaes se deve collocar em primeiro lugar o modo de putrefacção, a natureza das emanções, seu grão de concentração, e a resistencia que lhe oppoem o organismo em razão da força individual ou dos habitos adquiridos. »

Agora duas palavras sobre o mephitismo vegetal.

A'cerca da influencia perniciosa deste sobre a saude do homem pouca ou nenhuma controversia existe. Todos, ou quasi todos, admittem que elle produz um envenenamento ora mortal, ora mais ou menos grave e mais ou menos acelerado, determinando no 1.º caso uma asphyxia prompta, e no 2.º ou uma febre intermitente benigna ou perniciosa revestindo-se de diversos typos, ou a cachexia designada com o nome de paludosa.

As opiniões exceptionaes, que contestão ao mephitismo vegetal sua perniciosa influencia sobre a saude, especialmente caracterisada pela marcha intermitente, por isso que esta condição dá-se nas nevroses e outros estados morbosos do organismo, e pode depender de preferencia de condições atmosphericas, como sejam, o frio humido, o calor excessivo, certas influencias astronomicas, etc., não me parecem poder-se sériamente sustentar em presença dos factos historicos, da observação clinica e das analyses chimicas.

Desde tempos immemoriaes se conhece a perniciosa influencia do ar dos pantanos, lagôas, aguas stagnadas, etc., sobre a saude em virtude dos effluvios que d'elles se desprendem a ponto de procurar sempre o homem fugir á sua acção noxia; e isto que a observação geral indica, é não só confirmado pelos factos clinicos, como pelas analyses chimicas devidas ao genio investigador de alguns experimentadores.

Moscatti e Rigaud, analysando o orvalho precipitado de noite em alguns lugares, acreditando conter miasmas, reconhecerão que elle se putrificava com promptidão, espalhando cheiro sulfuroso, apresentando reacção alkalina provalvemente ammoniacal e deixando depositar flócos de materia organica azotada. Estas observações forão de certo modo confirmadas por Thenard, Boussingault, e Dupuytren, os quaes reconhecerão a presença de principios organicos pela addicção de acido sulfurico, determinando uma côr negra carregada devida á materia carbonada. Em summa a analyse chimica das bolhas de ar, que rebentão na superficie das aguas stagnadas, mostra que ellas contêm grande quantidade d'azoto, hydrogeneo carbonado, acido carbonico, hydrogeneo sulfuretado, e ás vezes diminuta porção de hydrogeneo phosphoretado.

Este mephitismo é, como acabo de indicar, a consequencia das emanções que se exhalão das aguas stagnadas, quer em bacias naturaes, como as lagôas, pantanos, brêjos, mangues, etc., quer em excavações maiores ou menores feitas pelo homem, e abandonadas depois á acção do tempo. Seus effeitos funestos, como vimos, forão conhecidos em todos os tempos, e tão notaveis e aterradores, que o homem procurou sempre evital-os com os dados scientificos e experimentaes que possuia, quer estudando a natureza do seu agente productora, quer buscando na industria, na agricultura e aperfeiçoamento das condições naturaes das localidades os meios de attenuar seus maleficos effeitos.

Não se limita, porém, só a visinhança das lagôas e lugares pantanosos a influencia perniciosa que sobre a saude publica exerce o mephitismo vegetal; elle actua igualmente por occasião das excavações indispensaveis aos misteres da vida social, como sejam, aberturas de canaes, côrtes de montanhas, cavas para edicações etc.,

por isso que a experiencia tem mostrado, que os operarios incubidos destes trabalhos são frequentemente atacados de febres com symptomas carateristicos da infecção palustre.

Ora, se isto é indubitavel e confirmado pela saneção dos factos, torna-se evidente, que os effeitos noxios destas excavações, destes revolvimentos de terrenos, devem ser tanto mais pronunciados e funestos, quanto o terreno sobre que assentão as cidades, onde se praticarem, fôr constituido em local, no qual se tiver dado em sua fundação a existencia de lagôas, pantanos e outras cousas identicas.

Taes são as condições que se dão nesta côrte, onde quasi todo o terreno, em que foi ella fundada, era nos tempos primitivos constituido por patanos e lagoas maiores ou menores, para onde affluirão as aguas dos morros que a circumdão, como nos patenteão as excavações hoje feitas, pantanos e lagôas que forão aterradas com immundicias de toda a sorte em sua maior altura, apenas cobertas em sua superficie com pequena camada de barro, apezar da proximidade dos morros que a circulão, morros que contribuem, pelo obstaculo á livre ventilação, a augmentar a humidade atmospherica já excessiva pelo grão extremo de evaporação, que se dá no nosso clima em virtude do excessivo calor solar.

E si é certo, como sustentão alguns observadores, e o parecem provar algumas analyses experimentaes, que o effeito deste mephitismo é muito mais forte, quando as emanções miasmaticas provem de lagôas ou charcos, em que se misturão aguas salgadas ou doces, torna-se evidente, que as excavações profundas desta cidade devem ser poupadas o mais possivel, quando se tem a certeza de que a base de seu assento repousa sobre terrenos alagadiços, em os quaes as aguas do mar se confundião com as doces nas marés cheias, e que, além da super estructura todo a aterro é feito com immundicias que entretem nas aguas subterraneas, e não muito profundas, os elementos de mephitismo mais ou menos, como o prova o cheiro sulfuretado que apresentão as extrahidas de algumas excavações.

Estabelecidos estes principios, dos quaes procurarei fazer applicação em tempo opportuno, entrarei em materia, deixando fallar em primeiro lugar as estatisticas pathologicas e mortuarias dos dous ultimos quatriennios decorridos de 1861 a 1868, no primeiro dos quaes, a excepção de parte do anno de 1864, ainda não estava em execução o novo systema de esgoto. E comquanto não possa occultar que peccão por inexactidão e falta de methodo os trabalhos estatisticos até agora organizados por circumstancias que não vem ao caso discutir neste momento, todavia creio que mesmo assim podem prestar algum serviço, embora fraco á elucidación da questão vertente.

Vejamos portanto o que dizem as estatisticas annexas ao relatorio do imperio com relação á mortalidade geral desta cidade, no periodo marcado :

Em 1861 foi ella de . . .	8,587	Em 1865 foi de	9,600
Em 1862 » » » . . .	8,634	Em 1866 » »	8,735
Em 1863 » » » . . .	8,645	Em 1867 » » (1) . . .	9,030
Em 1864 » » » . . .	8,159	Em 1868 » » (2) . . .	8,414
<hr/>		<hr/>	
Total no quatriennio . . .	34,025	Total no quatriennio . . .	35,779
Média annual idem	8,506	Média annual idem	8,944

Desta confrontação resulta que ha uma differença para menos no 1º quatriennio de 1754 comparada a sua cifra com a do 2º.

Conhecido este primeiro resultado do exame comparativo da mortalidade nos dous quatriennios, investiguemos quaes as molestias que neste periodo mais tem contribuido para a mortalidade geral, grupando-as por aparelhos sem me importar com especificar os

(1) Não incluidos aqui 32 que fallecerão de cholera no hospital da Jurujuba, o que eleva a cifra da mortalidade a 9,030.

(2) Não contados nesta somma 50 que fallecerão de cholera na Jurujuba, para onde forão transportados os meninos artilheiros e paraguayos aquartelados em a fortaleza de S. João, o que eleva a cifra da mortalidade a 8,414.

orgãos que mais soffrerão pela impossibilidade de chegar a esse resultado nas nossas estatísticas à vista do modo como tem sido ellas organisadas até o presente.

Em 1861 as molestias que maior contingente derão para o quadro mortuario desta cidade forão.

A phthisica pulmonar, cuja cifra elevou-se a	1,345
As molestias dos orgãos abdominaes a	2,152
A febre amarella (1) a	247
Febres de diversos typos, biliosas, algidas, typhoides, etc., a	567

Em 1862 a maior cifra da mortalidade foi devida ás seguintes molestias :

Dos orgãos thoracicos entre agudas e chronicas	2,375
Dos orgãos abdominaes idem	1,692
Febres diversas com exclusão da amarella	493

1863, em o qual grassou a epidemia de dysenteria, que tantas vidas importantes ceifou nesta cidade, não estão indicadas as molestias preponderantes no quadro mortuario.

Em 1864 preponderarão no necrologio as seguintes molestias :

Do aparelho cerebro espinhal, não contando 252 mortos por convulsões.	854
Dos orgãos respiratorios, das quaes 424 agudas	1,772
Do aparelho digestivo e annexos, sendo 1,232 agudas	2,179
Dos orgaos circulatorios, das quaes 87 agudas	192
Exanthemas (2)	147
Febres diversas	478

Do exame comparativo destes dados estatisticos, imperfeitos como estão, deduz-se que nos trez annos, em os quaes as molestias forão indicadas nos quadros pathologicos e mortuarios annuaes, predominarão as lesões dos orgãos thoracicos, dos abdominaes, e as febres remittentes e intermittentes de diversos typos; sendo de notar que os casos de morte destas, que em 1861 elevarão-se a cifra de 567, descerão em 1862 a 493, e em 1864 a 478.

Talvez que esta diminuição gradual se observasse tambem em 1863; mas a falta de esclarecimentos a este respeito me tolhe o direito de aventurar qualquer juizo sobre isto, contentando-me com affirmar que no 1º semestre d'esse anno, época em que de ordinario ellas fazem maior numero de victimas, forão poucas vezes encontradas na clinica, parecendo que a dysenteria então reinante as substituiu ou complicava, como se pode ver da historia desta epidemia por mim esboçada no relatório apresentado ao Ministerio do Imperio em 26 de Março de 1864.

Deixando, porem, de parte esta discussão toda conjectural, vejamos como se succederão os factos no correr do 2º quatriennio, de 1865 a 1868, em o qual tem funcionado o novo systema de esgoto.

Em 1865 as molestias que mais contribuirão para o necrologio desta cõrte forão as seguintes :

Do aparelho cerebro espinhal agudas e chronicas, não contando 342 casos de convulsões.	632
Dos orgãos respiratorios, sendo 467 agudas	2,082
Do aparelho digestivo e annexos, das quaes 1,403 agudas	2,598
Do aparelho circulatorio, das quaes 113 agudas	319
Exanthematicas (3)	1,239
Febres intermitentes e remittentes de diversos typos	556

(1) Nesse anno ainda a febre amarella grassou, porém com pouca intensidade, e mais com forma sporadica, do que epidemica.

(2) O exathema preponderante foi a variola, que nesse anno começou a revestir-se da forma epidemica.

(3) Neste anno grassou uma intensa epidemia de bexigas, cuja historia resumida foi por mim traçada no relatório apresentado ao Ministerio do Imperio em 1866.

Em 1866 o maior contingente de mortalidade foi fornecido pelas molestias que passc a expor:

Do aparelho cerebro espinhal, não incluindo 273 de convulsões	563
Do aparelho respiratorio, sendo 758 agudas	2,598
Do digestivo e annexos, das quaes 1367 agudas	2,824
Do circulatorio, sendo 103 agudas	288
Exantheticas (1)	305
Febres intermitentes e remittentes de diversos typos (2)	402

Em 1867 a mortalidade causada pelas molestias preponderantes foi a que se segue:

Pelas do aparelho cerebro espinhal, excluindo 297 casos de convulsões, e sendo 978 agudas	1,180
Pelas do aparelho respiratorio, sendo 1,104 agudas	3,079
Pelas do aparelho digestivo e annexos, das quaes 1,050 agudas	1,846
Pela cholera-morbo, incluindo 32 que fallecerão no hospital da Jurujuba	407
Pelas do aparelho circulatorio, sendo 135 agudas	345
Pelas exantheticas (3)	428
Pelas febres de diversos typos (4)	697

Em 1868 a maior cifra para o necrologio foi fornecida pelas molestias que passo a designar:

Do aparelho cerebro espinhal não incluindo 304 de convulsões (agudas e chronicas)	1,188
Do aparelho respiratorio sendo 539 agudas	2,416
Do digestivo e seus annexos, entre agudas e chronicas	1,744
Do circulatorio, entre agudas e chronicas	395
Exantheticas, sendo 102 de hexigas	112
Febres intermitentes e remittentes de diversos typos	777
Cholera-morbo, incluindo 50 aprendizes artilheiros e prisioneiros paraguayos que forão sepultados na Jurujuba	234

Das estatisticas referidas se conhece que a mortalidade foi maior neste quatriennio do que no anterior, excedendo á cifra d'aquelle em 1754. Como explicar este facto absolutamente em opposição aos melhoramentos hygienicos que tem esta cidade alcançado com o estabelecimento do novo systema de esgotos, quando é sabido por estatisticas comparadas, que o estado de sanidade de qualquer paiz melhora sempre, e sua mortalidade decresce com a construcção de esgotos regulares?

E' esta uma questão de difficil solução, mormente em falta de dados exactos e bem apreciados que a possuem esclarecer como aqui succede. Entretanto forçoso me é, arcando contra as difficuldades em que me acho, procurar as causas deste resultado inesperado e discutil-as, dando em sua apreciação o valor merecido á cada uma; e se nessa apreciação não fôr feliz, ou mesmo não attingir a verdade, ficar-me-ha a consolação de ter encetado uma questão importante de nossa hygiene publica, provocando outros mais habilitados a estudal-a, e concorrer com seus trabalhos para elucidal-a.

Uma das primeiras causas que se apresenta ao espirito como auxiliar do augmento da mortalidade no ultimo quatriennio é sem duvida o apparecimento das duas epidemias

(1) Neste anno ainda grassou a variola com frequencia, porém com muito menos intensidade que no antecedente, como se collige do meu relatório de 1867.

(2) Neste anno como no antecedente, muitos casos fataes de febres forão considerados de variola, por haver complicação com esta molestia; e por isso a cifra das febres baixou sensivelmente, o que nao succederia a não dar-se a existencia da variola.

(3) A bexiga ainda grassou neste anno com mais intensidade do que no antecedente, porém com muito menos do que no de 1865, offerendo em Junho e Julho a forma epidemica.

(4) Maior talvez fosse a cifra por ellas representada, si, como fiz sentir em meu relatório de 1867, muitos casos se não revestissem em principio da forma cholericca, sendo por esta circumstancia incluídos na relação dos fallecidos de cholera.

pestilencias que nelle grassarão, a de bexigas e cholera-morbo, cuja cifra reunida elevou-se á somma de 2,715.

Não contestando por maneira alguma a influencia notavel desta causa no augmento da mortalidade, apenas ponderarei que ella perderá parte de seu valor, quando se attender que no quatriennio anterior grassarão tambem duas epidemias importantes, uma de bexigas e sarampão, que reinou por quasi anno e meio a datar de fins de 1861 a Março de 1863, arrebatando nesse periodo 619 victimas, outra de dysenteria, que durou mais de 6 mezes, em fins de 1863 e principio de 1864, cuja cifra mortuaria não deixou de avultar no quadro necrológico : finalmente que ainda nesse quatriennio se derão 267 obitos por febre amarella, os quaes reunidos aos 619 determinados pelos exantheas faz subir a 886 as mortes produzidas por estas molestias. Ora, se a este numero juntarmos o de 480, em que pelo menos se pôde com probabilidade calcular o numero das victimas causadas pela dysenteria nos seis mezes do seu reinado, teremos o total de 1,366, que, deduzidos de 2,715, em que monta a mortalidade das duas epidemias do 2º quatriennio, reduz-se o excesso de mortalidade deste com relação ás duas epidemias a que me refiro a 1,349.

Em presença, pois, destes dados numericos se conhece, que esta causa, sem deixar de ter notavel influencia no accressimo da mortalidade do 2º quatriennio, não tem entretanto aquella que uma observação pouco reflectida lhe poderia attribuir, e bem assim que não pôde ella explicar o augmento de frequencia das molestias mais communs, sobre tudo das de origem infectuosa.

Outra causa, que se apresenta em seguimento a esta, é a influencia profunda das condições climatericas que actuarão sobre a população desta cidade no periodo em questão, influencia revelada pela proporção notavel com que contribuirão, fóra do commum, para a mortalidade desta côrte, especialmente nas crianças, as lesões do aparelho cerebro-espinal e as molestias agudas dos órgãos respiratorios, como se pôde ver dos meus relatorios anteriores, em os quaes estão especificadas, não só as cifras da mortalidade respectiva, mas ainda as condições climatericas e meteorologicas, que mais influencia parecerão ter neste phenomeno.

Não desconhecendo a influencia directa que as condições climatericas podem ter no augmento ou diminuição da mortalidade de qualquer paiz, sobretudo n'aquelles em que as estações guardão certa uniformidade e ordem em sua successão, direi que n'aquelles onde estas são irregulares como no nosso, a não dar-se alguma epidemia infectuosa ou contagiosa, quer importada, quer por aggravamento das condições pathogenicas locais, a mortalidade oscilla geralmente em equivalente proporção nos diversos annos, dando-se apenas substituição nas molestias productoras da mortalidade ordinaria, e notando-se que em um anno, por exemplo, são as molestias do aparelho respiratorio as que maior mortalidade causão ; em outro as do digestivo, e assim por diante.

E' isto mesmo o que acontece entre nós: a mortalidade ordinaria oscilla, ha muitos annos, entre 8,200 e 8,600, e só se afasta desta proporção, quando uma epidemia intensa de indole infectuosa ou contagiosa se desenvolve nesta cidade, exercendo ella então sens estragos na relação directa das forças que lhes dão as condições climatericas reinantes, as quaes nem sempre se subordinão aos nossos meios de investigação.

Firmado nestas observações, creio poder sustentar com alguma probabilidade, que esta causa, com quanto bastante influente para o accrescimento da mortalidade do 2º quatriennio, não pôde por si explicar todo o complexo dos phenomenos relativos a esse facto, sobretudo ao augmento progressivo das febres infectuosas nos dois ultimos annos, em que menores forão as condições favoraveis a seu desenvolvimento, comparativamente a outros annos.

Apreciado por este modo, que me parece o mais razoavel, o valor e importancia destas duas causas, passarei ao estudo de terceira, que tambem pode ser apreendida como explicativa do augmento da mortalidade, e vem a ser, o accrescimento da população neste quatriennio. Esta é talvez a principal causa do phenomeno, mormente no que respeita ás victimas das suas epidemias, e da dos exantheas com particularidade.

Para que, porém, me não arguão de cahir em contradicção, quando entrar na apreciação do valor real de sua influencia na producção do augmento da mortalidade, distinguirei a população em fluctuante ou movel, e em fixa ou estavel. Quanto á primeira, é sabido por todos que augmentou consideravelmente durante o quatriennio pelas necessidades da guerra contra a republica do Paraguay, chamando á esta capital os numerosos contingentes de voluntarios e soldados destinados a sustentar essa luta tremenda em que nos empenhamos em defesa da honra e brios de nossa nacionalidade; mas sabem igualmente todos que, a não ser no principio da guerra, em o qual chegarão a agglomerar-se mais de 7000 homens nesta côrte, pequena foi a demora e agglomeração que d'ahi em diante houve por sua sahida constante para o theatro da guerra, de modo que este accrescimo de população era de todo ficticio e de poucos dias, conservando-se a população estavel quasi nas mesmas proporções, a serem exactos, como me parecem, os dados estatisticos que pude obter, e passo a expôr.

Segundo consta dos archivos da secretaria da policia, os factos relativos ao movimento da população estrangeira, que veio ou sahio desta capital para fóra do imperio no periodo a que me refiro, correrão no primeiro quatriennio do modo seguinte:

ENTRARÃO		SAHIRÃO	
Em 1861	8598	Em 1861	4425
Em 1862	9134	Em 1862	4552
Em 1863	7234	Em 1863	5445
Em 1864	7467	Em 1864	5367
Total	32433	Total	19789

Do exame comparativo destes quadros resulta; que a differença entre os estrangeiros entrados nesta cidade e os d'aqui sahidos, neste quatriennio, é apenas de 12644, que distribuidos pèlos 4 annos dá o insignificante augmento annual de 3162 pessoas, numero que ainda talvez fosse reduzido pelas sahidias para outros pontos do imperio. E' por tanto indubitavel á vista destes resultados que fraco foi o accrescimo de população que nos trouxe a emigração nestes quatro annos.

Vejamos agora como correrão os acontecimentos no 2.º quatriennio com relação a este ponto:

ENTRARÃO		SAHIRÃO	
Em 1865	6377	Em 1865	5161
Em 1866	7283	Em 1866	5071
Em 1867	17741	Em 1867	12124
Em 1868	12610	Em 1868	8858
Total	44011	Total	31214

A comparação da somma total das sahidias e entradas dá em favor destas apenas a cifra de 12797, e por conseguinte um fraco accrescimo na população fixa, accrescimo ainda assaz reduzido pela retirada de muitos para fóra da côrte, como então aconteceu, por que, avultando nesse numero os americanos, que vierão como colonos, a maxima parte sahio para o interior.

Da apreciação e analyse destes dados estatisticos se conclue: 1.º que pouco augmento teve a população desta cidade com a emigração estrangeira no periodo de que se trata: 2.º que um facto pouco agradavel se patentea, e vem a ser, que a emigração para o Rio de Janeiro tem diminuido sensivelmente nestes ultimos tempos, no entanto que a retirada para fóra delle tem pelo contrario augmentado na mesma proporção, circumstancia que não é muito favoravel ao nosso movimento commercial e industrial.

Deixando, porém, de envolver-me nas considerações que pode despertar esta matéria sob o ponto de vista dos interesses sociaes, proseguirei na exposição dos factos relativos ao augmento da população, e nesse intuito recorrerei a prova numerica dos nascimentos que se effectuarão nos dois quatriennios nas 11 freguezias da cidade, visto como as do resto do municipio não podem aqui ser tomadas em consideração, por não serem applicaveis aos fundamentos deste trabalho.

Regulando-me pelos quadros estatisticos que acompanhão o relatorio do ministerio do Imperio, fundados sobre os baptisados effectuados em cada anno, conheço que poucas garantias fornece este meio para se fazer um juizo acertado ácerca do numero dos nascimentos por motivos conhecidos de todos, para que me cance em apontal-os; porém na falta de dados mais exactos, que só se podem obter pelo recenseamento geral escrupulosamente organizado, e no qual se indique com verdade a idade das crianças existentes, me servirei desses mesmos para avaliar do augmento provavel da população no periodo em questão.

Eis o que pude alcançar a este respeito :

Baptisarão-se no primeiro quatriennio

Em 1861	4,532	Em 1865	4,436
Em 1862	4,765	Em 1866	4,576
Em 1863 (1)	4,683	Em 1867	4,786
Em 1864	4,822	Em 1868	4,936
Total	18,802	Total	18,734

Da confrontação e analyse destes quadros resalta logo a imperfeição e lacunas que encerrão; pois que, ainda mesmo tendo em attenção o grande numero de crianças quer livres, quer escravas, que vem ao mundo seja em estado fetal, seja em tempo proprio e já mortas, não se pode deixar de sustentar que o numero dos nascimentos, ainda mesmo nas condições as mais desfavoraveis, não guarda proporção alguma com o grão de população que temos; que talvez um terço das crianças nascidas pelo menos deixe de ser incluída nos mappas dos baptisados enviados pelos parochos, porque delles não tem conhecimento, limitando-se por isso a incluir nesses mappas só aquellas que se apresentam para o baptismo, que são as catholicas romanas.

Para de algum modo sanar esta lacuna tão sensível no calculo do augmento da população, accrescentarei à somma dos nascimentos conhecidos pelos mappas dos parochos a cifra de mais 4,800 a qual me parece ainda muito inferior á real, attendendo-se a que nos mappas citados não se faz menção dos filhos dos protestantes, das crianças que são baptisadas em artigo de morte, e d'aquellas que deixão de se baptisar nos primeiros annos d'idade, as quaes são em pequeno numero. Este accrescimento elevará o augmento da população por este lado à somma de 23,554 no 2º quatriennio.

Agora pelo que respeita á cifra total da mortalidade, que se eleva no mesmo quatriennio a 35,779, cumpre igualmente subtrahir a cifra de 800 para as crianças que nella figurão como parte da população existente, quando assim não é por virem ao mundo já mortas, o que reduz a somma total da mortalidade a 34,979.

Esta subtracção, que me parece escassa, por excederem de 200 as crianças que nascem mortas todos os annos, elevando-se ainda no anno findo esta cifra a 281, é indispensavel e de rigor, porque taes casos não devem pesar no quadro da mortalidade comparada com o augmento da população, visto não fazerem parte taes crianças da população existente.

Resumindo estas considerações, e comparando os quadros estatisticos da mortali-

(1) Deste anno não encontrei esclarecimento algum: a cifra aqui indicada representa a media resultante da somma dos 3 annos anteriores e da do de 1863, que me pareceu o meio mais seguro de chegar ao resultado mais exacto dos baptisados desse anno.

dade conhecida com os do augmento provavel da população fixa, vê-se que o augmento annual desta no periodo indicado, era quasi contrabalançado pela mortalidade respectiva, de modo a ficar como que estacionario o seu numero, não podendo por tanto explicar-se por ahi o accrescimento da mortalidade dessa época ; pois que, elevando-se a cifra desta somma a 34979, subtrahindo 800 para as crianças que nascem mortas, e a do augmento da população devida aos nascimentos e à emigração estrangeira, deduzido o numero dos retirados para fóra, à cifra de 36331, é claro que a totalidade do augmento da população reduz-se à esta cifra, que ainda tem de ser reduzida pela sahida dos contingentes de tropa, guardas nacionaes e voluntarios, que desta côrte marcharão para o Paraguay, que não é inferior a 3,000 homens dos residentes nella, e cuja deducção fará decrescer o numero da população fixa ao algarismo de 33331, havendo por tanto uma differença deste algarismo para o da mortalidade geral de 1628. Este é um pouco maior que o do excesso marcado pela differença na mortalidade das duas epidemias que grassarão neste quatrienio comparada às do anterior, que, como vimos, foi de 1349 ; no entanto que se aproxima muito da differença havida entre a mortalidade total dos dois quatriennios, cuja cifra foi de 1754.

Deduzindo, pois, este excesso e mais a cifra de 246 para completar a somma de 2,000 como consequencia do augmento da população movel, e equiparando assim a mortalidade nos dois quatriennios, fica subsistindo a idéa de que o accrescimento da população estavel no ultimo quatriennio foi contrabalançado pela mortalidade respectiva.

Dizendo, porém, ha pouco que esta era uma das causas que mais directa influencia exercêra no accrescimento da mortalidade, pelo menos no anno de 1863, cumpre explicar-me a respeito, para que não pareça haver contradicção de pensamento sobre este ponto.

Quem, como eu, tem acompanhado de perto os acontecimentos do estado sanitario desta capital, não pode deixar de reconhecer que o movimento das tropas e outros motivos inherentes às condições de uma guerra, trazendo à esta côrte uma população fluctuante numerosa, contribuiu poderosamente para esse augmento da mortalidade no 2º quatrienio, particularmente no anno de 1863, em vista das causas morbosas então actuaes, e que se achão especificadas no meu relatório de 1866. Entretanto, quando duvidas ainda se suscitassem sobre este ponto, bastava para comproval-o investigar, quaes as pessoas que mais victimadas forão pelos exantheas, pelas lesões agudas dos apparatus respiratorio e digestivo ; pois se reconheceria logo que forão os recém-chegados das provincias nos corpos de linha ou de voluntarios, sobretudo das provincias do Norte ; porquanto, não contando os que fallecerão de bexigas, sarampão, e outras molestias nas casas de saude de Nossa Senhora d'Ajuda, Godinho, Frago e outras, morrerão só de bexigas nos hospitales da Misericordia e Militar 44 praças, em 1863, como consta do meu Relatório desse tempo.

Negar este facto, seria negar a existencia de tudo quanto ha de mais evidente e certo, nem esse é o fundamento com que tenho discutido este ponto. Meu fim tratando desta materia, é mostrar :

1º, que o augmento da mortalidade nestes ultimos quatro annos é inquestionavel à vista dos dados estatisticos, quer por effeito das molestias mais communs, quer por effeito das molestias epidemicas ou constitucionaes, que tem grassado neste periodo :

2º, que se a mortalidade devida à estas ultimas acha explicação plausivel nas condições apontadas e em outras com ellas connexas, o accrescimento d'aquellas, ou seu estado estacionario, à despeito dos melhoramentos hygienicos alcançados pelo estabelecimento do novo systema de esgotos, depende de causas permanentes que não tem sido destruidas, ou que continuão a actuar com a mesma ou maior força.

Na verdade, quem compulsar os dados estatisticos relativos à mortalidade destes quatro ultimos annos, reconhecerá a primeira intenção que a phthisica pulmonar (digo de proposito phthisica, porque não creio, como sustento ha annos, na frequencia da tuberculose pulmonar indicada pelas estatisticas) tem augmentado todos os annos ; que o mesmo succede com as molestias chronicas do apparatus digestivo, as do apparatus circulatorio, e finalmente as cachexias, sobretudo a palustre, e as febres infectuosas de diversos typos.

Si para as das duas primeiras séries é difficil por ora achar as causas mais influentes no augmento de sua producção, visto não se poder este explicar pelo accrescimento proporcional da população, actuando por tanto as mesmas causas que sempre; si para as da terceira série pode-se considerar como causa efficiente as commoções sociaes motivadas pela guerra em que nos empenhamos com a republica do Paraguay, e cuja maior prova reside na frequencia com que se encontrão ellas nos individuos que d'ali se retirão por doentes para esta côrte, é mais que provavel, que para as da ultima explicação mais plausivel não pode ser achada sinão na influencia do mephitismo maior ou menor da nossa atmospherica.

Uma proposição destas parecerá extravagante e mesmo paradoxal, quando reconheço que melhoramentos importantes trouxe á nossa hygiene publica o novo systema de esgoto, diminuindo a humidade do sólo e das habitações, fazendo desaparecer os esterquilinios das vallas de esgotos pluviaes e outras causas de insalubridade. Assim seria, si a par desses notaveis melhoramentos se não dessem inconvenientes devidos a defeitos de construcção das obras, os quaes tornão por em quanto menos vantajosos os resultados desses melhoramentos, conservando-se quasi no mesmo pé a mortalidade ordinaria, e tendo crescido o numero das molestias de origem infectuosa, como as dysenterias, diarrhéas, cachexias, e febres intermitentes ou remittentes de diversos typos, crescimento que tambem podendo ser auxiliado por causas climatericas especiaes, como é sabido, affirmei por considerações já expendidas, que me parecia depender antes de causas locaes que actuavão agora com mais energia na producção deste phenomeno, e declarei ha pouco ser com toda a probabilidade o mephitismo.

Firme nestas idéas entrarei na discussão da materia, buscando no estudo dos factos que tem occorrido com a construcção dos esgotos e nos effeitos do mephitismo as provas demonstrativas de minha opinião. Eu disse, quando tratei deste estado de alteração do ar atmospherico, que não podia aceitar a opinião d'aquelles que julgavão innocua a acção do mephitismo animal sobre a saude do homem, exhibindo as razões em que me fundava para assim pensar, e fazendo sentir que sua influencia se revelava pelos phenomenos typhicos de preferencia a quaesquer outros: disse tambem que o mephitismo vegetal, aquelle cuja influencia nociva não parecia contestada, dava origem á molestias de uma forma especial, distincta por paroxysmos intermitentes; e que, embora fosse especial ao ar dos pantanos, lagôas, charcos, e outros lugares onde existem aguas estagnadas e corruptas, não era menos certo que se desenvolvia em grande escala nas excavações de qualquer natureza que sejam, sobretudo quando taes excavações são praticadas em terrenos, cujo sólo primitivo fôra o assento de lagôas ou pantanos.

Pois bem, applicuem-se estes principios aos factos que tem occorrido nesta capital com a construcção dos novos esgotos, e as reparações constantes que a companhia tem sido obrigada a fazer para a extincção dos inconvenientes resultantes de defeitos na execução das obras, a ponto de ter renovado quasi todo o districto de ensaio (3.º districto), e ver-se-ha que razão me assiste para assim opinar.

Sendo incontestavel pelos motivos referidos, quando tratei do mephitismo, que esta cidade reune, pela construcção do terreno em que está assentada, todas as condições as mais favoraveis á formação de emanações mephiticas vegetaes nas camadas mais profundas, torna-se evidente que as excavações repetidas entreterão constantemente uma infecção tanto mais activa e funesta, quanto maiores e mais proximas forem ellas dos lugares, nos quaes em tempos primitivos o sólo era occupado por lagôas, ou pantanos, onde as aguas doces e salgadas se misturavão, como foi toda a area circumdada pelos morros do Castello, Santo Antonio, Conceição, Livramento, S. Diogo, Paula Mattos e Santa Thereza. E' pois á essas excavações profundas tantas vezes repetidas pela companhia *Rio de Janeiro City Improvements*, para remediar os effeitos nocivos e incommodos dos encanamentos de esgoto, que se deve attribuir com toda a probabilidade o augmento das molestias infectuosas.

Addicçãoe-se ao que acabo de expôr a influencia notavel que de necessidade

exerce o desprendimento constante de gazes infectos em muitos lugares das galerias d'esgotos, resultado da fermentação putrida mixta, a passagem dos mesmos para o interior de algumas casas, particularmente de sobrado, por effeito de obstrucções nos encanamentos, e sua accumulção nos tubos de zinco, maxime nos dias calmosos, os quaes, conseguindo por sua expansão vencer a fraca resistencia da agua collocada na bacia, a rompem vindo infectar o ar das habitações e influir de modo pouco favoravel á saude de seus habitantes, e ter-se-ha o complexo de circumstancias favoraveis ao desenvolvimento dos accidentes do mephitismo preponderante, ou do mixto, si a acção de ambos se contrabalançar, como me parece ser hoje mais commum á vista do dominio actual das febres de forma typhoide.

Si estes factos são graves taes como os exponho, muito mais graves ainda se tornão, quando, abertas as galerias de esgoto ou os collectores subsidiarios para os desobstruir, e dispersadas nas ruas as materias extrahidas, deixão-se assim ficar por dias, dando sahida livre e em grande escala ás emanações mephiticas, como tão commummente praticão os encarregados deste serviço.

Entretanto em tributo á verdade e justiça cumpre confessar, que os resultados funestos das excavações repetidas das ruas não podem ser attribuidos só aos trabalhos da companhia de esgotos; que alguma responsabilidade toca tambem á repartição das obras publicas em virtude dos repetidos concertos nos encanamentos d'agua quer antigos, quer nos que se acabão de collocar, como succedeu, não ha muito tempo, com o que se construiu na rua dos Barbonos, sendo necessario calçar e descalçar a rua duas vezes para se remediar a sahida das aguas, que romperão em quasi toda a sua extensão logo que começou elle a trabalhar.

Talvez se procure contestar estes principios, sustentando que o augmento das molestias de origem infectuosa dependeu das condições locais aggravadas pelas causas climatericas reinantes, e não do mephitismo devido ás circumstancias que tenho apontado,— excavações profundas e repetidas das ruas, aberturas das galerias de esgotos, dispersão de emanações mephiticas no ar ambiente e no interior das habitações.— Sem negar absolutamente a possibilidade do facto, responderei que não teria escrupulo em aceitar a explicação, si a marcha dos successos observados fosse um tanto diversa d'aquillo que tem occorrido: si o augmento ou declinação da mortalidade nas molestias de origem infectuosa alternasse, em vez de seguir aquelle a marcha ascendente e em relação á extensão que foi tomando o desenvolvimento dos trabalhos de novo systema de esgoto, como se pode conhecer facilmente apreciando a estatistica dos dois ultimos annos, precisamente aquelles em que tem funcionado as obras de todos os districtos. Demais, se é incontestavel que o mephitismo influe directamente sobre a saude do homem, produzindo molestias mais ou menos graves e mortaes, não vejo razão em contestar-se a existencia do facto para as emanações mephiticas provenientes dos trabalhos executados pela companhia de esgotos, mormente quando militão tantas circumstancias favoraveis á sua energia de acção, como fiz sentir nas minhas precedentes considerações.

Como quer que seja, os acontecimentos que se tem passado depois da construcção dos novos esgotos me levão a crer, que ao mephitismo causado pelas obras constantes feitas para extinguir os defeitos primitivos de construcção, que se deixarão passar, é devido em parte o acrescimo das molestias de origem infectuosa. Sendo felizmente remediaveis esses defeitos, e sendo certo que a companhia, no seu proprio interesse, e para credito do systema, promoverá com afan melhoramentos solidos e estaveis, que a aliviem de despezas continuadas e prejudiciaes ao lucro dos capitaes empregados, podemos contar que mais cedo ou mais tarde estarão removidos os obstaculos ás vantagens que nos proporciona o systema posto em pratica, o qual, parecendo satisfazer plenamente o fim que se teve em vista, uma vez afastadas as causas que possão perturbar a regularidade de suas funcções, resolverá satisfactoriamente o problema do asseio e salubridade desta capital, para cuja obtenção todos se tem sujeitado de bom grado aos sacrificios que lhes forão impostos.

— 73 —

Duas palavras ainda para concluir. E' tempo de se estabelecerem como complemento do asseio obtido pelas obras dos esgotos, os mijadouros e latrinas publicas como propoz, na sessão da Illma. Camara Municipal de 28 de Janeiro deste anno, o digno vereador o Sr. Dr. Eiras, afim de fazer desaparecer esse cheiro fétido e aspecto repugnante da mór parte das esquinas de nossas ruas por effeito da decomposição das urinas, e acabar com o systema indecente e immoral de fazer d'ellas mijadouros publicos.

E' igualmente tempo de cumprir a companhia a condição 17.ª do seu contracto com relação aos esgotos antigos, que julgou dever conservar como auxiliares, mandando-os cobrir, afim de não continuarem a ser o deposito de immundicias lançadas pelos moradores do lugar, como succederá em muitos.

Sendo, porém, indispensavel ao bom andamento e asseio dos mijadouros e latrinas publicas abundancia d'agua para manter uma corrente continua, abundancia, que é igualmente necessaria ao bom andamento do novo systema de esgoto, cumpre que o governo por si, ou por intermedio de alguma associação privilegiada, promova o abastecimento d'agua, a qual si já não chega para as precisões da população, como vimos ainda no começo deste anno, em virtude da falta de chuvas por pouco mais de 20 dias, muito menos poderá chegar, si for ella desviada para esse serviço.

Sem declividade bastante dos encanamentos e sem abundancia d'agua, além de impraticavel ou pouco proveitoso o actual systema de esgotos, pode comprometter gravemente no futuro a saude publica desta capital, sobretudo si algum anno de sêcca prolongada se manifestar.

Rio de Janeiro, 16 de Março de 1869.

DR. JOSÉ PEREIRA REGO.



OFFICIO

DO

Medico encarregado da estatistica pathologica e mortuaria.



ILLM. SR.

Apresento a V. S. os mappas da estatistica mortuaria da cidade do Rio de Janeiro durante o anno de 1868.

Por elles verá V. S. que 8,364 individuos fallecêrão durante o anno proximo passado, sendo destes 5,075 do sexo masculino e 3,289 do feminino; 6,262 de condição livre, e 1,932 escrava; 4,234 nacionaes e 3,996 estrangeiros.

A proporção da mortalidade está na razão de 1,6 por cento; porcentagem sem duvida alguma muito satisfactoria, attendendo-se ao grande numero de causas de insalubridade que actuão sobre os habitantes desta populosa cidade.

Não reinou durante o anno epidemia alguma, abstracção feita de 184 casos de cholera mencionados pelos dados estatisticos.

Comparando-se a mortalidade do anno de 1868 com a do quinquennio de 1863 a 1867 vê-se que foi ella muito menor no anno de que trato; porquanto, tendo fallecido

Em 1863	—	8,645	individuos
» 1864	—	8,159	»
» 1865	—	9,600	»
» 1866	—	8,735	»
» 1867	—	8,623	»

nota-se que sòmente a de 1864 foi a menor dos seis annos ultimos; mas, considerando-se que nesse anno o estado sanitario da Côte foi muito satisfactorio e diminuindo-se do anno de 1868 os 184 casos de cholera, 88 de desastre, como tambem o grande numero de nascidos mortos e o de mortos por velhice, o numero da mortalidade do anno proximo passado fica muito inferior ao do anno de 1864, o mais satisfactorio dos seis citados.

A mortalidade do anno de 1865 foi excepcional, como V. S. proficientemente demonstrou em seu relatorio desse anno, attribuindo-a ao accumulo de tropas chegadas das provincias na Côte, e á immensidade de casos de bexigas que se derão.

— 2 —

Permitta V. S. que eu aqui declare que é minha convicção que esse decrescimento da mortalidade na nossa população é especialmente devido ás medidas sanitarias que V. S. tem tomado na qualidade de presidente da Junta Central de Hygiene Publica.

As molestias que mais concorrerão para a mortalidade forão os tuberculos pulmonares em numero de 1577, em geral as do tubo digestivo, e as febres infectuosas.

Os tuberculos pulmonares, como se vê do mappa, continuão a fazer grandes estragos, atacando infelizmente a todas as classes da sociedade, não isentando nenhuma idade, nem profissão, nem sexo, nivellando todas as nacionalidades, condição e côres, e desenvolvendo-se indifferentemente em todas as épocas do anno. Acredito que para o seu desenvolvimento muitas e variadas são as causas que concorrem, sendo que, além das causas geraes, devemos não perder de vista as que são peculiares á cidade do Rio de Janeiro. Entre estas ultimas me parecem que poderão ser mencionadas o má systema de edificação, e a falta de ventilação necessaria que se observa nas casas, falta de ventilação, que sem duvida não está em relação com o clima do nosso paiz, e donde resulta a viciação do ar no interior das habitações, viciação tanto maior, quanto fôr o numero de individuos ahi accumulados.

As molestias do tubo digestivo accometterão em geral aos individuos pobres e trabalhadores, que obrigados pela miseria e carestia dos generos alimenticios se entregão a uma má alimentação, dando lugar ao apparecimento de lesões profundas nesses orgãos que, despresadas, terminão quasi sempre pela morte.

As febres perniciosas apparecerão em maior numero nos mezes de verão, por serem esses os de maior força de calor entre nós, e justamente aquelles em que os effluvios miasmaticos se desenvolvem com mais vehemencia.

O mappa n. 2 demonstra a mortalidade pelos hospitaes e freguezias.

Rio de Janeiro 31 de Março de 1869.

Deus Guarde a V. S. — Illm. Sr. Dr. José Pereira Rego, Dignissimo Presidente da Junta Central de Hygiene Publica.

DR. LUIZ DA SILVA BRANDÃO,

Encarregado da estatistica pathologica e mortuaria da cidade do Rio de Janeiro.

MAPPÁ n. 2.— Resumo da mortalidade da cidade do Rio de Janeiro, por hospitaes e freguezias no anno de 1868.

HOSPITAES E FREGUEZIAS.	MOLESTIAS.													SEM DECLARACAO.				
	SOMA GERAL DA MORTALIDADE.	FEBRES DIVERSAS.	FEBRES ENCEPHALICAS.	MOLESTIAS VIOLENTAS.	DO SISTEMA NERVOZO.	DOS ORGaos DA CIRCULACAO.	DOS ORGaos DA RESPIRACAO.	DOS ORGaos DA DIGESTAO.	DOS ORGaos DA GEMACAO.	DO SISTEMA LIMPACTICO.	DOS OSSOS E ARTICULACOES.	DA PELLE, OREHOS E LABIOS.	MOLESTIAS DIVERSAS.		MORTES VIOLENTAS.	DECREPITUDE.	CHOLERA-VOMBO.	MONIBENDO.
Hospital da Misericordia.....	1.618	95	6	21	308	58	325	387	2	15	8	.	221	26	3	7	11	102
" de N. S. da Saude.....	264	32	46	0	34	..	15	20	..	6	3	.	96	12	2	79	..	36
" Militar.....	243	12	12	3	5	..	28	25	..	2	2	.	122	..	1	1
Casa dos Expostos.....	335	..	3	..	67	..	16	82	465	31
Hospicio de Pedro II.....	80	26	..	30	36	18	1
Hospital do Carmo.....	38	4	4
" de S. Francisco de Paula.....	20	1	..	14	2
" da Penitencia.....	13	2	..	9
" dos Lazaros.....	17
Freguezia do Santissimo Sacramento.....	719	08	3	2	107	28	104	173	..	4	1	1	17	7	1	3	..	3
" de S. José.....	672	72	4	1	118	36	181	94	..	2	1	.	04	8	3	2	..	3
" da Candelaria.....	210	21	1	..	24	12	100	22	..	1	1	.	114	2	..	3	..	2
" de Santa Rita.....	541	65	6	3	62	55	432	102	1	1	2	.	80	6	1	20	..	5
" de Santa Anna.....	935	168	8	4	108	70	234	180	2	3	2	.	82	10	1	9	..	4
" de S. Christovão.....	319	19	5	1	56	32	106	84	..	1	5	1	6	..	3
" do Engenho Velho.....	401	10	2	1	72	38	134	60	..	1	..	.	70	4	1	6	..	2
" da Gloria.....	489	84	3	1	117	41	109	118	..	5	1	2	5	..	2
" da Lagõa.....	343	3	1	..	63	17	114	107	..	1	..	.	10	4	..	2	..	2
" de Santo Antonio.....	533	27	1	..	73	10	163	142	2	3	..	.	103	2	..	5	..	2
" do Espirito Santo.....	356	66	1	..	32	19	174	22	..	2	1	.	32	1	..	4	..	2
TOTAL.....	8.304	777	112	48	1.408	416	2.128	1.084	7	45	21	1	1.216	88	10	184	11	172

OBSERVAÇÃO.—A differença, entre o algarismo da mortalidade aqui indicado o que consta da exposiçao, depende de ser n'aquella mencionado o numero dos doctores fallecidos no hospital da Jurujuba.

Rio de Janeiro, 31 de Março de 1869. O DR. LUIZ DA SILVA BRANDAO.

**RESUMO DAS OBSERVAÇÕES METEOROLÓGICAS FEITAS NO IMPERIAL OBSERVATORIO
ASTRONOMICO NO ANNO DE 1868, ÀS HORAS DE MAIOR VARIAÇÃO.**

MEZ DE JANEIRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO.	HYGR. DE SAUSSURE.	
	<i>Centig.</i>	<i>Fahr.</i>	<i>Réaum.</i>	<i>Reduzido a 0.º</i>	
m.	o	o	o	mm	o
7	26.789	80.220	21.431	753.683	87.73
1 t.	28.203	82.769	22.564	86.74
5	752.476
Médias	27.508	81.505	22.002	753.047	87.34 Total.

MEZ DE FEVEREIRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO.	HYGR. DE SAUSSURE.	
	<i>Centig.</i>	<i>Fahr.</i>	<i>Réaum.</i>	<i>Reduzido a 0.º</i>	
m.	o	o	o	mm	o
6	87.66
7	26.331	79.396	21.065	755.143
0 t.	26.210	79.178	20.968	86.55
1	28.284	82.911	22.627
5	754.237
Médias	27.147	80.865	21.718	754.678	87.31 Total.

MEZ DE MARÇO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO.	HYGR. DE SAUSSURE.	
	<i>Centig.</i>	<i>Fahr.</i>	<i>Réaum.</i>	<i>Reduzido a 0.º</i>	
m.	o	o	o	mm	o
7	25.902	78.624	20.722	757.135	85.50
1 t.	28.015	82.427	22.412	83.42
5	756.200
Médias	26.904	80.427	21.523	756.839	84.66 Total.

MEZ DE ABRIL.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO.	HYGR. DE SAUSSURE.	
	<i>Centig.</i>	<i>Fahr.</i>	<i>Réaum.</i>	<i>Reduzido a 0.º</i>	
m.	o	o	o	mm	o
7	23.363	74.053	18.690	758.820
1 t.	25.117	77.265	20.118	87.32
5	757.430
6	87.87
Médias	24.342	75.816	19.474	758.063	87.71 Total.

MEZ DE MAIO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO.	HYGR. DE SAUSSURE.	
	<i>Centig.</i>	<i>Fahr.</i>	<i>Réaum.</i>	<i>Reduzido a 0.º</i>	
m.	o	o	o	mm	o
7	22.381	72.286	17.905	758.543	86.52
1 t.	24.476	76.057	19.581	85.56
5	757.669
Médias	23.414	74.145	18.731	758.081	86.30 Total.

MEZ DE JUNHO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	21.835	71.303	17.468	761.051	87.83
12	86.20
1	24.300	75.740	19.440
5	759.782
Médias	23.082	73.518	18.166	760.381	87.02
					Total.

MEZ DE JULHO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	21.731	71.116	17.385	760.394	83.06
1 t.	24.390	75.902	19.512	82.71
5	759.319
Médias	23.160	73.688	18.528	759.842	84.13
					Total.

MEZ DE AGOSTO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	21.339	70.410	17.071	761.380	83.94
1 t.	23.497	74.295	18.798	82.65
5	760.248
Médias	22.416	72.349	17.933	760.735	83.40
					Total.

MEZ DE SETEMBRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	22.54	71.697	17.643	758.346	86.65
1 t.	24.028	75.250	19.222	84.72
5	757.603
Médias	23.074	73.333	18.459	760.735	85.88
					Total.

MEZ DE OUTUBRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	23.013	73.423	18.410	757.560	84.19
1 t.	24.687	76.437	19.750	79.65
5	756.424
Médias	23.895	75.011	19.116	756.953	81.90
					Total.

MEZ DE NOVEMBRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	24.208	75.574	19.366	755.587	84.25
1 t.	24.698	78.256	20.558	80.83
5	751.325
Médias	24.905	76.829	19.924	754.894	82.75
					Total.

MEZ DE DEZEMBRO.

HORAS.	THERMOMETROS.		BAROMETRO. Réaum.	HYGR. DE SAUSSURE. Reduzido a 0.°	
	Centig.	Fahr.		mm	o
m.	o	o	o	mm	o
7	25.803	78.445	20.642	755.603	78.34
1 t.	27.419	81.351	21.935	80.83
5	754.241
Médias	26.652	79.974	21.322	754.998	80.33
					Total.